
**Síntese anual
da agricultura
de Santa Catarina
*2005 - 2006***

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Centro de Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa

Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Gelson Sorgato
Diretor Geral da Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - Renato Broetto

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A. - Epagri
Athos de Almeida Lopes
Chefe do Centro de Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa
Airton Spies

Coordenação

Econ. Luiz Marcelino Vieira

Elaboração

Eng. Agr. Admir Tadeo de Souza
Eng. Agr. Alexandre Visconti
Téc. pesca Alfredo Nagib Filomeno
Eng. Agr. Cesar A. Freyesleben Silva
Téc. Agr. Evandro Uberdan Anater
Oceanóg. Fernando Soares Silveira
Econ. Francisco Assis de Brito
Francisco Manuel de Oliveira Neto
Eng. Agr. Guido Boeing
Eng. Agr. Horst Kalvelage
Eng. Agr. Juarez José Vanni Müller
Eng. Agr. Júlio Alberto Rodigheri
Econ. Luiz Marcelino Vieira
Eng. Agr. Luiz Toresan
Biól. Mauro Roczanski
Econ. Paulo Zoldan
Oceanóg. Sérgio Winckler da Costa
Eng. Agr. Simão Brugnago Neto
Eng. Agr. Tabajara Marcondes

Apoio

Editoração

Sidaura Lessa Graciosa
Zélia Alves Silvestrini

Revisão Técnica

Geraldo Buógo

Capa

Vilton Jorge de Souza

Foto Capa - Epagri/GRM

Fotos produtos - Epagri/GRI

Colaboração

Carlos Eduardo Franken
Dálgio Cardoso de Mello Neto
Ilmar Bochart
João Manoel Anderson
Márcia Janice Cunha Varaschin
Telmelita Senna

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri (2005 -)

1. Agropecuária Brasil SC Periódico. I. Instituto de Planejamento e
Economia Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de
Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de
Estudos de Safras e Mercados - Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Apresentação

A resiliência das atividades agropecuárias e do modelo agrícola catarinense passaram por um duro teste nos últimos anos. Vários fatores adversos atuaram simultaneamente afetando de forma negativa a produção e a rentabilidade do agronegócio, causando uma das maiores crises já vistas no setor. Algumas causas da crise são de ordem conjuntural, como as estiagens, o câmbio e os problemas sanitários no setor de exportação de carnes de suínos e aves. Porém outras causas são de ordem estrutural, que se arrastam por muitos anos e precisam ser enfrentadas com coragem e de forma definitiva pela sociedade brasileira. Entre essas causas, estão os diversos gargalos que afetam a competitividade da economia brasileira em mercados globais, como a infra-estrutura precária em termos de rodovias, ferrovias e portos. Há ainda outros aspectos que contribuem para aumentar o que se convencionou chamar de "Custo Brasil" e nestes podemos incluir os tributos sufocantes, a burocracia letárgica e ineficiente, além dos juros elevados.

Apesar desses entraves, mais uma vez a agropecuária está mostrando sinais de vitalidade e capacidade de adaptar-se, tirando lições da crise. A agricultura familiar de Santa Catarina está passando por um processo de re-ordenamento, e gradativamente as atividades de alta densidade econômica por área de terra passam a ocupar maior espaço, em substituição à produção de *commodities* tradicionais, que são produzidas em grande escala no Brasil-Central. O modelo agrícola catarinense, baseado na agricultura familiar, está buscando transformar suas vantagens comparativas em reais vantagens competitivas, através da profissionalização e do maior emprego de conhecimento no setor, produzindo produtos como frutas, hortaliças, flores, plantas medicinais, carnes, leite, peixes, moluscos, mel e produtos florestais. Para consolidar esse modelo de agricultura de maior valor agregado, a administração da água como fator de produção é fundamental. Santa Catarina precisa de um vigoroso programa de captação, armazenagem e utilização multifuncional da água na agropecuária.

As informações apresentadas nesta 27ª. edição da Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, publicada pelo Centro de Estudos de Safras e Mercados da Epagri (Epagri-Cepa), têm por objetivo contribuir para apontar novos caminhos ao setor. Na Parte I, apresenta uma análise do agronegócio catarinense e informações conjunturais sobre a produção e o mercado dos principais produtos da produção vegetal e animal. Na Parte II, apresenta informações relativas ao território, clima, população, mão de obra, estrutura de produção e comercialização, além de dados sobre preços agrícolas. Por fim, na Parte III, apresenta diversos anexos, que dão ao leitor informações adicionais sobre a divisão política e administrativa para o entendimento do meio rural.

Como já é de praxe, além da forma impressa, esta edição está sendo distribuída de forma eletrônica através de CD-ROM e no site <http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/>. Agradecemos a todos que colaboraram para tornar possível esta nova edição e esperamos que ela cumpra o seu papel de ser um importante instrumento para subsidiar o desenvolvimento sustentável da agricultura catarinense.

Athos de Almeida Lopes
Presidente da Epagri

SUMÁRIO

Parte I

Desempenho do agronegócio catarinense

Conjuntura Econômica e agricultura brasileira em 2004 e 2005	9
--	---

Desempenho da produção vegetal

Alho	21
Arroz	25
Banana	35
Batata	45
Cebola	50
Feijão	56
Fumo	67
Maçã	73
Mandioca	79
Milho	87
Soja	94
Tomate	100
Trigo	108
Uva	114
Flores e plantas ornamentais	120
Calendário agrícola	135

Desempenho da produção animal

Carne de bovina	136
Carne de frangos	142
Carne suína	148
Leite	154
Mel	162

Desempenho da pesca e aquicultura

Desempenho do setor florestal

Parte II

Divisão política do território	202
Informações climáticas	206
Caracterização socioeconômica	208
Estrutura de produção e comercialização	218
Informações econômicas da agropecuária	221
Preços agrícolas	226

Parte III

Anexo I - Secretarias de Desenvolvimento Regional - Dados gerais do setor rural – Santa Catarina	231
Anexo II - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios	263
Anexo III - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, segundo as secretarias de desenvolvimento regional	267
Anexo IV - Associações de municípios do estado de Santa Catarina	270
Anexo V - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios	274
Anexo VI - Conceitos	281
Lista de fontes	283
Lista de figuras e tabelas	285
Índice remissivo	293

Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

Siglas utilizadas

ABCS - Associação Brasileira de Criadores de Suínos

Abef - Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frango

Abiec - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes

Abimci - Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada

Abimóvel – Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

Abipa - Associação Brasileira da Indústria de Painéis de Madeira

Abipecs – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína

ABPM - Associação Brasileira de Produtores de Maçã

Abraf - Associação Brasileira de Produtos de Florestas Plantadas

Afubra – Associação dos Fumicultores do Brasil

Anda – Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

Anfavea – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

Bracelpa – Associação Brasileira de Celulose e Papel

BRDE – Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul

Ceagesp – Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

CNPC - Conselho Nacional de Pecuária de Corte

Conab – Companhia Nacional de Abastecimento

Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Epagri/Cepa - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Estudos de Safras e Mercados

Epagri/Cedap - Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Desenvolvimento em Aqüicultura e Pesca

Epagri/Cepea – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

Epagri/Ciram – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A./Centro de Informações de Recursos Ambientais e de Hidrometeorologia

FAASC – Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations

Fecam - Federação Catarinense de Municípios

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibraflor – Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MDIC/Secex - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Secretaria de Comércio Exterior

Ocesc – Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina

SAGPYA - Secretaría de Agricultura, Ganadería , Pesca y Alimentos - Argentina

Sindicarne – Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados

SIPS - Sindicato das Indústria de Produtos Suínos

UBA - União Brasileira de Avicultura

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Usda – United States Department of Agriculture

Desempenho do agronegócio catarinense

Conjuntura econômica nacional e o mercado internacional

A continuidade do crescimento econômico mundial em 2005 contribuiu para uma maior expansão do comércio mundial e permitiu sustentar o crescimento nos países emergentes.

Os EUA, maior economia mundial, cresceram 3,5%, patamar elevado para os padrões americanos. Na zona do euro, a economia cresceu 1,3%, um pouco abaixo do ano anterior. O Japão manteve o nível de 2,6% do período anterior, mas superando a fase de estagnação. Os países emergentes da Ásia continuaram a surpreender as previsões mais otimistas de crescimento. A China cresceu 9,9%, mais do que obteve em 2004. A Índia também superou o ano anterior, com um crescimento de 8,3%. Os demais emergentes asiáticos também tiveram um bom desempenho. Também cresceram acima dos 3% a Rússia, a Turquia, a África do Sul e o México. Na zona do Mercosul, a Argentina e o Chile cresceram surpreendentes 9,2% e 6,3%, respectivamente, e a Venezuela, 9,3%.

Apesar desse dinamismo, o Brasil cresceu próximo à metade da média mundial e bem abaixo do desempenho dos países emergentes. Considerando-se o triênio 2003/05, o PIB mundial cresceu a uma média anual de 4,7%, enquanto o brasileiro, a 2,5%.

A política conservadora de juros elevados, o câmbio valorizado e a crise do agronegócio mantiveram a economia brasileira fora dessa onda de crescimento. Além disso, fatores associados aos gargalos de infra-estrutura, ao baixo nível de investimentos e às reformas estacionadas em Brasília não permitiram uma expansão mais vigorosa do mercado interno.

De acordo com dados de IBGE, o PIB Brasileiro cresceu 2,3% em 2005 (em 2004 ficou em 4,9% e nos 3 anos anteriores foi inferior a 2%). Em valores correntes, alcançou R\$ 1,94 trilhão no ano, ou US\$ 796,3 bilhões (taxa média de câmbio). O PIB per capita ficou em US\$ 4.323, contra US\$ 3.326 em 2004.

A valorização cambial e o crescimento obtido elevaram o País à condição de maior economia da América Latina e à 11ª posição no mundo, segundo a agência classificadora Austin Rating.

Na renda per cápita, o País sobe de 76º para 72º na colocação global. O ranking leva em conta o PIB de cada país, expresso em dólar.

O crescimento do PIB decorreu do desempenho dos três setores que o compõem: indústria (2,5%), serviços (2,0%) e agropecuária (0,77%). Os números indicam um recuo generalizado na taxa de crescimento, quando comparados com os do ano anterior.

O setor agrícola interrompeu uma trajetória de crescimento ao redor de 5%, que vinha desde 2001, passando ao menor desempenho desde 1997 (quando registrou uma queda de 0,8%). Dentre os subsetores da indústria, o destaque foi para a Extrativa Mineral (10,9%). As maiores altas, nos Serviços, foram em Comércio, Transporte e Aluguéis (3,3%, 3,2% e 2,5%, respectivamente).

O Consumo de Bens e Serviços das Famílias cresceu 3,1%, registrando dois anos consecutivos de crescimento, induzido pela elevação, em termos reais, de 5,3% da massa salarial dos trabalhadores. Contribuíram também a elevação de 37% (em termos nominais) do saldo de operações de crédito do sistema financeiro, com recursos livres para as pessoas físicas, e as políticas de transferência de renda. O Consumo do Governo cresceu 1,6%.

O mercado de trabalho teve melhora no ano. A taxa total de desemprego aberto passou da média de 11,5% em 2004, para 9,8% em 2005 (mas volta a subir em 2006). A taxa se refere aos dados coletados nas principais regiões metropolitanas do País. O rendimento médio real do pessoal ocupado teve ligeira melhora em 2005 e continuou em trajetória de crescimento no primeiro semestre de 2006.

O IGP-DI e o IPCA, índices de referência da taxa de inflação, encerram o ano em 5,9% e 6,9%, respectivamente. As projeções do mercado em agosto de 2006 para o IPCA do ano são de 3,7%, abaixo, portanto, da meta central de 4,5%, fixada pelo Banco Central.

A taxa Selic, referência para os juros do País, se elevou no 1º semestre de 2005 e somente passou a cair lentamente a partir de agosto. O objetivo era de conter o nível de atividade e manter e atrair capitais externos ao País. As projeções são de a taxa seguir trajetória de queda, chegando a 14% no final de 2006.

O real se valorizou 15% ao longo de 2005 e continua se valorizando em 2006. As previsões para o câmbio para o fim do ano estão em R\$ 2,20, significando pouco alívio para o setor exportador. Também não há indicações de fortes alterações em 2007. O aquecimento do mercado internacional neutralizou em parte os seus efeitos negativos sobre a competitividade dos produtos nacionais e as exportações continuaram crescendo.

A demanda internacional e a crise sanitária animal em diversos países inflacionaram algumas commodities agrícolas e industriais e mantiveram consistente o crescimento do valor exportado pelo Brasil. As exportações cresceram 23% em relação a 2004 (quando já haviam crescido 32%), atingindo US\$ 118,3 bilhões. O saldo comercial cresceu 33%, atingindo US\$ 44,7 bilhões. Apesar do câmbio valorizado, as exportações mantiveram um crescimento consistente no primeiro semestre de 2006, embora o saldo comercial, devido ao crescimento maior das importações, passasse a diminuir.

As exportações do agronegócio cresceram 12,6% em 2005, bem abaixo do crescimento do ano anterior, de 29%, e pouco mais da metade do crescimento das exportações totais. Com isso, a participação do agronegócio sobre o total exportado caiu para 33%, abaixo da média dos últimos quatro anos (2001-2004), quando oscilou entre 35% e 37%.

Os produtos que mais se destacaram foram os do complexo soja (24% de participação), os de madeiras, papel e papelão (16,5%), açúcar, cacau e produtos de confeitaria (11,5%), carne de aves (9,7%), carne bovina (8,07%); fumo (4,4%), suco de frutas (3%) e carne suína (3%). Estes produtos concentraram 80% das exportações nacionais do agronegócio, que atingiram US\$ 39 bilhões

Apesar desses resultados, a influência da valorização cambial na competitividade do agronegócio foi negativa e generalizada. Somente não causou maior impacto devido ao aquecimento do mercado mundial, que valorizou alguns produtos, e pelos problemas sanitários com rebanhos de alguns países, que por isso demandaram as carnes nacionais.

As vendas externas de carnes, em 2005, foram estimuladas pelos bons preços internacionais e pela quantidade exportada, devido à restrição de oferta no mercado mundial em função de crises sanitárias, como o "mal-da-vaca-louca", que atingiu rebanhos da Europa, Canadá e EUA, e da gripe aviária, que continuou afetando a Ásia e chegou a países do Leste Europeu.

O Brasil se beneficiou dessa crise. O preço mais elevado das carnes no mercado internacional favoreceu o setor. O volume exportado pelo País cresceu 16%, enquanto o valor total das exportações cresceu 30%, atingindo US\$ 8,084 bilhões. As exportações de carnes bovina, de aves e suínos cresceram 13,5%, 15,4% e 22,5% em volume e, 20%, 34% e 50%, em valor, respectivamente. Atualmente, o Brasil lidera as vendas externas de carnes bovinas e de aves e é quarto maior exportador de carne suína.

No caso das carnes de aves, a propagação da gripe aviária levou à redução da demanda no mercado mundial. As quantidades exportadas pelo País e as parcelas com maior valor agregado vêm aumentando, mas o segmento precisou ajustar a produção, já que o potencial exportador não foi realizado e o mercado interno ficou superofertado. O segmento vem crescendo por anos consecutivos.

A suinocultura sofre com o embargo russo, mas a atividade vem investindo em novas técnicas, expandindo escalas e concentrando a produção. O Centro-Oeste ganha participação na produção nacional.

As exportações de maçãs perderam competitividade e caíram 35% em volume, em 2005, na comparação com o ano anterior. As vendas voltaram-se para o mercado interno, mas os volumes exportados ainda continuam superiores aos do período 2000-2003.

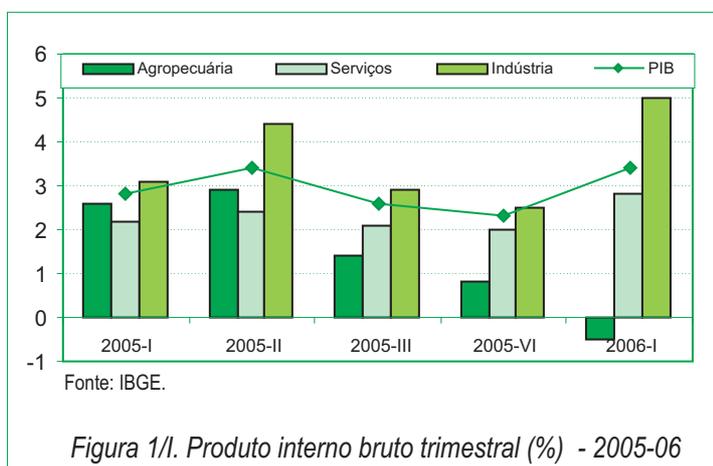
Apesar de as exportações do complexo soja terem crescido quase 10% em volume, a receita cambial caiu em função das baixas cotações no mercado externo.

As exportações de fumo atingiram recorde. O País é o maior exportador de fumo em folha, respondendo por 25% do comércio mundial. A balança comercial de lácteos foi mais uma vez positiva, apesar de as importações terem crescido em relação a 2004.

A valorização do real, que teve início em 2004 e persiste, deve-se à entrada de divisas comerciais e especulativas e à política de juros altos, que atrai esses capitais externos. Essa política surtiu um efeito positivo na contenção da inflação, que se mantém dentro da meta estabelecida, podendo até fechar o ano abaixo dela, mas prejudicou outros setores econômicos. O segmento exportador, por exemplo, poderia ter aproveitado melhor o momento de expansão no mercado mundial.

As importações, por outro lado, embora crescentes, sofreram o impacto do aumento dos preços do petróleo (que se valorizou 30% em 2005 e persiste em 2006). Também os preços elevados do aço repercutiram nos preços dos bens de capital necessários à modernização do País.

A figura 1 mostra a evolução trimestral do PIB de 2005 até o primeiro trimestre de 2006. Os dados, do IBGE, apresentam a evolução por setor de atividade econômica e permitem observar o comportamento da produção e as tendências para 2006. Os dados referem-se à taxa acumulada ao longo do ano (variação em volume em relação ao mesmo período do ano anterior). Observa-se o recuo da atividade econômica a partir do segundo trimestre do ano passado, sobretudo na indústria e na agropecuária. Também se observa uma recuperação de atividade no início de 2006.



Apesar das boas perspectivas do crescimento mundial para 2006, o nível de atividade deverá ser menor. A persistente elevação da taxa de juros nos EUA é um forte indicativo desta tendência. O Brasil deverá continuar crescendo abaixo da média dos países emergentes. O crescimento, tomando-se por base os resultados da atividade econômica no primeiro semestre, deverá ficar em torno de 3,0%. Apesar de um desempenho industrial que poderá chegar próximo aos 4% e da queda dos juros, a economia não reagiu. A crise no agronegócio, a queda no quantum das exportações, o aumento do desemprego e a queda na renda do trabalhador estão freando o crescimento. A manutenção da valorização do real também inviabiliza a competitividade dos produtos brasileiros no exterior e os preços de nossos principais produtos deverão ser menores.

O superávit da balança comercial deverá ser menor que em 2005, sobretudo devido ao aumento das importações, e projeta-se encerrar o ano em U\$ 41 bilhões. Os investimentos estrangeiros diretos no País deverão crescer em relação a 2005, mas ainda estão longe da meta de US\$ 18 bilhões aportados em 2004.

O círculo vicioso em que a economia brasileira está envolta precisa ser rompido. O País precisa investir em infra-estrutura, em produtividade (gestão macroeconômica, desenvolvimento tecnológico das empresas, etc.) e fazer inúmeras reformas de que o País precisa para melhorar os serviços públicos e o ambiente empresarial. Portanto, mais do que diagnósticos e discussões intermináveis, precisa-se de ação.

Vários avanços já foram atingidos: a estabilidade macroeconômica (superávit primário, câmbio flutuante e consolidação da política de metas de inflação); a queda da vulnerabilidade externa; a melhora significativa do balanço de pagamentos, do controle inflacionário, que, entre outros aspectos, resultou no aumento da massa salarial, e os avanços obtidos com a lei de responsabilidade fiscal. Agora, uma vez assegurados estes avanços, é preciso centrar-se em outros pontos que estão dificultando o crescimento.

Fundamental para romper o ciclo de baixo crescimento é melhorar e ampliar as condições e o acesso ao crédito no País. Apesar de melhoras significativas nos últimos anos, ainda temos um crédito muito caro, burocrático e de difícil acesso para boa parte da população. Por isso, é fundamental que os governos, para rolar seu endividamento, deixem de competir com tanta voracidade pelos recursos financeiros disponíveis no mercado, liberando assim sua oferta e reduzindo seu custo.

A redução dos gastos do governo é fundamental para se conseguir este objetivo. A arrecadação de tributos atingiu níveis insustentáveis para o setor produtivo, sem avanço na qualidade dos gastos públicos efetuados. Para isso não basta perseguir uma boa gestão dos recursos públicos; é preciso enfrentar as reformas para que o País possa oferecer segurança nos contratos, maior liberdade às empresas e aos negócios, e que se enfrente a questão da gigantesco déficit da previdência, que se avoluma a cada ano.

É preciso agir. A sociedade, através das suas instituições, precisa passar a fazer acontecer. Uma democracia se fortalece com crescente igualdade social, com participação, vigilância e renovação.

Os históricos problemas do País precisam ser atacados pelos brasileiros. A solução não virá de fora, nem cairá do céu. O Brasil precisa deixar de ser o país do futuro.

A agropecuária brasileira em 2005 e 2006

A produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas¹ voltou a cair, passando de 119,4 milhões de toneladas em 2004 para 112,6 milhões de toneladas em 2005, queda de 5,2%. A expectativa inicial era que a safra tivesse atingido 134,906 milhões de toneladas. A soja e o milho representaram 45% e 31% da produção nacional, respectivamente.

A produtividade média dos grãos (relação entre a produção e a área cultivada), que já havia caído 11% em 2004, caiu outros 5,9% em 2005. A redução foi puxada principalmente pela quebra na produção de milho (-6,6 milhões de toneladas ou -15,9%) e do trigo (-1,1 milhão de toneladas ou -19,9%).

Vale destacar que a área plantada total aumentou em 730 mil hectares, reflexo, principalmente, da expansão da soja (8,5%), já que tiveram redução em suas áreas plantadas o milho (-4,7), o trigo (-15,9%) e o feijão (-8,3%).

Na Região Sul, a estiagem resultou em uma produção de cereais, leguminosas e oleaginosas 21% menor que a do ano anterior, quando já havia encolhido 17%. A produtividade foi 14,4% menor e resultou numa safra de 38,8 milhões de toneladas. A redução deveu-se a problemas climáticos, mas também a uma redução, estimada em 7,5%, na área destinada a esses produtos.

A produção de milho, além de ter diminuído, teve as cotações mais baixas que as de 2004. Os estoques mundiais elevados, o câmbio e o consumo interno fraco não permitiram melhorar o mercado.

¹ Este item inclui caroço de algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, trigo e triticale.

A safra de soja, a despeito da queda dos preços no 2º semestre de 2004, ainda teve aumento de área. A produção, no entanto, em decorrência do clima, sofreu forte redução frente às expectativas. Ainda assim, foi superior à obtida em 2004. A comercialização teve péssimo desempenho, ocasionado pelo enfraquecimento do mercado internacional e pela valorização cambial.

A queda na produção de trigo foi relacionada à menor área plantada, conseqüência, entre outras, dos baixos preços do produto, do alto risco da cultura e da descapitalização dos produtores. A produção de feijão cresceu 1,8% em virtude do aumento da produtividade, uma vez que a área colhida foi inferior.

A produção de cebolas teve também um dos piores resultados dos últimos anos. Redução da área em importantes estados produtores devido à baixa atratividade da cultura e a perdas na produtividade pelo clima desfavorável.

O País continua ocupando posição de destaque na produção de fumo, consolidando-se como segundo produtor mundial. Em 2005, no entanto, apesar do crescimento na área plantada, o clima acabou reduzindo a produção.

De acordo com os dados da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, do IBGE, em 2005 foram produzidos 28,021 milhões de cabeças de bovinos, 3,853 bilhões de frangos e 23,446 milhões de suínos, representando crescimento de 8,0%, 9,1% e 8,4%, respectivamente, frente a 2004. Foram produzidos ainda 16,215 bilhões de litros de leite cru ou resfriado, 11,9% de crescimento frente a 2004.

A descoberta de focos de febre aftosa no Mato Grosso do Sul e de suspeitas no Paraná levou ao isolamento sanitário alguns municípios afetados e à redução no abate nas regiões afetadas. Considerando-se a produção desde o ano 2000, observa-se, no entanto, um ritmo crescente no abates totais para os três tipos principais de carnes produzidas no País.

A produção nacional de suínos voltou a crescer depois de dois anos de declínio, mas sem alcançar a produção de 2002. A oferta interna aumentou mais ainda quando foram suspensas as exportações para a Rússia, invertendo a recuperação dos preços que vinha acontecendo. O processo de exclusão de produtores, de crescimento da participação da produção no Centro-Oeste do País e da dependência russa continuam.

Em 2005, a agroindústria recuou 0,9%, já que o desempenho positivo do setor pecuário não foi suficiente para compensar as perdas na agricultura, de maior peso, neste segmento industrial. O baixo desempenho está associado principalmente às lavouras, que sofreram influência negativa de fatores climáticos; à queda dos preços internacionais de algumas commodities agrícolas (principalmente soja), à valorização cambial e ao aumento dos custos de produção.

A utilização de fertilizantes e a venda total de maquinário agrícola no País teve queda de 11% e 35%, respectivamente. Com a descapitalização do produtor houve menor investimento na produção, menor compra de insumos, menos dinamismo econômico na vasta maioria dos municípios brasileiros, gerando um ciclo de perdas que se expandiu além das fronteiras do agronegócio.

Perspectivas para 2006

Em 2006, a produção nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas está estimada em um volume de 117,9 milhões de toneladas, 4,7% acima da safra de 2005. A área destinada a essas culturas (45,753 milhões de hectares) caiu 4%. A produtividade cresceu em torno de 9%. Entre outros produtos, houve reduções na área do arroz e do trigo. O aumento da produção nacional deveu-se principalmente ao aumento estimado de 28% da produção na Região Sul (que teve participação de 41% na produção nacional). Nas Regiões Centro-oeste, Sudeste e Norte, a produção caiu, 8%, 9% e 14%, respectivamente. No Nordeste, a produção deverá crescer quase 2%.

A produtividade foi o principal fator gerador do crescimento, onde se destacou o desempenho das culturas de milho, algodão e arroz. No caso da soja, ao contrário, houve perdas por problemas climáticos, pela incidência da ferrugem asiática e pelo menor uso de tecnologia, mas a produção deverá se recuperar das fortes perdas do ano passado.

O desempenho da agroindústria no primeiro semestre de 2006 foi novamente inferior ao da indústria nacional. Desta vez, a agricultura compensou a retração dos setores da pecuária, mas a queda do preço da soja, a contínua valorização cambial, o aumento dos custos de produção e os problemas sanitários abrandaram esse desempenho.

Os preços e os estoques mundiais estão indicando a necessidade de ajustes. O problema está em que os agricultores brasileiros não dispõem de mecanismos compensatórios, como ocorre com seus pares em diversas partes do mundo. Também arcam com custos de insumos (grande parte importada) superiores aos de outras partes do mundo, como é o caso da Argentina. Além disso, a logística ineficiente impede o transporte e o acesso aos portos a custos compatíveis com os preços internacionais, criando uma espécie de represamento da produção, com as consequências vistas nos preços internos.

Diversos países embargaram as exportações brasileiras da bovinocultura e da suinocultura em razão dos focos de aftosa registrados no País. A preocupação com a disseminação da gripe aviária também causou forte redução no consumo mundial de carne de frango, afetando negativamente a produção nacional, até agora livre da doença.

A suinocultura deverá ter mais um ano de crescimento da produção. Preocupam, ainda, o problema da concentração das exportações e a vulnerabilidade do segmento diante de embargos. Os preços do produto exportado, que caíram em 2005, seguem ainda mais baixos neste primeiro semestre.

Na avicultura, o excesso de oferta se acentua no início de 2006 e soma-se à queda das exportações, resultando em preços aviltados. O segmento passa por um processo de ajuste na produção, que deverá prosseguir ao longo do ano. O mercado deverá, no entanto, melhorar no 2º semestre.

O mau desempenho da comercialização de soja desestimulou o plantio da safra 2005/06. Apesar disso e dos problemas decorrentes do clima e do ataque de pragas, a produção deverá crescer em relação à anterior. As cotações internacionais mantêm-se sob pressão dos estoques elevados e os preços deverão manter-se baixos na atual temporada.

Desempenho da agropecuária catarinense na safra 2004/05

Em 2005, o PIB agropecuário catarinense caiu 2,2%, atingindo um valor estimado em R\$ 8,550 bilhões. No ano anterior, após cinco anos de crescimento, o setor já havia passado por uma estagnação. A área plantada dos principais produtos da lavoura caiu 1,3%. O desestímulo do mercado e a estiagem explicam o recuo da área e a baixa produção.

Entre os principais grupos de produtos utilizados na estimativa do PIB, o das lavouras permanentes, temporárias e o da horticultura tiveram uma queda de 7% no volume produzido, e de outros 7,3% na média dos preços. O baixo desempenho da agricultura pelo segundo ano consecutivo endividou produtores, desestimulou a produção e levou prejuízos além das fronteiras da propriedade rural. As agroindústria e os serviços que estão a montante ou a jusante da agricultura, as cooperativas e um grande número de economias municipais passaram por momentos difíceis.

O melhor desempenho da pecuária não foi suficiente para compensar as perdas na agricultura. A produção cresceu 4% depois de 2 anos de queda, mas a baixa performance dos preços recebidos trouxe pouco alívio aos produtores. Destacaram-se, mais uma vez, o crescimento da silvicultura, de 2,7% em volume, e o excelente desempenho dos preços médios do segmento, que cresceram 26%. Os valores acima referem-se às médias geradas em cada um dos segmentos.

Observou-se queda de 4,3% no consumo aparente de fertilizantes, apesar da queda de quase 8% nos preços. O número de máquinas agrícolas vendidas no estado caiu 13,2%. Os preços pagos pelos combustíveis e lubrificantes cresceram 17%.

A tabela 1 apresenta a participação de Santa Catarina em relação ao Brasil no tocante à área e à produção agrícola e também à posição do estado na produção nacional. Comparada com a da safra anterior, a classificação do estado perdeu posição na produção nacional nas culturas de batata, feijão, mandioca, tomate e trigo. Além de perder posições, também caiu a participação na produção de banana, cebola, milho e soja. O estado continua sendo o maior produtor de maçã e cebola e o segundo em fumo. O estado ainda se destacou na produção nacional de suínos (1º produtor), com 32% de participação no abate total, e no de aves, com 17% (2º produtor).

Tabela 1/1. Área plantada, produção e posição de Santa Catarina na produção nacional, segundo os principais produtos agrícolas - Safra 2004/05

Produto	Área plantada (ha)		Produção (t)		Posição de SC na produção nacional
	SC	SC/BR(%)	SC	SC/BR(%)	
Alho ⁽¹⁾	1.501	14,53	12.370	14,35	4º
Arroz	154.459	3,85	1.055.613	7,98	3º
Banana ⁽²⁾	31.165	6,03	663.389	9,82	3º
Batata	8.189	5,75	113.477	3,63	7º
Cebola	19.568	34,27	395.439	32,13	1º
Feijão	114.799	2,90	113.168	3,76	7º
Fumo	145.806	29,23	280.045	31,32	2º
Maçã ⁽²⁾	18.428	52,01	504.994	59,67	1º
Mandioca	32.165	1,58	589.998	2,29	12º
Milho	796.060	6,50	2.693.357	7,68	6º
Soja	354.717	1,52	607.413	1,19	11º
Tomate	2.309	3,89	123.239	3,63	9º
Trigo ⁽¹⁾	59.952	2,54	106.514	2,47	5º

⁽¹⁾ Os dados destas culturas são relativos às safras 2005/06 e 2006/07.

⁽²⁾ Área destinada à colheita.

Fonte: IBGE, LSPA, junho de 2006.

Uma abordagem mais específica da safra 2004/05, referente ao desempenho dos 17 principais produtos agropecuários de Santa Catarina, pode ser encontrada na tabela 2/I. Os produtos foram agrupados e apresentados conforme suas especificidades. Podem-se observar o valor bruto da produção (VBP) para cada um desses grupos e os totais da agricultura e da pecuária.

Tabela 2/I. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos - 2004-05

Grupos de produtos	VBP (mil R\$)		2005(%)	Variação da Produção ⁽¹⁾	Variação dos preços ⁽²⁾
	2004	2005			
Grãos	2.308.884	1.683.395	17,96	-9,69	-19,27
Hortaliças	307.321	289.688	3,09	-12,13	7,28
Raízes e tubérculos	137.580	120.277	1,28	-2,18	24,30
Fumo (estufa)	1.193.417	1.257.402	13,42	-1,68	7,16
Frutas	762.585	747.181	7,97	-10,28	9,21
Carnes ⁽³⁾	4.480.513	4.573.692	48,81	3,15	-1,04
Leite (mil l)	668.998	699.660	7,47	2,31	2,22
Agricultura	4.709.786	4.097.944	43,73	-7,70	-5,74
Pecuária	5.149.511	5.273.352	56,27	3,04	-0,62
Total	9.859.298	9.371.296	100,00	-2,09	-2,92

⁽¹⁾ Indica o crescimento da produção entre as safras de 03/04 e 04/05.

⁽²⁾ Indica a variação dos preços entre 2004 e 2005.

⁽³⁾ Refere-se aos abates totais no estado.

Fonte: Epagri/Cepa.

Além disso, foram estimados os índices de preço e da produção nesses segmentos e para o total da agropecuária, a fim de se poder obter um panorama do desempenho global da safra agrícola e da produção pecuária no referido ano em relação ao ano anterior. Os dados apresentados referem-se a números-índice; portanto, são agregados e referem-se aos grupos de produtos selecionados. Seus resultados fornecem uma dimensão econômica global da evolução do valor e do volume dos principais produtos agropecuários catarinenses, não refletindo, portanto, a situação dos cultivos ou produções específicas.

Os dados indicam que o VBP total caiu quase 5%, como resultado de uma queda de 2% no volume produzido e outra de 2,9% nos preços recebidos pelos produtores.

A produção agrícola, quando comparada com a da safra anterior, caiu 7,7% e não foi compensada pelo crescimento (de apenas 3%) da pecuária. O segmento de grãos, fortemente afetado pela estiagem, teve queda generalizada, com destaque para a forte redução na produção de feijão, milho e soja, itens de peso no grupo. O único produto que cresceu foi o arroz.

A produção pecuária respondeu por 55% da produção de 2005, no conjunto dos produtos analisados. Os abates de carnes de aves e suínas cresceram 2,9% e 4,7%, respectivamente. Também cresceu a produção de leite (2,3%).

A performance dos preços não contribuiu para compensar os efeitos da produção menor. Na média, caíram 2,9%. Na agricultura, a situação foi pior, registrando queda de 5,7%, puxada pelo péssimo desempenho dos grãos, já que os demais segmentos apresentaram variação positiva. Na pecuária, a performance dos preços também não foi boa. No caso das carnes de aves e de bovinos, os preços caíram cerca de 4,5%. Os preços das carnes suínas subiram 4,3%.

A safra de milho ficou bem aquém das expectativas da época do plantio. A queda de 17% na produção e o incremento do consumo no estado aumentou o déficit estadual do cereal para 1,9 milhão de toneladas. O enfraquecimento das exportações, o câmbio desfavorável e a oferta superior às necessidades de suprimento resultaram em queda dos preços também no mercado estadual.

A produção de soja, como resultado dos problemas climáticos, caiu cerca de 5%. As cotações, pressionadas pelos estoques mundiais elevados, caíram também. A média dos preços foi 34% menor que a de 2004.

A estiagem afetou também a produção de fumo, que, apesar do aumento da área das lavouras, teve redução na produção.

A produção de cebolas encolheu devido ao clima desfavorável e apresentou o pior resultado em seis anos. Muitos produtores estão convertendo suas lavouras para a cultura do fumo. Os preços recebidos continuaram a desestimular a produção.

Embora tanto a produção quanto as exportações de carne de aves de Santa Catarina estejam crescendo, a participação do estado vem caindo, já que a expansão em outros estados tem sido maior. A maior proporção de cortes no total exportado (maior valor agregado) tem proporcionado preços maiores ao produto estadual do que à média nacional. Em 2005, a produção estadual cresceu cerca de 3%, mas o mercado superfertado ocasionou queda próximo a 5% nos preços ao produtor nas principais praças do estado.

A suinocultura cresceu também - 4,5% -, mas a oferta abundante no mercado interno e o embargo russo não permitiram preços compensadores. A Rússia foi responsável por 78% do valor exportado por Santa Catarina.

A produção de leite segue no estado, trajetória de crescimento superior ao da média nacional. A maior oferta, acima do potencial demandado, tem aviltado os preços e preocupado produtores.

Santa Catarina está diminuindo sua fatia de participação nas exportações nacionais nos últimos dez anos, apresentando tendência de queda, que passa de 5,5% em 1996 para 4,7% em 2005. Já nas exportações de produtos do agronegócio, o estado exportou 8,7% do total nacional, participação que se mantém estável nos últimos anos.

Em 2005, as exportações catarinenses atingiram US\$ 5,584 bilhões, crescendo 15% na comparação com o ano anterior, abaixo do crescimento das exportações do agronegócio, que foi de 19%. O agronegócio representou 61% do total exportado em Santa Catarina, pouco acima da participação dos últimos anos.

Os principais produtos do agronegócio estadual exportados foram os florestais (indústria da madeira, papel e papelão), que cresceram 1,32% em valor; os das carnes de aves, que cresceram 25%; os das carnes suínas, com 48% de crescimento; os do fumo, 60% e os de outras carnes, 79%. Esses produtos somam 95% do total exportado pelo agronegócio.

Santa Catarina exportou em 2005 43% das carnes suínas exportadas pelo País, 30% das carnes de frango, 15% do mel; 37% da banana; 64% das maçãs; 12,5% do fumo e 18,7% da madeira e obras de madeira; 55% dos móveis de madeira e 5,2% do papel e papelão.

Desempenho da agropecuária catarinense na safra 2005/06

O PIB agropecuário catarinense deverá repetir mais um ano de queda em 2006. As estiagens que persistem, o embargo russo, a valorização do câmbio, os juros altos e o mercado em baixa para maioria das commodities produzidas no estado agravaram a crise. A falta de políticas públicas compensatórias, que poderiam dar alguma proteção aos produtores, deverá desestimular atividades e forçar a redução da área plantada e o uso de tecnologias na safra 2006/07.

A produção agropecuária frustra mais uma vez. Os dados globais do primeiro semestre indicam uma queda no volume produzido, o qual já havia caído no ano anterior. Embora a produção de grãos tenha crescido, os volumes ficaram próximo daqueles obtidos na safra 2003/04, já que houve forte frustração da safra no ano passado. As expectativas de produtividade, entretanto, não foram alcançadas. A produção de tomates, batata-inglesa, fumo e banana foi menor que a da safra anterior. Também a produção de carnes foi reduzida, notadamente a de aves.

As estimativas preliminares do quantum da produção 2005/06 indicam queda, já que o crescimento de 4,2% na agricultura não compensa a redução da produção pecuária de 3,9%, de maior peso no setor. Os dados referem-se à comparação entre o primeiro semestre de 2006 com os do mesmo período do ano anterior.

Os resultados do desempenho dos 17 principais produtos agropecuários constam na tabela 3. Os produtos foram agrupados conforme suas especificidades.

O péssimo desempenho comercial tanto das lavouras quanto do segmento de carnes se somou ao das recorrentes frustrações de safra, deixando produtores, empresas e economias municipais em situações muito difíceis.

A safra de milho, pelo terceiro ano consecutivo, foi severamente prejudicada pela estiagem e deverá manter o déficit estadual da commodity em patamares elevados. O mercado, influenciado pela safra nacional, pela falta de reação da demanda e pelo câmbio desfavorável, manteve os preços neste 1º semestre em nível ainda menor do que no mesmo período de 2005.

Tabela 3/I. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos – Safras 2004/05 - 2005/06

Grupos de produtos	Variação da produção ⁽¹⁾	Variação dos preços ⁽²⁾
Grãos	17,79	-19,40
Hortaliças	3,35	-4,32
Raízes e tubérculos	-2,05	-17,13
Fumo (estufa)	-10,74	0,00
Frutas	0,33	24,26
Carnes ⁽³⁾	-5,40	-20,27
Leite (mil l)	5,19	-19,35
<i>Agricultura</i>	<i>4,25</i>	<i>-6,53</i>
<i>Pecuária</i>	<i>-3,99</i>	<i>-19,98</i>
Total	-0,39	-14,04

⁽¹⁾ Variação percentual entre as safras 04/05 e 05/06. A estimativa para a produção pecuária em 2005 está baseada no desempenho do setor entre janeiro e junho de 2005.

⁽²⁾ Variação percentual dos preços médios mensais recebidos pelo produtor no primeiro semestre de 2005 e 2006.

⁽³⁾ Refere-se aos abates totais no estado.

Fonte: Epagri/Cepa.

A produção de soja, apesar da queda na área cultivada e da estiagem, terá um bom incremento frente à frustrada safra de 2005. A comercialização, no entanto, continua desfavorável ao produtor, já que não houve melhora nas cotações internacionais e o real continuou a se valorizar.

Problemas na safra anterior levaram a uma redução na área plantada do fumo e a novas perdas de produtividade devido ao clima, que afetaram sensivelmente a produção. O mercado continua desestimulante para os produtores.

A produtividade e a qualidade das maçãs catarinenses foram afetadas por diversos fatores climáticos que favoreceram o surgimento de doenças, mas ainda assim a produção deverá ser um pouco superior à de 2005. As vendas, embora em volume pouco representativo, tiveram preços mais remuneradores.

A crescente produção de leite e a expectativa de normalização do regime de chuvas no 2º semestre deverão significar mais um ano de preços baixos ao produtor.

A superoferta de carnes de aves no mercado se acentua no início de 2006, somando-se à queda das exportações. Os preços ao produtor caem significativamente. No primeiro semestre do ano, relativamente ao mesmo período do ano passado, ficaram 11% menores, em média, nas principais praças de Santa Catarina. É importante levantar que no ano passado os preços já haviam caído em relação aos de 2004. Há, no entanto, perspectivas de alguma melhora no mercado no segundo semestre.

A suinocultura, da mesma forma, continua, em 2006, sofrendo os efeitos do excesso de oferta, agravada pela continuidade do embargo russo, principal cliente externo da produção catarinense, além do de outros países). Os preços recebidos pelo produtor no primeiro semestre caíram, em média, 33%, quando comparados com os do mesmo período de 2005.

No primeiro semestre de 2006, as exportações do agronegócio de Santa Catarina perderam participação sobre o total exportado, mantendo o valor praticamente estável na comparação com as do primeiro semestre de 2005, enquanto as exportações totais cresceram 4,8%.

O baixo desempenho das exportações do agronegócio deveu-se à queda nas exportações de carnes de aves (-4%) e nas de suínos (-44%). A indústria de madeira, papel e papelão teve um bom desempenho, mas as vendas de móveis de madeira caiu cerca de 23%, fazendo com que o crescimento do segmento tenha ficado em apenas 1,6%. As exportações de fumo e as do complexo soja cresceram 156% e 37%, respectivamente.

A seguir se fará uma análise específica de cada um dos principais produtos agrícolas do estado. A abordagem traz uma ampla perspectiva de produção e mercado, que compreende desde aspectos regionais até uma perspectiva nacional ou internacional, conforme as características de mercado desses produtos. Também se fará uma análise do setor de flores e plantas ornamentais, da aquíicultura e pesca, do setor florestal e das culturas de mel e uva, segmentos que emergem com grande potencial econômico e social no estado ⁽²⁾.

Paulo Zoldan

⁽²⁾ Este artigo foi elaborado em julho de 2006.



Desempenho da produção vegetal

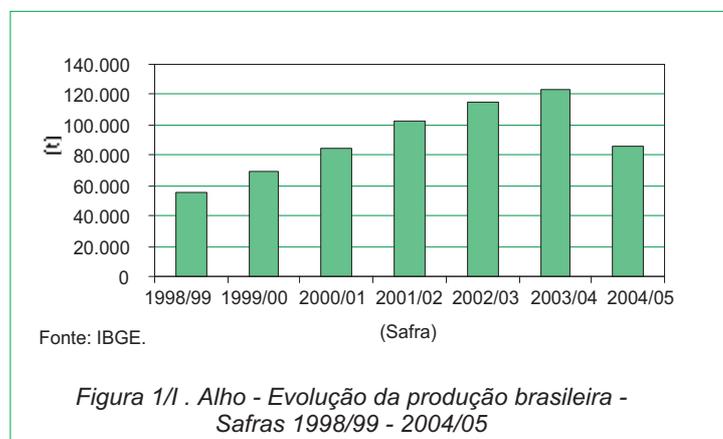
Crescimento excessivo das importações determina redução na produção nacional

Por anos consecutivos, os produtores nacionais de alho registraram inutilmente quebras de recordes de produção com vistas a diminuir a forte dependência do alho importado no suprimento da demanda interna. Por anos consecutivos acumularam consideráveis prejuízos, por conta de decisões equivocadas de autoridades de País que, ignorando os níveis de produção interna elevaram os níveis de importação do produto. Em decisão acertada, os produtores resolveram reduzir seus investimentos no setor.

Resultado desta decisão: de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, o total da área plantada na safra correspondente ao ano agrícola 04/05 é avaliado em apenas 10,5 mil hectares; o montante da produção colhida, em 85,6 mil toneladas. São números cerca de 30% inferiores aos da campanha anterior.

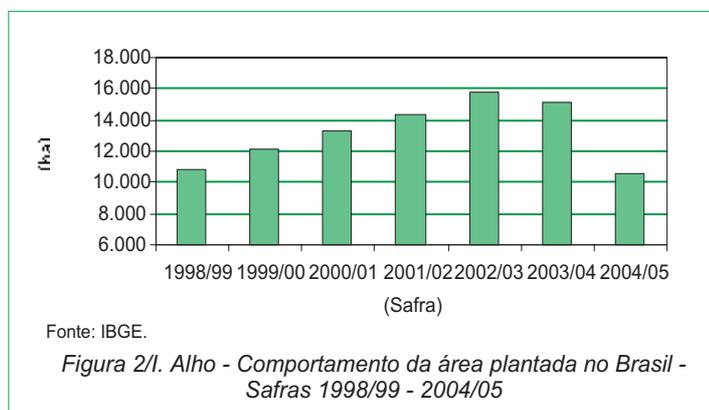
Essa forte queda nos índices de produção nacional se deve especialmente às aquisições de alhos brancos da China, internalizados por valores extremamente baixos. As conseqüências imediatas são os sérios problemas para a comercialização dos alhos nobres de produção interna, por exigirem mais altos valores em sua produção.

O total da produção brasileira nesta campanha agrícola foi o mais baixo dos últimos quatro anos (Figura 1), equiparando-se, praticamente, à oferta colhida na safra 00/01, quando teve início o grande desenvolvimento da alhicultura nacional. Esta mesma figura mostra ainda a evolução da produção nos sete últimos anos, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE.



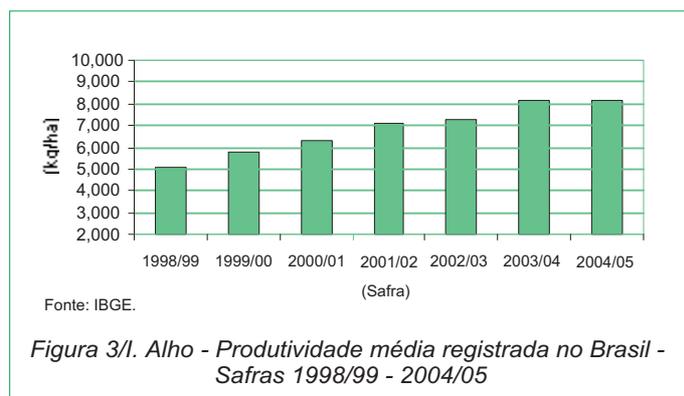
O mais baixo envolvimento dos agricultores pela atividade, por outro lado, conforme muito bem espelha a próxima figura – ainda como reflexo do grande movimento de importação -, pode também ser atribuído ao fracasso financeiro alcançado na comercialização dos dois últimos anos, quando, pela saturação do mercado brasileiro por excesso de produto importado, os valores recebidos ficaram aquém das expectativas e, muitas vezes, inferiores aos elevados custos de implantação da lavoura.

A importância dispensada pelos agricultores à cultura do alho, nos últimos anos, pode ser comprovada pela evolução da área plantada no País, segundo informações coletadas pelo IBGE (Figura 2).



A atividade apenas não registrou maiores fracassos tendo em vista a profissionalização dos agricultores nacionais, os quais, mesmo diante das mais severas adversidades produtivas e de comercialização, jamais dispensaram a preocupação com a adoção de melhores e mais modernas tecnologias de produção e de pós-colheita do produto.

Mantidas, pois, as exceções naturais determinadas pela ocorrência de fatores climáticos adversos, os índices nacionais de produtividade média registrados nos últimos anos apresentaram-se em crescimento, conforme se pode observar na figura 3.



O desempenho da cultura nesta safra, por grande região produtora do País, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, apresentou-se conforme a tabela 1.

Tabela 1/I. Alho – Área plantada, produção e rendimento obtido – Brasil – Safra 2004/05

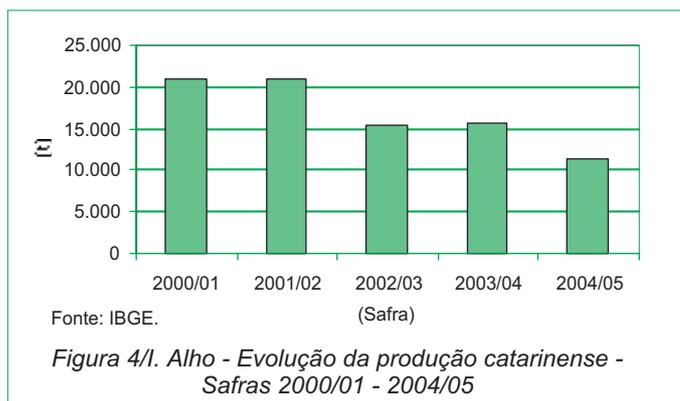
Região	Área plantada(ha)	Produção colhida(t)	Rendimento obtido(kg/ha)
Sul	5.307	34.266	6.457
Sudeste	2.755	29.941	10.868
Centro Oeste	1.359	14.348	10.558
Nordeste	1.096	7.042	6.425
Brasil	10.517	85.597	8.139

Fonte: IBGE.

Em Santa Catarina, o cenário de desempenho da cultura nessa campanha não se diferenciou do registrado em nível nacional. De acordo com os dados estatísticos do IBGE, o total da área cultivada com alho, nessa safra, ficou ao redor de 1,5 mil hectares e o montante da produção colhida somou aproximadamente 11,4 mil toneladas do bulbo. Os valores em questão apresentaram-se reduzidos em 30,2% e 27,0%, respectivamente, quando comparados aos registrados na safra imediatamente anterior. A produtividade média colhida no estado foi de 7.629 kg/ha, com crescimento de 4,5%.

A evolução da produção catarinense de alho nos cinco últimos anos, de acordo com o IBGE, está na figura 4.

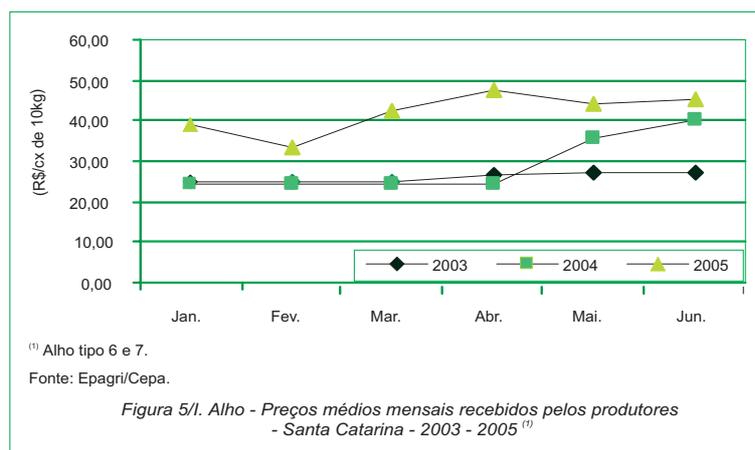
A significativa redução da atividade no estado é atribuída em boa parte ao fracasso financeiro das últimas campanhas, fortemente comprometidas por importações indiscriminadas e, muitas vezes, totalmente desnecessárias.



O resultado produtivo desta safra catarinense apresentou-se significativamente inferior (queda superior a 45,0%) aos registrados nos primeiros anos desta década, quando a produção local superou 20,0 mil toneladas do produto, período em que Santa Catarina se destacava como o segundo maior produtor de alho do País.

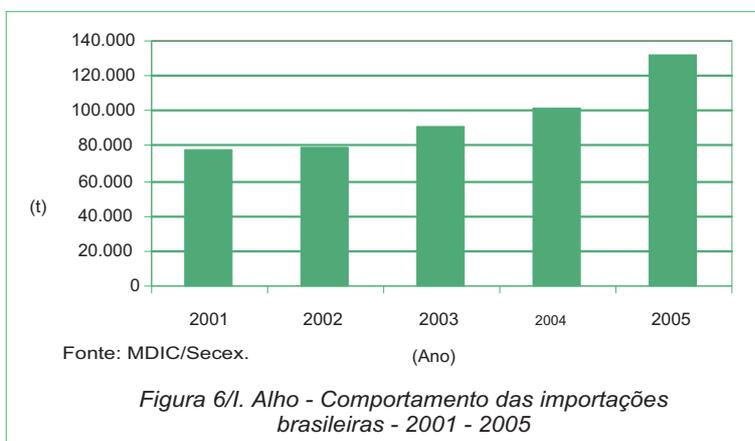
Como consequência direta da menor produção interna, os valores de comercialização desta safra - substancialmente mais elevados que os dos anos imediatamente anteriores - permitiram excelente remuneração aos produtores e, de certa forma, promoveram a recomposição de parte dos prejuízos financeiros acumulados nas últimas campanhas.

O comparativo dos preços médios mensais recebidos pelos produtores catarinenses para os alhos de melhor calibre, tipo 6 e 7, nos três últimos anos é mostrado na figura 5.



Relativamente ao comércio internacional brasileiro, cabe destacar que nos últimos anos os níveis anuais de aquisições externas, conforme demonstrado na figura 6, registraram recordes sucessivos, decorrentes, sobretudo, do aumento das importações da China.

No decorrer de 2005, de acordo com informações



disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil, o montante das importações de alho realizadas pelo Brasil somou aproximadamente 132,58 mil toneladas, constituindo, este total, um novo recorde de aquisições externas do bulbo.

Do volume em questão, cerca de 71,77 mil toneladas, equivalentes a 54,1% das compras externas realizadas pelo País, provieram da China e 55,58 mil toneladas (41,9%), da Argentina. O restante, constituído de pequenos repasses, veio, em ordem decrescente de importância, dos seguintes países: Espanha, Hong-Kong, Estados Unidos, Chile, Bolívia, México e Taiwan. Depreende-se, do exposto, ser o Brasil um excelente mercado para os principais exportadores mundiais de alho.

As importações brasileiras desse ano representaram um gasto da ordem de US\$ 73,5 milhões, pois o alho foi internalizado a um preço médio de US\$ 0,55/quilo.

Para a nova safra, correspondente ao ano agrícola 05/06, as informações do setor apontam para uma forte tendência de manutenção da área cultivada na campanha anterior - plantio entre 10,0 mil e 11,0 mil hectares da cultura.

Esta expectativa é reforçada pela constatação, infelizmente lamentável (diante do cenário de mercado - determinado exclusivamente pela liberalização das importações - verificado internamente nos últimos anos), de que a única alternativa viável para os produtores garantirem valores de comercialização de certa forma remuneradores para a atividade é manter estabilizado, em patamar relativamente baixo, o nível de oferta interna do produto.

Dessa forma, confirmando-se as atuais suposições de área a ser cultivada e, ao mesmo tempo, obtendo-se um nível de rendimento médio semelhante ao registrado nas duas últimas safras, analistas do setor projetam para o Brasil uma expectativa de colheita bruta do bulbo entre 80,0 mil e 90,0 mil toneladas.

Tabela 2/I. Alho - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾
Distrito Federal	324	300	204	2.936	2.700	1.528	9.062	9.000	7.490
Goiás	1.909	2.393	1.155	19.525	24.272	12.820	10.228	10.143	11.100
Bahia	1.558	1.674	1.045	13.167	13.963	6.867	8.451	8.341	6.571
Ceará	28	26	23	90	81	74	3.214	3.115	3.217
Paraíba	10	10	8	43	46	25	4.300	4.600	3.125
Piauí	21	23	20	82	88	76	3.905	3.826	3.800
Espírito Santo	414	272	209	3.003	1.834	1.384	7.254	6.743	6.622
Minas Gerais	2.869	3.293	2.366	26.669	33.830	26.927	9.296	10.273	11.381
Rio de Janeiro	18	0	0	108	0	0	6.000
São Paulo	180	150	180	1.089	1.365	1.630	6.050	9.100	9.056
Paraná	888	816	709	4.037	3.692	3.280	4.546	4.525	4.626
Rio Grande do Sul	4.586	3.997	3.100	28.391	25.572	19.558	6.191	6.398	6.309
Santa Catarina	2.955	2.145	1.498	15.296	15.656	11.428	5.176	7.299	7.629
Brasil	15.760	15.099	10.517	114.436	123.099	85.597	7.261	8.153	8.139

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE. (PAM)

Guido Boeing



Mundo - Crescem a produção e o comércio do grão

A produção mundial de arroz voltou a crescer desde 2003, depois do ápice atingido em 1999 (mais de 611 milhões de toneladas).

Com efeito, declinou 6% até 2002 (576 milhões de toneladas), mas daí até 2005 cresceu entre 7% e 11%, alcançando novo recorde produtivo (entre 618,5 milhões e 628 milhões ⁽¹⁾ de toneladas) (Tabela 1).

Tabela 1/I. Arroz em casca - Evolução da produção, área cultivada e rendimento médio mundiais - 2001 - 2005

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005
Quantidade Produzida (mil toneladas)	597.787.179	577.988.575	583.002.279	608.367.817	618.534.989
Área cultivada (mil hectares)	151.231.872	147.692.579	149.204.550	151.016.289	153.783.818
Rendimento (kg/ha)	3.952,8	3.913,5	3.907,4	4.028,5	4.022,1

Fontes: FAO (junho/2006 - www.fao.org) e SAGPYA (julho/2006 - www.sagpya.gov.ar).

Qualquer que seja o montante, o desenvolvimento da produção no corrente ano deixa clara, a depender da segunda colheita anual asiática, a possibilidade de novo incremento na quantidade produzida mundialmente (em torno de 634 milhões de toneladas⁽¹⁾).

Para a produção mundial deste cereal, 11 países continuam a concorrer destacadamente, produzindo em torno de 88% da quantidade total.

Em que pese o crescimento mais substantivo da produção do continente americano (14% desde 2003), Brasil e Estados Unidos seguem sendo seus únicos representantes neste grupo.

Por outro lado, os nove países asiáticos que o compõem produzem nada menos que 84% do total mundial.

A quantidade produzida por estes 11 países de ponta aumentou, em média 6,5%, entre 2003 e 2005.

⁽¹⁾ Fonte: www.fao.org - Segmento del Mercado del Arroz, marzo de 2006.

Desta forma, pouco se diferenciou dos 6% de crescimento médio da produção mundial, resultante da participação, em iguais proporções (3% cada), da área plantada e do rendimento médio.

Dos 11 países maiores produtores, quatro alcançaram em sua produção um nível expressivo de crescimento: Brasil (27%), China (14%), Japão (13%) e Estados Unidos (11%). Destes, o Japão foi o único a elevar seu volume de produção com base na produtividade (12%).

Outros quatro países do grupo, com menores percentuais de crescimento na produção, ampliaram significativamente a produtividade de seus arrozais: Mianmar (10%), Vietnã (6,5%), Filipinas (6,5%) e China (4,5%).

Este último país, que contribui com 30% da produção mundial de arroz, cresceu 14,5% entre 2003 e 2005, suplantando 185 milhões de toneladas – número em torno do qual se estima o total a se produzir em 2006. Este aumento resultou do maior ímpeto do crescimento de área plantada (9,5%, no triênio) do que o de rendimento médio (4,5%).

Já a Índia, segundo maior produtor mundial, produziu, em 2005, 129 milhões de toneladas (21% do total mundial), com pequena variação em relação aos números de 2003 e 2004.

O mesmo se verificou em relação à evolução de sua área plantada e de seu rendimento médio.

O Brasil foi o país que apresentou o maior percentual de crescimento no triênio em questão: 27% em produção, alcançando históricos 13,14 milhões de toneladas, equivalentes a 2% da produção mundial.

Destes, 23,5% foram devidos ao crescimento de área e 3% ao do rendimento médio do cultivo (Tabela 2).

Tabela 2/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos 11 principais países produtores e no mundo – 2003 - 2005

País	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Mundo	583.002.279	608.367.817	618.534.989	149.204.550	151.016.289	153.783.818	3.907,4	4.028,5	4.022,1
China	162.304.280	180.522.603	185.454.000	26.780.124	28.616.015	29.300.000	6.060,6	6.308,4	6.329,5
Índia	130.500.000	128.000.000	129.000.000	42.410.000	42.300.000	43.000.000	3.077,1	3.026,0	3.000,0
Indonésia	52.137.600	54.088.468	53.984.592	11.477.357	11.922.974	11.800.901	4.542,6	4.536,5	4.574,6
Bangladesh	39.090.000	39.754.000	40.054.000	10.824.000	11.000.000	11.000.000	3.611,4	3.614,0	3.641,3
Vietnam	34.568.800	35.887.800	36.341.000	7.452.200	7.443.800	7.339.500	4.638,7	4.821,2	4.951,4
Tailândia	27.038.000	23.860.000	27.000.000	10.193.440	9.200.000	10.200.000	2.652,5	2.593,5	2.647,1
Mianmar	23.146.270	23.700.000	24.500.000	6.527.975	6.000.000	6.270.000	3.545,7	3.950,0	3.907,5
Filipinas	13.499.900	14.496.800	14.800.000	4.006.400	4.126.645	4.115.000	3.369,6	3.513,0	3.596,6
Brasil	10.334.600	13.276.900	13.140.900	3.180.860	3.733.160	3.936.150	3.249,0	3.556,5	3.338,5
Japão	9.740.000	10.912.000	10.989.000	1.665.000	1.701.000	1.680.000	5.849,8	6.415,1	6.541,1
Estados Unidos	9.033.610	10.469.730	10.012.190	1.212.860	1.345.590	1.352.880	7.448,2	7.780,8	7.400,6
Principais países	511.393.060	534.968.301	545.275.682	125.730.216	127.389.184	129.994.431	4.067,4	4.199,5	4.194,6

Fontes: FAO (junho/2006 - www.fao.org) e SAGPYA (julho/2006 - www.sagpya.gov.ar).

Todo este desempenho, de expressão ainda pequena, fica esmaecido no mercado mundial: de 2003 a 2005 importou em cada ano de 26,5 a 29 milhões de toneladas e exportou entre 27,8 e mais de 29 milhões de toneladas. Ambos os valores de 2005 são recordistas (www.fao.org, junho/06).

Mercosul - Aumenta a produção e diminui o comércio

A quantidade de arroz produzida no âmbito deste bloco de países da América do Sul vem representando cerca de 2,5% da total mundial.

Em valores absolutos, no entanto, têm variado significativamente.

Em 1999 ultrapassaram, pela primeira vez, 15,54 milhões de toneladas. Nos quatro anos posteriores, porém, recuaram de um milhão a dois milhões de toneladas.

A menor produção deste quadriênio ocorreu em 2002, com 12,88 milhões de toneladas (-17% em relação a 1999).

Em 2003 foram produzidos em torno de 13,1 milhões de toneladas, ou seja, 1,5% a mais do que no ano precedente.

Em 2004 registrou-se grande salto produtivo – como resultado do crescimento de 17,5% na área cultivada e de 8,5% no rendimento médio -, com inéditos 16,7 milhões de toneladas, 7,5% a mais do que em 1999 e 27,5% a mais do que em 2003. Em 2005, por fim, a quantidade de arroz produzida no Mercosul manteve o mesmo patamar de 2004, conquanto 1,5% menor, pois a área cultivada aumentou 4,5% e o rendimento médio declinou 5,5%.

No triênio 2003-05, portanto - basicamente com respaldo no incremento de 23% da área cultivada, uma vez que o rendimento médio das lavouras cresceu 2,5% -, o volume de produção dos países-membros elevou-se em 25%.

Esta situação refletiu, de um lado, a vigência de condições positivas para a comercialização da safra 2003/04 e, de outro, a intensidade e amplitude dos fenômenos naturais sobre o desenvolvimento biológico dos arrozais.

No tocante às contribuições nacionais sobre a produção, o Mercosul não apresentou nenhuma novidade significativa.

A produção brasileira continua sendo amplamente hegemônica: muito próxima de 80%, em quantidade produzida, e de 87% em área plantada.

O rendimento médio dos arrozais brasileiros, ao contrário, tem sido tradicionalmente o mais baixo dentre os países do bloco, exceto em 2005, quando houve redução na média paraguaia.

As quantidades produzidas na Venezuela, Argentina e Brasil cresceram, respectivamente, 40%, 33% e 27%, entre 2003 e 2005.

O Paraguai reduziu sua produção em 7,5%; a do Uruguai praticamente se estabilizou.

Os números recordes da produção venezuelana respondem às medidas de apoio ao desenvolvimento agrícola e agrário em vigência naquele país. Com isto, a produção deste mais novo integrante do Mercosul aproxima-se do patamar produtivo dos vizinhos platinos: um milhão de toneladas.

As produções argentina e brasileira têm andado no mesmo compasso, por enfrentarem as mesmas vicissitudes climáticas e por focarem o mesmo mercado (Tabela 3).

Tabela 3/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos países-membros do Mercosul - 2003 a 2005

País	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Brasil	10.334.600	13.276.900	13.140.900	3.180.860	3.733.160	3.936.150	3.249,0	3.556,5	3.338,5
Uruguai	1.250.000	1.262.600	1.262.600	190.000	186.465	186.465	6.578,9	6.771,2	6.771,2
Argentina	717.630	1.060.083	956.253	133.000	169.200	162.000	5.309,1	6.146,5	5.798,5
Venezuela	678.890	974.091	950.000	137.404	198.780	190.000	4.940,8	4.900,3	5.000,0
Paraguai	110.250	125.000	102.000	33.303	31.000	33.500	3.638,3	4.032,3	3.044,8
Mercosul	13.091.370	16.698.674	16.411.753	3.674.567	4.318.605	4.508.115	3.565,6	3.866,7	3.656,2
Mundo	583.002.279	608.367.817	618.534.989	149.204.550	151.016.289	153.783.818	3.907,4	4.028,5	4.022,1

Fontes: FAO (junho/2006 - www.fao.org) e SAGPYA (julho/2006 - www.sagpya.gov.ar).

ARROZ

As primeiras avaliações que se seguiram ao final da colheita dos países-membros do Mercosul, no ano agrícola em curso, reforçam a perspectiva de redução na produção.

Esta redução tem como causa principal o grande peso da produção brasileira, uma vez que a produção argentina deve voltar a superar um milhão de toneladas (www.sagpya.gov.ar).

Do total produzido pelos países hispânicos do Mercosul, o mercado interno brasileiro absorveu cerca de 3.427 mil toneladas entre 2003 e 2005 – 1,6 milhão de toneladas em 2003, 1,1 milhão de toneladas em 2004 e 728 mil toneladas em 2005.

Em 2006 espera-se que o Brasil importe cerca de 750 mil toneladas.

Estes montantes, a cada ano menores face ao aumento da produção brasileira (-54% entre 2003 e 2005), têm cada vez maior participação no total importado - 58% em 2003, 75% em 2004 e 99,5% em 2005 até maio/06.

Destaque-se, ainda, que dos três tipos de arroz importados, apenas os beneficiados o foram em quantidades significativas. O arroz em casca e o partido (ou quirera) vem reduzindo drasticamente seus volumes.

O Uruguai continua sendo o maior fornecedor global do mercado brasileiro, embora sua participação venha caindo progressivamente: 75% em 2003, 60% em 2004, 49% em 2005 e 50% até maio/06.

A participação argentina segue o caminho inverso, tendo inclusive superado as exportações uruguaias de arroz partido ou quirera (59%, contra 41% em 2005).

A pequena participação paraguaia vem crescendo, tendo já exportado em 2005 quase 30 mil toneladas de arroz em casca (67% do total) (Tabela 4).

Tabela 4/I. Importações brasileiras de arroz por países do Mercosul - 2003-05

País	Discriminação	2003	2004	2005	Jan-mai/05	Jan-mai/06
Uruguai	Com casca	138.263	92.773	9.671	7.420	0
	Beneficiado	421.436	324.389	250.204	93.753	107.903
	Partido ou quirera	4.343	5.401	280	280	0
	Subtotal	564.042	422.563	260.155	101.453	107.903
Argentina	Com casca	43.840	47.824	4.965	4.324	13
	Beneficiado	143.072	213.643	223.438	92.228	90.495
	Partido ou quirera	250	150	400	400	0
	Subtotal	187.162	261.617	228.803	96.952	90.508
Paraguai	Com casca	1.487	11.595	29.588	15.634	8.918
	Beneficiado	1.998	3.840	11.856	3.054	8.028
	Partido ou quirera	0	0	0	0	0
	Subtotal	3.485	15.435	41.444	18.688	16.946
Mercosul	Com casca	183.590	152.192	44.224	27.378	8.931
	Beneficiado	566.506	541.872	485.498	189.035	206.426
	Partido ou quirera	4.593	5.551	680	680	0
	Subtotal	754.689	699.615	530.402	217.093	215.357
Total	Com casca	650.152	214.297	44.346	27.378	8.932
	Beneficiado	638.973	706.869	487.477	190.104	206.951
	Partido ou quirera	4.636	5.591	380	680	290
	Subtotal	1.293.761	926.757	532.203	218.162	216.173

Fonte: Conab.

Brasil - Cai a produção nacional, embora aumente a do sul

Se entre 2003 e 2005 a produção brasileira de arroz cresceu fortemente, em 2006 deverá voltar ao patamar dos anos finais do século XX. De fato, os 11,5 milhões de toneladas estimados para a presente safra indicam um declínio de 13% na quantidade de arroz produzida em relação a qualquer das duas safras anteriores.

Resultaram da contraposição entre a queda de 24,5% em área plantada (para 3,0 milhões de hectares) e o acréscimo de 15% na produtividade média (para 3,8 t/ha), ambos em 2005.

Em comparação com 2004, os percentuais foram menores: a atual safra teve sua área de cultivo contraída em 20%; já rendimento médio expandiu-se em 8%.

Os seis principais estados brasileiros produziram quase 10 milhões de toneladas na safra 05/06, equivalentes a 86% do total.

A área plantada com arroz nesses mesmos estados somou 2,3 milhões de hectares, o equivalente a 76% da total nacional.

O rendimento médio, por sua vez, permaneceu 4% acima da média nacional.

O estado do Rio Grande do Sul, o maior produtor, foi, sozinho, responsável por quase 60% (6,6 milhões de toneladas) da quantidade produzida no País, 4,5% a mais que em 2004 e 9% que em 2005.

Estes acréscimos devem ser creditados ao comportamento do rendimento médio, que cresceu 7% desde 2004 e 11% desde 2005, alcançando, assim, o atual recorde de 6,44 t/ha.

A área cultivada, de sua parte, manteve o mesmo patamar de pouco mais de um milhão de hectares (-2%) das safras imediatamente anteriores, mas mesmo assim elevou sua representatividade para 1/3 da declinante área nacional de arroz, que estava abaixo dos 30% nas duas safras precedentes.

O estado de Santa Catarina produziu mais de 1,07 milhão de toneladas e vem crescendo progressivamente. Com isto, voltou a representar 9% da atual safra brasileira. Seu rendimento médio segue sendo o mais elevado do País, atingindo 6,89 toneladas por hectare.

A área plantada, 154,6 mil hectares, correspondeu a 5% da área de cultivo nacional.

O Mato Grosso, por sua vez, perdeu, este ano, a posição de segundo produtor nacional de arroz – resposta dos produtores desse estado a dois anos seguidos de comercialização desfavorável. O montante de produção (721 mil toneladas) correspondeu a um recuo de quase 70% em relação a ambas as safras anteriores; a quase totalidade deste percentual refere-se à queda de área plantada.

As perdas de rendimento foram de menor monta, mas significativas - 5% em relação a 2005 e 14% em relação a 2004.

Os outros três grandes produtores nacionais tiveram, todos, quedas de produção, área e, com exceção do Maranhão, de rendimento. Este estado, porém, apresentou quedas menos expressivas, tanto em produção (4,5% desde 2004 e 2,5% desde 2005), como em área (2,5% desde 2004 e 6% desde 2005).

O rendimento médio dos arrozaes maranhenses, apesar de ter forte ganho de rendimento entre as duas últimas safras (9%), ficou 2% abaixo do da safra de 2004.

Pará e Tocantins dele se diferenciaram por mostrarem perdas bastante expressivas, respectivamente, 32% e 40% desde 2005 e, 33%, ambos, desde 2004, em produção.

Na mesma ordem, declinaram, em área plantada, 29% e 37,5% desde 2005, e 28,5% e 24% desde 2004; em rendimento médio, 5% e 3,5% desde 2005, e 6% e 11,5% desde 2004 (Tabela 5).

Tabela 5/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados - Brasil - 2004 - 2006

País	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	13.277.008	13.225.663	11.483.275	3.774.215	4.002.133	3.022.391	3.517,8	3.304,7	3.799,4
Rio Grande do Sul	6.338.139	6.103.289	6.632.595	1.056.098	1.055.232	1.030.508	6.001,5	5.783,8	6.436,2
Santa Catarina	1.011.592	1.055.613	1.071.559	151.598	154.459	154.566	6.672,9	6.834,3	6.932,7
Mato Grosso	2.177.125	2.262.863	720.909	739.012	855.067	285.534	2.946,0	2.646,4	2.524,8
Maranhão	733.484	684.676	701.958	517.147	536.573	505.153	1.418,3	1.276,0	1.389,6
Pará	636.645	631.724	426.956	297.429	298.552	212.651	2.140,5	2.116,0	2.007,8
Tocantins	417.139	463.528	279.654	164.225	199.168	124.552	2.540,0	2.327,3	2.245,3
Principais estados	11.314.124	11.201.693	9.833.631	2.925.509	3.099.051	2.312.964	3.630,8	3.392,9	4.251,5

Fonte: IBGE.

Somando-se esta quantidade produzida aos mais de dois milhões de toneladas estocados e presumíveis 750 mil toneladas de grãos importados, ter-se-á um quadro de suprimento 12% maior do que o consumo interno. Devem totalizar cerca de 14,5 milhões de toneladas, dos quais 400 mil toneladas devem se destinar à exportação.

Portanto, estima-se o estoque de passagem para a próxima safra em algo mais do que um milhão de toneladas, 46% menor do que o desta safra (Tabela 6).

O recuo dos níveis de suprimento do mercado, porém, ainda não foi suficiente para dinamizar o mercado do grão, apesar do apoio complementar do governo federal (prorrogação das parcelas

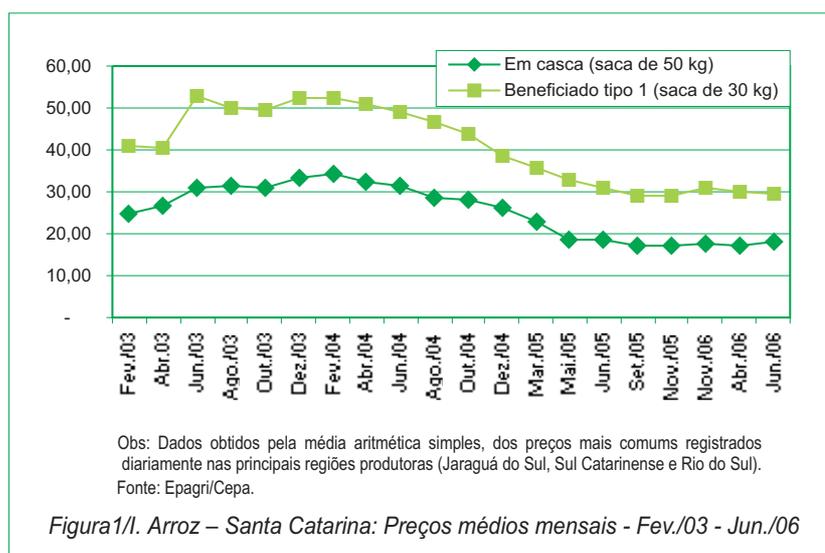
de dívidas dos produtores gaúchos, expansão de recursos para a AGF, implementação dos leilões de contratos públicos e privados).

O sobreofertado mercado interno brasileiro manteve, em linhas gerais, uma alternância entre períodos de curta duração com maior dinamismo dos negócios, e outros, mais longos, com baixa movimentação (Gráfico 1).

Tabela 6/I. Arroz - Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safra 2003/04 a 2005/06

Safra	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque Inicial	332,7	1.507,2	2.183,2
Produção	12.829,4	13.227,5	11.521,9
Importação	1.097,3	728,2	750,0
Suprimento	14.259,4	15.462,9	14.455,1
Consumo	12.660,0	12.900,0	13.000,0
Exportação	92,2	379,7	400,0
Estoque final	1.507,2	2.183,2	1.055,1

Fonte: Conab (Avaliação da safra agrícola 2005/06 - oitavo levantamento - jul./06)



Em estreita correlação com este quadro, os preços do grão no mercado brasileiro em geral e no catarinense em particular, após terem atingido seu auge no período praticamente correspondente ao da safra 2003/04, voltaram a declinar até abril último.

A reação dos dois últimos meses vem sendo encarada como o início de um novo ciclo, moderado, de crescimento dos preços.

Santa Catarina

Santa Catarina, como se assinalou, manteve o volume de produção um pouco abaixo de 1,1 milhão de toneladas. Para tanto, cresceu 6% em relação a 2004 e 1,5% em relação à penúltima safra.

O mesmo aconteceu com a evolução da área plantada, também recordista em termos estaduais, que se expandiu 2% em relação a 2004 e muito pouco em relação a 2005.

O rendimento médio dos arrozaes do estado segue sendo o mais elevado do País, tendo crescido 4% acima da safra colhida em 2004.

Em relação à safra de 2005, foi 1,5% maior (Tabela 7). Expressão da intensa absorção de tecnologia pelos produtores catarinenses, o vigoroso impulso da produção em canchas inundadas permitiu ao estado alcançar, nesta safra, 99,4% da quantidade de arroz produzida.

Tabela 7/I. Arroz em casca - Quantidade total produzida, área plantada e rendimento médio nas principais MRGs - Santa Catarina - 2004-06

Quantidade produzida (t)	2004	2005	2006
Santa Catarina	1.011.592	1.055.613	1.071.559
Araranguá	292.826	322.035	339.508
Criciúma	134.032	149.015	148.384
Joinville	161.306	169.186	147.419
Tubarão	147.160	143.123	139.243
Rio do Sul	88.443	94.508	100.482
Blumenau	72.141	71.747	73.792
Itajaí	75.385	67.358	66.878
Principais regiões	971.293	1.016.972	1.015.706
Área plantada (ha)	2004	2005	2006
Santa Catarina	151.598	154.459	154.566
Araranguá	49.200	49.140	50.030
Criciúma	19.781	20.753	20.855
Joinville	20.306	20.691	19.982
Tubarão	20.404	20.754	20.569
Rio do Sul	11.511	11.796	12.132
Blumenau	8.797	8.885	8.985
Itajaí	8.744	9.989	10.729
Principais regiões	138.743	142.008	143.282
Rendimento médio (kg/ha)	2004	2005	2006
Santa Catarina	6.672,9	6.834,3	6.855,1
Araranguá	5.951,7	6.553,4	6.786,1
Criciúma	6.775,8	7.180,4	7.115,0
Joinville	7.943,8	8.176,8	7.377,6
Tubarão	7.212,3	6.896,2	6.769,6
Rio do Sul	7.683,3	8.011,9	8.282,4
Blumenau	8.200,6	8.075,1	8.212,8
Itajaí	8.621,3	6.743,2	6.233,4
Principais regiões	52.388,9	51.636,9	50.776,8

Fonte: IBGE.

Na outra ponta, a produção do arroz de sequeiro resumiu-se a 6,5 mil toneladas. A área plantada ficou em torno de 3,5% (5,2 mil hectares) da estadual; o rendimento médio (1,32 tonelada por hectare) equivaleu a 16% da média estadual.

A produção do irrigado catarinense, por seu turno, quase alcançou 1,06 milhão de toneladas, produzidas, neste ano agrícola, em 149,4 mil hectares, com um rendimento médio de 7,06 toneladas por hectare.

Tais números indicam um crescimento muito baixo nos três indicadores produtivos:

- em quantidade produzida, 0,2% sobre a penúltima safra e 5,5% em relação à safra 03/04;
- em área cultivada, 1,5% sobre a penúltima safra e 3,5% em relação à safra 2003/04;
- em rendimento médio, 1% a menos que na penúltima safra e 1% a mais do que na de 2003/04.

As sete principais regiões produtoras de arroz irrigado abarcaram, nas três últimas safras, em torno de 97% da quantidade produzida neste estado - percentual levemente decrescente se comparado ao do começo deste século.

Tais regiões elevaram em 6% sua participação no volume de produção estadual desde 2004 e 1% desde 2005.

O alcance destes números deveu-se mais à expansão de área (cerca de 3,5% no triênio e 1% no biênio) do que ao acréscimo de produtividade (mais 2% desde 2004 e menos 1% entre as duas últimas safras).

Três destas regiões - Joinville, Criciúma e Tubarão - reduziram sua produção e produtividade em consequência da conjugação de dois tipos de fatores:

- 1º. contratempos climáticos de intensidade variada e ocorrência localizada (estiagem em algumas localidades, chuvas em outras, períodos de friagem e de calor forte), redução da adubação de base e excesso de adubação nitrogenada;
- 2º. distorções estruturais de mercado que vêm induzindo os produtores a utilizar insumos desaprovados tecnicamente ou em dosagens inadequadas.

A produção do cereal, então, ficou assim distribuída nesta safra:

- *Araranguá* produziu cerca de 339,5 mil toneladas, ou 32% do montante estadual e cresceu no triênio; ocupou 1/3 da área estadual cultivada sob irrigação, e obteve rendimento 5% abaixo da média estadual.

Isto significa que:

- a produção cresceu 16% desde 2004 e 5,5% desde 2005;
- as áreas ocupadas em 2004 e 2005, de dimensões muito aproximadas, expandiram-se em quase 2%;
- por fim, o rendimento por hectare alçou-se, respectivamente, 14% e 3,5% em relação a 2004 e a 2005.
- *Joinville*, com mais de 154 mil toneladas produzidas e de 50 mil hectares plantados, participou, nas duas últimas safras, com 14% dos respectivos totais estaduais. Foi uma queda de 2% na representatividade da região na produção estadual do irrigado.

Resultou da contração de 4,5% no montante produzido, de 1,5% na área cultivada e de 3% no rendimento médio desde 2004.

Mas, entre as duas últimas safras, as perdas foram um pouco mais acentuadas: 9% em quantidade produzida, 3,5% em área plantada e 5,5% em rendimento.

- *Criciúma*, em crescimento contínuo desde fins do século passado, aproximou-se, em 2005, de 149 mil toneladas. Foi 11% maior do que a de 2004 e 0,5% menor do que a de 2006.

Sua área plantada foi maior do que a de 2005 em 0,5% e da de 2006 em 5,5%. Seu rendimento médio, ao contrário, foi declinante: 2% em relação a 2005 e 6% a 2004.

- *Tubarão*, cuja produção se situa por volta de 13% da do irrigado estadual, totalizou, nesta safra, 139 mil toneladas, 2,5% menor do que a de 2005 e 5,5% do que a de 2004. Foram perdas devidas primordialmente à redução do rendimento médio (- 2% entre as duas últimas safras e -6% desde 2004). A área plantada, portanto, pouco variou: -1% entre as duas últimas safras e 1% no triênio.
- *Rio do Sul* produziu quase 100 mil toneladas em 2006, 9% do irrigado estadual. Representou um acréscimo de 14% no volume regional de produção desde 2004 e 5% entre as duas últimas safras.

A área plantada cresceu 10% desde 2004 e 3,5% desde 2005. O rendimento médio (8,22 toneladas por hectare, o mais alto do país) cresceu 3,5% no triênio e 1,5% no biênio.

- *Itajaí* vem produzindo em torno de 7% do arroz irrigado estadual. Após um pequeno período de recuo, a recuperação da quantidade produzida regional entre as duas últimas safras (8%) não foi suficientemente forte para igualar a produção de 2004 (- 3,5%).

Em relação ao mesmo ano, tais níveis produtivos resultaram da contraposição entre o crescimento de 23% em área de cultivo e da queda de produtividade em 22%.

Já em relação a 2005, esta última safra do irrigado catarinense teve seu crescimento em quantidade fundado no incremento da área plantada (7,5%) – o rendimento médio das plantas permaneceu praticamente o mesmo (0,5% a mais).

- *Blumenau*, por fim, obteve uma quantidade produzida muito próxima à de Itajaí, cerca de 72,7 mil toneladas produção. Cresceu pouco menos de 1% a partir de 2004 e pouco mais do que isto em 2005. Em área cultivada, o crescimento foi de quase 2% no triênio e de quase 1% no biênio. Em rendimento médio, cresceu 2% no triênio e manteve a média de 2005 (Tabela 8).

Tabela 8/I. Arroz em casca - Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do irrigado nas principais MRGs - Santa Catarina - 2003-06

Quantidade produzida (t)	2003	2004	2005	2006
Santa Catarina	1.017.751	1.001.720	1.052.667	1.054.875
Araranguá	336.300	292.826	322.035	339.508
Joinville	168.284	161.286	169.166	154.162
Criciúma	120.773	133.978	148.961	148.352
Tubarão	135.435	147.003	142.966	139.109
Rio do Sul	85.353	86.894	94.361	98.970
Itajaí	76.805	75.385	67.358	72.768
Blumenau	69.316	72.141	71.747	72.714
Principais regiões	992.266	969.513	1.016.594	1.025.583
Área plantada (ha)	2003	2004	2005	2006
Santa Catarina	134.655	143.187	147.415	149.383
Araranguá	47.790	49.200	49.140	50.030
Joinville	18.765	20.296	20.681	19.982
Criciúma	17.098	19.743	20.715	20.835
Tubarão	18.880	20.322	20.672	20.502
Rio do Sul	10.697	10.940	11.638	12.033
Itajaí	8.615	8.744	9.989	10.729
Blumenau	8.647	8.797	8.885	8.950
Principais regiões	130.492	138.042	141.720	143.061
Rendimento médio (kg/ha)	2003	2004	2005	2006
Santa Catarina	7.558,2	6.995,9	7.140,8	7.061,5
Araranguá	7.037,0	5.951,7	6.553,4	6.786,1
Joinville	8.968,0	7.946,7	8.179,8	7.715,0
Criciúma	7.063,6	6.786,1	7.191,0	7.120,3
Tubarão	7.173,5	7.233,7	6.915,9	6.785,1
Rio do Sul	7.979,2	7.942,8	8.108,0	8.224,9
Itajaí	8.915,3	8.621,3	6.743,2	6.782,4
Blumenau	8.016,2	8.200,6	8.075,1	8.124,5
Principais regiões	7.604,0	7.023,3	7.173,3	7.168,9

Fonte: IBGE.

César A. Freyesleben Silva



Importância econômica

A banana é a mais importante das frutas nos países tropicais. Dentre todas as frutíferas cultivadas no mundo, é ela que apresenta o maior volume de produção, como se pode ver na tabela 1, sendo, por isso, uma das frutas mais consumidas. Em muitos países ela é a principal fonte de arrecadação e geradora de emprego e renda para a maioria da população; é particularmente importante por ser componente básico da alimentação de grande parte dos habitantes, graças ao seu alto valor nutritivo.

Tabela 1/I. Produção mundial das principais frutas - 2001 a 2005

Fruta	2001	2002	2003	2004	2005
Banana ⁽¹⁾	97.496.588	101.323.783	102.575.060	105.570.149	106.127.483
Melancia	81.469.854	89.054.620	94.395.182	94.508.578	95.137.328
Banana	66.148.554	69.137.891	70.665.112	72.593.073	72.624.562
Uva	60.758.371	61.964.528	63.411.700	67.070.746	66.413.393
Maçã	57.688.992	55.576.873	58.981.789	63.205.385	63.488.907
Laranja	60.535.233	62.117.052	61.195.898	64.295.302	59.904.874
Coco	51.998.971	52.755.845	54.043.589	54.707.487	55.014.524
Plátanos	31.348.034	32.185.892	31.909.948	32.977.076	33.502.921
Manga	24.937.235	26.531.920	27.167.263	27.043.155	27.966.749
Melão	19.979.232	24.315.426	25.530.387	26.748.830	27.370.675
Tangerina	20.793.821	21.216.403	22.146.165	23.570.842	23.314.139
Pêra	16.691.873	17.385.089	17.822.371	18.693.165	19.553.799
Abacaxi	14.963.795	15.102.503	15.564.389	15.702.091	15.889.647
Pêssego e nectarina	14.018.426	14.866.833	14.901.425	15.301.003	15.671.847
Lima e limão	11.956.523	12.231.431	12.736.768	12.376.713	12.530.565
Ameixa	9.122.751	9.016.157	10.423.067	9.627.208	9.863.398
Mamão	6.239.727	6.515.601	6.770.750	6.786.794	6.753.240
Grape-fruit e pomelo	5.068.704	4.824.775	4.596.815	4.685.271	3.645.770
Morango	3.204.152	3.215.687	3.335.991	3.546.527	3.530.245
Abacate	2.821.271	2.997.435	3.169.429	3.138.340	3.222.069
Caqui	2.294.407	2.488.551	2.511.264	2.518.123	2.477.400
Cereja	1.830.308	1.731.600	1.836.748	1.834.218	1.864.338
Caju	1.618.007	1.668.010	1.671.010	1.678.010	1.678.010
Kiwi	1.036.168	1.004.992	991.145	1.071.763	1.146.982
Figo	983.904	1.092.686	1.050.076	1.061.644	1.070.676
Framboesa	432.044	471.133	441.748	485.292	482.763
Marmelo	375.319	380.908	394.661	385.901	390.735

⁽¹⁾ Banana + Plátano.
Fonte: FAO (abr./06).

O consumo tem apresentado significativo crescimento a cada ano, graças ao empenho do setor produtivo na qualificação da produção e do setor mercadológico nos aspectos que envolvem a apresentação do produto e a divulgação dos benefícios para quem o consome. Dados da FAO relatam que o consumo mundial, em 2005, foi de 9,1 kg/habitante/ano.

A inclusão da banana, que é rica em potássio, na dieta habitual dos adultos e idosos, está sendo recomendada pelos especialistas depois que estudos acentuaram a importância do mineral para a função muscular adequada, inclusive o coração. Uma banana média, de 115g, fornece um terço das necessidades diárias recomendadas de potássio. Cada banana contém cerca de 100 calorias, principalmente sob a forma de frutose e amido, que o corpo converte em energia. É, por isso, um dos alimentos favoritos dos atletas, que a consideram um anabolizante natural.

A banana, nos últimos anos, apresentou aumentos significativos na produção, chegando a ser, juntamente com o plátano - que serve para consumo depois de frita ou cozida -, a fruta de maior volume produzido entre as principais espécies cultivadas no mundo, conforme dados da FAO, divulgados em abril de 2006, relativos à evolução da área, da produção e do rendimento médio, como se pode ver na tabela 2.

Tabela 2/I. Banana – Evolução da cultura no mundo – 1999 - 2005

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Área (mil ha)	4.005	4.108	4.139	4.316	4.405	4.445	4.456
Produção (mil t)	65.353	64.576	66.149	69.138	70.665	72.593	72.625
Rendimento (kg/ha)	16.319	15.719	15.980	16.019	16.043	16.332	16.300

Fonte: FAO.

Produção mundial

No ano de 2005, o cultivo da bananeira ocupou 4.456.485 hectares no mundo, superando em 0,26% a área cultivada no ano anterior. A produção alcançou 72.624.562 toneladas, sendo 0,04% maior que o volume alcançado em 2004, enquanto a produtividade média foi 1,6% menor, passando de 16.332 kg/ha para 16.300 kg/ha. Na tabela 2, observamos a evolução da cultura nos últimos sete anos, constatando-se que está ocorrendo aumento da produção em função do aumento da área plantada, mesmo porque a produtividade média foi decrescente no período. De 1999 a 2005, a bananicultura mundial evoluiu 11,3% na produção, 11,1% na área plantada; apresentou queda de 0,2% na produtividade média.

Em 2005, a exemplo de anos anteriores, a maior produção foi registrada na Índia, totalizando 16.820.000 toneladas, com participação de 23,2% na oferta mundial da fruta. O Brasil é o segundo em produção, com 9,8%, seguido pela China, com 8,8%, e pelo Equador, com 8,1%. A maior área plantada também foi a da Índia, que totalizou 620.000 hectares, representando 15,3% da área plantada no mundo, enquanto a maior produtividade foi conseguida na Nicarágua, com rendimento médio de 59.659 kg/ha, quase quatro vezes maior que a média mundial. Na tabela 3, estão relacionados os vinte países com maior produção, as respectivas áreas plantadas e rendimento médio e ainda o comparativo entre as duas últimas safras.

Tabela 3/I. Banana – Área plantada, produção e rendimento médio nos 20 principais países produtores - 2004-2005

País	Produção(t)		Área plantada (ha)		Rendimento médio(kg/ha)	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Índia	16.820.000	16.820.000	680.000	680.000	24.735	24.735
Brasil	6.606.830	6.702.760	490.229	494.462	13.477	13.556
China	6.245.900	6.390.000	269.150	274.200	23.206	23.304
Equador	6.038.077	5.877.830	216.510	209.027	27.888	28.120
Filipinas	5.638.060	5.800.000	415.427	430.000	13.572	13.489
Indonésia	4.874.439	4.503.467	314.708	315.000	15.489	14.297
Costa Rica	2.220.000	2.220.000	45.700	45.700	48.578	48.578
México	2.026.610	2.026.610	72.645	72.645	27.897	27.897
Tailândia	2.000.000	2.000.000	153.000	153.000	13.072	13.072
Burundi	1.600.000	1.600.000	300.000	300.000	5.333	5.333
Colômbia	1.572.250	1.600.000	62.730	62.000	25.064	25.806
Vietnã	1.353.800	1.250.000	92.167	95.000	14.689	13.158
Guatemala	1.000.000	1.000.000	19.040	19.040	52.521	52.521
Honduras	811.232	887.072	19.206	20.533	42.238	43.202
Egito	875.123	880.000	21.270	21.000	41.143	41.905
Papua Nova Guiné	870.000	870.000	62.000	62.000	14.032	14.032
Polinésia Francesa	870.000	870.000	100.000	110.000	8.000	7.273
Camarões	797.739	790.000	82.113	82.000	9.715	9.634
Samoa Americana	750.000	750.000	300.000	300.000	2.500	2.500
Síria	732.000	750.000	31.000	31.000	23.613	24.193

Fonte: FAO.

Produção brasileira

A bananeira é uma das principais fruteiras em exploração no Brasil. O volume de banana produzido no País só é superado pela quantidade de laranjas, como se pode ver na tabela 4, que apresenta os volumes produzidos e a evolução da produção das principais frutas cultivadas no Brasil desde 2001 até 2005. Todas as frutíferas mais cultivadas no País apresentaram evolução significativa no período, conforme foi divulgado pela FAO no boletim de abril de 2006, constante da tabela 4.

Tabela 4/I. Principais Frutas – Quantidade produzida - Brasil – 2001 - 2005

Fruta	2001	2002	2003	2004	2005
Laranja	16.983.248	18.530.600	16.917.600	18.270.500	17.804.600
Banana	6.176.960	6.422.860	6.800.990	6.606.830	6.702.760
Coco	2.130.821	2.892.350	2.978.490	2.942.630	3.033.830
Mamão	1.489.324	1.597.700	1.714.590	1.650.000	1.650.000
Abacaxi	1.430.020	1.433.230	1.440.010	1.435.660	1.418.420
Tangerina	1.124.980	1.262.740	1.304.740	1.270.000	1.270.000
Uva	1.058.490	1.148.650	1.067.420	1.283.200	1.208.680
Lima e Limão	964.817	984.551	981.339	1.000.000	1.000.000
Manga	782.308	842.349	925.018	850.000	850.000
Maçã	716.030	857.388	841.821	973.325	843.919
Melancia	600.000	1.491.130	1.905.800	622.000	622.000
Caju	124.073	164.539	183.094	182.632	251.268
Pêssego e Nectarina	222.616	218.292	220.364	216.000	216.000
Abacate	154.206	173.930	156.661	175.000	175.000
Pomelo	66.000	67.000	67.000	67.500	67.500
Caqui	65.000	65.500	66.000	67.000	67.000
Figo	25.981	23.921	25.586	25.000	25.000
Pêra	21.502	19.696	19.790	22.000	22.000
Marmelo	4.600	4.700	4.700	4.800	4.800
Morango	2.600	2.700	2.700	2.750	2.750

Fonte: FAO.

Além da importância, em razão dos volumes produzidos e da área ocupada, a banana se apresenta, também, como de grande importância no cenário nacional por ser o Brasil o maior consumidor mundial da fruta. O consumo per cápita de bananas vem avançando gradativamente nos últimos anos, embora haja crescimento significativo do consumo de outras espécies frutíferas.

A forte concorrência entre as frutas é amenizada pela mudança de hábito alimentar da população em geral, que, preocupada com uma alimentação mais sadia, está incluindo no seu cardápio maior quantidade e diversidade de frutas. Segundo a FAO, em relatório do mês de abril de 2006, no ano de 2003 o consumo nacional de banana foi de 31,0 kg/habitante/ano, superando o de todas as outras frutas, como está apresentado na tabela 5, na qual se observa a evolução, de 1998 a 2003, do consumo per cápita das frutas mais consumidas no Brasil.

Tabela 5/I. Consumo per cápita das frutas mais consumidas no Brasil - 1998 - 2003

Fruta	(kg/per cápita)					
	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Banana	26,6	27,0	27,6	29,6	29,6	31,0
Lima e Limão	2,3	2,2	2,1	4,3	4,4	4,1
Maçã	4,8	4,9	5,7	3,8	3,8	3,5
Laranja	42,3	56,1	43,9	13,6	40,1	26,3
Abacaxi	5,2	6,8	5,9	6,5	6,4	6,1
Uva	2,8	2,5	3,1	3,2	3,4	3,3

Fonte: FAO.

A bananeira é cultivada, sem exceção, em todos os estados da Federação. Nos últimos anos, a atividade vem enfrentando problemas de mercado, em especial problemas de qualidade e apresentação. No entanto, a maior dedicação dos produtores, com o aumento do uso da tecnologia disponível - alavancado por programas governamentais que estimulam o aumento das exportações - , estão ocorrendo, com mais facilidade, permitindo o aprimoramento na fase de produção e beneficiamento da fruta, com sensível diminuição de perdas ao longo do processo produtivo, contribuindo para que o setor consiga amenizar algumas situações.

Aos poucos, os produtores brasileiros, que antes produziam somente para consumo local, estão se dedicando às vendas para outras regiões e até para o exterior.

Em 2005, a produção nacional foi 3,0% maior que na safra anterior, totalizando 6.802.991 toneladas nos 516.778 hectares cultivados, por sua vez 2,4% maior que a do ano anterior, conforme divulgado pelo IBGE em relatório do mês de maio de 2006, e apresentado na tabela 6, em que se comparam as safras dos últimos três anos em cada estado. O rendimento médio dos bananais em 2005 foi de 13.164 kg/ha, contra 13.091kg/ha conseguidos no ano passado.

O grande impulso para o aumento da produção nacional no ano de 2005 veio da contribuição do estado de São Paulo. Os produtores paulistas aumentaram em 25,6% a área plantada e em 11% a produção do estado, mesmo tendo diminuído em 11,5% a produtividade média dos bananais. Na maioria dos outros estados também houve pequena queda no rendimento médio; em boa parte deles houve redução na área plantada, determinando o pequeno aumento registrado no País.

São Paulo, que sempre foi o primeiro em participação na produção, na área plantada e no rendimento médio, desponta agora como o terceiro estado em produtividade. O rendimento médio das plantações paulistas caiu de 21.723 kg/ha para 19.219 kg/ha, superando a média nacional, mesmo assim, em 44%.

Tabela 6/I. Banana - Área plantada e quantidade produzida no Brasil nos estados - 2003 - 2005

Estado	Área plantada (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Rondônia	6.889	6.851	6.781	56.048	56.117	57.571
Acre	7.501	7.654	8.926	57.918	62.503	55.480
Amazonas	35.009	32.357	32.357	378.800	354.433	354.433
Roraima	3.500	5.670	5.670	17.500	36.454	36.454
Pará	54.229	42.314	41.855	702.631	540.312	537.900
Amapá	1.459	875	700	2.226	2.072	2.635
Tocantins	6.121	5.290	5.370	34.930	4.515	35.368
Maranhão	11.790	12.907	11.837	125.106	127.407	126.827
Piauí	2.496	2.247	1.933	30.571	28.965	25.203
Ceará	42.068	42.847	42.120	341.447	42.261	363.025
Rio G.do Norte	6.284	6.362	6.643	192.648	199.033	201.048
Paraíba	16.300	16.542	16.077	287.951	284.896	257.447
Pernambuco	43.942	39.118	35.572	417.793	350.716	356.188
Alagoas	5.274	4.255	4.033	55.530	51.799	48.799
Sergipe	4.564	4.332	4.267	63.823	64.936	64.547
Bahia	51.541	61.148	70.011	749.945	844.739	971.057
Minas Gerais	40.215	40.235	39.430	543.991	561.721	550.503
Espírito Santo	22.265	21.383	21.185	158.340	170.509	180.207
Rio de Janeiro	25.897	24.295	24.077	163.201	160.916	162.327
São Paulo	61.000	48.820	61.300	1.182.585	1.060.520	1.178.140
Paraná	9.793	10.970	9.849	240.761	247.835	229.493
Santa Catarina	29.714	30.069	31.164	618.403	655.680	668.003
Rio G. do Sul	10.768	10.764	10.501	114.680	94.964	108.187
Mato G. do Sul	2.763	2.043	1.714	26.820	19.799	16.449
Mato Grosso	13.900	10.914	8.425	83.236	66.978	60.528
Goiás	13.922	14.263	14.818	159.984	159.669	153.018
Dist. Federal	120	141	163	1.457	1.957	2.154
Total	529.324	504.666	516.778	6.774.985	6.606.834	6.802.991

Fonte: IBGE.

Produção catarinense

A bananeira é a principal frutífera em área cultivada no estado. Alterna-se com a macieira em importância econômica. O valor da produção é estimado em R\$ 107 milhões anuais. A cultura tem grande importância social, pois, segundo o último censo agrícola do IBGE, em Santa Catarina são 25.778 os produtores rurais que exploram a cultura; em cerca de 5.000 estabelecimentos agrícolas, a banana é a principal fonte de renda. Aproximadamente 97,7% dos produtores catarinenses cultivam 10 hectares ou menos.

A produção catarinense atende aos diversos mercados da fruta. Cerca de 15% do total é absorvido pelas indústrias instaladas no estado; 20% é destinado ao consumo in natura no próprio estado; 25% é registrado como perdas que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor, e a maioria, ou seja, 40%, destina-se a outros mercados. Em 2005, as exportações absorveram 20% do total produzido, sendo a maioria destinada ao Mercosul, restando, portanto, 20%, estes destinados aos mercados dos outros estados brasileiros.

A tabela 7 mostra a área plantada, a produção obtida, o rendimento médio dos bananais e o comparativo das duas últimas safras nas microrregiões geográficas, nas quais se destaca a queda no rendimento médio dos bananais nas microrregiões de Itajaí e Joinville, sem, no entanto, determinar resultado negativo no volume total produzido pelo estado, pois ambos tiveram aumento de área destinada à colheita em 2005. Nota-se também recuperação, embora discre-

ta, dos bananais do sul do estado, que no ano anterior tiveram fraca performance em decorrência do furacão Catarina que atingiu a região, destruindo cerca de 60% dos bananais. Destaque para a microrregião de Joinville, que continua obtendo os melhores resultados do estado, sendo responsável por 54,2% do montante produzido no ano de 2005, seguida pelas microrregiões de Blumenau e Itajaí, que produziram, respectivamente, 21,6% e 14,8% do total estadual. Portanto, a região norte do estado é responsável pela produção de 90,7% da banana catarinense.

Na tabela 8 estão identificados, por ordem de produção, os 20 principais municípios do estado e as respectivas áreas plantadas, bem como o rendimento médio

alcançado por cada um deles no ano de 2005. Observa-se, nestes municípios, que a maioria apresentou estabilidade no rendimento médio, excetuadas Ilhota, Corupá e Santa Rosa, que apresentaram, respectivamente, 37%, 18% e 6% de redução e Criciúma, com 33%, Massaranduba, com 12%, e Garuva, com 7% de aumento na produtividade média. O volume da produção somente foi negativo nos municípios de Joinville (16%) e Ilhota (13%). No primeiro, porque a redução da área destinada à colheita foi 16% menor que em 2004 e no segundo, porque o rendimento médio dos

Tabela 7/I. Banana - Área, produção e rendimento médio nas microrregiões de Santa Catarina - 2004 - 2005

Microrregião Geográfica	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Araranguá	5.661	5.761	22.495	24.015	3974	4.619
Blumenau	5.033	4.994	144.792	144.233	28.769	28.881
Canoinhas	30	30	210	210	7.000	7.000
Chapecó	14	0	112	0	8.000	0
Concórdia	20	10	310	200	15.500	20.000
Criciúma	1.937	1.706	15.688	15.799	8.099	9.261
Florianópolis	668	668	8.471	8.471	12.681	12.681
Itajaí	3.031	3.304	96.350	99.070	31.788	29.985
Joinville	12.854	13.902	353.537	362.372	27.504	26.066
São Bento	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Tabuleiro	16	16	186	186	11.625	11.625
Tijucas	305	305	5.290	5.440	17.344	17.836
Tubarão	214	182	2.519	2.287	11.771	12.566
Total	30.069	31.164	655.680	668.003	21.806	21.435

Fonte: IBGE.

Tabela 8/I. Banana - Área, produção e rendimento médio nos 20 principais municípios produtores de Santa Catarina - 2004 - 2005

Município	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2004	2005	2004	2005	2004	2005
Corupá	4.395	5.384	148.130	147.992	33.704	27.487
Luis Alves	4.200	4.200	130.200	130.200	31.000	31.000
Massaranduba	1.720	1.850	41.656	50.300	24.219	27.189
Jaraguá do Sul	1.880	1.900	45.600	46.100	24.255	24.263
S. João Itaperiú	1.360	1.480	37.750	41.110	27.757	27.777
Schoereder	900	982	29.800	32.670	33.111	33.269
Garuva	1.303	1.333	28.546	28.926	21.908	21.700
Barra Velha	840	945	25.200	28.350	30.000	30.000
Guaramirim	936	936	27.620	27.620	29.509	29.509
Piçarras	400	400	16.000	16.000	40.000	40.000
Joinville	1.250	1.047	21.385	17.964	17.108	17.158
Jacinto Machado	3.540	3.540	12.601	13.492	3.560	3.811
Criciúma	800	800	6.384	8.480	7.980	10.600
Araquari	280	280	7.390	7.390	26.393	26.393
Ilhota	180	250	7.200	6.250	40.000	25.000
Rio dos Cedros	272	272	5.984	5.984	22.000	22.000
São Bento do Sul	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Rodeio	230	230	4.600	4.600	20.000	20.000
Antonio Carlos	300	300	4.500	4.500	15.000	15.000
Santa Rosa	900	1.000	4.120	4.320	4.578	4.320
Total Estadual	30.069	31.164	655.680	668.003	21.806	21.435

Fonte: IBGE.

bananais apresentou queda de 37%, sendo em parte compensada pelo aumento na área plantada. O município de Corupá, na microrregião de Joinville, foi o que mais produziu em 2005, sendo responsável por 22,2% da produção estadual, seguido bem de perto pelo município de Luis Alves, na microrregião de Itajaí, com 19,5%, e de Massaranduba, na microrregião de Blumenau, com 7,5%.

A maior área plantada em 2005 também foi a do município de Corupá, com participação de 17,3% do total plantado, seguido por Luis Alves, com 13,5%, e Jacinto Machado, com 11,4%. A maior produtividade foi das plantações do município de Piçarras, com 40.000kg/ha, sendo 86,6% maior que a média estadual.

Comércio mundial

As exportações mundiais de bananas em 2004 (últimos dados divulgados pela FAO) apresentaram cifras que totalizaram 5,2 bilhões de dólares, movimentando 15,9 milhões de toneladas, constituindo o maior volume e os maiores valores negociados nos últimos cinco anos, como se pode observar nas tabelas 9 e 10, nas quais está caracterizada a evolução do comércio mundial. O aumento das exportações, no período, foi bastante significativo, atingindo 11% do volume comercializado e 22% do valor das transações. Os preços do produto apresentaram oscilação, com significativa recuperação no último ano. De 2000 a 2004 houve crescimento de 10% no preço por tonelada da fruta.

Tabela 9/I. Banana – Comportamento das exportações mundiais – 2000 - 2004

Exportação	2000	2001	2002	2003	2004
Volume (mil t)	14.341	14.596	14.494	15.428	15.939
Valor (milhões US\$)	4.237	4.201	4.288	4.743	5.176
Preço (US\$/t)	295,45	287,45	295,85	307,43	324,74

Fonte: FAO.

Tabela 10/I. Comportamento das importações mundiais 2000 - 2004

Importação	2000	2001	2002	2003	2004
Volume (mil t)	14.442	13.653	13.907	14.821	14.873
Valor (milhões US\$)	6.098	5.892	5.854	7.059	7.765
Preço (US\$/t)	422,24	431,55	420,94	476,28	522,09

Fonte: FAO.

Alguns aspectos fazem com que a banana seja a fruta mais comercializada no mundo. Podem-se apontar, entre outros aspectos, o grande rendimento por hectare, o ser uma cultura de ciclo curto e apresentar facilidade de propagação, o de ser uma cultura de produção contínua, a facilidade de manipulação da fruta quando verde, de armazenamento e de maturação acelerada.

O consumo de bananas é relativamente alto em diversos países e tem aumentado com a expansão do conhecimento do seu valor nutritivo, além de seu excelente sabor, geralmente muito apreciado.

As tabelas 11 e 12 apresentam os 15 países que mais importaram e os 15 que

seja a fruta mais comercializada no mundo. Podem-se

Tabela 11/I. Banana – Principais países importadores - 2004

País	Volume (t)	%	Valor (mil US\$)	%
Estados Unidos	3.881.468	26,10	1.243.502	16,01
Alemanha	1.174.492	7,90	886.837	11,42
Japão	1.026.014	6,90	588.614	7,58
Bélgica	1.002.690	6,74	1.117.267	14,39
Rússia	858.124	5,77	359.289	4,63
Reino Unido	828.892	5,57	552.325	7,11
Itália	618.433	4,16	418.372	5,39
Canadá	442.336	2,97	180.681	2,33
França	406.105	2,73	232.446	2,99
China	380.933	2,56	93.455	1,20
Argentina	303.373	2,04	53.662	0,69
Irã	270.949	1,82	84.318	1,09
Polónia	257.793	1,73	124.050	1,60
Coréia do Sul	210.109	1,41	86.665	1,12
Suécia	208.032	1,40	201.928	2,60
Total	14.872.908		7.765.030	

Fonte: FAO.

mais exportaram a banana em 2004, bem como o percentual de participação em volume e valores em relação ao total comercializado. Os Estados Unidos são, há muitos anos, o maior país importador da fruta, com mais de um quarto do total exportado. O Equador sempre liderou as exportações de banana. Em 2004, a sua participação foi superior a 29%, vindo em seguida a Costa Rica, com 12,6%, e as Filipinas, com 11,3%. O Brasil figurou como 15º nas exportações, participando com 1,2% do total exportado.

Tabela 12/I. Banana - Principais países exportadores – 2004

País	Volume (t)	%	Valor (mil US\$)	%
Equador	4.698.818	29,48	1.022.899	19,76
Costa Rica	2.016.613	12,65	545.420	10,54
Filipinas	1.797.343	11,28	326.425	6,31
Colômbia	1.471.394	9,23	397.784	7,69
Guatemala	1.058.161	6,64	229.701	4,44
Bélgica	910.676	5,71	880.486	17,01
Honduras	583.141	3,66	188.432	3,64
Estados Unidos	445.757	2,80	197.088	3,81
Panamá	397.940	2,50	108.221	2,09
Camarões	294.886	1,85	74.763	1,44
Alemanha	237.582	1,49	214.631	4,15
Costa do Marfim	227.225	1,43	170.418	3,29
Emirados Árabes	215.598	1,35	60.313	1,17
França	202.772	1,27	135.693	2,62
Brasil	188.087	1,18	26.983	0,52
Total	15.938.941		5.176.104	

Fonte: FAO.

Mercado brasileiro

As exportações brasileiras em 2005 registraram volume superior ao de 2004, sem, no entanto, superar os números de 2002 e 2003, como se pode observar na tabela 13. Nela estão registrados os valores e os volumes comercializados, bem como o preço obtido por tonelada do produto nos últimos oito anos. Considerando que o ano foi bastante desfavorável para a comercialização da fruta, primeiro e principalmente em razão do problema da Sigatoka negra e, em seguida, pelo problema da greve dos fiscais federais e pelas já tradicionais barreiras fitossanitárias impostas pela Argentina, o resultado surpreende positivamente, pois supera em 12% o volume vendido no ano anterior.

Tabela 13/I. Banana – Exportações brasileiras – 1998 - 2005

Ano	Valor (mil US\$)	Volume (kg)	US\$/t
1998	11.628.281	68.555.354	169,63
1999	12.518.012	81.226.564	154,11
2000	12.359.117	71.812.393	172,10
2001	16.036.278	105.111.651	152,56
2002	33.573.950	241.038.163	139,29
2003	30.013.320	220.770.820	135,95
2004	26.983.243	188.086.660	143,46
2005	33.027.258	212.175.990	155,66

Fonte: MDIC/Secex.

Outro aspecto em sendo destaque nas vendas externas da banana: é a recuperação dos preços da fruta nos últimos anos. A tabela 13 mostra a significativa queda dos preços por tonelada até o ano de 2003 e sua recuperação nos anos subsequentes.

Santa Catarina continua sendo o estado de maior contribuição, com 64 % no volume e 37% no valor das exportações brasileiras do último ano. Verifica-se também, a cada ano, aumento significativo na participação do estado do Rio Grande do Norte, substituindo, em parte, os volumes antes vendidos pelo estado de São Paulo. A participação do estado nordestino no ano de 2005 foi de 31% no volume e de 59% no valor das operações brasileiras no setor bananeiro. Os estados de Minas Gerais e do Ceará vêm apresentando crescimento nos últimos anos, com vendas direcionadas, respectivamente, aos mercados do Mercosul e da Europa. Além destes, tiveram participação importante, porém menos intensa, no processo de exportação, os estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rondônia, Goiás, Pernambuco e Sergipe.

Os mercados externos da fruta brasileira são identificados pelos valores cobrados nas transações realizadas, como mostra a tabela 14, na qual se destaca o estado do Rio Grande do Norte,

por atender ao mercado europeu e, por isso, conseguir preços bem maiores que os da média nacional. Já Santa Catarina, além de negociar preços inferiores aos da média brasileira, registra queda de preços a cada ano, refletindo a necessidade de aumentar a qualidade da fruta que produz para melhor negociar sua produção. No comparativo dos últimos oito anos, a tabela mostra uma recuperação dos preços da média nacional e das vendas realizadas pelos estados de São Paulo e Rio Grande do Norte. Mostra também que Santa Catarina, apesar da queda sistemática no período, apresentou pequena recuperação em 2005, podendo-se acreditar em maior recuperação dos preços nas exportações nos próximos anos.

Tabela 14/I. Banana – Evolução das exportações (valor, quantidade e preço médio) nos principais estados - 1998 - 2005

Ano	Unidade	Santa Catarina	Rio Grande do Norte	São Paulo	Minas Gerais
1998	(1000 US\$)	3.785.221	2.230.149	4.212.835	40.070
	(t)	26.043.203	9.998.184	23.516.434	158.900
	(US\$/t)	145,34	223,06	179,14	252,17
1999	(1000 US\$)	6.241.130	2.607.166	2.492.749	12.413
	(t)	46.353.879	9.902.125	16.196.154	101.735
	(US\$/t)	134,64	263,29	153,91	122,01
2000	(1000 US\$)	4.283.742	5.536.503	1.334.179	19.127
	(t)	32.090.171	22.420.669	8.739.182	144.460
	(US\$/t)	133,49	246,94	152,67	132,40
2001	(1000 US\$)	6.620.691	6.655.462	1.238.883	279.833
	(t)	55.561.255	28.330.179	9.695.037	2.178.695
	(US\$/t)	119,16	234,92	127,79	128,44
2002	(1000 US\$)	17.155.004	13.673.136	997.672	431.805
	(t)	162.716.456	55.075.551	9.511.292	3.730.211
	(US\$/t)	105,43	248,26	104,89	115,76
2003	(1000 US\$)	11.992.125	14.759.776	1.649.516	405.474
	(t)	129.033.655	57.673.220	16.283.053	4.113.629
	(US\$/t)	92,94	255,92	101,30	98,57
2004	(1000 US\$)	10.478.119	14.812.680	1.063.918	275.846
	(t)	118.050.625	54.837.167	8.964.962	3.677.940
	(US\$/t)	88,76	270,12	118,68	75,00
2005	(1000 US\$)	12.110.698	19.544.583	896.479	197.492
	(t)	135.507.289	66.678.152	6.443.416	2.633.220
	(US\$/t)	89,37	293,12	139,13	75,00

Fonte: MDIC/Secex.

Mais de 98% das exportações brasileiras de banana, no último ano, estão concentradas em somente seis países - Argentina, Uruguai, Alemanha, Holanda, Itália e Reino Unido -, como se pode ver na tabela 15. Outros mercados, como a Espanha, Estados Unidos, Finlândia, Japão, Chile e Coréia do Sul, principalmente, estão surgindo gradativamente e poderão fazer parte do rol de grandes importadores de banana do Brasil, bastando para isto que a produção e o produtor nacional sejam mais competitivos.

Santa Catarina atende principalmente aos mercados da Argentina e do Uruguai. O estado de São Paulo mantém a tradição de ser o maior fornecedor de banana para o mercado do Uruguai. Minas Gerais tenta fortalecer as relações com o Mercosul. O Rio Grande do Norte estabelece um forte comércio com os países europeus. O estado do Ceará pretende o mesmo caminho.

O forte crescimento das exportações brasileiras para os países da Europa, nos últimos anos, se deve à presença de empresas multinacionais no processo produtivo da Região Nordeste do Brasil.

A atividade bananeira em Santa Catarina é bastante diversa. Os preços médios recebidos pelos produtores e os preços praticados no atacado apresentam situações diferenciadas quando se trata de um ou outro tipo de banana e, ainda, de uma ou outra região produtora.

Tabela 15/I. Banana – Principais países importadores (valor, quantidade e preço médio) da produção brasileira – 1998 - 2005

Ano	Unidade	Argentina	Alemanha	Itália	Holanda	Reino Unido	Uruguai
1998	(1000 US\$)	7.074.722	4.313	16.887	43.506	0	4.315.498
	(t)	43.700.124	1.104	51.960	11.424	0	24.426.880
1999	(1000 US\$)	6.758.345	42.870	546.804	149.991	854.914	4.061.838
	(t)	47.913.841	113.248	2.063.436	512.647	2.830.135	27.765.639
2000	(1000 US\$)	5.489.266	10.131	0	779.852	2.646.743	3.183.169
	(t)	35.005.092	3.536	0	2.891.784	9.846.331	23.317.189
2001	(1000 US\$)	7.953.801	16.614	0	241.531	4.526.470	3.241.858
	(t)	60.942.954	7.000	0	800.755	15.972.234	27.277.656
2002	(1000 US\$)	8.036.321	19.110	2.216.782	46.219	9.213.868	3.931.229
	(t)	163.088.023	2.389	8.218.080	15.754	30.093.519	39.452.218
2003	(1000 US\$)	11.698.951	839.828	6.053.208	3.552	7.488.961	3.747.394
	(t)	129.678.935	3.073.274	21.857.149	19.200	25.897.132	40.095.469
2004	(1000 US\$)	7.594.485	690.330	5.705.693	165.962	8.325.431	4.340.284
	(t)	91.372.087	2.542.481	20.762.449	401.119	30.631.489	42.292.538
2005	(1000 US\$)	8.201.100	900.156	6.898.408	1.059.495	10.669.812	.919.686
	(t)	97.902.917	2.795.116	23.350.824	3.525.266	36.133.826	47.766.408

Fonte: MDIC/Secex.

Enquanto os preços pagos ao produtor pela banana-prata em 2005, no sul do estado, foram 0,12% superiores aos do ano de 2004, na região de Joinville eles se apresentaram 8,15% maiores. No atacado, observou-se o mesmo comportamento, somente com percentuais diferentes. Os preços do sul foram 1,2% mais altos e os do norte, 3,1%. A banana-caturra apresentou, de maneira geral, uma situação mais preocupante para os produtores, pois a média dos preços de 2005 em relação a 2004 foi 34,3% menor no norte do estado, nas regiões de Joinville e Jaraguá do Sul, e 44% nas regiões de Criciúma e de Araranguá. No atacado, a região sul operou com preços 21,8% menores; na região norte, a defasagem foi de 27,4%, como se pode observar nas tabelas 16 e 17. Saliente-se que os preços no atacado referem-se à banana climatizada, sofrendo, portanto, agregação de valor.

Tabela 16/I. Banana-caturra - Preços médios no produtor e atacado - Santa Catarina – 2002 - 2005

(cx de 22kg)

	Região	2002	2003	2004	2005
Produtor	Norte	2,72	5,10	3,91	2,57
	Sul	2,55	4,33	5,22	2,93
Atacado	Norte	4,04	6,79	6,06	4,40
	Sul ⁽¹⁾	5,54	8,11	10,94	8,55

⁽¹⁾ Banana climatizada.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 17/I. Banana-prata - Preços médios no produtor e atacado - Santa Catarina – 2002 - 2005

(cx de 22kg)

	Região	2002	2003	2004	2005
Produtor	Norte	4,94	7,27	7,24	7,83
	Sul	4,91	6,45	8,26	8,27
Atacado	Norte	6,72	9,58	10,00	10,31
	Sul ⁽¹⁾	8,89	10,87	15,04	15,22

⁽¹⁾ Banana climatizada.

Fonte: Epagri/Cepa.

Este comportamento dos preços revelou um ano bastante difícil para a bananicultura catarinense, em razão, basicamente, do aparecimento da Sigatoka negra em 2004 e por seus reflexos no ano subsequente.

Os resultados não deverão desestimular os produtores para a próxima safra. Mesmo com alguma diminuição da área plantada no estado, o andamento do processo que condiciona o aumento da qualidade da fruta e que está sendo posto em prática em Santa Catarina não deverá ser prejudicado.

Admir Tadeo de Souza



Safra 2004/05 - Recorde nacional de produção

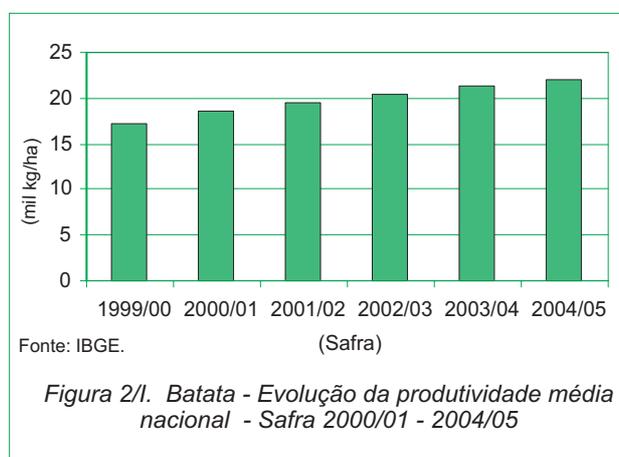
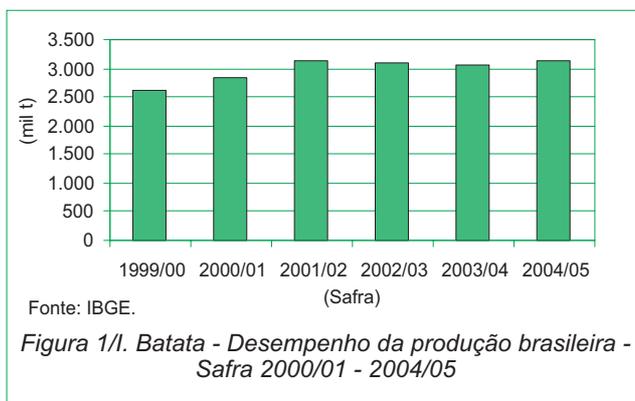
Os dados oficiais conclusivos do desempenho da bataticultura brasileira na campanha correspondente ao ano agrícola 04/05 revelaram valores excepcionais para a atividade.

De acordo com informações recentemente disponibilizadas pelo IBGE, o total da produção colhida nessa safra somou aproximadamente 3.128,5 mil toneladas, com crescimento de apenas de 2,7% comparativamente ao montante da oferta alcançado na campanha imediatamente anterior.

Apesar do pequeno incremento da produção colhida, este resultado é o melhor já apresentado pela atividade no País, que registrou, nos últimos anos, o seguinte comportamento conforme demonstrado na figura 1.

Este bom desempenho da atividade deve ser creditado exclusivamente aos crescentes ganhos de produtividade média dos campos nacionais. Estes, conforme revela a figura 2, em vista da adoção de melhores e mais modernas técnicas de cultivo do produto, apresentaram-se crescentes a cada ano, observando-se que apenas no decorrer desta década já registraram crescimento superior a 28,0%.

Outro fator a se destacar é o crescimento da produção no estado de Minas Gerais - principal produtor de batatas do Brasil -, o qual, isoladamente, respondeu por mais 32,0% do total da oferta interna nesta campanha.



A propósito, na safra recém-finda, o rendimento nacional médio que a atividade alcançou foi de 22.020 kg/ha, também recorde histórico de produtividade na cultura.

O total da área cultivada somou ao redor de 142,5 mil hectares, praticamente repetindo o dado registrado no cultivo anterior. Destaca-se, todavia, a tendência verificada nos últimos anos, decrescente relativamente ao total da área cultivada no País, a qual, somente nos quatro últimos anos, acusou redução de plantio superior a 11,0%.

O comportamento da área plantada com batatas no Brasil, nos últimos anos, pode ser visualizado melhor na figura 3.

O desempenho da cultura no País, nesta campanha, por estado produtor, segundo dados do IBGE, apresentou-se conforme demonstrado na tabela 1.

Na primeira safra, ou das águas - tradicionalmente responsável por aproximadamente 45,0% do total da oferta anualmente colhida no País -, a produção somou 1.418,1 mil toneladas de batata. A área plantada foi de 70,5 mil hectares e a produtividade média alcançou 20.123 kg/ha.

No segundo cultivo, ou das secas, foram cultivados 43,3 mil hectares. A produção obtida somou 926,3 mil toneladas e representou 29,6% do total da colheita do País em 2005. O rendimento médio ficou em 21.392 kg/ha.

Na terceira safra, ou de inverno, foram plantados ao redor de 28,7 mil hectares de batatas. De acordo com o IBGE, a oferta colhida foi de aproximadamente 784,1 mil toneladas do tubérculo, correspondentes a 25,1% do total da produção alcançada na campanha 04/05. A produtividade média obtida foi de 27.280 kg/ha.

Em Santa Catarina, de acordo com o Grupo de Coordenação das Estatísticas Agropecuárias - GCEA, do IBGE -, o montante da produção colhida na campanha supracitada somou aproximadamente 113,5 mil toneladas, volume 5,9% inferior ao obtido na safra do ano anterior. O total da área cultivada alcançou 8.189 hectares, com redução de 5,5%. A produtividade média colhida foi de 13.857 kg/ha.

No primeiro cultivo, a área plantada somou 6,54 mil hectares e a produção colhida, 91,8 mil toneladas. O rendimento médio alcançado foi de 14.029 kg/ha.

No segundo plantio, o total da produção colhida foi de 21,7 mil toneladas de batatas. A área cultivada alcançou apenas 1,65 mil hectares e a produtividade obtida foi de 13.174 kg/ha.

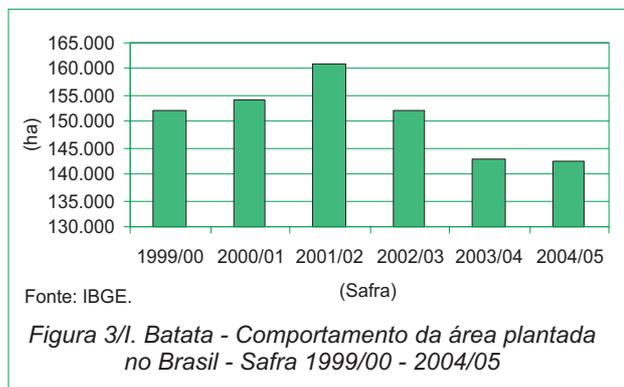


Tabela 1/I. Batata - Área plantada, produção e rendimento - Brasil - Safra 2004/05⁽¹⁾

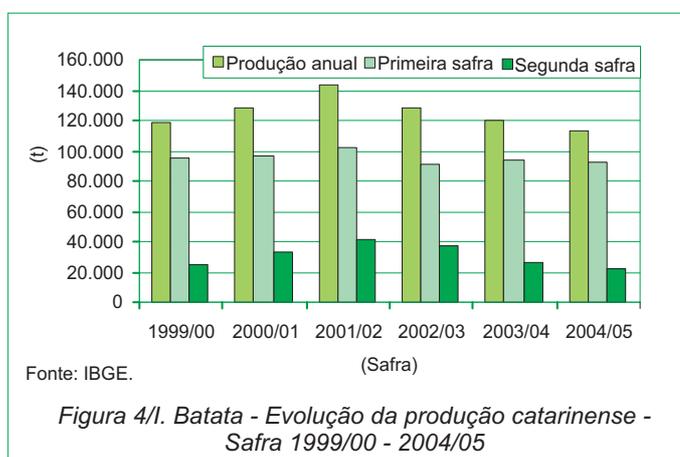
Estado	Área plantada(ha)	Produção estimada(t)	Rendimento previsto(kg/ha)
Minas Gerais	38.064	1.003.621	26.367
São Paulo	34.154	831.965	24.359
Paraná	27.502	547.183	19.896
Rio G. do Sul	24.016	284.137	11.831
Bahia	5.610	177.150	31.578
Goiás	3.800	154.400	40.632
Santa Catarina	8.189	113.477	13.857
Espírito Santo	526	7.953	15.120
Distrito Federal	215	5.408	25.153
Paraíba	439	3.194	7.276
Brasil	142.515	3.128.488	21.952

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

O quantitativo da oferta dessa safra é o menor dos quatro últimos anos. O desempenho registrado pela atividade no estado nos últimos anos reflete exatamente a forte competitividade imposta pelos demais grandes estados produtores relativamente a técnicas de cultivo, cultivares, produtividade e apresentação do produto para o mercado.

A evolução da produção catarinense no primeiro cultivo, ou das águas, no segundo, ou das secas, e o total da produção estadual nos seis últimos anos, de acordo com dados do IBGE, apresentou-se conforme demonstrado na figura 4.



O comportamento da cultura da batata na primeira e na segunda safra e no total dos dois cultivos, na campanha 04/05, em Santa Catarina, por microrregião produtora, segundo informações disponibilizadas pelo IBGE, apresentou-se conforme a tabela 2.

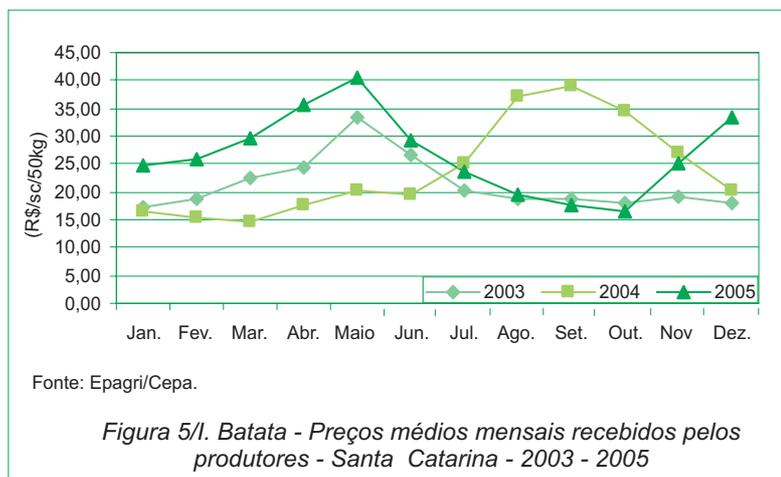
Tabela 2/I. Batata – Área plantada, produção colhida e rendimento médio obtido – Santa Catarina – Safra 2004/05⁽¹⁾

Microrregião	Área plantada(ha)			Produção colhida(t)			Rendimento obtido(kg/ha)		
	1ª Safra	2ª Safra	Total	1ª Safra	2ª Safra	Total	1ª Safra	2ª Safra	Total
São M. Oeste	30	-	30	210	-	210	7.000	-	7.000
Chapecó	282	11	293	2.407	16	2.423	8.535	1.455	8.270
Xanxerê	150	-	150	1.604	-	1.604	10.693	-	10.693
Joaçaba	910	330	1.240	23.625	4.950	28.575	25.962	15.000	23.044
Concórdia	176	25	201	1.514	99	1.613	8.602	3.960	8.025
Canoinhas	292	120	412	5.450	2.120	7.570	18.664	17.667	18.374
São B.Sul	210	50	260	2.510	420	2.930	11.952	8.400	11.269
Curitibanos	136	-	136	2.094	-	2.094	15.397	-	15.397
Campos Lages	2.195	-	2.195	23.842	-	23.842	10.862	-	10.862
Rio do Sul	447	51	498	4.315	395	4.710	9.653	7.745	9.458
Blumenau	20	-	20	141	-	141	7.050	-	7.050
Ituporanga	260	68	328	2.945	438	3.383	11.327	6.441	10.314
Tijucas	225	90	315	2.475	880	3.355	11.000	9.778	10.651
Florianópolis	115	59	174	1.358	688	2.046	11.809	11.661	11.759
Tabuleiro	480	345	825	6.210	4.240	10.450	12.938	12.290	12.667
Tubarão	489	359	848	9.004	5.508	14.512	18.413	15.343	17.113
Criciúma	127	137	264	2.102	1.917	4.019	16.551	13.993	15.223
Total	6.544	1.645	8.189	91.806	21.671	113.477	14.029	13.174	13.857

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.
Fonte: IBGE.

A confirmação oficial de uma ligeira diminuição da produção nacional colhida nesta campanha, na primeira safra ou das águas (menos 1,3%), comparativamente à colheita da safra de 2004, aliada à redução registrada na oferta da terceira safra, ou de inverno, da campanha 03/04 (relativamente ao resultado do cultivo anterior), determinou, no período correspondente ao primeiro semestre de 2005, situações de mercado extremamente favoráveis para os agricultores.

Com efeito, conforme demonstrado na figura 5, desde o final de dezembro de 2004 o mercado dos principais centros de consumo do Centro-Sul do País registrou níveis de movimentação do produto bastante equilibrados com os níveis de consumo, resultando, conseqüentemente, na formação de preços bastante remuneradores para a classe produtora.



O cenário de comercialização totalmente diferente do verificado em idêntico período dos dois últimos anos, quando os valores de venda se apresentaram extremamente baixos e muitas vezes aquém dos custos de implantação das lavouras, gerou um quadro de mercado que fez com que muitos produtores das Regiões Sul e Sudeste do País chegassem mesmo a abandonar o setor, em busca de atividades de menor risco e mais lucrativas.

A análise dos valores de comercialização do produto, nos seis primeiros meses de 2005, mostrou cotações médias mensais bastante superiores às verificadas no primeiro semestre de 2003 e substancialmente mais elevadas (50,0% em média, eventualmente 100,0%) que as de 2004.

O mais baixo desempenho produtivo registrado pela atividade no País nesse cultivo é atribuído, exatamente, ao fracasso financeiro alcançado nas últimas campanhas, quando os valores de comercialização ao produtor ficaram, via de regra, muito aquém das expectativas, desestimulando-o por conta dos muitos prejuízos.

No segundo semestre de 2005, entretanto, a situação da comercialização apresentou um cenário totalmente oposto ao verificado no período anterior (primeiro semestre).

Por conta do bom resultado alcançado na segunda safra, ou das secas, e principalmente em razão dos extraordinários números do terceiro cultivo, ou de inverno, o abastecimento nacional registrou níveis de movimentação muito superiores aos de consumo, resultando, conseqüentemente, em valores de comercialização deprimidos e substancialmente mais reduzidos, comparativamente aos verificados no semestre anterior.

Para a próxima campanha estadual - por conta dos problemas relacionados à atividade, comparativamente aos de outros estados produtores, já anteriormente mencionados - as expectativas de técnicos e de lideranças do setor são de que os valores da cultura não deverão se distanciar muito dos verificados nos últimos anos.

Semelhante comportamento dever-se-á observar nos valores de comercialização nacional na comparação com os baixos valores verificados durante praticamente todo o segundo semestre de 2005.

Tabela 3/I. Batata - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção(t)			Rendimento(kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾
Distrito Federal	94	25	215	2.330	650	5.408	24.787	26.000	25.153
Goiás	2.515	2.710	3.800	87.804	114.650	154.400	34.912	42.306	40.632
Bahia	3.917	5.600	5.610	114.510	177.000	177.150	29.234	31.607	31.578
Paraíba	602	441	439	4.856	3.390	3.194	8.066	7.687	7.276
Pernambuco	26	30	0	136	240	0	5.231	8.000	...
Espírito Santo	573	562	526	8.733	8.998	7.953	15.241	16.011	15.120
Minas Gerais	40.274	37.364	38.064	1.026.350	966.008	1.003.621	25.484	25.854	26.367
Rio de Janeiro	93	81	0	1.240	1.010	0	13.333	12.469	...
São Paulo	33.638	31.930	34.154	791.030	779.320	831.965	23.516	24.407	24.359
Paraná	30.704	29.336	27.502	610.663	580.350	547.183	19.889	19.783	19.896
Rio Grande do Sul	29.463	26.036	24.016	313.157	294.912	284.137	10.629	11.327	11.831
Santa Catarina	10.083	8.666	8.189	128.207	120.555	113.477	12.715	13.911	13.857
Brasil	151.982	142.781	142.515	3.089.016	3.047.083	3.128.488	20.325	21.341	21.952

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE (PAM).

Guido Boeing



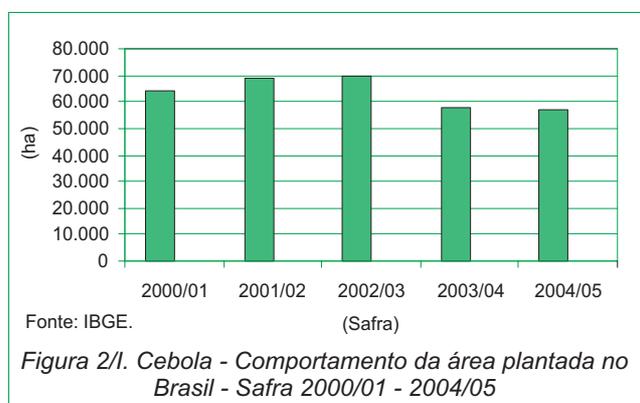
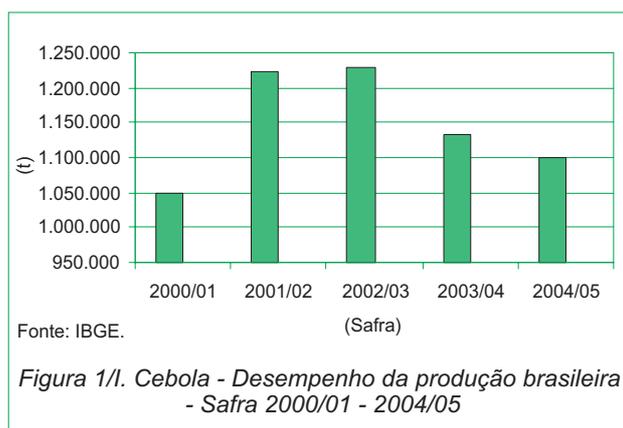
Santa Catarina registra o pior resultado dos seis últimos anos

O resultado final da safra brasileira de cebola, relativa à campanha correspondente ao ano agrícola 04/05, revelou um volume de produção bruta da ordem de 1.098,6 mil toneladas, ou seja, um valor cerca de 3,0% inferior ao colhido no cultivo do ano passado.

Excetuando-se o resultado alcançado na safra 2000/01, quando a produção nacional totalizou 1.050,3 mil toneladas, o montante colhido nesta campanha foi o menor já obtido nesta década, conforme bem demonstra a figura 1.

O mais baixo desempenho produtivo dessa safra foi determinado, quase que exclusivamente, pela significativa redução da oferta registrada no estado de Santa Catarina, principal produtor nacional de cebola. Resultou, também, do recuo verificado no total da área plantada, pequeno comparativamente à cultivada na safra anterior.

A propósito, nos últimos anos, a área cultivada com cebola no País tem acusado um significativo recuo (menos 17,7%, relativamente ao plantio da safra 02/03), demonstrado na figura 2 que se segue; mas sem maiores conseqüências sobre o montante da oferta nacional, tendo em vista o quase constante crescimento dos índices de produtividade média das lavouras brasileiras.



Na safra em análise, o total da área cultivada somou 57,1 mil hectares e a produtividade média colhida, 19.243 kg/ha.

Conforme já anteriormente abordado, a menor oferta colhida em Santa Catarina foi determinante no resultado desta campanha nacional. Entretanto, também contribuiu para o mais baixo resultado da atividade o fraco desempenho revelado pela cultura no Rio Grande do Sul. Nesses dois estados, o montante da produção de cebola colhida na presente campanha revelou-se inferior em mais de 100,0 mil toneladas ao resultado obtido na safra 2003/04. Esta redução foi determinada, principalmente, pelas condições climáticas desfavoráveis à cultura verificadas em importantes pólos produtivos desses estados, as quais determinaram uma significativa diminuição da produtividade média dos campos implantados; de menor importância, mas também determinante para o resultado final desta campanha, foi a diminuição verificada na área plantada nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde muitos produtores, descontentes com os valores recebidos, migraram suas atividades para a cultura do fumo.

O desempenho alcançado pela cultura da cebola no Brasil, nesta safra, por estado produtor, de acordo com informações do IBGE, apresentou-se conforme a tabela 1.

Tabela 1/I. Cebola – Área plantada, produção e rendimento obtidos – Brasil – Safra 2004/05⁽¹⁾

Região	Área plantada(ha)	Produção colhida(t)	Rendimento obtido(kg/ha)
Sul	5.307	34.266	6.457
Santa Catarina	19.810	352.915	17.815
São Paulo	6.642	196.251	29.547
Bahia	6.695	162.398	24.257
Rio G. do Sul	10.591	135.148	12.855
Pernambuco	5.332	94.926	17.803
Paraná	6.390	88.009	13.773
Minas Gerais	1.642	67.981	41.401
Brasil	57.102	1.098.628	19.243

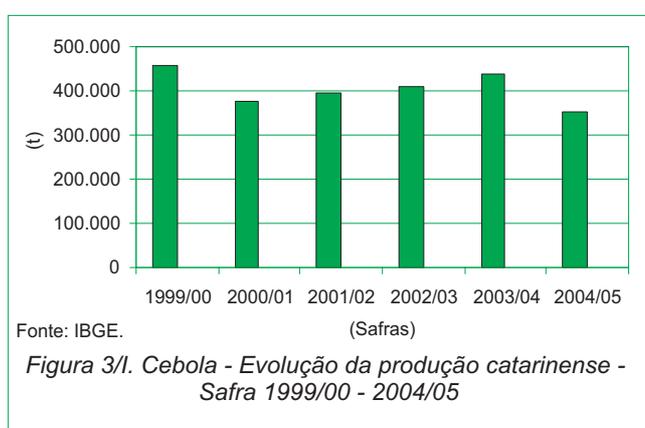
⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.

O estado catarinense continua destacando-se no cenário nacional como o principal produtor de cebolas, tendo contribuído, na presente safra, com aproximadamente 32,0% do total da produção.

Em Santa Catarina, a campanha correspondente ao ano agrícola 04/05, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, totalizou aproximadamente 352,9 mil toneladas do bulbo.

O volume em questão apresentou-se reduzido em cerca de 19,2% comparativamente ao obtido na safra imediatamente precedente, constituindo-se no pior resultado alcançado pela atividade nos seis últimos anos, conforme bem demonstra a figura 3.



O total da área cultivada somou 19.810 hectares e foi 7,5% menor que o da safra 2003/04. A produtividade média colhida no estado nessa safra foi de 17.815 kg/ha, com uma diminuição de 12,6%.

O mais fraco resultado da atividade nesta campanha foi consequência direta dos sérios problemas de ordem climática verificados no período de desenvolvimento e formação dos bulbos. Além do registro de um elevado índice de precipitação pluviométrica no período de setembro a novembro, a principal região produtora do estado apresentou um quadro de fraca insolação, cenário que prejudicou o normal desenvolvimento das plantas e contribuiu para uma maior ocorrência de pragas e doenças.

A menor área de cultivo verificada nessa safra deveu-se ao descontentamento de muitos agricultores com os valores de comercialização do produto, os quais direcionaram suas atividades para a cultura do fumo. Relativamente ao tema da área plantada, registra-se que nos últimos anos esta vem apresentando consideráveis recuos (menos 23,5%, comparativamente ao plantio da safra 2002/03), seja como consequência dos baixos valores recebidos, seja por um melhor atrativo comercial na cultura do fumo.

O comportamento da área cultivada com cebola em Santa Catarina, nos últimos anos, segundo informações do IBGE, apresentou-se conforme a figura 4.

A produção catarinense de cebolas - apesar de muito pulverizada nas diversas microrregiões do estado - continua concentrada na grande região produtora do Alto Vale do Rio Itajaí Açu. Nesta safra, a microrregião de Ituporanga, principal ofertante estadual, contribuiu com aproximadamente 40,0% do que foi colhido internamente.

O desempenho da cultura da cebola nesta safra, por microrregião produtora, segundo informações fornecidas pelo IBGE, apresentou-se conforme a tabela 2.

Do total da produção bruta - 352,9 mil toneladas - colhida nessa safra em Santa Catarina, estima-se que 250,0 mil toneladas tenham sido, efetivamente, direcionadas ao mercado. O volume restante - 102,9 mil toneladas, correspondentes a aproximadamente 29,0% do montante colhido - se perdeu nas fases de colheita, cura, armazenamento e comercialização.

Em virtude do menor volume de produção direcionado ao mercado, o resultado final da comercialização ficou 25,0% abaixo do registrado na campanha anterior.

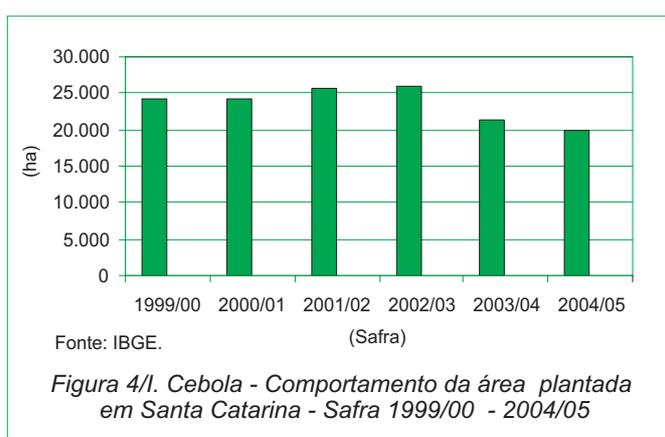


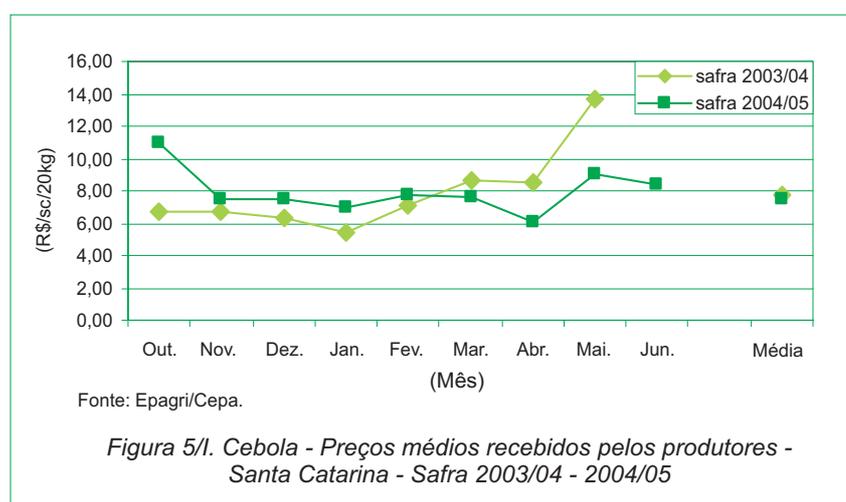
Tabela 2/I. Cebola - Área plantada, produção e rendimento obtidos - Santa Catarina - Safra 2004/05 ⁽¹⁾

Microrregião	Área plantada(ha)	Produção colhida(t)	Rendimento obtido(kg/ha)
Ituporanga	7.660	142.460	18.598
Tabuleiro	4.450	82.071	18.443
Rio do Sul	2.046	33.950	16.593
Joaçaba	1.412	31.322	22.183
Tijucas	1.660	23.880	14.386
Campos de Lages	1.170	14.755	12.611
Curitibanos	633	13.929	22.005
Canoinhas	218	3.416	15.670
Chapecó	243	2.443	10.053
São M. do Oeste	60	1.140	19.000
Xanxerê	76	962	12.658
Tubarão	83	802	9.662
Concórdia	57	588	10.316
Florianópolis	36	512	14.222
São Bento do Sul	35	256	7.314
Criciúma	17	219	12.882
Blumenau	14	210	15.000
Total	19.810	352.915	17.815

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.
Fonte: IBGE.

O preço médio final ponderado de comercialização recebido pelo produtor catarinense nesta campanha alcançou R\$ 7,43/sc de 20 kg (redução de 3,6% frente ao preço da safra 2003/04) e movimentou, para o estado, recursos avaliados em aproximadamente R\$ 92,9 milhões, considerando-se apenas a comercialização em nível de produtor.

O comparativo dos preços pagos aos cebolicultores de Santa Catarina nas duas últimas safras é mostrado na figura 5.



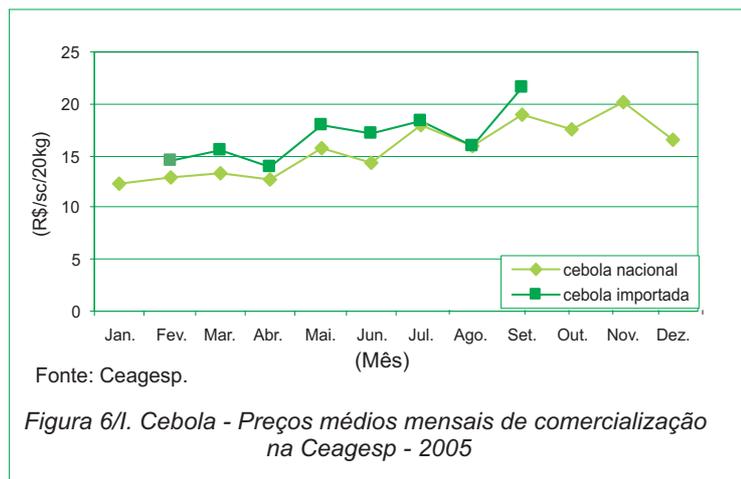
No atacado, os valores de comercialização registrados nos principais centros de distribuição do País mantiveram uma certa coerência com os níveis de oferta das principais regiões produtoras.

Dessa forma, nos seis primeiros meses do ano, não obstante os preços médios mensais se apresentarem em crescimento, repetindo, assim, a tendência histórica da curva de preços no período, o aumento verificado nos valores de venda foi pouco significativo, tendo em vista o excesso de movimentação do produto oriundo da Região Sul do País, principal região produtora nacional. A partir do segundo semestre, entretanto, houve maior crescimento das cotações, assim como maior oscilação de valor. Crescimento e oscilação foram creditados à menor oferta interna e à pressão exercida pela cebola importada na formação dos preços internos.

O comportamento dos valores médios mensais de comercialização da cebola nacional e da cebola importada, verificados no decorrer de 2005 na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo – Ceagesp -, consta da figura 6.

Relativamente às operações de comércio internacional brasileiro do produto durante o ano de 2005, registra-se um pequeno volume de exportação de cebola brasileira (apenas 1,2 mil toneladas), direcionada principalmente aos nossos parceiros comerciais do Mercosul – Argentina e Uruguai – e comercializada a um valor médio de US\$ 0,17/quilo.

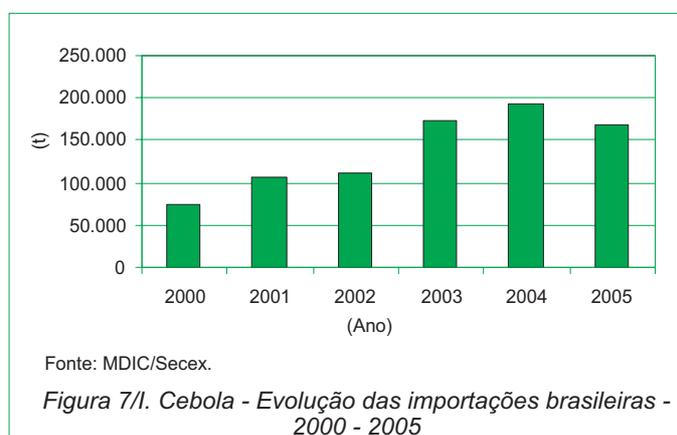
As importações brasileiras, por outro lado, não obstante registrarem uma pequena diminuição comparativamente ao total adquirido em 2004, mantiveram-se em patamar extremamente elevado.



Com efeito, de acordo com dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, as compras externas efetivadas pelo Brasil em 2005 totalizaram 169,5 mil toneladas, com redução de 12,0% relativamente ao montante adquirido em 2004. O produto, internalizado no País a um valor médio de US\$ 0,13/quilo, representou um gasto de aproximadamente US\$ 22.750,1 mil.

Do total em questão, cerca de 97,8% proveio da Argentina, tradicionalmente o principal país exportador de cebola para o Brasil. O restante, constituído de pequenos embarques, veio do Chile, do Uruguai, da Espanha e dos Estados Unidos.

O comportamento das importações brasileiras de cebola nos seis últimos anos apresentou-se conforme a figura 7.



Para a safra 2005/06, em franca atividade nas diferentes regiões produtivas do País, os indicadores extra-oficiais de importantes segmentos do setor indicam uma forte probabilidade de manutenção dos atuais valores da cultura. Algumas das razões, bastante convincentes, para isso seriam a certeza da continuidade das importações da Argentina em níveis equivalentes aos registrados nos últimos anos e, sobretudo, a forte probabilidade da manutenção dos atuais níveis de consumo interno do produto em patamar muito baixo, tendo em conta o baixo poder aquisitivo da grande maioria da população brasileira.

Na Região Sul do Brasil, as atividades desta campanha já foram praticamente encerradas. Os números disponíveis acerca de seu desempenho projetam um montante de oferta bruta colhida de aproximadamente 640,0 mil toneladas. O total da área plantada é avaliado em cerca de 37,0 mil hectares.

Tabela 3/I. Cebola - Área plantada, produção e rendimento por Estado - Safras 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾
Distrito Federal	192	94	0	8.345	4.136	0	43.464	44.000	...
Goiás	510	330	0	20.710	17.100	0	40.608	51.818	...
Mato Grosso do Sul	11	0	0	159	0	0	14.455
Bahia	6.218	6.187	6.695	150.836	131.524	162.398	24.258	21.258	24.257
Paraíba	6	17	0	92	233	0	15.333	13.706	...
Pernambuco	4.316	4.210	5.332	91.353	74.205	94.926	21.166	17.626	17.803
Piauí	8	7	0	35	30	0	4.375	4.286	...
Espírito Santo	100	123	0	2.500	3.075	0	25.000	25.000	...
Minas Gerais	2.600	2.207	1.642	79.683	66.122	67.981	30.647	29.960	41.401
São Paulo	9.695	6.590	6.642	266.895	186.120	196.251	27.529	28.243	29.547
Paraná	6.202	5.927	6.390	76.362	80.326	88.009	12.312	13.553	13.773
Rio Grande do Sul	13.651	11.252	10.591	123.325	158.094	136.148	9.034	14.050	12.855
Santa Catarina	25.905	21.417	19.810	409.553	436.597	352.915	15.810	20.386	17.815
Brasil	69.414	58.361	57.102	1.229.848	1.157.562	1.098.628	17.718	19.835	19.240

⁽¹⁾ Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE (PAM).

Guido Boeing



Produção mundial cresce lentamente

Última atualização dos indicadores produtivos dos variados tipos de feijão cultivados no mundo, empreendida pela FAO (Organização de Alimentos e Agricultura da ONU), recoloca 2002 como o ano da maior safra já registrada: 19,37 milhões de toneladas, em 27,02 milhões de hectares, e com um rendimento médio de 716,7 kg/ha (Tabela 1).

Tabela 1/I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio no mundo - 2002 - 2005

Discriminação	2002	2003	2004	2005
Quantidade Produzida (mil t)	19.369	18.572	18.368	18.992
Área cultivada (mil ha)	27.024	25.527	26.677	26.778
Rendimento (kg/ha)	716,7	727,6	688,5	709,2

Fonte: FAO (www.Faostat.org, maio/2006).

Ainda que ligeiramente inferiores, os valores médios dos três anos seguintes mantiveram os indicadores produtivos no mesmo patamar: em torno de 18,6 milhões de toneladas, de 26,3 milhões de hectares, e de 708 quilos por hectare (Tabela 2).

Tabela 2/I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio mundiais, 2002 e média do triênio 2003 - 2005

Discriminação	2002	Média 2003/05	Média/2002 (%)
Quantidade produzida (mil t)	19.369	18.644	(3,7)
Área cultivada (mil ha)	27.024	26.327	(2,6)
Rendimento (kg/ha)	716,7	708,4	(1,2)

Fonte: FAO (www.Faostat.org, maio/2006).

Este desempenho deveu-se particularmente ao aumento de área cultivada - 5% entre 2003 e 2005.

Mesmo que em crescimento no longo prazo, o ainda baixo nível de rendimento médio do cultivo caiu 2,5% nestes três anos.

Logo, a quantidade de feijão produzida no mundo se elevou em mais de 2%, quase alcançando 19 milhões de toneladas em 2005 (Tabela 1).

Deste total, cerca de 60% está nas mãos dos seis países que produzem mais de um milhão de toneladas.

São eles:

- **Brasil** (3,1 milhões de toneladas e 16% da produção mundial);
- **Índia** (2,9 milhões de toneladas e 15% do total);
- **China** (1,9 milhão de toneladas e 10% do total);

- **Mianmar** (1,55 milhão de toneladas e 8% do total);
- **México** (1,4 milhão de toneladas e 7% do total) e
- **Estados Unidos** (1,19 milhão de toneladas e 6% do total).

Nestes três anos, apenas as produções indianas (30%) e estadunidenses (16%) cresceram, recuperando-se de perdas anteriores.

Os valores do rendimento médio destes países são díspares, pois, enquanto os Estados Unidos e a China estão próximos de 2,0 t/ha, Brasil, Mianmar e México são inferiores à metade desse valor e a Índia sequer supera 322 kg/ha.

A evolução desse rendimento, por outro lado, mostra crescimento expressivo apenas na Índia (7%) e EUA (2,6%) (Tabela 3).

Tabela 3/I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos sete principais países produtores e no mundo - 2003 - 2005

País	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Brasil	3.302.040	2.965.080	3.076.010	4.090.570	3.975.860	3.812.040	807,2	745,8	806,9
Índia	2.230.000	2.900.000	2.900.000	7.400.000	9.000.000	9.000.000	301,4	322,2	322,2
China	2.079.799	1.858.489	1.908.500	1.208.762	1.003.588	1.103.600	1.720,6	1.851,8	1.729,3
Mianmar	1.538.000	1.550.000	1.550.000	1.621.000	1.630.000	1.640.000	948,8	950,9	945,1
México	1.400.160	1.400.160	1.400.160	1.947.680	1.947.680	1.947.680	718,9	718,9	718,9
EUA	1.021.260	807.350	1.184.280	545.080	493.440	615.980	1.873,6	1.636,2	1.922,6
Outros países	7.000.896	6.887.401	6.973.004	8.713.837	8.626.784	8.658.802	803,4	798,4	805,3
Mundo	18.572.155	18.368.480	18.991.954	25.526.929	26.677.352	26.778.102	727,6	688,5	709,2

Fonte: FAO (www.Faostat.org, maio/2006).

Mercosul recuperou-se das perdas de 2004, mas sem alcançar a de 2003

Em 2005, os cinco países-membros deste bloco econômico sul-americano obtiveram rendimento médio 16% superior ao mundial, ocuparam 15% da área cultivada e produziram 18% da quantidade total.

Em valores absolutos, o Mercosul produziu cerca de 3,36 milhões de toneladas em 4,08 milhões de hectares, com um rendimento médio de 0,82 t/ha.

No entanto, entre 2003 e 2005, a produção de feijão do Mercosul foi declinante.

Ou melhor, mantendo semelhante nível de rendimento médio por área, a produção de feijão teve a área cultivada e, por decorrência, a quantidade produzida declinantes em 7%.

Convém destacar, porém, que, conquanto não tenham alcançado os níveis de 2003, os montantes produzidos em 2005 mostraram uma recuperação das perdas por adversidades climáticas da safra brasileira (-10%) e argentina (-40%) de 2004.

Isto porque as largamente hegemônicas safras brasileiras representaram, neste triênio, mais de 90% da produção e 93,5% da área plantada do Mercosul.

A produtividade média deste país, apesar de crescente, só supera a do Uruguai (em 29%), sendo inferior à da Argentina, a mais alta do bloco (32%).

Os rendimentos médios dos dois outros países-membros, Paraguai e Venezuela, são, respectivamente, 10% e 2,5% mais elevados.

A safra argentina correspondeu, em 2005, a cerca de 5% da quantidade produzida no bloco e de 4% da área cultivada.

Seu rendimento médio está em torno de 1,18 t/ha.

A produção paraguaia, que equivaleu, neste último ano, a 2% do total do bloco, cresceu 3% no triênio em causa, alcançando 67 mil toneladas. Cresceu 2,5% em área cultivada, ao abarcar 75 mil hectares.

Obteve rendimento médio de 893 kg/ha, crescimento inferior a 1% ao de 2003.

A produção venezuelana, que em 2005 produziu pouco mais da metade da produção paraguaia, em relação a 2003 cresceu 35% em quantidade, 32% em área cultivada (abrangendo 46 mil hectares) e 2% em rendimento médio (conseguindo 826 kg/ha).

A produção uruguaia continua absolutamente inexpressiva, sem perspectiva de crescimento (Tabela 4).

Tabela 4/I. Feijão - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos países-membros do Mercosul - 2003 a 2005

País	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Brasil	3.302.040	2.965.080	3.076.010	4.090.570	3.975.860	3.812.040	807,2	745,8	806,9
Argentina	215.550	130.000	171.000	185.400	185.400	145.000	1.162,6	701,2	1.179,3
Paraguai	64.961	65.195	67.000	73.205	73.500	75.000	887,4	887,0	893,3
Venezuela	28.158	39.570	38.000	34.843	47.326	46.000	808,1	836,1	826,1
Uruguai	3.400	3.350	3.350	5.400	5.350	5.350	629,6	626,2	626,2
Mercosul	3.614.109	3.203.195	3.355.360	4.389.418	4.287.436	4.083.390	823,4	747,1	821,7

Fonte: FAO (www.Faostat.org - maio/2006).

Brasil - produção volta a crescer, fortalecendo a safrinha

Já se mencionou que no triênio 2003-05 a produção brasileira das três safras anuais de feijão apresentou um desempenho de certa forma negativo – se a soma das safras de 2003 esteve entre as maiores que o país já produziu, a de 2004 lhe foi 10% menor e a recuperação de 2005 não passou de 1,5% (Tabelas 3 e 4).

Estimativas consistentes com respeito às três safras de 2006 adiantam um recorde de produção (3,49 milhões de toneladas) e produtividade (842,1 kg/ha).

A área plantada também é das maiores, superando 4,1 milhões de hectares.

No entanto, este volume de produção ainda pode ser reduzido pela ocorrência de geadas antes da colheita da safrinha da Região Sul do Brasil, ou ainda pela ocorrência de chuvas nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, tanto no final da colheita da safrinha, como na terceira safra.

A permanecerem estes números, a produção brasileira de feijão deverá crescer, entre 2004 e 2006, em torno de 17% em quantidade produzida, fruto da contraposição entre a alta de 23% no rendimento médio e da redução de 4,5% na área plantada.

Sete dos principais estados brasileiros (**Paraná, Minas Gerais, Bahia, Goiás, São Paulo, Ceará e Santa Catarina**) devem produzir em 2006 em torno de 75% da quantidade total de feijão do País, abranger mais de 65% da área total e obter um rendimento quase 16% superior à média brasileira.

A discrepância entre os desempenhos destes estados ainda é grande.

O rendimento médio da Bahia e do Ceará, por exemplo, apesar de ter crescido, respectivamente, 52% e 78% no triênio, ainda está, o primeiro, 29% abaixo da média nacional e o segundo, 43%. Contrastam com o rendimento médio dos cinco outros estados maiores produtores (Tabela 5).

Tabela 5/I. Feijão total - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados brasileiros - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (tonelada)			Área cultivada (hectare)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	2.967.007	3.012.158	3.487.807	4.325.777	3.953.843	4.141.758	685,9	761,8	842,1
Principais estados	2.225.203	2.351.240	2.633.409	2.801.725	2.553.807	2.697.920	794,2	920,7	976,1
Paraná	664.334	557.019	722.921	503.585	443.429	540.361	1.319,2	1.256,2	1.337,8
Minas Gerais	464.290	559.570	488.245	449.140	438.043	427.873	1.033,7	1.277,4	1.141,1
Bahia	330.734	461.924	450.726	834.240	779.845	748.862	396,4	592,3	601,9
Goiás	209.835	280.461	283.786	121.037	118.242	129.137	1.733,6	2.371,9	2.197,6
São Paulo	282.330	246.732	280.893	190.190	165.317	182.240	1.484,5	1.492,5	1.541,3
Ceará	129.821	132.366	261.632	566.191	494.132	548.759	229,3	267,9	476,8
Santa Catarina	143.859	113.168	145.206	137.342	114.799	120.688	1.047,5	985,8	1.203,2

Fonte: IBGE. (SIDRA, maio/06).

Com uma pequena divergência em relação a estes dados - um volume de produção quase 4% menor em relação a 2004 -, o 7º levantamento de safra da Conab assinala um total de feijão destinado a suprir o mercado interno em torno de 4,2 milhões, contra um consumo em torno de 3,15 milhões de toneladas.

O volume dos estoques do grão deverá crescer mais de 600 mil toneladas (133%) no transcorrer do corrente ano agrícola, podendo alcançar 1.078,4 mil toneladas ao finalizar a terceira safra 05/06 (Tabela 6).

A primeira das três safras do corrente ano agrícola, a safra das águas, foi maior do que a dos dois anos precedentes

(7% em relação a 2004 e 12,5% em relação a 2005), alcançando, respectivamente, 1,57 milhão de toneladas, 2,31 milhões de hectares e 678,2 kg/ha.

Isto porque, desde 2004, a produtividade média elevou-se 17,5%, enquanto a área cultivada recuou 9%; mas entre as duas últimas safras das águas ambos os indicadores cresceram - a produtividade média, em quase 8%, e a área cultivada, em 4,5%.

Tabela 6/I. Feijão - Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2004 - 2006

Discriminação	2004	2005	2006
Estoque Inicial	414,5	419,7	463,7
Produção	2.978,3	3.045,6	3.667,6
Importação	79,2	100,7	100,0
Suprimento	3.472,0	3.566,0	4.231,3
Consumo	3.050,0	3.100,0	3.150,0
Exportação	2,3	2,3	2,9
Estoque final	419,7	463,7	1.078,4

Fonte: Conab.

A safra das águas segue sendo a maior das três safras anuais de feijão, neste triênio, embora tenha recuado 4,5% em quantidade produzida (para 45% da total nacional), 3% da área cultivada total (para 56% da total nacional) e 3,5% em rendimento (19% abaixo da média nacional).

De mesma direção é a evolução da produção dos sete principais estados produtores (**Paraná, Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Bahia**), que vêm perdendo posição:

- em 2004, produziam conjuntamente 86% do montante total, ocupavam 73% da área total e tinham uma produtividade 17% superior à brasileira;
- no corrente ano, estes estados devem produzir cerca de 79%, envolver 72% da área total e alcançar uma produtividade 10,5% acima da média brasileira.

Por outro lado, esses estados devem elevar seus indicadores produtivos a um percentual inferior ao nacional:

- no triênio, recuo de 1% no volume de produção, de 11% na área cultivada e crescimento da produtividade média em 11%;
- entre os dois últimos anos agrícolas, acréscimo de 6% em volume de produção, 4,5% em área e 4% em rendimento.

Há que se destacar, ainda, que os três primeiros estados (**Paraná, Ceará e Minas Gerais**) produzem, em conjunto, o equivalente a 54% do total produzido pela primeira safra nacional.

O **Paraná**, maior estado produtor, é responsável por pouco mais de um quarto da produção nacional da safra das águas; ocupa 15% da área plantada e obtém um rendimento médio 78% superior ao nacional.

O **Ceará**, que produz 16% da primeira safra nacional, recuperou-se, em 2006, das perdas dos anos anteriores, mais que dobrando, em comparação com 2004, a quantidade produzida (112%) e a produtividade (119%).

Em relação a 2005, a safra cearense das águas aumentou sua área e sua produtividade em 11% e 86%, respectivamente, o que resultou num montante produzido 106% maior.

Minas Gerais, de produção equivalente a 11% no total da primeira safra nacional, voltou a sofrer com as adversidades climáticas, que a reduziram em 27%. Sua produtividade foi rebaixada em 26% e sua área de cultivo, em 1%, embora seu montante produzido e seu rendimento médio tenham crescido, respectivamente, 4% e 13%, conquanto sua área se tenha contraído em quase 8% (Tabela 7).

A **segunda safra** do ano agrícola em curso, ou **safrinha**, do mesmo modo que a primeira safra, foi a maior do triênio: 1,49 milhão de toneladas (38% a mais do que a de 2004 e 31% a mais do que a 2005).

Tais resultados foram impulsionados basicamente pelo forte incremento do rendimento médio do feijão da safrinha: 33%, desde 2004, e 22% entre as duas últimas safrinhas.

Com isto alcançou inéditos 913,4 kg/ha.

Em razão disso, o rendimento médio desta segunda safra superou o nacional em 8,5%.

Tabela 7/1. Feijão - Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio da safra das águas nos principais estados produtores - Brasil - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	1.469.120	1.395.170	1.569.278	2.547.051	2.216.311	2.313.808	576,8	629,5	678,2
Totais principais estados	1.258.583	1.142.657	1.243.308	1.861.954	1.591.071	1.660.944	675,9	718,2	748,6
Paraná	484.019	401.399	424.683	360.186	304.402	353.323	1.343,8	1.318,6	1.202,0
Ceará	116.709	119.979	247.763	552.101	481.096	534.127	211,4	249,4	463,9
Minas Gerais	169.619	240.895	176.769	232.295	217.019	214.334	730,2	1.110,0	824,7
São Paulo	118.790	92.370	120.800	76.260	60.950	80.500	1.557,7	1.515,5	1.500,6
Santa Catarina	117.528	92.185	109.806	101.845	86.186	91.188	1.154,0	1.069,6	1.204,2
Rio Grande do Sul	122.140	69.108	89.015	109.411	92.934	93.092	1.116,3	743,6	956,2
Bahia	129.778	126.721	74.472	429.856	348.484	294.380	301,9	363,6	253,0

Fonte: IBGE.

Por sua vez, a expansão da área cultivada foi modesta: respectivamente, 4% e 7,5%, alcançando 1,63 milhão de hectares.

A participação da safrinha no montante de produção nacional cresceu 6% no triênio, chegando a 43%, ou seja, 2% a menos do que na safra das águas.

Em conjunto, o volume de produção dos **sete principais estados produtores (Paraná, Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Pará, Pernambuco e São Paulo)** evoluiu na mesma direção: acresceu 4% à sua participação na safrinha no triênio, e em 0,5% nos dois últimos anos (para 1,17 milhão de toneladas, ou 78,5% do total).

Esta quantidade produzida, aliás, cresceu 46% sobre a de 2004 e 31% sobre a de 2005 (para 1,63 milhão de toneladas).

Alicerçou-se numa produtividade em torno de 938 kg/ha (36% acima da de 2004 e 20% sobre a de 2005), devendo situar-se 3% acima da média brasileira. O 1,25 milhão de hectares cultivados na safrinha do corrente ano significa um acréscimo de 8% sobre a área plantada em 2004 e de 9% sobre 2005, devendo envolver 76,5% da total.

Registre-se, ainda, que três estados - Bahia, Paraná e Minas Gerais - produziram, em 2006, 57% do total da safrinha, ocuparam 47% da área cultivada, situando sua produtividade 8% acima da média nacional.

A **Bahia**, maior produtor nacional da safrinha, apesar de ter crescido 87% em volume, elevou, no triênio, sua participação na safrinha nacional em quase 7% (para 25%), embora tenha declinado em relação a 2005.

Estes números são, respectivamente, 67% e 6% inferiores à produtividade média - seu patamar é 10% inferior ao nacional - e à área cultivada (12% e 5%, respectivamente).

O **Paraná**, por sua vez, em 2006 gerou 287,4 mil toneladas, equivalentes a 19% da quantidade produzida na segunda safra brasileira. Com este aporte, a produção deste estado cresceu 74% sobre a de 2004 e quase duplicou a de 2005.

O menor desempenho de 2005 decorreu das adversidades climáticas, que provocaram uma queda de 13% em produtividade por área desde 2004, elevando-a em 43% em 2006.

Minas Gerais foi responsável por 13% do volume de produção da safrinha.

Mais precisamente, foram 188,8 mil toneladas resultantes do plantio de 161,4 mil hectares e o alcance, de 1.169,8 kg/ha.

Estes números, referentes a 2006, indicam um crescimento de 12% na produção sobre 2004, por ter conseguido o mesmo nível positivo de produtividade e de ter retraído a área plantada em 2%.

Entre as duas últimas safrinhas, no entanto, a produtividade média cresceu 3% e a área plantada reduziu-se 2%, resultando numa quantidade produzida 1% maior (Tabela 8).

Tabela 8/I. Feijão - Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio da safrinha nos principais estados produtores - Brasil - Safra 2004/06

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	1.079.768	1.139.045	1.489.142	1.570.652	1.518.948	1.630.383	687,5	749,9	913,4
Totais Principais estados	801.378	889.990	1.168.632	1.156.830	1.137.200	1.245.013	692,7	782,6	938,7
Bahia	200.956	335.203	376.254	405.014	431.361	454.482	496,2	777,1	827,9
Paraná	165.057	144.779	287.371	122.081	122.928	170.867	1.352,0	1.177,8	1.681,8
Minas Gerais	169.027	186.803	188.809	161.850	164.537	161.402	1.044,3	1.135,3	1.169,8
Paraíba	62.018	53.211	122.459	215.378	177.921	210.453	287,9	299,1	581,9
São Paulo	74.550	57.450	71.300	54.780	44.820	49.200	1.360,9	1.281,8	1.449,2
Pará	63.829	56.372	62.541	76.906	72.781	74.339	830,0	774,5	841,3
Pernambuco	65.941	56.172	59.898	120.821	122.852	124.270	545,8	457,2	482,0

Fonte: IBGE.

A **terceira safra**, ou **safra irrigada**, basicamente realizada nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, diferentemente das demais safras anuais, alcançou maior monta em 2005, quando produziu pouco menos de 478 mil toneladas.

A estimativa para a corrente safra, caso não ocorram contratemplos climáticos e/ou de mercado, é de produzir 429 mil toneladas, o que equivalerá a 12% da safra nacional de feijão do corrente ano.

Portanto, sem as mesmas condições favoráveis de mercado presentes na terceira safra precedente e nas duas primeiras safras do ano, a quantidade produzida de feijão desta deve se elevar 3% em relação à de 2004, mas se contrairá 10% em relação à de 2005.

A produtividade média deve-se elevar em quase 8% em relação à de 2004, sem se alterar significativamente entre 2005 e 2006, obtendo 2.173,4 kg/ha.

A área cultivada pode, por seu turno, se retrair 4% nos três anos em pauta e em 10% entre os dois últimos anos.

Em conjunto, o volume de produção dos três principais estados produtores (**Goiás, Minas Gerais e São Paulo**) deve corresponder a mais de 90% do total desta terceira safra.

À sua participação tende a acrescentar 13%, no triênio, e a reduzir 6,5% nos dois últimos anos (para 391,3 mil toneladas).

Tem por base:

- uma produtividade que tende a situar-se em torno de 2.294 kg/ha (8% acima da de 2004 e muito próxima da de 2005), 6% acima da média da terceira safra, e mais de 200% acima da média das três safras brasileiras, e
- uma contração da área ocupada com o cultivo de 4,5% no triênio e de 6,5% .

Goiás, o maior estado produtor desta terceira safra (42% do total), elevou seu patamar produtivo em 37% no triênio, mas pode cair cerca de 10% entre as duas últimas safras irrigadas (para 180 mil toneladas).

Tal crescimento, nesse triênio, tem por base a expansão de 34% na área cultivada e de 2% na produtividade.

Entre as terceiras safras de 2005 e 2006, deve ocupar área de dimensões semelhantes e contrair a produtividade média em 4,5%, acarretando uma perda de produção da ordem de 5%.

Minas Gerais **produzirá em torno de 28% da quantidade produzida, 26% da área plantada; sua produtividade deve situar-se 8% acima da média da terceira safra em curso.**

No triênio, seu patamar produtivo caiu 2,5%, uma vez que declinou 5% em área e cresceu em 3% em volume (para 180 mil toneladas).

Já entre as duas últimas safras irrigadas, a redução de área em quase 8% deve rebaixar a quantidade produzida em 7%, já que a produtividade não deve se alterar significativamente.

São Paulo encaminha-se para produzir, na presente terceira safra, cerca de 88,8 mil toneladas, ou 21% da total nacional.

É um montante que deriva da queda de 12% da área (para 52,5 mil hectares) e da produtividade média (para 1.690 kg/ha).

A terceira safra 05/06 mostra um descenso de 8% em relação a 2005, mas volta ao mesmo patamar produtivo de 2004.

Correlaciona-se, em relação a este último ano, um crescimento de 12% na produtividade média, com um declínio de 11% em área semeada.

Em comparação a 2005, a produtividade ascendeu 4% e a área plantada declinou 12% (Tabela 9).

Tabela 9/I. Feijão - Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do feijão da 3ª safra nos principais estados produtores - Brasil - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Brasil	416.197	477.943	429.387	206.274	218.584	197.567	2.017,7	2.186,5	2.173,4
Três estados maiores produtores	346.163	418.325	391.273	163.160	182.169	170.549	2.121,6	2.296,4	2.294,2
Goiás	131.529	189.541	180.028	49.015	66.135	65.872	2.683,4	2.866,0	2.733,0
Minas Gerais	125.644	131.872	122.452	54.995	56.487	52.137	2.284,6	2.334,6	2.348,7
São Paulo	88.990	96.912	88.793	59.150	59.547	52.540	1.504,5	1.627,5	1.690,0
Mato Grosso	43.157	35.517	16.287	17.220	15.285	6.584	2.506,2	2.323,7	2.473,7
Paraná	15.258	10.841	10.867	21.318	16.099	16.171	715,7	673,4	672,0
Distrito Federal	11.240	12.333	10.441	4.058	4.195	3.745	2.769,8	2.939,9	2.788,0
Mato Grosso do Sul	379	927	519	518	836	518	731,7	1.108,9	1.001,9

Fonte: IBGE.

Santa Catarina - segue Brasil fortalecendo a safrinha

A produção catarinense de feijão voltou, nas duas safras do corrente ano agrícola, aos patamares produtivos de 2004 (144,9 mil toneladas, 1% a mais), mesmo aumentando 28% em relação a 2005.

No entanto, foi quase um quarto menor do que a de 2003 (188,6 mil toneladas).

Um pouco diferente foi a evolução da área envolvida no cultivo desta leguminosa no estado, reduzida em 9% sobre a de 2004 e em 15% sobre a de 2003 (146,9 mil hectares).

Estes indicadores demonstram que a recuperação dos níveis de produtividade ainda não foi plena, pois, embora os 1,16 t/ha estimados para o corrente ano agrícola tenham sido superiores aos de 2004 (em 11%) e 2005 (em 18%), ficaram 10% abaixo dos níveis de 2003 (1,28 t/ha).

As oito mais destacadas regiões produtoras estaduais variaram sua contribuição ao total estadual em 21% em Canoinhas, e em 5% em Tubarão.

Ao longo do período, sua participação elevou-se em 32% entre as duas últimas safras, mas apenas 3% entre as três últimas (86% do total produzido, 87% da área plantada e praticamente a mesma produtividade).

Dentre estas regiões, Canoinhas (42%), Criciúma (77%), Curitibanos (39%) e Tubarão (39%) elevaram sua produção no triênio.

No entanto, apenas as regiões de Canoinhas e Tubarão superaram os níveis produtivos de 2003 - 27,9 mil toneladas, 18,5 mil hectares e 1,5 t/ha; 6,38 mil toneladas da primeira região, 6,31 mil hectares e 1,01 t/ha da segunda. (Tabela 10).

Tabela 10/I. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio das duas safras anuais nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Santa Catarina	143.859	113.168	144.887	137.342	114.799	124.837	1.047,5	985,8	1.160,6
Principais regiões	121.392	94.844	125.205	116.958	98.591	108.625	1.037,9	962,0	1.152,6
Canoinhas	21.915	23.593	31.180	13.330	14.100	20.860	1.644,0	1.673,3	1.494,7
Curitibanos	17.919	16.985	24.930	24.010	20.120	21.965	746,3	844,2	1.135,0
Chapecó	22.764	10.220	16.240	24.280	16.520	15.747	937,6	618,6	1.031,3
Campos de Lages	21.129	13.509	15.268	20.231	20.058	19.568	1.044,4	673,5	780,3
Xanxerê	14.227	7.773	12.669	9.891	5.435	8.325	1.438,4	1.430,2	1.521,8
Joaçaba	13.927	9.304	10.003	11.622	10.368	9.396	1.198,3	897,4	1.064,6
Criciúma	4.454	8.071	7.883	8.270	6.825	6.900	538,6	1.182,6	1.142,5
Tubarão	5.057	5.389	7.032	5.324	5.165	5.864	949,8	1.043,4	1.199,2

Fonte: IBGE (abr./06).

Este desempenho continua a ter a maior participação da safra das águas, cuja quantidade produzida foi 15% menor do que as dos dois anos anteriores (para 70% da total estadual).

Contudo, a atual safra das águas, ao produzir 100,8 mil toneladas, ocupar 90,8 mil hectares e render 1,1 t/ha, situou-se em plano inferior à de 02/03 (-26% em quantidade, -14% em área e -15% em rendimento).

Foi inferior também à safra das águas 03/04: -14% em quantidade produzida, -11% em área ocupada e - 4% em rendimento.

Inversamente, em relação à safra das águas de 04/05, a de 05/06 cresceu 9% no volume de produção, 5% na área cultivada e 4% em rendimento médio.

Oito das vinte microrregiões geográficas do estado contribuíram com 92% da área e da produção de feijão, determinando, por isto, o nível médio de rendimento.

Entretanto, somente as três regiões de maior produção representaram 64% da estadual, 65% da área ocupada e um rendimento médio por área um pouco menor do que o estadual.

As regiões de Curitibanos e Canoinhas produzem, cada uma, 25% do total do estado e a região de Campos de Lages, 15%.

Além do mais, ocuparam, respectivamente, 24%, 19% e 22% da área por terem alcançado níveis de produtividade diferenciados: Canoinhas, 1,43 t/ha; Curitibanos, 1,11 t/ha; Campos de Lages, 780kg/ha. (Tabela11).

Tabela 11/I. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio da primeira safra nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Santa Catarina	117.528	92.185	100.783	101.845	86.186	90.761	1.154,0	1.069,6	1.110,4
Principais regiões	105.905	82.515	92.875	92.352	77.931	83.624	1.146,8	1.058,8	1.110,6
Curitibanos	17.877	16.963	24.876	23.975	20.085	21.935	745,7	844,6	1.134,1
Canoinhas	19.203	22.540	24.676	11.410	11.550	17.220	1.683,0	1.951,5	1.433,0
Campos de Lages	21.129	13.509	15.268	20.231	20.058	19.568	1.044,4	673,5	780,3
Joaçaba	13.713	9.218	9.784	11.292	9.998	9.253	1.214,4	922,0	1.057,4
Chapecó	18.488	8.338	7.237	14.939	8.655	8.028	1.237,6	963,4	901,5
Xanxerê	7.560	5.461	4.793	4.750	3.065	3.545	1.591,6	1.781,7	1.352,0
São Bento do Sul	3.286	3.320	3.560	1.500	1.500	1.700	2.190,7	2.213,3	2.094,1
São Miguel d'oeste	4.649	3.166	2.681	4.255	3.020	2.375	1.092,6	1.048,3	1.128,8

Fonte: IBGE (abr./06).

A segunda safra catarinense 05/06, por sua vez, teve forte recuperação, se comparada com as de 03/04 e 04/05. De fato, as 44,1 mil toneladas produzidas representam mais do que o dobro da safrinha de 04/05 e 67% em relação à de 03/04.

Todavia, foi inferior à safrinha de 02/03 em 15%.

Representou, por outro lado, 30% do total de feijão produzido no estado no corrente ano agrícola.

As duas safrinhas imediatamente anteriores equivaleram a 18% do mesmo total.

Ainda sob este aspecto, observa-se que a área cultivada desta última safrinha (34,1 mil hectares) pouco se diferenciou da de 03/04 (- 4%), mas foi 19% maior que a do ano agrícola 04/05.

Logo, a produtividade média voltou a crescer em torno de 75% (para 1,29 t/ha), passando, inclusive, a superar a do ano 02/03, em 4%.

As cinco mais destacadas regiões produtoras da safrinha catarinense obtiveram, em 2006, um rendimento médio por hectare 4% acima da média, ocuparam cerca de 77% da área e de 80% do montante produzido no estado.

Estes percentuais apontam para um crescimento de 82% em termos de rendimento médio, uma ligeira redução de área plantada (3%) e, portanto, aumento de 76% em volume de produção, entre 2004 e 2006.

Com relação à penúltima safra, estes números foram bem mais alentados; o rendimento médio cresceu em torno de 88% , a área cultivada, por volta de 19% e a quantidade produzida, ao redor de 124%.

A evolução das regiões, no entanto, foi bastante diferenciada entre si.

Duas delas obtiveram, em 2006, as maiores safras: *Chapecó* produziu 20% da safrinha estadual e *Xanxerê*, 18% e ocuparam 23% e 14% da área plantada.

No tocante à participação do rendimento médio, *Xanxerê* elevou-se em 27% acima da média estadual, enquanto *Chapecó* recuou 10%.

Nesta última região, desde 2004 a quantidade produzida foi incrementada em quase 380% - um pouco menos do que a produtividade média (387%) – e a área cultivada reduziu-se levemente (-2%).

Xanxerê, no mesmo período, alçou seu volume de produção em 241%, via aumento de área em 102% e de rendimento em 69%.

Canoinhas produziu, em 2006, 15% do montante da safrinha estadual, ocupando-lhe 11% da área e situando sua produtividade 38% acima da média.

Elevou-se, desde 2004, 140% em quantidade produzida, 90% em área e 26% em rendimento.

Entre as duas últimas safrinhas o crescimento foi bem mais expressivo: 518% no montante produzido, 43% em área e 333% em produtividade.

Criciúma e *Tubarão* representaram, na última safra, respectivamente 16% e 12% da produção da safrinha estadual.

Ambas as regiões, entretanto, perderam produtividade: *Criciúma*, em 9% e *Tubarão*, em 8%.

Suas respectivas áreas cultivadas equivaleram a 17% e 13% da estadual, em 2006.(Tabela 12)

Tabela 12/I. Feijão - Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio da segunda safra nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 - 2006

Discriminação	Quantidade produzida (t)			Área cultivada (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006	2004	2005	2006
Principais regiões	105.905	82.515	92.875	92.352	77.931	83.624	1.146,8	1.058,8	1.110,6
Santa Catarina	26.331	20.983	44.104	35.497	28.613	34.076	741,8	733,3	1.294,3
Principais regiões	21.691	17.269	38.293	28.612	23.326	28.784	758,1	740,3	1.330,4
Chapecó	4.276	1.882	9.003	9.341	7.865	7.719	457,8	239,3	1.166,3
Xanxerê	6.667	2.312	7.876	5.141	2.370	4.780	1.296,8	975,5	1.647,7
Criciúma	3.082	6.926	6.934	7.050	5.775	5.885	437,2	1.199,3	1.178,2
Canoinhas	2.712	1.053	6.504	1.920	2.550	3.640	1.412,5	412,9	1.786,8
Tubarão	3.345	3.659	5.153	3.735	3.561	4.325	895,6	1.027,5	1.191,4
Ituporanga	1.609	1.437	2.823	1.425	1.205	2.435	1.129,1	1.192,5	1.159,3

Fonte: IBGE (abr./06).

Cesar A. Freyesleben Silva



Situação mundial e brasileira

Segundo a FAO, a produção mundial de fumo de 2005 apresentou um crescimento de 1,9% em relação à de 2004, muito abaixo do crescimento de 2003 para 2004, que alcançou mais de 7%.

Ainda assim, a produção mundial continua bem abaixo dos parâmetros alcançados há alguns anos. No transcorrer dos anos noventa, por exemplo, chegou a superar com folga os oito milhões de toneladas.

Apesar do crescimento dos dois últimos anos, a produção mundial de 2005 continuou abaixo daquela alcançada em 2000, o que se deve ao fato de a maioria dos principais países produtores terem reduzido a produção.

O Brasil continua ocupando posição de destaque na produção mundial. Consolidou-se como segundo produtor mundial e nas três últimas safras (2003/04 a 2005/06) alcançou produções bem superiores aos parâmetros históricos.

O recorde foi alcançado na safra 2003/04, quando foram colhidas 921,281 mil toneladas. Na safra 2004/05 houve crescimento de área plantada, mas, em função da estiagem do final de 2004 e início de 2005, houve perdas significativas na Região Sul e a produção brasileira acabou decrescendo para 894,025 mil toneladas.

Essa expansão da produção teve como objetivo atender a uma maior demanda do mercado internacional. Em 2005, as exportações brasileiras atingiram um novo recorde, em toneladas e dólares.

O Brasil é, destacadamente, o maior exportador mundial em quantidade de fumo em folha, respondendo por cerca de 25% das exportações mundiais.

Safra 2005/06 - Situação do Sul do Brasil e de Santa Catarina

Segundo a Afubra, depois dos sensíveis avanços nas safras mais recentes, na safra 2005/06 a área de plantio da Região Sul do Brasil sofreu um decréscimo em relação à safra 2004/05.

Ainda assim, a expectativa inicial era de que a produção poderia ficar próximo da safra 2004/05. A primavera chuvosa, com noites frias e dias de pouco sol, a estiagem que afetou parte das regiões produtoras do Sul do Brasil e a grande quantidade de lavouras atingidas com granizo, comprometeram a produtividade das lavouras de muitas regiões. A produção ficou abaixo da estimativa inicial. Seu decréscimo acabou sendo superior ao da área plantada.

Os números da Afubra são um pouco diferentes: área plantada de 417,420mil hectares e produção de 769,660 mil toneladas. Em relação à safra 2004/05, houve decréscimo de 4,96% na área plantada e de 8,70% na produção.

Até o mês de agosto, estas quedas apontadas pela Afubra não haviam aparecido nas estimativas oficiais. Com isto, o IBGE continuava estimando, para a Região Sul e para o Brasil, que a área plantada e a produção da safra 2005/06 teriam sido superiores às da safras 2004/05.

Em Santa Catarina, segundo a Afubra, na safra 2005/06 houve, em relação à safra 2004/05, um decréscimo de 4,5% na área plantada e de 12,7% na produção. Dos três estados do Sul, Santa Catarina foi o que apresentou as perdas mais significativas em produtividade. O rendimento médio obtido, de 1.759 kg/ha, está entre os piores dos últimos anos.

Os números provisórios do IBGE indicam, para Santa Catarina, redução de 0,6% na área plantada e de 10,7% na produção.

A redução na produção da Região Sul não significou uma comercialização favorável para os produtores. Para a maioria deles, a comercialização da safra 2005/06 foi ainda mais difícil que a de 2004/05.

Um dos aspectos que têm criado dificuldades para a comercialização é o comportamento da taxa de câmbio. A valorização do real tornou a rentabilidade das vendas externas bem menores que as esperadas.

Além disto, o fato de as últimas três safras (2003/04, 2004/05 e 2005/06) atingirem produções bastante significativas permitiu a recuperação dos estoques de algumas indústrias, o que é sempre um fator adicional de dificuldade para a comercialização.

Em boa parte do período de comercialização, as indústrias foram muito rigorosas na classificação.

Em função disso, o preço médio recebido pelos produtores dos três estados do Sul ficou em R\$ 4,15/kg, muito abaixo do fixado na tabela de preços para a classe TO2 (R\$ 4,67/kg), normalmente uma referência para o preço médio. Foi também 4,2% abaixo ao preço médio da safra 2004/05, que atingiu R\$ 4,33/kg.

Os preços recebidos pelos produtores variaram bastante entre os três estados. Em Santa Catarina, o preço médio ficou em R\$ 4,24/kg; no Rio Grande do Sul, em R\$ 4,17/kg e no Paraná, em R\$ 3,91/kg. Estes preços médios são, respectivamente, 6,0%, 1,4% e 7,8% inferiores aos preços médios da safra 2004/05.

Portanto, a correção de 4% aplicada sobre a tabela de preços da safra 2004/05 para estabelecer a da safra 2005/06 não significou nada para a maioria dos produtores.

Perspectivas para 2006/07

No primeiro semestre de 2006, as exportações brasileiras de fumo apresentaram, em relação ao mesmo período de 2005, redução na quantidade e aumento no valor das exportações. As vendas decresceram 6,7% em toneladas e aumentaram 11,1% em dólares.

A melhora do preço médio do fumo exportado não significa que as indústrias continuam interessadas em aumentar a produção. As indicações atuais são de que pretendem reduzir sensivelmente a área plantada na safra 2006/07. A prioridade é produzir menos fumo, mas com mais qualidade.

As indústrias estão projetando uma produção de cerca de 700 mil toneladas.

Tabela 1/I. Fumo - Produção mundial e dos principais países - 1980-2005

(peso bruto em 1.000 t)

País	1980	1985	1990	1995	2000	2005
China	919,7	2.450,2	2.645,6	2.326,7	2.563,9	2.685,5
Brasil	404,9	410,5	445,5	456,0	578,5	878,7
Índia	438,5	485,9	551,6	566,7	520,0	598,0
EUA	810,2	685,7	737,7	576,0	477,6	290,1
Indonésia	85,5	160,8	156,4	140,2	146,1	141,0
Turquia	228,3	170,5	296,0	204,4	200,3	140,7
Grécia	117,3	150,6	135,7	148,5	136,6	123,0
Argentina	62,0	60,2	67,6	79,0	114,5	118,0
Itália	125,5	166,5	214,9	124,5	129,9	110,0
Paquistão	77,8	87,2	68,1	80,9	107,7	84,4
Tailândia	84,3	90,0	69,5	48,8	74,2	70,0
Malauí	54,1	73,4	101,0	129,4	98,7	69,5
Coreia do Norte	45,0	56,0	65,0	60,0	63,0	65,4
Zimbábue	125,0	108,0	130,4	198,4	227,7	65,0
Bulgária	122,3	126,0	76,5	18,8	32,3	62,0
Mundo	5.258,3	7.049,2	7.137,4	6.272,9	6.678,9	6.565,3

Fonte: FAO.

Tabela 2/I. Fumo - Comparativo das safras do Brasil - 1996/97 - 2005/06

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1996/97	338.240	596.952	1.765
1997/98	358.155	505.353	1.411
1998/99	341.731	629.525	1.842
1999/00	310.633	579.727	1.866
2000/01	305.676	568.505	1.860
2001/02	344.798	670.309	1.944
2002/03	392.925	656.200	1.670
2003/04	462.391	921.281	1.992
2004/05 ⁽¹⁾	498.760	894.025	1.792
2005/06 ⁽²⁾	502.614	899.021	1.789

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

⁽²⁾ Dados preliminares (jul./06).

Fonte: IBGE.

Tabela 3/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo os estados e regiões do Brasil - 2002/03 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05 ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	196.369	229.007	242.180	322.078	482.968	430.347	1.640	2.109	1.777
Santa Catarina	120.899	143.112	145.806	213.339	284.825	280.045	1.765	1.990	1.921
Paraná	49.855	64.489	78.999	97.237	127.329	152.371	1.950	1.974	1.929
Região Sul	367.123	436.608	466.985	632.654	895.122	862.763	1.723	2.050	1.848
Alagoas	9.525	11.925	17.000	8.775	13.295	17.000	921	1.115	1.000
Bahia	12.458	10.894	11.950	11.192	9.730	11.010	898	893	921
Sergipe	1.252	1.552	2.133	1.662	2.009	2.775	1.327	1.294	1.301
Paraíba	299	338	277	227	246	225	759	728	812
Rio Grande do Norte	185	167	-	127	118	-	686	707	-
Ceará	79	58	165	79	75	142	1.000	1.293	861
Piauí	4	-	-	3	-	-	750	-	-
Pernambuco	23	124	-	6	112	-	261	903	-
Região Nordeste	23.825	25.058	31.525	22.071	25.585	31.152	926	1.021	988
Minas Gerais	1.391	-	-	1.037	-	-	746	-	-
São Paulo	181	175	250	151	150	110	834	857	440
Região Sudeste	1.572	175	250	1.188	150	110	756	857	440
Acre	96	253	-	90	225	-	938	889	-
Pará	123	115	-	80	82	-	650	713	-
Amazonas	186	182	-	117	117	-	629	643	-
Região Norte	405	550	-	287	424	-	709	771	-
Brasil	392.925	462.391	498.760	656.200	921.281	894.025	1.670	1.992	1.792

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. Fumo - Quantidade produzida e exportada pelo Brasil - 1996 - 2005

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	(%) Exp./Prod
1996	476.638	365.254	76,6
1997	596.952	409.919	68,7
1998	505.353	392.875	77,7
1999	629.525	358.746	57,0
2000	579.727	353.022	60,9
2001	568.505	443.846	78,1
2002	670.309	474.472	70,8
2003	656.200	477.550	72,8
2004	921.281	592.844	64,4
2005 ¹	894.025	629.629	70,4
Média	649.852	449.816	69,2

⁽¹⁾ Dado de produção sujeito a alterações.

Fonte: IBGE e MDIC/Secex.

Tabela 5/I. Fumo - Exportações brasileiras e catarinenses - 1996 - 2005

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
1996	365.254	1.515.392	39.452	140.674
1997	409.919	1.664.806	34.909	122.125
1998	392.875	1.558.990	38.735	127.255
1999	358.746	961.237	31.449	84.388
2000	353.022	841.474	37.882	88.697
2001	443.846	944.316	48.101	90.579
2002	474.472	1.008.169	45.968	88.211
2003	477.550	1.090.259	43.264	88.232
2004	592.844	1.425.763	57.811	133.424
2005	629.629	1.706.520	76.319	213.366

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 6/I. Fumo - Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - 2003/04 - 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Rio Grande do Sul	207.090	218.260	204.030	445.990	422.960	388.570	2.154	1.938	1.904
Santa Catarina	137.380	144.810	138.360	275.220	278.840	243.380	2.003	1.926	1.759
Paraná	66.820	76.150	75.030	129.850	141.190	137.710	1.943	1.854	1.835
Região Sul	411.290	439.220	417.420	851.060	842.990	769.660	2.069	1.919	1.844

Fonte: Afubra.

Tabela 7/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 - 2005/06

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
1996/97	1,91	1,94	1,76	1,90	1,80	1,83	1,66	1,79
1997/98	1,90	1,96	1,72	1,91	1,67	1,72	1,51	1,68
1998/99	1,82	1,88	1,80	1,84	1,04	1,08	1,03	1,06
1999/00	2,01	2,01	1,93	2,00	1,12	1,12	1,08	1,12
2000/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,17	1,13	1,05	1,14
2001/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,17	1,18	1,11	1,17
2002/03 ⁽¹⁾	4,02	3,94	3,77	3,95	1,24	1,22	1,16	1,22
2003/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,46	1,41	1,36	1,43
2004/05	4,23	4,51	4,24	4,33	1,64	1,75	1,65	1,68
2005/06	4,17	4,24	3,91	4,15	1,90	1,94	1,78	1,89

⁽¹⁾ Dado calculado pelo Epagri/Cepa.

Obs: Conversão em dólar realizada por Epagri/Cepa.

Fonte: Afubra.

Tabela 8/I. Fumo - Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 - 2004/05

Safr	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
1996/97	1,94	1,80	1,14	1,90	1,83	1,70	1,08	1,79
1997/98	1,94	1,83	1,20	1,91	1,71	1,61	1,06	1,68
1998/99	1,85	1,82	1,24	1,84	1,06	1,04	0,71	1,06
1999/00	2,03	1,90	1,32	2,00	1,14	1,06	0,74	1,12
2000/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,17	1,03	0,67	1,14
2001/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,20	1,07	0,69	1,17
2002/03 ⁽¹⁾	4,10	3,43	2,21	3,95	1,27	1,06	0,68	1,22
2003/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,47	1,27	0,89	1,43
2004/05	4,43	3,93	2,49	4,33	1,72	1,53	0,97	1,68
2005/06	4,24	3,83	2,40	4,15	1,94	1,75	1,10	1,89

⁽¹⁾ Dado calculado por Epagri/Cepa.

Obs. Conversão em dólar realizada por Epagri/Cepa.

Fonte: Afubra.

Tabela 9/I. Fumo - Comparativo das safras de Santa Catarina - 1995/96 - 2005/06

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1995/96	104.804	200.736	1.915
1996/97	116.761	163.768	1.403
1997/98	116.761	163.768	1.403
1998/99	105.523	204.675	1.940
1999/00	96.117	188.327	1.959
2000/01	93.678	178.207	1.902
2001/02	112.067	223.382	1.993
2002/03	120.899	213.339	1.765
2003/04	143.112	284.825	1.990
2004/05	145.806	280.045	1.921
2005/06 ⁽¹⁾	145.000	249.980	1.724

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. Fumo - Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões de Santa Catarina - Safras 2002/03 - 2004/05

Micro/Mesorregiões	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
São Miguel do Oeste	12.057	13.752	12.481	19.289	24.476	20.200	1.600	1.780	1.618
Chapecó	12.595	14.837	13.511	20.022	26.731	21.301	1.590	1.802	1.577
Xanxerê	1.957	2.593	2.505	3.164	4.695	4.091	1.617	1.811	1.633
Joaçaba	922	1.492	1.793	1.488	2.714	2.984	1.614	1.819	1.664
Concórdia	575	1.029	1.132	931	1.926	1.860	1.619	1.872	1.643
Oeste Catarinense	28.106	33.703	31.422	44.894	60.542	50.436	1.597	1.796	1.605
Canoinhas	23.874	28.924	29.834	43.841	60.322	59.500	1.836	2.086	1.994
São Bento do Sul	671	906	1.064	1.194	1.890	2.163	1.779	2.086	2.033
Joinville	35	32	37	63	68	76	1.800	2.125	2.054
Norte Catarinense	24.580	29.862	30.935	45.098	62.280	61.739	1.835	2.086	1.996
Curitibanos	654	795	1.121	1.023	1.509	1.862	1.564	1.898	1.661
Campos de Lages	1.087	1.197	1.321	1.944	2.119	2.363	1.788	1.770	1.789
Serrana	1.741	1.992	2.442	2.967	3.628	4.225	1.704	1.821	1.730
Rio do Sul	19.553	22.656	23.584	34.598	46.228	47.163	1.769	2.040	2.000
Blumenau	933	957	1.137	1.729	1.868	2.329	1.853	1.952	2.048
Itajaí	5	4	7	9	8	14	-	2.000	2.000
Ituporanga	10.310	14.330	15.282	18.825	28.011	30.405	1.826	1.955	1.990
Vale do Itajaí	30.801	37.947	40.010	55.161	76.115	79.911	1.791	2.006	1.997
Tijucas	2.967	3.546	3.756	5.377	7.376	7.650	1.812	2.080	2.037
Florianópolis	4	9	13	8	18	26	2.000	2.000	2.000
Tabuleiro	688	1.044	1.250	1.255	2.169	2.530	1.824	2.078	2.024
Grande Florianópolis	3.659	4.599	5.019	6.640	9.563	10.206	1.815	2.079	2.033
Tubarão	9.251	10.214	10.936	16.822	21.520	22.179	1.818	2.107	2.028
Criciúma	7.589	7.770	7.614	14.049	16.213	15.614	1.851	2.087	2.051
Araranguá	15.172	17.025	17.428	27.708	34.964	35.735	1.826	2.054	2.050
Sul Catarinense	32.012	35.009	35.978	58.579	72.697	73.528	1.830	2.077	2.044
Total	120.899	143.112	145.806	213.339	284.825	280.045	1.765	1.990	1.921

Fonte: IBGE.

Tabajara Marcondes



Panorama mundial

Na safra 2004/05 mundial de maçã, a FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) estima uma produção de 63,5 milhões de toneladas, área colhida de 5,2 milhões de hectares e rendimento médio de 12.167 quilos por hectare. Em relação à safra anterior, apesar do decréscimo de 2,6% na produtividade, o aumento de 3,1% na área resulta num desempenho positivo de 0,45% no volume produzido.

A China é a principal responsável por este comportamento, apresentando um rendimento médio de apenas 11.362 quilos por hectare – muito inferior ao de alguns países produtores: Nova Zelândia, 45.455 kg/ha; África do Sul, 37.095 kg/ha; França, 36.603 kg/ha; Chile, 36.486 kg/ha; Itália, 35.403 kg/ha e Argentina, 31.550 kg/ha. No entanto, continua liderando a produção no ranking mundial, com a expressiva participação de 39,4%, seguida pelos Estados Unidos (6,7%), a Turquia (4,0%), o Irã (3,8%), a Itália (3,5%), a França (3,3%), a Polônia e a Federação Russa (3,2%, cada) (Tabela 1).

As vendas de maçã para os principais centros consumidores mundiais cresceram nos anos de 2002 a 2004. Em 2004 foram comercializados 6,426 bilhões de toneladas, representando um montante financeiro da ordem de 3,835 bilhões de dólares. Estes valores foram 12,3% e 18,4% superiores em relação aos anos de 2003 e 2002, respectivamente.

No período, os maiores volumes vendidos pertencem ao mercado francês, que consegue barganhar 12,2% da fatia total, seguido pelo italiano, com 10,6%, o chileno, com 10,3%, o chinês, com 10,0% e o americano, com 8,9%. Com participação entre 5,5% e 6,0% aparecem os mercados da Bélgica, da Nova Zelândia, da Holanda e da Polônia, conforme demonstrado na tabela 2.

As importações, no mesmo período, apresentam-se crescentes, totalizando 17,6 bilhões de toneladas da fruta e 11,2 bilhões de dólares comercializados. Os maiores volumes de compras pertencem à Alemanha, com 13,2% das aquisições, seguida pela Federação Russa, com 9,5%, pelo Reino Unido, com 8,2%, pela Holanda, com 5,6%, pela China, com 4,4%, pela Bélgica, com 4,0%, pela Espanha, com 3,9% e pelos Estados Unidos, com 3,2%, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 1/I. Maça - Área colhida e produção - Total e principais países - 2002/03 - 2004/05

País	Área colhida(1.000 ha)			Quantidade produzida(1.000 t)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Mundo	4.927	5.062	5.218	58.982	63.205	63.489
Alemanha	70	70	70	1.578	1.592	1.600
Argentina	50	40	40	1.307	1.262	1.262
Brasil	32	33	35	842	973	846
Chile	35	36	37	1.250	1.300	1.350
China	1.901	2.101	2.201	21.105	23.681	25.007
República da Coréia	71	72	72	660	669	669
Espanha	46	31	41	881	603	798
Estados Unidos	158	156	160	3.989	4.726	4.254
Federação Russa	396	386	390	1.690	2.030	2.050
França	60	58	58	2.137	2.217	2.123
Hungria	44	36	38	508	680	720
Índia	250	250	250	1.470	1.470	1.470
Irã	150	150	150	2.400	2.400	2.400
Itália	74	62	62	1.610	2.136	2.195
Japão	42	41	41	842	755	870
México	62	62	62	488	503	503
Nova Zelândia	12	11	11	501	464	500
Polônia	159	175	166	2.428	2.522	2.050
Romênia	72	73	73	811	1.098	478
África do Sul	24	24	21	714	708	779
Turquia	117	109	117	2.600	2.100	2.550
Ucrânia	170	152	150	871	717	700
Uzbequistão	88	94	94	489	500	500
Demais países	846	840	880	7.810	8.099	7.817

Fonte: FAO (jun./06).

Tabela 2/I. Maça - Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países - 2002 - 2004

País	Quantidade (1.000 t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	5.668.192	6.202.782	6.425.739	2.882.751	3.414.112	3.835.231
Alemanha	64.724	69.609	89.577	38.180	52.130	75.923
Argentina	165.944	200.431	206.041	63.192	81.987	90.669
Áustria	43.896	70.795	50.001	23.419	44.384	39.047
Brasil	65.927	76.466	153.043	31.403	37.834	72.550
Bélgica	394.806	340.094	336.737	221.663	259.871	258.553
Canadá	62.775	49.179	44.218	37.715	35.271	31.160
República Checa	80.592	42.135	74.500	5.886	6.139	9.073
Chile	548.194	601.248	738.985	279.345	265.133	337.895
China	438.857	609.052	774.131	149.492	209.773	274.407
Espanha	106.527	72.679	109.301	45.649	39.220	71.400
Estados Unidos	596.126	546.244	491.676	379.786	364.425	383.729
França	766.992	803.778	628.017	542.539	611.933	574.705
Irã	92.078	108.873	120.507	13.855	19.844	29.697
Itália	687.771	707.712	541.969	368.786	468.407	432.835
República de Moldava	18.321	123.614	135.395	3.975	22.218	24.536
Nova Zelândia	318.860	322.758	358.327	196.422	235.680	313.966
Holanda	258.475	349.414	388.094	171.205	233.348	296.968
Polônia	327.823	348.656	407.393	49.518	67.523	100.764
África do Sul	256.467	325.809	305.190	83.597	143.045	181.020

Fonte: FAO (jun./06).

Tabela 3/I. Maçã – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002 - 2004

País	Quantidade (1.000t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	5.393.768	5.966.257	6.257.043	3.070.928	3.780.161	4.310.776
Alemanha	777.014	812.653	736.256	433.238	572.530	595.827
Arábia Saudita	126.198	127.233	119.011	47.431	45.958	80.953
Áustria	61.857	80.448	81.458	16.050	26.750	31.156
Bélgica	246.644	249.609	222.052	178.986	218.245	221.541
Canadá	138.945	142.110	133.341	106.273	117.488	124.720
China	269.985	254.404	247.321	161.019	166.321	183.009
Espanha	207.770	236.114	248.937	120.905	171.805	206.796
Estados Unidos	170.354	186.763	207.378	108.434	165.218	215.879
Federação Russa	362.071	608.297	705.277	113.812	197.880	237.424
França	137.759	116.464	210.100	80.359	90.156	170.573
Indonésia	83.769	71.390	114.031	68.343	61.815	63.353
Itália	54.191	55.630	89.818	39.179	45.106	75.305
Malásia	79.186	76.596	81.159	19.922	17.490	18.185
México	171.719	180.774	154.051	145.826	147.376	136.892
Holanda	279.799	387.078	322.596	204.190	295.208	279.249
Reino Unido	448.569	475.860	524.928	377.794	461.328	552.973
Suécia	78.769	92.634	103.800	53.596	76.322	95.100
Tailândia	49.813	84.229	88.065	39.881	57.047	50.443
Vietnã	45.805	66.308	96.513	16.764	19.504	27.875

Fonte: FAO (jun./06).

Panorama nacional - Safra 2004/05

Na safra nacional 2004/05 de maçã, foram colhidas 846,4 mil toneladas (IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, abril de 2006). Em comparação com os dados da safra 2003/04, que foi de 980,2 mil toneladas, houve um decréscimo de 13,6%, embora a área a ser colhida tenha aumentado 7,3% - passou de 32.993 hectares para 35.411 hectares.

Santa Catarina, com um volume produzido de 505 mil toneladas, destaca-se no ranking nacional como o primeiro produtor, respondendo por cerca de 59,7% da produção, seguida pelo estado do Rio Grande do Sul, com 35,1%.

A ocorrência de fatores climáticos na safra - falta de chuva, queda de granizo e frio fora de época - favorece o surgimento de doenças e o ataque de pragas na lavoura, variáveis que contribuíram para uma diminuição na produtividade, na qualidade e no tamanho dos frutos.

Em fevereiro de 2005 encontrava-se em pleno andamento a colheita da cultivar Gala e de outras variedades precoces nos principais estados produtores. A variedade Fuji teve a sua colheita iniciada no mês de abril. Em alguns municípios catarinenses, no entanto, a atividade foi antecipada em virtude do baixo índice pluviométrico predominante, fenômeno que apressou a maturação do fruto (Tabela 4).

No mercado interno, no primeiro trimestre de 2005, foi comercializada, inicialmente, a fruta de menor calibre e a de qualidade inferior, destinada principalmente às indústrias de processamento. No segundo trimestre, as vendas priorizaram o fruto pequeno e de boa qualidade, vendido preferencialmente nos mercados nordestinos. O produto de melhor calibre, no entanto, teve volume de negócios pouco expressivo no mesmo período. A fruta continuou armazenada em câmaras frias e foi comercializada somente a partir do segundo semestre do ano, com preços médios bem mais remuneradores.

Tabela 4/I. Maçã – Área colhida e produção – Brasil e principais estados – Safras 2002/03 -2005/06

Discriminação	Área Colhida (ha)				Quantidade Produzida (t)			
	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾
Brasil	31.532	32.993	35.411	35.901	841.821	980.203	846.353	864.203
Santa Catarina	16.348	17.644	18.428	18.721	475.095	583.205	504.994	510.569
Rio Grande do Sul	13.355	13.447	14.956	15.240	329.461	353.140	296.726	372.709
Paraná	1.603	1.694	1.877	1.790	34.623	41.297	42.758	41.971
São Paulo	185	150	150	150	2.370	1.875	1.875	1.960

⁽¹⁾ Estimativas.

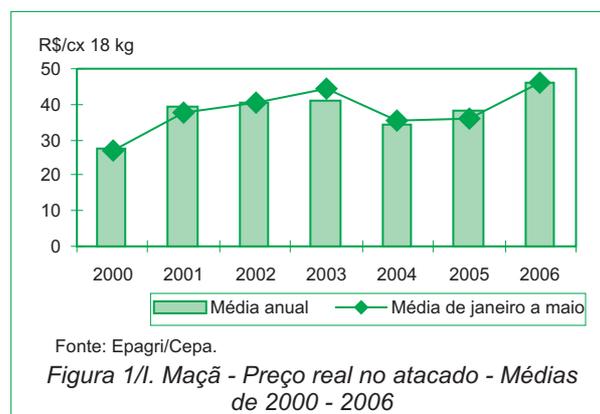
Fonte: IBGE (LSPA/abr./06).

Maçã

No ano passado, à medida que as vendas brasileiras perderam força no mercado internacional, as atenções dos principais agentes da cadeia produtiva do produto voltaram-se para o consumidor interno, conseguindo expandir gradativamente o número de negócios nos principais centros consumidores, além de contar também com um forte aliado, que é a permanência da valorização do real frente ao câmbio.

A Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM) estimou entre 50 mil e 53 mil toneladas mensais o volume comercializado no primeiro semestre, elevando-se entre 56 mil e 60 mil toneladas mensais no segundo semestre.

No atacado, o preço médio real¹ da maçã comercializada em 2005 pela Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo, apesar do crescimento anual de 12,6% em comparação ao de 2004, decresceu 6,5%, 4,2% e 2,4%, respectivamente, em relação a 2003, 2002 e 2001. Por outro lado, computando-se apenas os valores do produto comercializado nos cinco primeiros meses de 2006, observa-se uma valorização nos preços médios acumulados (em igual período) de 69,4%, em 2000; de 21,9%, em 2001; de 14,1%, em 2002; de 3,9%, em 2003; de 30,0%, em 2004 e de 19,9%, em 2005, conforme demonstrado na figura 1.

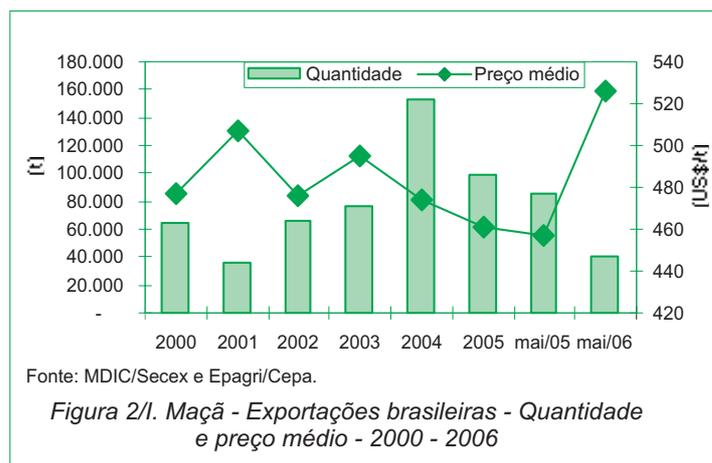


Em 2005, segundo a Secretaria do Comércio Exterior e do Departamento de Operações do Comércio Exterior (MDIC/Secex), as exportações brasileiras atingiram um total de 99,3 mil toneladas e decresceram 35% em relação a 2004, sendo comercializadas 153 mil toneladas. Apesar disso, situaram-se acima do volume de vendas realizadas nos anos de 2000 a 2003, representando um acréscimo de 3,4%, 9,1%, 3,3%, respectivamente.

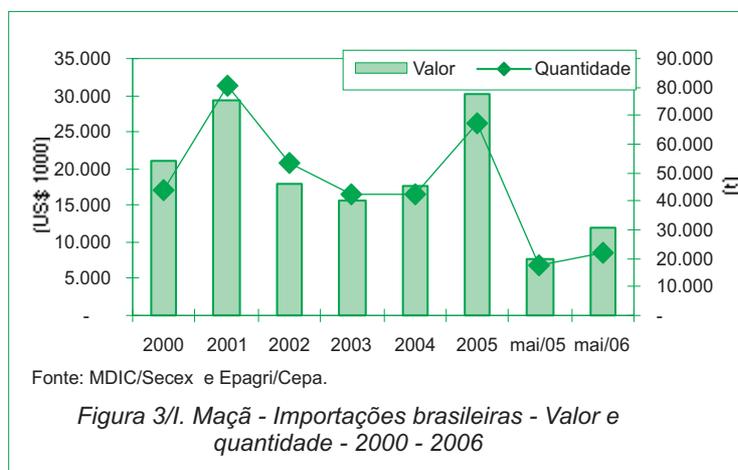
¹ Os preços reais foram corrigidos pelo IGP-DI, fixando-se o mês de maio de 2006 como base de cálculo. Portanto, sobre os preços médios mensais do produto, aplicaram-se as taxas inflacionárias mensais observadas no período correspondente de janeiro de 2000 a maio de 2006.

Em 2006, as vendas nacionais continuam abaixo da expectativa. O acumulado nos cinco primeiros meses caiu mais da metade (52,4%) em relação a igual período do ano anterior e 67,5% em relação ao ano de 2004. A quantidade vendida no período atingiu 40,9 mil toneladas (contra 86,1 mil toneladas em 2005 e 125,9 mil toneladas em 2004). Os preços médios (US\$/t) superaram a expectativa, subindo cerca de 15% em comparação com 2005 e 9% em relação aos valores médios acumulados nos anos de 2000 a 2005.

Os nossos principais parceiros comerciais são os países da União Européia, representando cerca de 90% do volume total de negócios efetivados nos últimos anos. Destacam-se, entre eles, a Holanda, com participação de 36,9%, o Reino Unido, com 14,0%, a Alemanha com 9,4% e a Suécia, com 6,3%. No entanto, é necessário mencionar também as operações mais recentes com os mercados da Rússia, do Japão, da Índia e do Canadá, bem como o incremento de vendas para outros países do continente asiático (Figura 2).



Quanto ao comportamento das importações brasileiras de maçãs, os dados da mesma fonte (MDIC/Secex) confirmam a manutenção da política de diminuição de importação. Em 1996, as aquisições foram de 158,6 mil toneladas (desembolsados US\$ 87,8 milhões); em 1999, decresceram para 66,4 mil toneladas (US\$ 27,2 milhões pagos); em 2004, diminuíram para 42,5 mil toneladas (US\$ 17,6 milhões pagos); em 2005, aumentaram para 67,5 mil toneladas (US\$ 30,0 milhões pagos). Em 2006, o acumulado de janeiro a maio soma 17,6 mil toneladas (US\$ 9,8 milhões desembolsados), apresentando um crescimento de 21,6% em relação a igual período de 2005. O comportamento crescente no último ano é o resultado da valorização da moeda nacional, que permitiu aos mercados argentino e chileno - principais parceiros comerciais - canalizar grande parte da sua produção para os principais centros consumidores brasileiros (Figura 3).



Safra 2005/06

Estima-se, para a safra nacional de maçã 2005/06, um volume em torno de 885,4 mil toneladas, numa área colhida de 36 mil hectares (IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA -, maio de 2006). Em relação à safra 2004/05, observa-se um acréscimo de 4,6% na produção e de 1,9% na área a ser colhida.

Santa Catarina, responsável por aproximadamente 60% da produção nacional, deve atingir uma produção de 511 mil toneladas.

Durante a safra, diversos fatores climáticos (falta de chuva, queda de granizo e frio fora de época) favoreceram o surgimento de algumas doenças e o ataque de pragas - fortes indicativos que provavelmente contribuíram para diminuir a produtividade, a qualidade e o tamanho dos frutos.

Após a finalização da colheita da safra catarinense (em meados da terceira semana de maio), constata-se que em alguns municípios das microrregiões de Joaçaba e Lages a variedade Gala surpreendeu, produzindo acima do esperado (fruto de melhor calibre), enquanto a variedade Fuji ficou aquém do inicialmente previsto.

Em 2006, as vendas do primeiro semestre no mercado interno foram pouco representativas, embora o preço médio, no atacado, se apresente mais remunerador em relação a igual período de 2005. Para o segundo semestre, os agentes da cadeia produtiva da maçã devem continuar apostando no aumento gradual no volume de negócios e nos preços médios (não perder de vista as importações oriundas principalmente dos mercados argentino e chileno).

No mercado externo, para este ano, confirmam-se as expectativas iniciais de diminuição nas vendas. Considerando os meses de abril a junho, os de maior concentração das vendas, o volume acumulado durante o primeiro semestre representa menos da metade do que foi negociado em igual período de 2005.

Luiz Marcelino Vieira



Panorama mundial

Nos últimos vinte anos, a lavoura de mandioca apresentou crescimento em área e produção nos principais países produtores, especialmente nos africanos e nos asiáticos, onde essa raiz constitui uma das principais fontes energéticas de alimento, bem como uma das alternativas de renda para a população.

As estimativas da FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) para a safra 2004/05 indicavam uma produção mundial de raiz de mandioca de 203,3 milhões de toneladas, numa área colhida de 18,7 milhões de hectares, representando um aumento de 0,16% e 0,82%, respectivamente, em relação a 2004.

O continente africano é responsável por 55,4% da produção mundial, seguido pelo asiático, com 27,5% e pelo americano, com 17,7%.

A Nigéria destaca-se no ranking mundial como o primeiro produtor, respondendo por 18,8% do volume total produzido, seguida pelo Brasil, com 13,1%, a Indonésia, com 9,6%, a Tailândia, com 8,3% e a República Democrática do Congo, com 7,4%. Estes cinco países perfazem 57,1% da produção mundial de raiz de mandioca (Tabela 1).

Na maioria dos países africanos, a lavoura de mandioca é explorada ainda de forma bastante incipiente. O produto continua sendo considerado um alimento básico para importante parcela da população daquele continente. Parte expressiva da produção (*in natura* ou processada) é comercializada principalmente em feiras livres, mercearias e supermercados. Nos anos mais recentes, entretanto, esta atividade adquire maior importância comercial, em função de uma melhor organização do produtor e da expansão de investimentos em pesquisas com vistas à melhoria da produtividade e das formas de processamento.

Na Ásia, a Tailândia e a Indonésia são detentoras de mais de 60% da produção do continente, enquanto no continente americano o Brasil é responsável por cerca de 74% da produção. Nestes dois continentes, a cultura diferencia-se justamente pelo crescente avanço da industrialização, pelo uso de tecnologia e das alternativas de mercados. A Tailândia é exemplo disso: apesar de ser o 4º maior produtor, possui o maior parque industrial de fécula e de "pellets" do planeta.

Nos anos de 2002 a 2004, as exportações mundiais acumuladas de farinha e de amido natural representaram um montante financeiro da ordem de 693,2 milhões de dólares.

Tabela 1/I. Raiz de mandioca - Área colhida, produção mundial e principais países produtores - 2002/03 - 2004/05

País	Área colhida (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Mundo	17.633	18.545	18.696	192.346	203.018	203.341
Angola	644	694	749	6.892	6.650	8.606
Brasil	1.634	1.751	1.933	21.961	23.778	26.645
China	251	251	251	4.015	4.216	4.216
Rep. Dem. Congo	1.842	1.843	1.846	14.945	14.951	14.974
Gana	807	784	784	10.239	9.739	9.739
Índia	240	240	240	7.000	6.700	6.700
Indonésia	1.245	1.256	1.224	18.524	19.425	19.459
Moçambique	1.046	1.069	1.050	6.150	6.413	6.150
Nigéria	3.490	4.118	4.118	32.913	38.179	38.179
Paraguai	284	306	310	4.669	5.500	4.910
Tailândia	1.022	1.057	986	19.718	21.440	16.938
Tanzânia	660	660	670	6.890	6.890	7.000
Uganda	405	407	407	5.265	5.500	5.500
Vietnam	372	384	390	5.309	5.573	5.700
Demais países	3.693	3.727	3.740	27.857	28.065	28.624

Fonte: FAO (mar./06).

A Tailândia é líder absoluta nas vendas internacionais destes segmentos, comercializando em 2004, 81,7% das farinhas e 75,5% dos amidos, seguida pela Indonésia, com 13,5% do volume transacionado de amido, enquanto os chineses aparecem na terceira posição, com 8,0%.

Por outro lado, as importações mundiais de amido de mandioca, em 2004, cresceram 17% em relação ao ano anterior. O mercado chinês aumentou sensivelmente a sua participação, destacando-se como o maior comprador mundial, com 59,6% dos negócios efetivados. Seguem-se, por ordem, o mercado da Indonésia, com 7,3% e o mercado japonês, com 6,3%. No segmento de farinha de mandioca, as maiores aquisições foram feitas pelos mercados de Níger, Laos e Cingapura, com participação relativa de 32,4%, 19,5% e 16,1%, respectivamente, no volume total comercializado (Tabelas 2, 3, 4 e 5).

Tabela 2/I. Farinha de mandioca - Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países - 2002-2004

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	87.476	81.669	81.008	17.406	16.435	19.226
Brasil	1.229	1.332	1.771	307	522	928
Gana	143	625	163	57	112	45
Nigéria	2.300	2.195	75	200	140	37
Portugal	491	1.128	2.567	79	158	427
Cingapura	932	122	181	428	171	373
Tailândia	82.142	75.960	75.918	15.016	13.429	15.707

Fonte: FAO (mar./06).

Tabela 3/I. Amido de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2002-2004

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	867.862	1.176.112	1.376.365	160.061	211.087	269.079
Alemanha	1.052	1.556	1.857	690	1.490	1.960
Brasil	24.780	15.741	8.444	5.222	4.744	4.359
Camboja	455	8.850	7.881	45	1.516	1.502
China	39.752	90.721	110.274	10.497	23.543	29.273
Colômbia	99	1.150	1.397	81	359	520
Estados Unidos	3.355	1.722	1.050	1.106	935	1.181
Indonésia	20.082	4.484	185.320	3.028	1.013	32.193
Paraguai	933	21.271	9.962	190	5.164	2.323
Holanda	3.697	3.756	3.905	2.203	2.940	3.751
Cingapura	513	1.103	1.962	210	432	181
Tailândia	767.420	1.023.073	1.039.699	135.020	166.080	188.944

Fonte: FAO (mar./06). Disponível em: <http://www.fao.org>.

Tabela 4/I. Amido de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002-04

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	1.147.939	1.560.306	1.825.610	223.704	292.786	376.735
Alemanha	2.391	4.427	11.004	734	1.315	3.500
Bangladesh	17.835	19.561	22.968	2.498	2.796	3.628
Brasil	12.395	27.123	58.329	2.533	6.583	15.086
China	709.388	940.697	1.169.470	131.040	164.528	224.492
Rep. da Coréia	9.051	7.554	10.289	1.898	1.515	2.249
Estados Unidos	16.366	15.183	20.882	4.318	4.415	8.507
Federação Russa	10.529	16.909	28.850	2.050	2.990	3.879
Filipinas	43.102	30.572	46.066	8.150	5.447	9.950
Indonésia	25.754	183.923	55.807	4.722	32.277	9.897
Japão	115.462	111.190	130.121	24.013	21.509	27.679
Malásia	81.970	73.305	113.837	15.720	16.882	23.680
Cingapura	40.305	44.073	45.108	7.782	7.900	8.706
África do Sul	8.452	18.963	22.421	1.442	3.485	4.395

Fonte: FAO (mar./06).

Tabela 5/I. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002-04

País	Quantidade (t)			Valor (US\$ 1.000)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Mundo	10.959	14.643	15.069	3.126	4.109	4.341
Alemanha	161	309	216	218	406	347
Canadá	1.120	1.441	1.175	378	500	559
Japão	461	669	866	102	143	204
Laos	2.114	2.938	2.882	485	584	652
Niger	3.007	4.882	4.882	200	257	257
Portugal	462	636	608	140	256	353
Cingapura	3.097	2.424	2.368	1.051	905	914
Tailândia	77	138	653	171	309	474

Fonte: FAO (mar./06).

Panorama nacional Safra 2004/05

Na safra nacional 2004/05 foi plantado 1,886 milhão de hectares e foram colhidos 25,725 milhões de toneladas - representando um incremento de 7,7% e de 8,2%, respectivamente, em relação à safra anterior. Os maiores incrementos de área e produtividade pertenceram às Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País, contribuindo para um melhor desempenho da produção (IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - abril de 2006).

A Região Nordeste é a maior produtora nacional, com 9,628 milhões de toneladas, seguida pelas Regiões: Norte, 7,090 milhões de toneladas; Sul, 5,027 milhões de toneladas; Sudeste, 2,587 milhões de toneladas e Centro-Oeste, 1,393 milhão de toneladas.

Por estado, as maiores produções pertencem ao Pará, com 4,798 milhões de toneladas (18,6%); à Bahia, com 4,563 milhões de toneladas (17,7%) e ao Paraná, com 3,308 milhões de toneladas (12,9%). Estes três estados representam praticamente a metade da produção de raiz de mandioca no País.

A tabela 6 demonstra o comportamento, nas safras 2003/04 a 2005/06, de área e produção de raiz no Brasil e nos principais estados produtores.

Tabela 6/l. Raiz de mandioca - Área colhida e produção - Brasil e principais estados - Safras 2003/04 - 2005/06

Discriminação	Área colhida(1.000 ha)			Quantidade produzida(1.000 t)		
	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾
Brasil	1.750,53	1.886,42	1.943,47	23.781,48	25.725,21	27.545,48
Bahia	334,13	356,19	350,41	4.347,60	4.562,60	4.318,22
Pará	298,4	316,42	318,25	4.445,52	4.797,75	5.138,22
Paraná	150,22	165,97	199,34	2.956,77	3.308,00	4.241,63
Maranhão	172,94	191,85	212,14	1.274,10	1.529,98	1.719,64
Amazonas	78,03	78,04	78,03	750,55	750,54	758,91
Rio Grande do Sul	88,08	87,05	88,63	1.234,81	1.129,50	1.301,58
Ceará	81,04	93,65	88,11	754,57	826,02	857,05
Minas Gerais	58,35	59,67	60,39	881,45	927,51	938,46
Pernambuco	48,7	52,8	56,07	526,88	590,51	624,21
São Paulo	43,8	48,64	48,72	1086,4	1.144,88	1.110,22
Piauí	40,84	49,36	52,29	430,3	380,89	591,68
Santa Catarina	32,14	32,16	32,43	591,99	590	604,89
Rio Grande do Norte	52,74	60,82	51,98	590,74	698,76	639,72
Mato Grosso do Sul	28,82	32,49	41,74	491,19	538,75	730,07
Mato Grosso	37,34	38,5	40,04	536,07	517,48	571,38

⁽¹⁾ Safra 2005/06 - Dados preliminares.

Fonte: IBGE (LSPA de dezembro de 2004 e maio de 2006).

O aumento da oferta nacional de matéria-prima na safra em questão contribuiu também para uma diminuição relativa nos valores pagos pelas agroindústrias. Para os produtores que possuem contrato de entrega da produção, entretanto, os preços recebidos situaram-se acima da média de mercado.

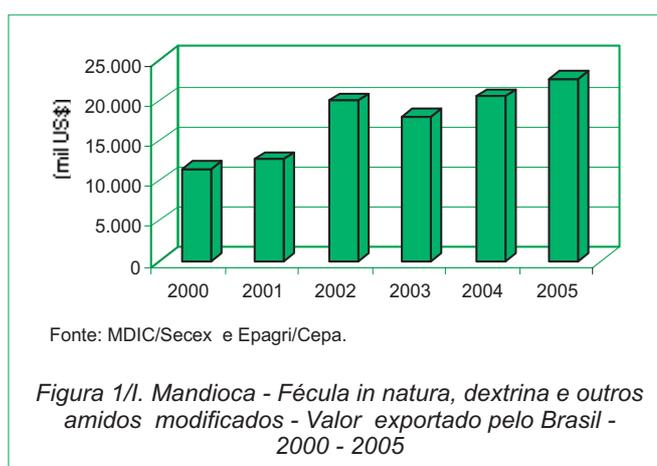
No segmento de farinha, em 2005, os produtores das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste não conseguiram manter o mesmo ritmo de venda de 2004. Uma maior concorrência, principalmente do produto nordestino, contribuiu para o aviltamento dos preços regionais e a redução das vendas nos mercados consumidores. No segmento de fécula, embora haja uma forte concor-

rência com o amido de milho, uma melhor organização dos agentes produtivos permitiu uma certa estabilidade no volume de negócios realizados.

Com o intuito de amenizar os problemas de comercialização da farinha e da fécula no ano passado, algumas medidas de incentivo foram gradativamente sendo implementadas pelo setor, como o Contrato Privado de Opção de Venda (PROP), o Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) e a Aquisição do Governo Federal (AGF).

No mercado externo, de acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio do Brasil, as vendas brasileiras de fécula *in natura*, de dextrina e outros amidos modificados estão gradativamente conquistando espaços nos centros consumidores internacionais. Em 2003, foi movimentado um total de 18,1 milhões de dólares, que representou 26,1% de aumento em relação a 2002; em 2004, subiu para 20,5 milhões de dólares; em 2005, este montante atingiu 22,7 milhões de dólares, crescendo 10,9% em relação ao ano anterior.

No período de 2003 a 2005 os principais compradores da dextrina e outros amidos modificados foram: Chile (25,4%), Argentina (23,7%), Estados Unidos (9,1%), África do Sul (9,3%) e Reino Unido (7,0%). No mesmo período, os Estados Unidos adquiriram a maior fatia das vendas de fécula **in natura**: 27,8%. Seguem-se Holanda (12,6%), Chile (8,0%), Uruguai (6,0%) e Colômbia (5,0%), conforme demonstrado na figura 1.



A expectativa da indústria nacional da fécula é de que, à medida que diminuam os subsídios aos produtores europeus de derivados de milho, arroz e batata, o aumento nos custos financeiros destes produtos torne o produto brasileiro mais competitivo no mercado internacional.

Safra estadual 2004/05

Em Santa Catarina, na safra 2004/05, os dados de área e produção mantiveram-se praticamente constantes em relação à safra anterior, na qual foram colhidos 32,1 mil hectares, que resultaram numa produção de 590 mil toneladas (IBGE - LSPA, abril de 2006).

A escassez de chuva, principalmente no primeiro quadrimestre de 2005, apesar da constatação de um ligeiro atraso no desenvolvimento vegetativo de algumas plantações, contribuindo para o aparecimento de doenças e o ataque de pragas, não interferiu na produtividade média da lavoura.

Na região Sul Catarinense, a colheita e o processamento da raiz (mandioca de dois ciclos) iniciaram-se na segunda quinzena do mês de abril (primeiramente nos municípios de Laguna e Imaruí, priorizando a produção de farinha fina - a tradicional farinha azeda), enquanto na região do Alto Vale do Itajaí, as atividades se deram no começo de maio em ritmo bastante lento.

O término da colheita da safra nessa região, previsto para o final de agosto, se estendeu até o mês de setembro. O atraso se deveu ao aumento dos índices pluviométricos, que interromperam o arranquio e o abastecimento de matéria-prima para as agroindústrias. Na região do Alto Vale do Itajaí, além da chuva, uma maior disponibilidade de matéria-prima permitiu que algumas fecularias continuassem processando até a primeira quinzena do mês de novembro.

Em 2005, as vendas dos derivados da raiz ficaram abaixo da expectativa. A demanda reprimida, o aumento gradativo da oferta, as compras limitadas ao estritamente necessário, a pouca criatividade dos agentes produtivos e de comercialização contribuíram para que os preços pouco remuneradores aumentassem ainda mais a preocupação do produtor com a falta de capital de giro e a necessidade de saldar os compromissos financeiros.

No segmento da farinha, este quadro se fez mais acentuado; no segmento da fécula, um pouco mais ameno; já no de polvilho azedo, as opções criadas a partir de alguns de seus subprodutos - como pão-de-queijo, beiju, rosca, bolacha, palito, cuscuz e broa - promoveram um maior movimento nas vendas e asseguraram os preços em patamares relativamente mais remuneradores, principalmente até o terceiro trimestre do ano.

Tomando-se por base 2005, observa-se que os valores médios nominais¹ da raiz e derivados comercializados decresceram entre 25% e 55%, comparados aos valores pagos em 2004 - na região Sul Catarinense, os preços médios anuais da farinha grossa caíram 54,9%; os da farinha fina 51,3%; os do polvilho azedo, 25,6%; os da raiz, 49,5%. Na região do Vale do Itajaí, a fécula diminuiu 42,7% e a raiz, 34,5%. Comparados com os preços médios de 2003, apresentaram um comportamento bastante semelhante, exceto no segmento do polvilho azedo, que cresceu 6,0%. Em relação a 2002 e 2001, os preços médios comercializados suplantaram a expectativa, com crescimento percentual de 28% a 118%. Em relação a 2000, os preços dos derivados voltaram a cair novamente, oscilando entre 0,7% e 31%, exceto os da raiz, que evoluíram cerca de 7,0% na região Sul Catarinense (Tabela 7).

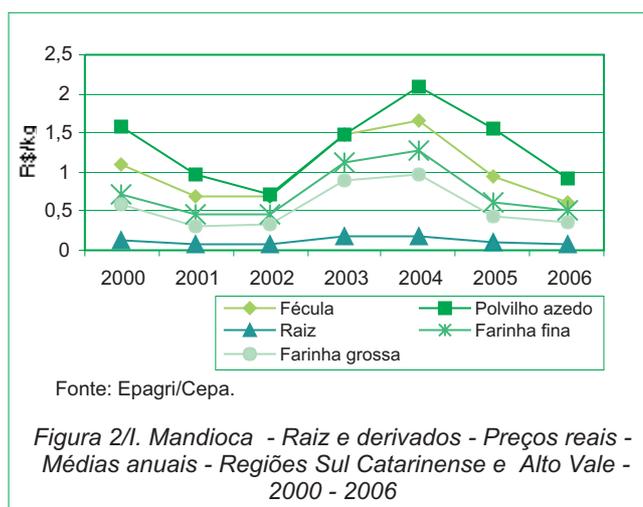
Tabela 7/I. Raiz e derivados - Variação percentual de preços em 2005, comparado com os anos de 2000-04

Produto	2005-00	2005-01	2005-02	2005-03	2005-04
Fécula	-13,76	38,89	38,47	-35,67	-42,73
Polvilho azedo	-0,74	60,42	118,22	6,02	-25,60
Raiz-Sul Catarinense	-31,60	32,03	28,46	-48,60	-49,51
Raiz-Vale do Itajaí	7,03	53,45	44,30	-26,43	-34,53
Farinha fina	-13,95	34,72	35,97	-44,76	-51,31
Farinha grossa	-23,04	42,21	34,20	-50,32	-54,89

Fonte: Epagri/Cepa.

O comportamento dos preços reais (médias anuais) da raiz e seus derivados, nas regiões Sul Catarinense e Alto Vale do Itajaí, nos anos de 2000 a 2006 são demonstrados na figura 2.

¹ Os preços reais foram corrigidos pelo IGP-DI, fixando-se o mês de maio de 2006 como base de cálculo. Portanto, sobre os preços médios mensais de cada produto aplicaram-se as taxas inflacionárias mensais ocorridas no período correspondente de janeiro de 2000 a maio de 2006.



Safra nacional 2005/06

Em abril, as estimativas do IBGE assinalavam para a safra nacional 2005/06 uma produção de 27,545 milhões de toneladas, numa área a ser colhida de 1,943 milhão hectares de lavoura, representando um incremento expressivo de 3,02% e 7,08%, respectivamente, em relação à safra passada.

Por região produtora, o Norte mantém praticamente inalterada a área colhida, enquanto a quantidade produzida cresce 4,9%; o Nordeste deverá ter um pequeno aumento de 0,7% no volume produzido e de 0,6% em área; o Sudeste, por vez, diminui a quantidade produzida em 2,3% e a área em 10,0%; o Sul terá um incremento expressivo de 22,3% na produção e de 12,3% na área; a região Centro-Oeste também mantém ritmo de crescimento em relação à safra passada: 24,4% na produção e 16,7% na área a ser colhida.

Observa-se, entretanto, que o aumento gradativo da produção brasileira nos últimos anos tem trazido dificuldades na comercialização da raiz e seus derivados, contribuindo para o aviltamento de preços nos diferentes níveis de mercado.

Em 2006, o mercado nacional dos derivados da mandioca deverá ter comportamento bastante semelhante ao do ano de 2005: aumento da oferta, demanda reprimida (com mais intensidade nos estados das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste), preços praticamente estáveis até o terceiro trimestre do ano, manutenção de medidas de adoção nos segmentos da produção e da comercialização do setor, como o Contrato Privado de Opção de Venda (PROP), o Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) e a Aquisição do Governo Federal (AGF).

Em âmbito externo, os produtores europeus continuarão recebendo amplo apoio da política de subsídios à produção e à comercialização de seus produtos (milho, batata, dentre outros), fator que continuará inibindo as vendas brasileiras de amido para os principais consumidores internacionais.

Safra estadual 2005/06

Em Santa Catarina, a colheita das 604,3 mil toneladas estimadas para a safra 2005/06 (numa área a ser colhida de 32,4 mil hectares) teve início no mês de abril, primeiramente nos municí-

pios de Laguna, Imbituba e Imaruí, com a finalidade de produzir a tradicional farinha fina, destinada principalmente ao consumo da população da região Sul Catarinense.

A partir do mês de maio, entretanto, as atividades de processamento intensificam-se nas demais regiões produtoras do estado, com encerramento previsto para meados do mês de setembro nos municípios da Região Sul e para meados de novembro no Alto Vale.

No Alto Vale do Itajaí, no mês de maio praticamente não choveu, enquanto no mês de junho ocorreu precipitação, porém em quantidade insuficiente para suprir as necessidades hídricas da região. O trabalho de arranquio da raiz teve continuidade, porém demandada apenas pelas agroindústrias de farinha, pois, com os níveis dos rios baixos, as fecularias continuam impossibilitadas de processar a matéria-prima em pleno início do mês de julho.

Por outro lado, nos municípios da região Sul Catarinense, embora permaneça a necessidade de água dos rios e fontes, as atividades de colheita e de processamento continuam sendo realizadas regularmente.

Nesta região, as temperaturas - mais baixas a partir do mês de abril, esfriando ainda mais nos meses de maio e junho - permitem à lavoura um aumento médio no teor de amido. Bom para o segmento produtivo e para o de processamento.

Para 2006, o setor mandioqueiro estadual, a exemplo do setor do nacional, mais uma vez terá comportamento bastante semelhante ao do ano passado: aumento da área remanescente; mercado retraído; preço da matéria-prima, da farinha, da fécula e do polvilho azedo aviltado; agroindústrias processando menos raiz; forte concorrência com os produtos e subprodutos oriundos de outros estados; escassez de capital de giro no setor produtivo e de processamento e compromissos financeiros comprometidos por falta de dinheiro.

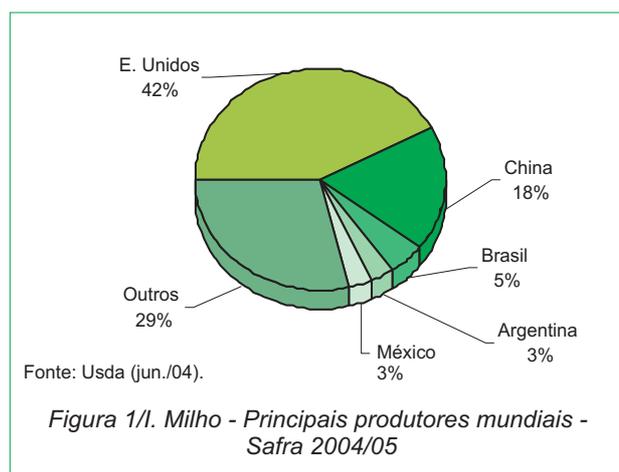
Luiz Marcelino Vieira



Panorama Internacional

A produção mundial de milho da safra 2004/05 situou-se, segundo o Usda, em 712,3 milhões de toneladas e apresentou avanço de 14,3% em comparação à anterior.

Para 2005/06, as estimativas (jun/06) apontam para um volume de 692,24 milhões de toneladas. Este declínio decorre, em sua maior parte, do recuo da produção norte-americana, de 299,9 milhões para 282,3 milhões de toneladas. A safra chinesa, no entanto, aumentou de 130,3 milhões para 139,4 milhões de toneladas. A participação percentual dos principais países na produção mundial pode ser visualizado no figura 1.



A produção global de 2004/05, por ter superado a demanda, permitiu que os estoques mundiais apresentassem recuperação e aumentassem de 103,6 milhões para 130,6 milhões de toneladas.

Na temporada 2005/06, apesar de menor, o volume de produção ainda se mostrou semelhante ao de consumo, mantendo, por consequência, o nível dos estoques mundiais nos mesmos patamares da temporada anterior. Para a temporada 2006/07, as primeiras projeções apontam para redução dos estoques mundiais, pois, além de a produção estar projetada num nível um pouco inferior ao da safra anterior, o consumo mundial tende a apresentar forte incremento (Tabela 1).

Dentro do contexto global, vale ressaltar o comportamento dos estoques norte-americanos, os quais, após terem apresentado forte avanço em 2004/05 e continuado a aumentar em 2005/06, deverão, em razão do maior uso de milho para a fabricação de etanol, apresentar forte declínio na temporada 2006/07.

Vale destacar também o caso da China cujos estoques, em razão da relativa estabilidade da produção e do aumento do consumo, permanecem em gradativa queda, declinando de 65 milhões na temporada 2002/03 para 35 milhões de toneladas na temporada 2005/06.

Tabela 1/I. Milho - Oferta/demanda mundial e Norte-Americana - Safras 2004/05 - 2006/07

Discriminação	Mundial			Estados Unidos		
	2004/05	2005/06	2006/07	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial	103,57	120,63	130,39	24,34	53,70	55,27
Produção	712,30	692,24	682,13	299,91	282,26	267,98
Cons. doméstico	685,23	692,48	720,34	224,75	228,23	241,18
Exportação	78,00	73,61	77,99	46,08	52,71	54,61
Estoque final	130,63	130,39	92,18	53,70	55,27	27,71

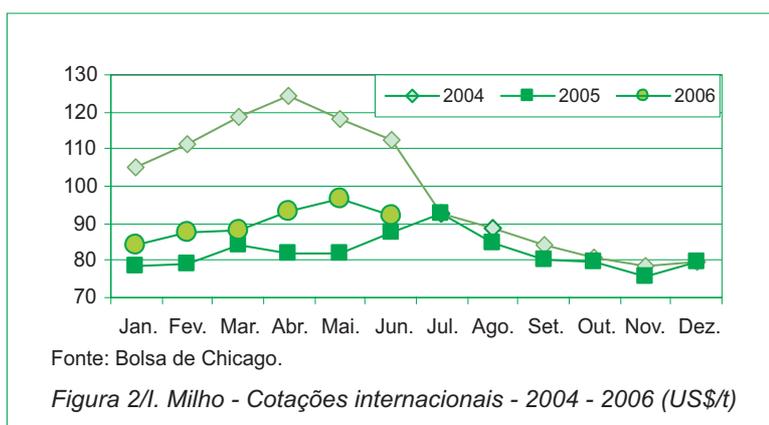
Fonte: Usda (jun./06).

O mercado internacional, ainda pressionado no início de 2005 pela grande safra dos Estados Unidos, mostrou, de meados de fevereiro até meados de março, boa recuperação. Em Chicago, os contratos da primeira posição subiram, em termos médios, de US\$ 78,58/t em janeiro para US\$ 84,18/t em março.

A partir de meados de março, com a configuração de uma nova grande safra nos Estados Unidos, as cotações voltaram a entrar em gradativo processo de enfraquecimento, caindo para US\$ 81,90/t em maio.

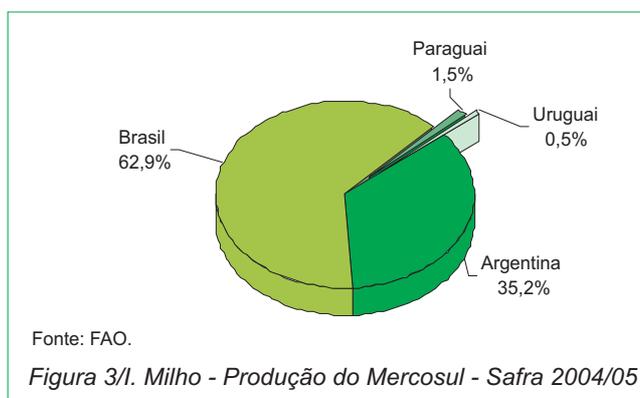
A tendência de queda, entretanto, começou a se reverter a partir de meados de maio, quando as cotações atingiram seu maior patamar em meados de julho - US\$ 102,40/t. Este movimento foi impulsionado pelas preocupações em relação aos prejuízos que as estiagens poderiam causar à safra dos Estados Unidos. A partir de agosto, entretanto, com a constatação de que, embora menor que a anterior, ela ainda se situaria num patamar bastante alto, as cotações voltaram a entrar em gradativo declínio, caindo em dezembro para US\$ 79,70/t.

Em 2006, diante da estimativa de um quadro de suprimento norte-americano e mundial mais apertado, as cotações internacionais cresceram, tendo oscilado ao final de maio próximo dos US\$ 100,00/t. A boa evolução das lavouras estadunidenses, entretanto, fez com que o mercado se apresentasse mais fraco em junho, quando, em termos médios, as cotações recuaram para US\$ 92,30/t (Figura 2). Para o restante do ano, desde que não aconteçam problemas com a safra americana, a perspectiva é de as cotações não sofrerem grandes alterações, mantendo-se, entretanto, em patamares bem melhores do que os de 2005.



Panorama do Mercosul

Em 2004/05, a produção de milho do Mercosul situou-se, segundo a FAO, em 55,4 milhões de toneladas, apresentando decréscimo de 4,6% em comparação à safra anterior (58,1 milhões). Apesar do aumento da produção da Argentina (de 15,0 milhões para 19,5 milhões de toneladas), o expressivo declínio da produção brasileira foi responsável pelo desempenho negativo. A participação dos países na produção do Mercosul pode ser visualizada na figura 3.



As últimas projeções para a safra 2005/06 apontaram para uma produção regional em torno de 56,3 milhões de toneladas. A previsão, que aponta para a manutenção do volume colhido na safra anterior, decorre, a despeito da forte redução da safra da Argentina para 14,0 milhões de toneladas, da previsão de que no Brasil a produção deverá aumentar e situar-se entre 41,0 milhões e 41,5 milhões de toneladas.

Ainda no que se refere à Argentina, o aumento da produção, mesmo com crescimento do consumo interno, refletiu-se nas exportações, que subiram de 10,94 milhões pra 14,57 milhões de toneladas em 2005. Para 2006, entretanto, o substantivo decréscimo da produção deverá rebaixar o potencial das exportações portenhas para apenas 9,0 milhões de toneladas (Tabela 2).

Tabela 2/I. Milho - Oferta/demanda da Argentina - Safras 2003/04 - 2005/06 (mil t)

Discriminação	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque inicial	0,53	0,22	0,96
Produção	15,00	20,50	14,00
Cons. doméstico	4,40	5,20	5,40
Exportação	10,94	14,57	9,00
Estoque final	0,22	0,96	0,56

Fonte: Usda (jun./06).

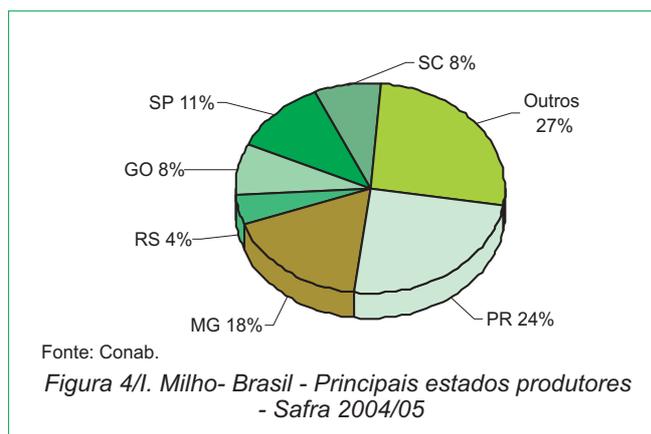
Panorama brasileiro

A produção da primeira safra brasileira de 2004/05 situou-se, segundo a Conab, em 27,3 milhões de toneladas, montante 13,6% inferior ao da anterior. Além da diminuição de 4,7% na área plantada, as estiagens - que provocaram grandes perdas, especialmente na produção no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina - foram responsáveis pelo decréscimo da produção.

A safrinha (em razão da queda de 9,4% na área e por ter sido afetada no plantio e no desenvolvimento pela falta de chuvas, especialmente no Paraná) situou-se em 7,7 milhões de toneladas, patamar 27,1% inferior ao colhido no ano anterior (10,6 milhões).

Na soma das duas safras, a produção brasileira atingiu 35,00 milhões de toneladas, volume 16,9% menor que o de 2004 (42,13 milhões).

O Paraná, com 24,0% do total, permaneceu como o principal produtor, seguido, em importância, por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina e Goiás (Figura 4).



Com tal produção e com o grande volume dos estoques de entrada, a oferta nacional ainda se situou na faixa de 43,4 milhões de toneladas. Este volume, diante de um consumo de 39,1 milhões e de exportações de 1,07 milhão de toneladas, gerou estoques de passagem de 3,2 milhões de toneladas (Tabela 3).

Tabela 3/I. Milho - Oferta/demanda - Brasil - Safras 2003/04 - 2005/06

Discriminação	(milhões t)		
	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque inicial	8.553,6	7.801,7	3.235,4
Produção	42.128,5	35.006,7	4.1531,3
Importação	330,5	597,0	400,0
Consumo	3.8180,0	39.100,0	39.000,0
Exportação	5.030,9	1.070,0	1.500,0
Estoque final	7.801,7	3.235,4	4.666,7

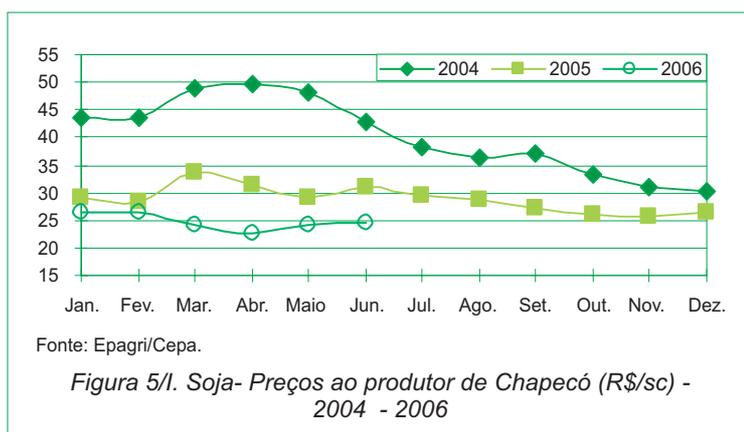
Fonte: Conab (jun./06).

Panorama catarinense

A safra catarinense ficou muito aquém das boas perspectivas que se desenhavam à época do plantio. A falta de chuvas nos primeiros meses de 2005 reduziu o potencial da produção de 4,1 milhões para apenas 2,69 milhões de toneladas. Este patamar significou uma queda de 17,5% em relação aos 3,26 milhões de toneladas colhidos na safra 2003/04, a qual também já havia sofrido perdas acentuadas devido à falta de chuvas.

Como decorrência da forte queda da produção e do incremento do consumo, o déficit estadual, que em 2004 já havia aumentado de 600 mil para 1,31 milhão de toneladas, cresceu em 2005 para 1,89 milhão de toneladas (Figura 5).

A comercialização apresentou um desempenho bastante fraco em 2005. Os preços ofertados aos produtores de Chapecó, após um início de ano em R\$ 15,60/sc, foram crescendo gradualmente até atingir, em junho, o maior patamar do ano (R\$ 17,50/sc). O incremento se deveu à realização de algumas exportações e, principalmente, ao temor de que a quebra da primeira safra nacional e os problemas com a safrinha viessem a comprometer o suprimento.



A partir de julho, com a parada das exportações (devido ao enfraquecimento do mercado internacional e à valorização do real em relação ao dólar) e com a oferta já mais que suficiente para suprir o consumo nacional, os preços voltaram a apresentar gradativo declínio, caindo em dezembro para R\$ 13,70/sc.

Em termos médios, em 2005 os preços ficaram 5,2% abaixo dos de 2004, ano em que o comportamento já havia sido bem mais discreto do que no ano precedente.

Perspectivas para 2006

No levantamento de junho, a Conab estimou a produção da primeira safra nacional de 2006 em 31,75 milhões de toneladas, montante que acusa um acréscimo de 16,3% em relação ao colhido no mesmo período do ano anterior. O aumento, mesmo com as perdas no Paraná e em Santa Catarina provocadas pelas estiagens, decorreu especialmente da forte recuperação da produção gaúcha, além da leve melhora da produção daqueles dois estados em relação à da safra 2004/05.

No que tange à safrinha, embora a escassez de chuvas estivesse preocupando quanto ao seu desempenho, a Conab projetou a produção em 9,8 milhões de toneladas, num patamar 26,9% maior que o da safrinha anterior.

No global, em junho, a produção brasileira foi estimada em 41,5 milhões de toneladas, quantidade 18,6% superior à da safra 2004/05.

Com esta produção, a estimativa da Conab é de que a disponibilidade total de milho (produção mais estoques de entrada e importações) deverá situar-se na faixa de 45,2 milhões de toneladas. Como a demanda (consumo mais exportações) está projetada em 40,5 milhões de toneladas, os estoques finais poderão crescer de 3,2 milhões para 4,7 milhões de toneladas.

A safra catarinense de 2005/06, pelo terceiro ano consecutivo, foi severamente prejudicada pela falta de chuvas nos últimos meses de 2005 e no início de 2006. Como conseqüência, a produção estadual, que em novembro de 2005 havia sido estimada pelo IBGE em 4,05 milhões de toneladas, foi reavaliada em maio para 3,0 milhões de toneladas, ou seja, apresentou uma quebra de 25,9% em relação à previsão inicial.

Como conseqüência das perdas, o déficit estadual, inicialmente previsto em aproximadamente 860 mil toneladas, deverá crescer para algo próximo de 1,78 milhão de toneladas, ou seja, deverá situar-se num dos maiores patamares dos últimos anos (Tabela 4).

O mercado do milho, que iniciou o ano mostrando leve melhora em relação ao comportamento dos últimos meses de 2005, apresentou, a partir de fevereiro, gradativa queda, tendo caído em abril para os menores patamares dos últimos anos.

Tabela 4/I. Milho - Oferta/demanda - Santa Catarina - 2003 - 2006

Discriminação	(mil t)			
	2003	2004	2005	2006
I - Consumo	4.654,9	4.438,9	4.668,8	4.780,0
1 - Humano	90,0	90,0	90,0	90,0
2 - Animal	4.411,9	4.235,9	4.475,8	4.622,0
. Suínos	1.950,1	1.849,4	1.943,5	2.014,4
. Aves	2.161,2	2.077,5	2.199,3	2.263,6
. Outros	300,0	309,0	333,0	344,0
3 - Indústrias/outros	63,00	63,0	60,0	40,0
4 - Saídas	90,0	50,0	43,0	28,0
II - Perdas	215,0	172,0	90,0	90,0
III - Necessidade total	4.869,9	4.610,9	4.758,8	4.870,0
IV - Produção⁽¹⁾	4.311,0	3.300,0	2.870,0	3.100,0
V - Déficit	558,9	1.310,9	1.888,8	1.770,0

⁽¹⁾ Produção de milho, mais outros produtos substitutos.

Fonte: Epagri/Cepa (Estimativas: maio/06).

Fatores como o incremento da colheita da primeira safra e a retração dos compradores frente às incertezas em relação ao comportamento da demanda geraram grande oferta e mantiveram o mercado com pouca liquidez. Também colaboraram para tal comportamento a baixa paridade de exportação e a pouca atuação do governo no que se refere às políticas de sustentação dos preços.

O início dos leilões de PEP (Prêmio de Escoamento da Produção), em volumes expressivos, e a aprovação do Orçamento da União, que permitiu que os AGFs (Aquisições do Governo Federal) começassem a ser viabilizados, sinalizaram para um melhor posicionamento dos preços já a partir de abril.

O prosseguimento dos leilões de PEP, o bom comportamento do mercado internacional e a reação do câmbio provocaram uma certa disputa pelo produto e proporcionaram melhor suporte aos preços, que em junho atingiram valores bem mais próximos do mínimo oficial de R\$ 14,00/sc.

Em Santa Catarina, os preços mais comuns ofertados aos produtores de Chapecó, que chegaram a cair para R\$ 11,50/sc, evoluíram para R\$ 13,70/sc no início de junho (Figura 6).

Para o restante de 2006, desde que a safrinha apresente bom resultado e se confirme a perspectiva de um quadro de suprimento relativamente confortável, deverão ser pequenas as chances de melhorias mais significativas nos preços.

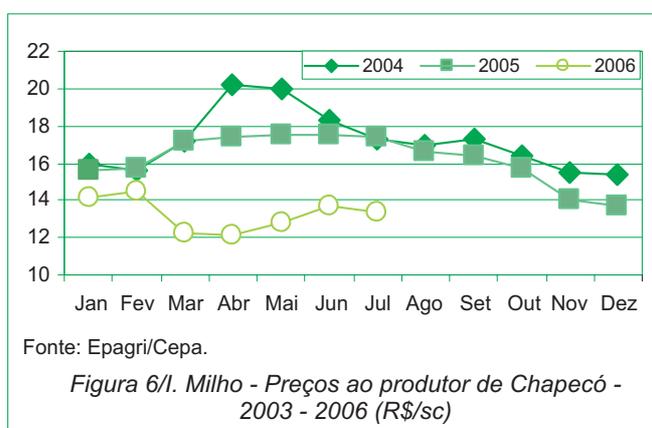


Tabela 5/I. Milho - Área, produção e rendimento mundial - Safras 2003/04 - 2005/06

Nível geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Mundo	141,24	144,63	145,80	623,76	712,30	692,24	4.420	4.920	4.750
E. Unidos	28,71	29,80	28,65	256,28	299,91	282,26	8.930	10.060	9.290
China	24,07	25,45	26,80	115,83	130,3	139,40	4.810	5.120	5.200
Brasil	12,44	11,56	12,80	42,00	35,00	41,0	3.380	3.030	3.200
Argentina	2,30	2,78	2,30	15,00	20,50	14,00	6.520	7.370	6.090
México	7,69	7,69	6,64	21,80	22,05	19,20	2.830	2.870	2.890
França	1,65	1,82	1,65	11,98	16,38	13,30	7.240	8.990	8.060
Índia	7,42	7,50	7,80	14,72	14,13	14,99	1.980	1.880	1.920
Itália	1,16	1,20	1,05	8,10	10,98	9,80	6.960	9.160	9.330
África do Sul	3,30	3,22	2,20	9,70	11,72	7,50	2.940	3.640	3.410
Canadá	1,23	1,07	1,10	9,60	8,84	9,47	7.800	8.250	8.640
Outros	51,27	52,54	55,91	118,75	127,32	123,37	2.316	2.423	2.206

Fonte: Usda (jun./06).

Tabela 6/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras 2003/04 - 2005/06

Estado	Área plantada (1.000 ha)			Produção (1.000 t)			Rendimento(kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Rondônia	131,5	147,3	138,9	275,4	267,8	263,6	2.094	1.950	1.898
Acre	34,0	42,5	36,6	52,0	63,3	53,4	1.529	1.489	1.459
Amazonas	10,9	12,9	12,9	15,7	25,0	19,9	1.440	1.938	1.543
Roraima	17,3	13,0	12,2	43,3	26,0	30,5	2.503	2.000	2.500
Pará	290,5	281,6	275,7	522,9	566,0	572,9	1.800	2.010	2.078
Amapá	1,5	1,5	1,5	1,2	1,3	1,2	800	867	800
Tocantins	77,9	78,5	75,1	179,2	158,4	148,8	2.300	2.018	1.981
Maranhão	371,0	385,8	364,6	430,4	405,1	430,2	1.160	1.050	1.180
Piauí	297,8	294,8	231,1	134,0	195,5	261,1	450	663	1.130
Ceará	681,6	558,9	637,1	372,8	257,1	503,3	547	460	790
Rio Grande Norte	124,1	65,2	74,3	58,3	29,4	47,6	470	451	641
Paraíba	192,8	189,5	191,4	135,3	90,2	120,6	702	476	630
Pernambuco	273,8	246,4	224,2	67,1	141,7	172,6	245	575	770
Alagoas	79,0	79,0	79,0	21,7	48,6	48,6	275	615	615
Sergipe	132,0	127,4	127,4	126,2	165,6	145,2	956	1.300	1.140
Bahia ⁽¹⁾	785,9	802,6	760,1	1.656,8	1.636,2	1.164,9	2.108	2.039	1.533
Minas Gerais ⁽¹⁾	1.346,5	1.359,7	1.371,7	6.000,4	6.172,3	5.280,8	4.456	4.539	3.850
Espírito Santo	49,5	46,0	39,8	125,2	119,6	83,6	2.529	2.600	2.101
Rio de Janeiro	11,4	11,6	11,1	23,9	26,4	26,6	2.096	2.276	2.396
São Paulo ⁽¹⁾	1.058,1	1.066,8	1.049,4	4.499,6	3.984,5	4.357,6	4.253	3.735	4.152
Paraná ⁽¹⁾	2.447,1	2.106,1	2.499,6	11.192,1	8.414,3	10.910,0	4.574	3.995	4.365
Santa Catarina	814,7	798,4	784,8	3.340,3	2.818,4	3.343,2	4.100	3.530	4.260
Rio Grande do Sul	1.296,2	1.237,9	1.444,6	3.499,7	1.595,5	4.709,4	2.700	1.269	3.260
M. G. do Sul ⁽¹⁾	613,3	564,4	610,9	2.352,9	1.396,9	1.981,4	3.818	2.475	3.243
Mato Grosso ⁽¹⁾	970,9	1.058,7	1.060,7	3.446,4	3.384,4	3.573,8	3.550	3.197	3.369
Goiás ⁽¹⁾	676,8	605,0	655,5	3.372,3	2.814,8	3.060,9	4.983	4.653	4.670
Distrito Federal ⁽¹⁾	32,9	36,7	39,2	183,3	227,0	219,6	5.571	6.185	5.602
Brasil	12.822,0	12.208,2	12.809,4	42.128,4	35.006,7	41.531,3	3.286	2.867	3.242

⁽¹⁾ safra, mais safrinha.

Fonte: Conab (jun./06).

Tabela 7/I. Milho - Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica - Santa Catarina - Safras 2003/04 - 2005/06

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento(kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
São M. do Oeste	107.579	112.953	108.210	347.665	315.995	474.538	3.232	2.798	4.385
Chapecó	197.690	180.305	166.050	796.366	502.178	612.830	4.028	2.785	3.690
Xanxerê	81.177	82.530	85.440	482.467	416.255	359.093	5.943	5.044	4.203
Joaçaba	89.400	89.400	86.960	361.788	242.340	284.067	4.047	2.711	3.267
Concórdia	72.263	67.170	65.460	236.084	166.495	172.875	3.267	2.479	2.641
Canoinhas	70.100	71.400	77.100	373.720	403.003	382.022	5.331	5.644	4.591
São Bento do Sul	8.240	8.240	7.940	54.840	49.980	42.096	6.655	6.065	5301
Joinville	1.301	809	766	4.725	3.068	3.113	3.631	3.792	4.063
Curitibanos	47.100	47.750	52.500	160.965	163.445	138.918	3.418	3.423	2.646
Campos de Lages	46.425	47.940	48.649	119.886	120.764	114.732	2.582	2.519	2.358
Rio do Sul	26.470	23.125	26.510	66.539	62.868	94.901	2.514	2.719	3.581
Blumenau	6.023	5.743	5.548	18.293	17.164	16.085	3.037	2.989	2.900
Itajaí	30	30	25	64	59	59	2.133	1.966	2.360
Ituporanga	18.750	17.550	15.750	75.615	65.179	74.100	4.033	3.714	4.705
Tijucas	4.830	4.560	4.170	21.335	17.673	16.362	4.417	3.876	3.924
Florianópolis	1.595	1.595	1.595	5.607	5.607	5.607	3.515	3.515	3.515
Tabuleiro	5.880	5.380	5.480	23.090	20.690	21.340	3.927	3.846	3.894
Tubarão	13.935	13.425	10.045	50.548	49.556	39.009	3.627	3.691	3.883
Criciúma	9.085	11.815	7.420	40.170	39.745	35.583	4.422	3.364	4.796
Araranguá	8.260	8.340	10.170	18.003	33.147	39.787	2.180	3.974	3.912
Santa Catarina	816.133	796.060	785.738	3.257.770	2.695.211	2.927.117	3.992	3.386	3.725

Fonte: IBGE (abr./06).

Simão Brugnago Neto



Panorama mundial

A produção mundial de soja, na safra 2004/05, segundo o Usda, situou-se em 215,58 milhões de toneladas, 15,4% a mais que na anterior (186,75 milhões). O crescimento foi atribuído principalmente à forte recuperação da safra dos Estados Unidos - de 66,8 milhões para 85,0 milhões de toneladas - e ao crescimento da produção do Mercosul - de 88,2 milhões para 96,55 milhões de toneladas.

No que tange ao Mercosul, vale registrar, em razão do forte incremento da área semeada, que as primeiras projeções apontavam para uma produção de 108,5 milhões de toneladas e que seu potencial foi reduzido pelos problemas das estiagens no Sul do Brasil e no Paraguai.

A participação percentual dos principais países produtores pode ser visualizada no figura 1.

Para a safra 2005/06, as projeções do Usda (jun/06) apontam para uma produção mundial de 220,19 milhões de toneladas, patamar 2% maior que o da anterior. Este desempenho decorreu, apesar do leve decréscimo da produção dos Estados Unidos (para 84,00 milhões de toneladas), do crescimento da produção do Mercosul, que aumentou de 96,55 milhões para 100,75 milhões de toneladas.

A da China declinou de 17,4 milhões para 17,2 milhões de toneladas.

Como a produção ficou num patamar superior ao do consumo (211,89 milhões de toneladas), os estoques mundiais, que já haviam crescido de 37,6 milhões para 47,9 milhões de toneladas na temporada anterior, aumentaram para 55,5 milhões na temporada 2005/06 (Tabela 1).

Para 2006/07, em razão do leve aumento previsto para a produção (222,04 milhões), o Usda, no relatório de junho, estimou que os estoques mundiais poderão aumentar para 57,5 milhões de toneladas.

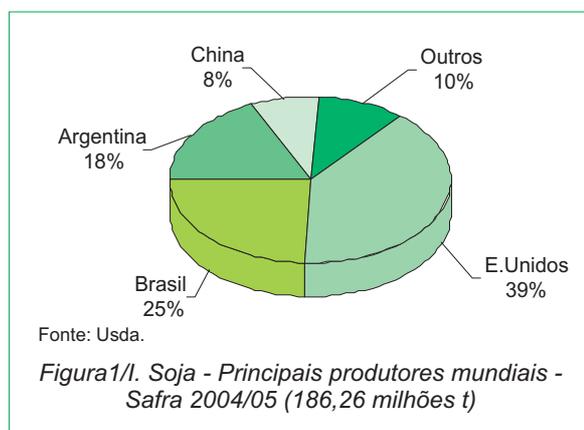


Tabela 1/I - Soja-grão – Oferta/demanda mundial e norte-americana – Temporada 2003/04 - 2005/06

(milhões de t)

Discriminação	Mundial			Norte-americana		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Estoque inicial	42,43	37,70	47,92	4,85	3,06	6,96
Produção	186,75	215,95	220,19	66,78	85,01	84,00
Moagem	163,61	175,58	181,75	41,63	46,16	46,68
Exportação	55,84	64,79	66,43	24,13	30,01	24,49
Cons. doméstico	190,03	205,56	211,89	44,60	51,25	51,07
Estoque final	37,59	47,92	55,50	3,06	6,96	15,50

Fonte: Usda (jun./06).

Ainda no que tange ao quadro da oferta/demanda, vale salientar a situação dos Estados Unidos, cujos estoques, além de aumentarem de 6,7 milhões na temporada 2004/05 para 15,5 milhões de toneladas na temporada 2005/06, tendem a crescer para 17,8 milhões na temporada 2006/07.

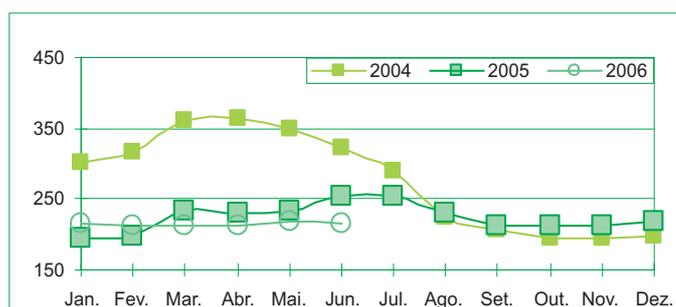
O mercado internacional, que já vinha em gradativo processo de enfraquecimento no transcorrer do segundo semestre de 2004 em razão da grande safra norte-americana, iniciou o ano ainda pressionado.

A partir de meados de fevereiro, entretanto, as cotações começaram a reagir, inicialmente impulsionadas pela quebra da safra brasileira e, posteriormente, pelas preocupações com os prejuízos que poderiam advir da falta de chuvas nas principais regiões produtoras dos Estados Unidos.

Neste contexto, os contratos da primeira posição - na faixa dos US\$ 193,00/t no início do ano -, evoluíram gradativamente até alcançarem o "pico" de US\$ 273,60/t no dia 24 de junho. Vale registrar, apesar do avanço, que, na média do primeiro semestre de 2005, as cotações acusaram um decréscimo de 33% quando comparadas às da média do mesmo período de 2004.

A partir de julho, devido à ocorrência de chuvas nos Estados Unidos, as cotações começaram a perder fôlego. Este movimento se acentuou à medida que se foi consolidando o sentimento de que, embora menor que a anterior, a produção daquele país ainda seria expressiva. A perspectiva de que a produção sul-americana poderia apresentar forte avanço em relação à anterior também colaborou para a queda das cotações.

Como consequência deste quadro, as cotações declinaram sistematicamente, caindo para a média de US\$ 210,90 em novembro, apresentando, porém, uma certa melhora em dezembro, quando evoluíram para US\$ 217,30/t (Figura 2).



Fonte: Bolsa de Chicago.

Figura 2/I. Soja - Evolução das cotações internacionais - 2004 - 2006

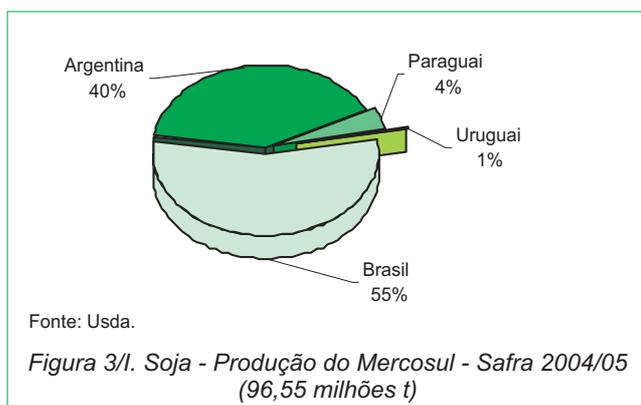
Nos primeiro semestre de 2006, as boas perspectivas do suprimento norte-americano e mundial mantiveram as cotações internacionais sob pressão, e sempre abaixo das registradas no mesmo período de 2005. Para o restante do ano, exceto por deterioração da safra dos Estados Unidos que afete mais fortemente

o quadro da oferta/demanda mundial, a expectativa é de que serão escassas as chances de recuperação do mercado internacional.

Panorama do Mercosul

A produção do Mercosul, que inicialmente chegou a ser estimada em até 108,5 milhões de toneladas, caiu, em razão das estiagens no Sul do Brasil e no Paraguai, para 96,55 milhões de toneladas. A participação percentual de cada país no montante da produção pode ser visualizado no figura 3.

Para a safra 2005/06, a estimativa do Usda (jun/05) apontou para uma produção de 100,75 milhões de toneladas, um aumento de 4,4% em relação à anterior. O crescimento decorreu especialmente da boa safra da Argentina, que evoluiu de 39,0 milhões para 40,5 milhões de toneladas. A produção brasileira, que chegou a ser avaliada em aproximadamente 60,0 milhões, sofreu com a carência de chuvas, e estava sendo estimada pelo Usda (jun/06) em 55,70 milhões de toneladas. A safra do Paraguai também sofreu perdas, devendo situar-se em 4,0 milhões de toneladas.

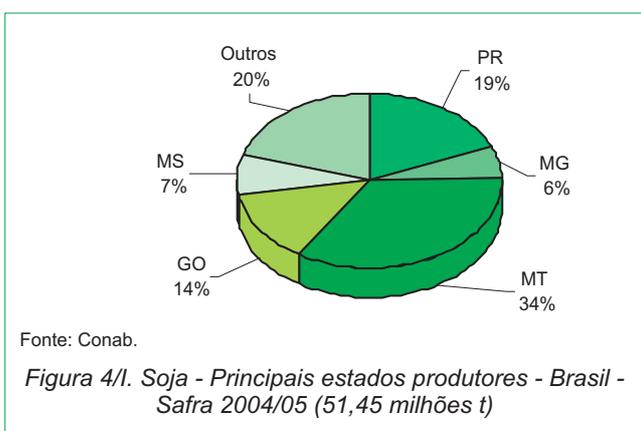


Panorama brasileiro

A safra brasileira de 2004/05, a despeito do declínio dos preços no segundo semestre de 2004, ainda apresentou um pequeno aumento de área (0,7%) em comparação à do ano anterior. A produção, que chegou a ser estimada em mais de 61,0 milhões de toneladas, sofreu forte redução em decorrência dos problemas climáticos na Região Sul e no Mato Grosso do Sul, caindo para apenas 51,45 milhões de toneladas. Ainda assim, a produção situou-se num patamar 3,3% superior ao da safra 2003/04.

O Mato Grosso, com uma produção de 17,7 milhões de toneladas, continuou como o primeiro produtor nacional, seguindo-se, por ordem de importância, o Paraná (9,5 milhões), Goiás (6,99 milhões), Mato Grosso do Sul (3,72 milhões) e Minas Gerais (3,0 milhões de toneladas) (Figura 4).

A produção nacional da safra 2004/05 permitiu exportações de 22,44 milhões de toneladas de grãos, 14,42 milhões de farelo e 2,21 milhões de toneladas de óleo. O volume das ven-



das para o exterior, portanto, somou 39,07 milhões de toneladas, contra 35,86 milhões exportados na temporada 2003/04, ou seja, cresceu quase 10% (Tabela 2).

Tabela 2/I. Complexo soja – Brasil – Oferta/demanda – Temporada - Safras - 2003/04 - 2004/05

(1.000 t)

Discriminação	Grão		Farelo		Óleo	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Estoque inicial	3.396,5	3.336,7	2.155,4	2.030,6	199,9	517,1
Produção	49.998,9	51.452,0	22.673,0	22.659,0	5.453,0	5.519,5
Importação	349,0	368,0	187,8	188,7	27,0	3,2
Consumo	31.150,0	31.570,0	8.500,0	9.100,0	3.040,0	3.150,0
Exportação	19.247,7	22.435,1	14.485,6	14.421,7	2.122,8	2.213,9
Estoque final	3.336,7	1.151,6	2.030,6	1.356,6	517,1	675,9

Fonte: Conab (jun./06).

Apesar do aumento em quantidade e em razão do pior comportamento das cotações internacionais, a receita cambial do complexo decresceu de 10,05 bilhões para 9,48 bilhões de dólares em 2005.

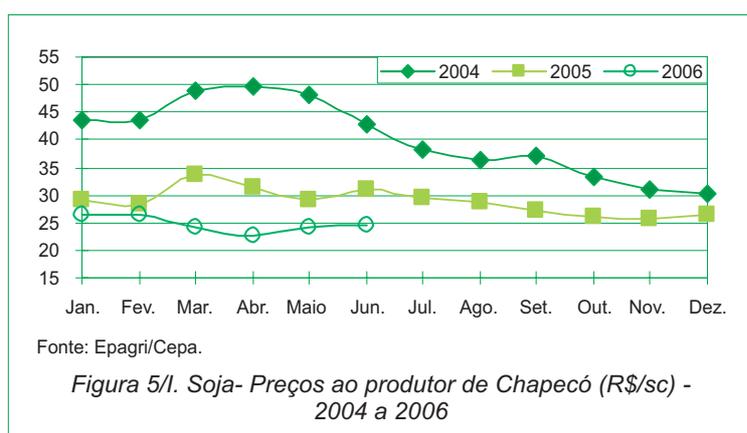
Panorama catarinense

A safra catarinense, estimulada pelos bons preços da primeira metade de 2004, além de um leve encolhimento do plantio de milho, apresentou um crescimento de 12,8% em comparação aos 314,47 mil hectares semeados na safra anterior.

A produção, que chegou a ser estimada em 918,0 mil toneladas em razão das fortes perdas provocadas pelas estiagens, situou-se em apenas 607,4 mil toneladas, patamar 5,4% abaixo dos 641,7 milhões de toneladas colhidos na também frustrada safra 2003/04.

A comercialização interna apresentou péssimo desempenho em 2005. Além do enfraquecimento do mercado internacional, a valorização do real frente ao dólar foi o que mais contribuiu para o forte declínio da paridade de exportação, comprimindo, por consequência, os preços internos.

Os preços ofertados aos produtores de Chapecó, por exemplo, embora estimulados pelo crescimento das cotações internacionais tivessem aumentado de R\$ 29,00/sc em janeiro para R\$ 33,80/sc em março, apresentaram, a partir daí, sucessivos decréscimos; em dezembro, caíram para a faixa dos R\$ 25,00/sc. Em termos médios, os preços sofreram uma perda de 28,4% em relação aos de 2004 (Figura 5).



Perspectiva para 2006

O mau desempenho da comercialização desestimulou o plantio da nova safra brasileira 2005/06, cuja semeadura, segundo a Conab, acusou redução de 4,7% na comparação com a área da safra anterior. Apesar disso e dos problemas enfrentados com as estiagens, com o excesso de chuvas na colheita e com o ataque de doenças, a última estimativa daquela instituição (jun/06) apontou para uma produção de 53,84 milhões de toneladas, ou seja, para um aumento de 4,6% em relação à anterior.

A nova safra catarinense também apresentou decréscimo de cultivo, tendo caído de 354,7 mil para 332,6 mil hectares. Com esta área, a estimativa inicial era de que a produção poderia situar-se na faixa das 875,0 mil toneladas. Todavia, devido às estiagens, a produção ficou em somente 798,8 mil toneladas. O volume colhido, de qualquer modo, apresentou um incremento de 31,5% em relação à frustrada safra 2004/05.

Ao contrário da melhora da produção, a comercialização da nova safra brasileira, pelo menos no primeiro semestre de 2006, mostrou-se ainda mais desfavorável que em 2005. Além de cotações internacionais mais fracas, a taxa de câmbio apresentou forte declínio, fatores que se refletiram negativamente nos preços e não mostram sinais de avanços mais substantivos no transcorrer do restante do ano.

Apesar de maior que na safra anterior, a produção nacional deverá gerar um excedente exportável levemente inferior ao do ano passado. A estimativa é de que as exportações de todo o complexo se situem em 38,9 milhões de toneladas, contra 39,1 milhões na temporada 2004/05.

Esta relativa estabilidade, segundo a Conab, se deve ao crescimento das vendas de grãos (de 22,4 milhões para 23,4 milhões de toneladas) e de óleo (de 2,2 milhões para 2,3 milhões), uma vez que as de farelo tendem a cair de 14,4 milhões para 13,2 milhões de toneladas.

As receitas cambiais com o complexo, por sua vez, devido ao declínio do volume exportado e da perspectiva de cotações internacionais mais fracas, tendem a ficar abaixo dos 9,48 bilhões de dólares de 2005. A estimativa é de que se situem entre 9,2 bilhões e 9,4 bilhões de dólares.

Tabela 3/I - Soja - Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul - Safra 2003/04 - 2005/06

Nível Geográfico	Área colhida (milhões de ha)			Produção (milhões de t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Mundo	88,44	93,36	92,12	186,26	215,96	220,19	2.110	2.310	2.390
Estados Unidos	29,33	29,93	28,88	66,78	85,01	84,00	2.280	2.840	2.910
Brasil	21,52	22,92	22,00	50,50	53,00	55,70	2.350	2.310	2.530
Argentina	14,00	14,40	15,00	33,00	39,00	40,50	2.360	2.710	2.700
China	9,31	9,59	9,50	15,39	17,40	17,20	1.650	1.810	1.810
Índia	6,45	7,99	7,74	6,80	5,85	6,30	1.050	730	810
Paraguai	1,75	2,00	2,00	3,91	4,05	4,00	2.230	2.030	2.000
Canadá	1,04	1,17	1,17	2,26	3,04	3,16	2.170	2.590	2.700
União Européia	0,30	0,27	0,31	0,63	0,79	0,86	2.120	2.890	2.770
Outros	4,47	5,09	5,52	6,99	7,82	8,47	1.475	1.536	1.534
MercosulL	37,27	39,32	39,00	87,41	96,05	100,02	2.345	2.443	2.565
Brasil	21,52	22,92	22,00	50,50	53,00	55,70	2.350	2.310	2.530
Argentina	14,00	14,40	15,00	33,00	39,00	40,50	2.360	2.710	2.700
Paraguai	1,75	2,00	2,00	3,91	4,05	4,00	2.230	2.030	2.000

Fonte: Usda (Jun./06).

Tabela 4/I. Soja - Área plantada, produção e rendimento por estado - Safras - 2003/04 - 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Roraima	12,0	20,0	20,0	28,8	56,0	56,0	2.400	2.800	2.800
Tocantins	243,6	355,7	309,5	606,6	910,6	783,0	2.490	2.560	2.530
Rondônia	59,5	74,4	87,2	177,9	222,8	226,7	2.990	2.995	2.600
Pará	35,2	69,0	79,7	95,0	207,0	238,1	2.700	3.000	2.987
Maranhão	342,5	375,0	382,5	924,1	997,5	1.022,0	2.698	2.660	2.672
Piauí	159,3	197,1	234,2	396,7	554,4	602,4	2.490	2.813	2.572
Bahia	821,5	870,0	872,6	2.218,1	2.401,2	1.992,1	2.700	2.760	2.283
Minas Gerais	1.065,8	1.119,1	1.060,9	2.659,2	3.021,6	2.524,9	2.495	2.700	2.380
São Paulo	761,1	772,5	656,6	1.815,2	1.684,1	1.569,3	2.385	2.180	2.390
Paraná	3.935,9	4.148,4	3.928,5	10.036,5	9.541,3	9.389,1	2.550	2.300	2.390
Santa Catarina	307,0	350,0	339,5	656,7	630,0	835,2	2.139	1.800	2.460
Rio Grande do Sul	3.971,0	4.090,1	3.885,6	5.559,4	2.621,8	7.732,3	1.400	641	1.990
Mato Grosso do Sul	1.797,2	2.030,8	1.919,1	3.324,8	3.716,4	4.433,1	1.850	1.830	2.310
Mato Grosso	5.148,8	6.105,2	5.891,5	15.008,8	17.705,1	15.877,6	2.915	2.900	2.695
Goiás	2.572,0	2.662,0	2.489,0	6.147,1	6.985,1	6.396,7	2.390	2.624	2.570
Distrito Federal	49,6	59,0	53,9	132,4	188,7	150,9	2.670	3.198	2.800
Brasil	21.284,1	23.301,1	22.213,1	49.792,7	51.452,0	53.837,8	2.339	2.208	2.424

(¹) Estimativa jun./06.
Fonte: Conab.

Tabela 5/I. Soja - Área, produção e rendimento por Microrregião Geográfica - Santa Catarina - Safra 2003/04 - 2005/06

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
São Miguel Oeste	19.548	23.185	21.480	36.691	27.599	55.665	1.877	1.190	2.591
Chapecó	53.685	59.062	51.635	95.628	67.440	120.359	1.781	1.142	2.330
Xanxerê	94.109	102.845	96.295	201.749	168.436	259.465	2.144	1.638	2.694
Joaçaba	14.954	17.770	17.440	26.827	25.472	34.268	1.749	1.433	1.964
Concórdia	2.100	3.180	2.838	4.106	4.707	6.389	1.955	1.480	2.251
Canoinhas	76.440	82.310	83.030	191.792	218.543	211.788	2.509	2.655	2.550
São Bento do Sul	3.150	3.750	3.250	8.505	8.625	4.875	2.700	2.300	1.500
Curitibanos	44.878	51.700	45.180	65.012	64.434	93.254	1.449	1.246	2.064
Campos Lages	4.920	9.770	10.750	10.208	20.287	21.385	2.075	2.076	1.989
Ituporanga	415	400	210	828,0	650	492	1.995	1.625	2.342
Rio do Sul	270	545	289	402	720	575	1.489	1.321	1.989
Blumenau	-	200	200	-	500	500	-	2.500	2.500
Santa Catarina	314.469	354.717	332.597	641.748	607.413	809.015	2.041	1.712	2.432

(¹) Estimativa do IBGE/GCEA/SC (abr./06).
Fonte: IBGE.

Simão Brugnago Neto



Panorama mundial

O tomate, fruto do tomateiro, pertence à família das solanáceas e é conhecido botanicamente como *Lycopersicon esculentum*. Tem sua origem nas Cordilheiras dos Andes, na América do Sul, e foi levado para o sul da Europa pelos espanhóis. Economicamente, é muito importante, pois, anualmente são exportados mais de 4 milhões de toneladas, envolvendo mais de 4 bilhões de dólares. É importante, também, por ser uma das hortaliças mais consumidas no mundo, precedida apenas pela batata e pela cebola.

Os dados da FAO, divulgados em junho de 2006, situam a produção mundial de tomates da safra 2004/05 em 125,02 milhões de toneladas, representando um aumento de 0,7% sobre a safra anterior. A área plantada em 2004/05 também foi superior à da safra 2003/04 em 0,3%, resultando em um aumento de 0,5% na produtividade média mundial, passando de 27.344 kg/ha para 27.471 kg/ha.

A China permanece como o maior produtor mundial da hortaliça, sendo responsável por 25,3% da produção, seguida pelos Estados Unidos, que produzem 10,2%, e pela Turquia, que participa com 7,8% do total mundial. A área plantada na China também é a maior do mundo, com 28,7% de participação. A seguir vêm a Índia e a Turquia, que exploram, respectivamente, 11,9% e 5,7% da área total. A produtividade média das lavouras é liderada pelos Estados Unidos, que produzem 73.873 kg/ha, 169% mais que a média mundial. Na seqüência, vêm o Chile, com 66.486 kg/ha, e a Espanha, com 63.545 kg/ha.

O Brasil, na safra 2004/05, foi o 9º maior produtor, o 12º em área cultivada e o 4º em produtividade média. A tomaticultura brasileira foi responsável por 2,6% da produção mundial em 1,3% da área plantada no mundo. O rendimento médio obtido nas lavouras brasileiras foi de 56.581 kg/ha, superando em 106% a produtividade média mundial.

A tabela 1 permite avaliar a produção obtida nos 15 principais países produtores de tomate, assim como a área plantada e a produtividade média destes países nas safras 2003/04 e 2004/05.

Nos últimos anos, as exportações de tomate vêm apresentando crescimento gradativo. A tabela 2 mostra a evolução dos volumes e valores das exportações, bem como o preço negociado pela hortaliça de 2000 a 2004. Nota-se, no período, o significativo aumento de 23,1% no preço obtido pelo produto nas negociações, de 27,8% no volume e de 57,4% no valor das vendas.

Tabela 1/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nos principais países produtores e comparativo das safras 2003/04 - 2004/05

País	Área plantada (ha)		Produção obtida (t)		Rendimento médio (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
China	30.143.929	31.644.040	1.255.046	1.305.053	24.018	24.247
Estados Unidos	12.766.000	12.766.000	172.810	172.810	73.873	73.873
Turquia	9.440.000	9.700.000	255.000	260.000	37.019	37.307
Itália	7.682.504	7.814.899	144.963	141.258	52.996	55.323
Egito	7.640.818	7.600.000	195.164	195.000	39.150	38.974
Índia	7.600.000	7.600.000	540.000	540.000	14.074	14.074
Espanha	4.441.800	4.473.573	69.900	70.400	63.541	63.541
Irã R. Islâmica	4.200.000	4.200.000	130.000	130.000	32.307	32.307
Brasil	3.489.270	3.303.530	59.315	58.385	58.826	56.581
México	2.148.130	2.148.130	67.084	67.084	32.021	32.021
Fed. de Rússia	2.017.860	1.980.000	150.910	146.000	13.371	13.561
Grécia	1.932.000	1.700.000	39.223	39.000	49.256	43.589
Chile	1.200.000	1.230.000	17.900	18.500	67.039	66.486
Marrocos	1.201.230	1.201.230	21.960	21.960	55.381	55.381
Ucrânia	1.145.700	1.200.000	96.000	100.000	11.934	12.000
Total mundial	124.119.445	125.015.792	4.539.176	4.550.719	27.344	27.471

Fonte: FAO (jun./06).

Tabela 2/I. Tomate – Exportações – Quantidade, valor e preço médio – Mundo - 2000-04

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004	% 00/04
Volume (t)	3.803.160	4.228.826	4.287.812	4.562.869	4.861.840	27,8
Valor (mil US\$)	2.821.234	2.880.508	3.371.639	4.288.615	4.441.191	57,4
Preço (US\$/t)	741,81	681,16	786,33	939,89	913,48	23,1

Fonte: FAO (jun./06).

Panorama da América do Sul

A produção de tomates na América do Sul, na safra 2004/05, foi de aproximadamente 6,28 milhões de toneladas. Esta produção é 3,0% menor que a da safra anterior.

O Brasil ocupa posição de destaque na produção de tomates no continente, sendo o maior produtor, responsável por 52,6% do volume produzido nesta safra. O Chile aparece como segundo maior produtor, respondendo por 19,6% da produção; a Argentina fica com a terceira posição, com 10,7%, enquanto a Colômbia detém o quarto lugar, com 6,0% do que é produzido na safra sul-americana.

A participação destes quatro países na produção vem-se mantendo praticamente inalterada nas últimas safras, mudando apenas os índices de um ano para o outro. Na safra 2003/04, a participação brasileira correspondeu a 54,0% da produção; a chilena foi de 20,1%; a da Argentina ficou em 10,4% e a colombiana, em 5,7%.

A produtividade média das lavouras tomateiras da América do Sul foi reduzida em 1,9% na safra 2004/05, em relação à safra anterior, obtendo 43.446 kg/ha, contra 44.265 kg/ha da safra 2003/04. As maiores reduções nos rendimentos médios verificaram-se nas lavouras do Brasil (onde a redução foi de 3,8%), do Paraguai (com redução de 3,9%) e do Peru (com produtividade 3,4% menor). O Chile apresenta a maior rentabilidade média entre os componentes do continente (com 66.486 kg/ha), seguido pelo Brasil (com 56.581 kg/ha) e do Uruguai (com 46.047 kg/ha).

Somente os três superam a média do continente; os demais estão abaixo, inclusive a quarta colocada, a Argentina, que obteve média de 38.941 kg/ha.

A área cultivada com tomate na América do Sul, em 2004/05, foi de 144.628 hectares e representou queda de 1,2% em relação à safra 2003/04.

O Brasil possui a maior área ocupada com a cultura, semeando na última safra 58.385 hectares, contra 59.510 hectares plantados na safra anterior. A segunda maior área cultivada é a do Chile, que aumentou de 17.900 hectares em 2003/04 para 18.500 hectares em 2004/05. Logo a seguir, vêm a Argentina, que repetiu a área de 17.333 hectares plantados no ano anterior e a Colômbia, que plantou 14.532 hectares, 10% a mais que na safra 2003/04.

Os quatro principais países envolvidos com a cultura no continente sul-americano - Brasil, Chile, Argentina e Colômbia - detiveram 88,5% da área plantada na safra 2003/04 e 88,9% na safra 2004/05, sendo responsáveis por 75,2% e por 75,3% do total produzido nas respectivas safras.

A tabela 3 mostra, por ordem de importância, a área plantada, a produção e o rendimento médio das lavouras nos países da América do Sul e o comparativo das safras 2003/04 e 2004/05.

Tabela 3/I. Tomate - Área, produção e rendimento médio - Países sul-americanos - Safras 2003/04 - 2004/05

Países	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Brasil	59.315	58.385	3.489.270	3.303.530	58.826	56.581
Chile	17.900	18.500	1.200.000	1.230.000	67.039	66.486
Argentina	17.333	17.333	675.000	675.000	38.943	38.943
Colômbia	14.350	14.532	370.000	374.684	25.784	25.783
Venezuela	9.075	9.000	196.941	195.000	21.701	21.666
Peru	7.000	6.000	181.198	150.000	25.885	25.000
Bolívia	9.170	9.170	130.110	130.110	14.188	14.188
Equador	7.965	7.595	100.467	95.873	12.613	12.623
Paraguai	2.268	2.100	69.451	61.790	30.622	29.423
Uruguai	1.303	1.303	60.000	60.000	46.047	46.047
G. Francesa	130	130	3.770	3.770	29.000	29.000
Guiana	500	500	2.700	2.700	5.400	5.400
Suriname	80	80	1.090	1.090	13.625	13.625
Total	146.389	144.628	6.479.997	6.283.547	44.265	43.446

Fonte: FAO (maio/06).

O Brasil, com lavouras em praticamente todo o seu território, fato aliado ao clima, que permite produção o ano todo, e mais a constante profissionalização de seus produtores, vem-se mantendo praticamente estável em relação à sua participação sobre o global da safra sul-americana.

Panorama nacional

A safra nacional de tomates na safra 2004/05, no que diz respeito à área plantada, repetiu o comportamento da safra anterior, ou seja, também se apresentou reduzida. Nesta temporada, o índice de redução atingiu 0,23%, somente. A maior redução de área deu-se no estado do Rio de Janeiro, com 7,2%, seguido pelos estados de Goiás e Ceará, com 5,2%, e Santa Catarina, com 3,4%. Também houve redução de área, porém menos expressiva, nos estados de Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Os mais significativas aumentos na área plantada, em termos percentuais, aconteceram no Distrito Federal, com 20,6%, no estado da Paraíba, com 20,4%, no Paraná, com 10,5%, e em São Paulo, com 3,5%. O total plantado foi de 59.376 hectares e os estados com maior participação na área plantada do país foram os estados de Goiás, com 18,2%, São Paulo, com 19,9%, e Minas Gerais, com 15,3%.

Fatores climáticos, descapitalização, ausência em maior ou menor grau de profissionalização do produtor, pouco investimento em implementos e técnicas operacionais constituem, entre outras, as razões para explicar estas variações anuais sobre a área de plantio.

A produção nacional em 2004/05 totalizou 3.396.767 toneladas, volume 2,8% menor que o obtido na safra 2003/04.

As maiores participações, por estado, foram do estado de Goiás, com 22,9%, do estado de São Paulo, com 21,1%, e do estado de Minas Gerais, com 18,2% da produção nacional.

O rendimento médio da safra nacional de 2004/05 ficou em 57.295 kg/ha. Se comparado à safra anterior, verifica-se uma redução de 2,6% na produtividade média das lavouras do País.

Destacaram-se em produtividade, no cenário nacional, na última safra, os estados do Rio de Janeiro, com 73.379 kg/ha; Goiás, que produziu 71.945 kg/ha, Minas Gerais, com 67.996 kg/ha, e o Distrito Federal, que produziu 67.779 kg/ha (Tabela 4).

Tabela 4/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nos principais estados - Brasil – Safras 2003/04 - 2004/05

Estado	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Goiás	11.384	10.792	871.945	776.430	76.594	71.945
São Paulo	11.430	11.830	749.750	717.530	65.595	60.653
Minas Gerais	9.251	9.088	622.339	617.544	67.360	67.996
R. de Janeiro	3.131	2.905	203.228	209.131	67.720	73.379
Bahia	4.931	5.170	192.216	199.036	38.981	38.498
Pernambuco	4.275	4.230	159.319	179.874	37.531	42.584
Espírito Santo	1.904	1.959	125.383	123.961	65.922	63.278
Paraná	3.197	3.532	161.537	185.299	50.528	52.463
Sta Catarina	2.390	2.309	129.054	123.239	53.997	53.396
Rio G. do Sul	2.572	2.532	97.838	91.001	38.040	35.997
Ceará	1.872	1.775	101.264	94.482	54.094	53.229
Paraíba	540	650	16.136	21.672	30.388	33.342
Dist. Federal	232	280	15.210	18.978	65.560	67.779
Total	59.510	59.376	3.489.268	3.396.767	58.826	57.295

Fonte: IBGE.

Nos negócios internacionais realizados com tomate pelo Brasil, no último ano, as exportações foram dez vezes maiores que as importações em volume e seis vezes maiores em valores negociados. Apesar de envolverem volumes e valores bastante modestos, estão sendo mais frequentes e se tornam importantes pelo fato de estarem sendo bem aceitos no mercado internacional em razão da qualidade apresentada. As tabelas 5, 6, 7 e 8, apresentam os volumes e os valores das importações e das exportações brasileiras de tomate, no período compreendido entre os anos 2003 e 2005, destacando a origem e o destino da produção.

Tabela 5/I. Tomate – Importações – Origem, quantidade e valor – Brasil - 2003-05

Origem	Unidade	2003	2004	2005
Chile	US\$	0	12.902	0
	kg	0	23.040	0
Estados Unidos	US\$	0	0	356
	kg	0	0	0
Uruguai	US\$	5.292	54.782	17.494
	kg	23.520	199.920	41.160
Total	US\$	5.292	67.684	17.850
	kg	23.520	222.960	41.160

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 6/I. Tomate – Importações – Destino, quantidade e preço médio – Brasil - 2003-05

Destino	Volume e Valores	2003	2004	2005
R. Janeiro	US\$	0	5.929	356
	kg	0	21.560	0
São Paulo	US\$	5.292	61.755	17.494
	kg	23.520	201.400	41.160
Roraima	US\$	0	0	0
	kg	0	0	0
Total	US\$	5.292	67.684	17.850
	kg	23.520	222.960	41.160

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Tomate - Exportações – Origem, volume e valores – Brasil - 2003-05

Origem	Unidade	2003	2004	2005
Pará	US\$	0	668	86
	kg	0	1.500	200
Amapá	US\$	0	518	0
	kg	0	600	0
Ceará	US\$	309	92	45.523
	kg	338	80	57.759
Minas Gerais	US\$	60.265	0	5.174
	kg	279.615	0	23.520
São Paulo	US\$	443.843	79.436	83.118
	kg	2.102.884	734.491	384.610
Paraná	US\$	14.613	0	0
	kg	66.415	0	0
Sta Catarina	US\$	20.831	14.978	1.206
	kg	94.635	68.080	10.000
Goiás	US\$	0	5.880	0
	kg	0	85.600	0
M. Grosso Sul	US\$	2.124	0	0
	kg	40.000	0	0
Total nacional	US\$	667.642	101.572	135.107
	kg	3.175.746	890.351	476.089

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/1. Tomate - Exportações - Destino, quantidade e preço médio - Brasil - 2003-05

Destino	Unidade	2003	2004	2005
Angola	US\$	0	0	261
	kg	0	0	271
Argentina	US\$	664.781	64.508	83.504
	kg	3.134.808	265.011	379.566
Cabo Verde	US\$	735	357	68
	kg	908	580	50
França	US\$	2	0	0
	kg	30	0	0
G. Francesa	US\$	0	1.186	0
	kg	0	2.100	0
Itália	US\$	0	0	45.455
	kg	0	0	57.709
Paraguai	US\$	2.124	35.521	0
	kg	40.000	622.660	0
Suriname	US\$	0	0	86
	kg	0	0	200
Uruguai	US\$	0	0	5.733
	kg	0	0	38.293
Total nacional	US\$	667.642	101.572	135.107
	kg	3.175.746	890.351	476.089

Fonte: MDIC/Secex.

Panorama catarinense

A cultura do tomate se destaca, no território catarinense, como uma das principais atividades hortícolas, estando presente em mais de dez mil estabelecimentos rurais.

O estado é o nono produtor nacional; detém a nona área plantada. Os tomaticultores catarinenses estão entre os sete melhores em produtividade média do País.

Outro aspecto bastante peculiar da cultura, no estado, é o fato, em função da heterogeneidade climática estadual, de se obter produção em todos os meses do ano.

A produção estadual da safra 2004/05 foi de 123.239 toneladas. Ela foi 1,5% menor que a safra 2003/04, quando foram produzidas 125.054 toneladas.

O rendimento médio das lavouras catarinenses, no último ano, também foi inferior ao estabelecido na safra anterior, recuando 0,8%.

A área estabelecida com a cultura também apresentou retração. Na safra 2004/05, foram plantados 2.309 hectares, contra 2.324 hectares da safra anterior, significando 0,6% de redução.

As microrregiões de Santa Catarina que mais se destacam em área plantada e na produção de tomates são as microrregiões de Joaçaba, Florianópolis, Tabuleiro e Campos de Lages, que no último ano foram responsáveis, respectivamente, por 39,4%, 20,4%, 18,9% e 7,5% da produção e 37,8%, 20,3%, 19,2% e 7,4% da área plantada no estado. Juntas, estas quatro regiões concentram 84,7% da área plantada e 86,2% da produção estadual.

A produtividade média das lavouras, em Santa Catarina, diminuiu 0,8% no último ano. Foram colhidos 53.373 kg/ha nesta safra, contra 53.810 kg/ha na safra passada. Os produtores da microrregião de Canoinhas estabeleceram a maior produtividade média entre as microrregiões do estado, com 78.947 kg/ha; vêm em seguida os das microrregiões de Tubarão, com 58.652 kg/ha, e os de Ituporanga, com 56.250 kg/ha.

A comercialização da safra catarinense vem mantendo as características dos anos anteriores. Enquanto a microrregião de Joaçaba comercializa sua produção nos principais centros consumidores do Sudeste brasileiro, em Manaus, e, dependendo do câmbio, na Argentina, a microrregião de Florianópolis destina 30% de sua produção para Porto Alegre e Curitiba e os 70% restantes são negociados nas entrais de abastecimento de Santa Catarina (Ceasa/SC), que, por sua vez, abastecem todos os grandes centros consumidores do litoral. A microrregião do Tabuleiro comercializa sua safra da mesma forma que a de Florianópolis, podendo haver alguma variação, dependendo da oferta, da qualidade e do mercado. Os produtores da microrregião dos Campos de Lages, comumente, fazem suas vendas na Ceasa/SC (São José), na Ceasa/PR (Curitiba) e na Ceasa/PA (Belém).

A tabela 9 retrata a distribuição da área plantada, da produção obtida e do rendimento médio das lavouras de tomate por microrregião geográfica de Santa Catarina nas safras de 2003/04 e 2004/05.

Tabela 9/I. Tomate – Área, produção e rendimento médio nas microrregiões - Santa Catarina – Safras 2003/04 - 2004/05

Microrregião Geográfica	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Blumenau	73	73	2.875	2.875	39.384	39.384
Campos de Lages	175	170	9.850	9.280	56.286	54.588
Canoinhas	19	19	1.500	1.500	78.947	78.947
Chapecó	33	40	1.444	1.573	43.758	39.325
Concórdia	9	9	330	330	36.667	36.667
Criciúma	21	19	905	820	43.095	43.158
Curitibanos	43	10	1.610	300	37.442	30.000
Florianópolis	469	469	25.110	25.110	53.539	53.539
Ituporanga	27	32	1.670	1.800	61.852	56.250
Joaçaba	874	872	49.872	48.541	57.062	55.666
Joinville	8	8	303	288	37.875	36.000
Rio do Sul	26	24	1.420	1.300	54.615	54.167
São Bento do Sul	13	13	520	460	40.000	35.385
Tabuleiro	443	443	23.235	23.235	52.449	52.449
Tijucas	75	30	3.750	1.500	50.000	50.000
Tubarão	7	69	380	4.047	54.286	58.652
Xanxerê	9	9	280	280	31.111	31.111
Total do estado	2.324	2.309	125.054	123.239	53.810	53.373

Fonte: IBGE.

A produção, a área plantada e a produtividade média dos principais municípios catarinenses estão na tabela 10. Os municípios de Caçador, Palhoça e Águas Mornas foram destaque, em 2004/05, na produção e na área plantada, enquanto os municípios de Mafra, São Ludgero, Tubarão e Alfredo Wagner apresentaram a maior produtividade média.

A comercialização é sempre um período de muita ansiedade e incertezas para o produtor. Analisando-se os valores nominais recebidos por eles na safra de 2005, em relação aos anos anteriores, pode-se concluir que a comercialização desta safra foi satisfatória, do ponto de vista econômico, trazendo alguma tranquilidade ao tomaticultor.

A tabela 11 traz uma série histórica dos preços recebidos pelos produtores e preços no atacado. Nela, pode-se observar que o preço médio da caixa de tomate nos dois segmentos superou o preço médio dos anos imediatamente anteriores. Observa-se, também, maior estabilidade dos preços em 2005, comparativamente aos anos de 2004 e 2003.

Tabela 10/I. Tomate – Área plantada, produção e rendimento médio nos principais municípios - Santa Catarina – Safras 2003/04 - 2004/05

Município	Área plantada (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05	2003/04	2004/05
Caçador	750	750	43.500	43.500	58.000	58.000
Lebon Régis	45	45	2.475	1.856	55.000	41.244
Águas Mornas	200	200	10.000	10.000	50.000	50.000
Alfredo Wagner	20	20	1.400	1.400	70.000	70.000
Anitápolis	140	140	7.700	7.700	55.000	55.000
Rancho Queimado	80	80	4.000	4.000	50.000	50.000
Angelina	75	30	3.750	1.500	50.000	50.000
São Ludgero	21	17	1.682	1.349	80.095	79.353
Tubarão	15	15	1.050	1.050	70.000	70.000
Indaial	60	60	2.400	2.400	40.000	40.000
Bom Retiro	30	30	1.800	1.800	60.000	60.000
Urubici	120	120	7.200	7.200	60.000	60.000
Mafra	10	10	900	900	90.000	90.000
Palhoça	250	250	12.500	12.500	50.000	50.000
Santo Amaro	150	150	9.750	9.750	65.000	65.000
S. Pedro Alcântara	35	35	1.400	1.400	40.000	40.000
Total do estado	2.324	2.309	125.054	123.239	53.810	53.373

Fonte: IBGE.

Tabela 11/I. Tomate - Preços médios mensais no atacado e recebido pelos produtores e preços médios anuais – Santa Catarina - 2003-05

Mês	Produtor			Atacado		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Janeiro	8,48	14,25	12,60	13,30	18,70	19,50
Fevereiro	13,50	12,12	12,84	18,55	18,07	21,09
Março	25,61	9,73	14,69	30,20	17,34	21,98
Abril	24,53	7,75	16,10	34,21	14,05	24,32
Maio	15,90	20,11	23,40	22,55	26,05	31,80
Junho	9,84	24,55	19,38	16,55	34,73	29,16
Julho	9,93	24,00	21,40	16,22	31,12	27,88
Agosto	10,10	30,73	17,77	14,86	42,05	25,74
Setembro	12,32	27,20	18,20	18,58	33,83	26,07
Outubro	16,68	21,16	20,16	22,62	28,29	28,48
Novembro	16,95	17,42	30,72	20,40	23,66	39,75
Dezembro	16,38	12,40	26,13	19,43	17,77	36,78
Preço médio	15,02	18,45	19,45	20,62	25,47	27,71

Fonte: Epagri/Cepa.

De posse destas informações, considerando-se as microrregiões produtoras, a conseqüente oferta da produção, pode-se constatar que a safra de 2004/05 mostrou-se mais favorável aos produtores das microrregiões de Florianópolis e do Tabuleiro e Campos de Lages, que produzem o ano todo, e pouco menos favorável aos produtores da microrregião de Joaçaba, que concentram sua produção nos meses de verão.

Embora os números venham a sugerir uma interpretação de que os preços estiveram favoráveis aos produtores nos últimos anos, deve-se considerar que cada produtor é único, e que o que pode ser bom para um não necessariamente o é para outro. Por mais que o produtor seja competente, com boa produtividade, boa qualidade em sua produção, ele, isoladamente, sempre estará sujeito às idas e vindas do mercado, que, invariavelmente, tem excluído bons e maus produtores.

Admir Tadeo de Souza



Safra 2005/06

A produção mundial de 2005/06 variou pouco em relação à da safra de 2004/05. Com uma pequena redução na produção e crescimento no consumo, o número que apresenta maior variação é o do estoque final mundial, mais de 4% menor que o da safra 2004/05.

O mesmo não se pode dizer da produção de alguns dos principais produtores mundiais. Neste caso, existem mudanças significativas, tanto para mais como para menos.

A maioria dos principais produtores (Cazaquistão, Paquistão, Austrália, Ucrânia, China, Rússia e Canadá) apresentou produção maior que na safra anterior, mas sem compensar a redução nas produções dos Estados Unidos, União Européia, Argentina e Turquia. Apenas a redução na produção da União Européia, de 14,2 milhões de toneladas, quase equivale ao aumento na produção de todos esses países - 14,9 milhões de toneladas.

Para os interesses brasileiros, o número que mais ganhou destaque foi o da redução de 3,5 milhões de toneladas na produção da Argentina, que é responsável pela quase totalidade das importações brasileiras.

A safra brasileira de 2005/06 foi significativamente inferior à de 2004/05. Segundo os números do IBGE, a área plantada decresceu 16% e a produção, 20%.

A exemplo do que aconteceu na safra 2004/05, as condições climáticas não foram favoráveis. O excesso de chuvas, particularmente nos meses de setembro e outubro, comprometeu o rendimento médio e a qualidade do trigo em várias regiões dos principais estados produtores.

Em Santa Catarina, a redução de área plantada e da produção foi ainda mais significativa que a verificada no País, 29% e 44%, respectivamente, em relação à safra 2004/05.

Isso deixa claro que a falta de alternativas de inverno para a sucessão com as lavouras de verão e a expectativa de que os preços da safra de 2005 poderiam ser melhores que nas duas últimas safras não foram suficientes para estimular os produtores catarinenses e impedir o sensível decréscimo de área plantada.

No caso da produção, a redução ainda mais significativa do que a verificada na área de plantio se deve a perdas de produtividade em algumas regiões produtoras, em consequência de aspectos como: alta incidência de doenças, frio fora de época e excesso de chuvas na floração.

Além da área de plantio e da produção abaixo dos níveis esperados, a comercialização da safra brasileira e catarinense transcorreu com preços bem menores que os esperados pelos produtores.

Em Santa Catarina, as cotações do produto de boa qualidade ficaram em média entre R\$ 18,00 e R\$ 22,00/sc de 60kg.

O maior período da comercialização nacional transcorreu com baixos preços internacionais e com expressiva valorização do real frente ao dólar, fatores responsáveis pelos baixos preços internos.

Perspectivas para a safra 2006/07

Segundo os números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), do mês de junho de 2006, a produção mundial projetada para a safra 2006/07 é inferior à alcançada nas duas últimas safras.

O decréscimo na produção mundial seria decorrente da redução na área plantada e na produtividade esperada. Como estas são estimativas iniciais e qualquer um destes dois aspectos pode sofrer alterações sensíveis ao longo dos próximos meses, a previsão de produção ainda pode passar por importantes mudanças.

Como se prevê um aumento do consumo mundial, os estoques finais, depois de uma importante recuperação da safra 2003/04 para a 2004/05, teriam novo decréscimo, desta vez ainda mais importante que o verificado da safra 2004/05 para a 2005/06.

Os primeiros números mundiais repercutiram sensivelmente sobre os preços internacionais. Tanto nas bolsas dos Estados Unidos, quanto na Argentina, os preços apresentaram clara tendência de elevação nos últimos meses do primeiro semestre de 2006.

Esta situação internacional fez aumentar o interesse pelo trigo nacional, criou uma situação mais favorável para o fortalecimento dos preços internos e fez surgir a expectativa de que a próxima comercialização interna transcorrerá com preços bem melhores que os verificados nas últimas safras.

Isto não foi suficiente para estimular os produtores a apostarem com a mesma intensidade de anos recentes no plantio de trigo.

Para a safra brasileira 2006/07, segundo as estimativas do mês de junho do IBGE, esperava-se, em relação à safra 2004/05, redução de 24% na área plantada e de 22% na produção. É a menor área de plantio das últimas cinco safras.

Em Santa Catarina, as primeiras estimativas apontam para uma área plantada igual à da safra 2005/06, mas também em patamar bem inferior ao de outras safras recentes.

Em face das produções bastante significativas nas safras 2003/04 e 2004/05, em 2004 e 2005 o Brasil reduziu significativamente a sua dependência externa de trigo. A quantidade importada caiu para patamares bem inferiores aos níveis verificados entre 1998 e 2003. Com a expressiva redução na produção das safras 2005/06 e 2006/07, as importações voltarão a crescer em 2006 e especialmente em 2007.

Tabela 1/I. Trigo - Balanço mundial de oferta e demanda - Mundo - Safras - 1997/98-2005/06

Safra	Área (milhões ha)	Produção (milhões t)	Comércio (milhões t)	Consumo (milhões t)	Estoque final (milhões t)
1997/98	228,4	610,0	104,5	577,3	197,1
1998/99	225,1	590,0	102,0	579,0	208,1
1999/00	215,4	585,8	112,7	585,0	208,9
2000/01	217,6	581,5	104,1	583,9	206,5
2001/02	214,7	581,1	110,8	585,2	202,5
2002/03	214,6	567,6	110,1	604,1	166,0
2003/04	209,9	554,6	104,5	588,7	131,9
2004/05	218,9	628,8	113,0	610,3	150,3
2005/06	218,2	621,9	111,2	628,2	144,0
2006/07	213,5	599,8	110,6	615,6	128,2

Fonte: Usda (jun./06).

Tabela 2/I. Trigo - Produção dos principais países produtores - Mundo - 2002/03-2006/07

País	(milhões de t)				
	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
União Européia	124,8	106,9	136,8	122,6	126,0
China	90,3	86,5	92,0	97,5	97,5
Índia	71,8	65,1	72,1	72,0	68,0
Estados Unidos	43,7	63,8	58,7	57,3	49,4
Rússia	50,6	34,1	45,4	47,7	41,5
Canadá	16,2	23,6	25,9	26,8	26,5
Austrália	10,1	26,1	22,6	24,5	24,0
Paquistão	18,2	19,2	19,5	21,5	21,7
Turquia	16,8	16,8	18,5	18,0	19,0
Argentina	12,3	14,5	16,0	12,5	14,3
Cazaquistão	12,6	11,0	10,0	11,0	11,5
Ucrânia	20,6	3,6	17,5	18,7	11,0
Outros	79,6	83,4	93,9	91,8	89,5
Mundial	567,6	554,6	628,8	621,9	599,8

Fonte: Usda (jun./06).

Tabela 3/I. Trigo - Comparativo das Safras - Brasil - Safras - 1997/98 - 2006/07

Safra	Área plantada	Produção	Rendimento
	(ha)	(t)	(kg/ha)
1997/98	1.544.489	2.489.070	1.612
1998/99	1.423.789	2.269.847	1.594
1999/00	1.254.275	2.461.856	1.963
2000/01	1.535.723	1.725.792	1.124
2001/02	1.730.908	3.366.599	1.945
2002/03	2.151.831	3.105.658	1.443
2003/04	2.562.067	6.153.500	2.402
2004/05	2.810.874	5.818.846	2.070
2005/06 ⁽¹⁾	2.363.390	4.658.790	1.971
2006/07 ⁽²⁾	1.791.683	3.617.656	2.019

⁽¹⁾ Dados sujeito a alterações.

⁽²⁾ Projeção.

Fonte: IBGE.

Tabela 4/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo os estados - Brasil - Safras - 2003/04 - 2005/06

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾	2003/04	2004/05	2005/06 ⁽¹⁾
Paraná	1.255.216	1.358.692	1.275.869	3.203.327	3.051.013	2.767.440	2.552	2.246	2.169
Rio Grande do Sul	1.063.894	1.124.845	844.821	2.395.557	2.061.410	1.389.731	2.252	1.833	1.645
Mato Grosso do Sul	90.488	145.268	96.584	167.684	197.325	136.410	1.853	1.358	1.412
Sao Paulo	47.700	54.000	57.000	104.700	140.100	136.300	2.195	2.594	2.391
Santa Catarina	77.541	85.014	59.952	171.969	190.133	106.514	2.218	2.236	1.777
Minas Gerais	7.411	16.722	14.582	32.795	72.651	63.722	4.425	4.345	4.370
Goiás	16.610	21.772	12.014	65.647	87.781	49.885	3.952	4.032	4.152
Distrito Federal	1.250	2.158	1.130	6.423	10.984	6.190	5.138	5.090	5.478
Bahia	580	743	343	2.900	3.715	1.915	5.000	5.000	5.583
Mato Grosso	1.377	1.660	1.095	2.498	3.734	683	1.814	2.249	624
Brasil	2.562.067	2.810.874	2.363.390	6.153.500	5.818.846	4.658.790	2.402	2.070	1.971

⁽¹⁾ Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Tabela 5/I. Trigo - Oferta e demanda - Brasil - Safras - 2001/02 - 2006/07

Discriminação	(1000 t)					
	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07
Estoque inicial (1/8)	589,8	626,8	409,3	421,8	1.240,4	351,6
Produção	3.194,2	2.913,9	5.851,3	5.845,9	4.873,1	4.203,6
Importação	7.055,4	6.853,2	5.707,6	5.311,0	5.713,3	6.033,3
Suprimento	10.839,4	10.393,9	11.968,2	11.578,7	11.826,8	10.588,5
Consumo	10.210,2	9.980,5	10.174,1	10.333,0	10.693,7	10.400,0
Exportação	2,4	4,1	1.372,3	5,3	781,5	2,0
Estoque final (31/7)	626,8	409,3	421,8	1.240,4	351,6	186,5

Fonte: Conab (jun./06).

Tabela 6/I. Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - 1996-2005

Origem	(t)									
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Argentina	2.397.990	3.273.015	5.842.979	6.569.426	7.207.869	6.789.395	5.422.944	5.531.083	4.653.261	4.519.655
Paraguai	55.200	238.112	131.222	865	64.079	87.670	81.489	96.184	120.613	408.926
EUA	880.775	-	-	95.078	51.685	102.912	677.203	500.014	73.948	29.799
Uruguai	82.657	81.913	24.526	34.234	36.015	1.001	14.050	5.230	27	29.721
Libano	15	10	14	19	-	-	4	2	2	17
Síria	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7
Polônia	-	-	-	-	-	-	89.368	299.624	-	-
Canadá	878.316	780.640	370.275	191.613	163.075	33.820	59.076	170.318	-	-
Suécia	-	-	-	-	-	-	12.828	5.472	-	-
Cazaquistão	-	-	-	-	-	-	76.980	4.000	-	-
Rússia	-	-	-	-	-	-	9.939	-	-	-
França	-	-	26.163	-	-	-	-	-	-	-
Ucrânia	-	-	-	-	-	-	128.347	-	-	-
Total	4.294.953	4.373.689	6.395.179	6.891.235	7.522.722	7.014.798	6.572.228	6.611.926	4.847.852	4.988.125

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - 1996-2005

Origem	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Uruguai	20.021	18.695	34.322	13.256	17.635	20.870	7.345	8.893	8.784	17.837
Paraguai	140	9.978	7.503	25	-	1.123	5.740	2.211	8.971	4.580
Argentina	152.582	361.075	274.158	177.758	181.639	141.921	81.027	8.947	9.329	4.271
EUA	-	-	-	-	-	-	-	20	512	1.278
Itália	-	2	-	3	14	59	30	1.068	660	198
França	-	-	-	-	-	-	4	-	6	20
Reino Unido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
Canadá	-	-	-	-	-	-	-	11	13	-
Perú	-	-	-	-	-	-	-	1.030	5.800	-
Bélgica	44	1.843	2.238	270	-	-	1.688	1.440	-	-
Venezuela	514	16	117	20	3.705	2.390	-	-	-	-
Outros	58	177	4	38	41	10	9	587	531	-
Total	173.359	391.786	318.342	191.370	203.034	166.373	95.838	24.176	34.075	28.196

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/I. Trigo - Comparativo das Safras - Santa Catarina - Safras 1997/98 - 2006/07

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
1997/98	36.635	34.227	934
1998/99	28.785	42.411	1.473
1999/00	24.861	45.440	1.828
2000/01	30.897	54.318	1.758
2001/02	51.007	79.865	1.566
2002/03	51.851	91.958	1.774
2003/04	77.541	171.969	2.218
2004/05	85.014	190.133	2.236
2005/06	59.952	106.514	1.777
2006/07 ⁽¹⁾	59.250	129.650	2.188

⁽¹⁾ Projeção.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Trigo - Comparativo de safras, segundo as microrregiões - Santa Catarina - Safras - 2003/04 - 2005/06

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06	2003/04	2004/05	2005/06
Curitibanos	19.770	20.830	16.030	46.910	59.214	37.357	2.373	2.843	2.330
Xanxerê	24.785	25.955	14.550	54.524	54.079	22.744	2.200	2.084	1.563
Canoinhas	6.520	9.625	8.815	17.121	25.815	16.288	2.626	2.682	1.848
Chapecó	12.965	14.565	10.645	23.969	24.834	13.167	1.849	1.705	1.237
Campos de Lages	1.400	1.916	1.850	4.515	5.689	5.715	3.225	2.969	3.089
Sao Miguel do Oeste	5.805	5.845	4.255	12.447	10.084	5.666	2.144	1.725	1.332
Joaçaba	3.970	3.655	2.635	9.368	7.566	4.200	2.360	2.070	1.594
Concórdia	2.087	2.140	1.043	2.760	2.098	1.284	1.322	980	1.231
Sao Bento do Sul	170	170	66	217	313	78	1.276	1.841	1.182
Rio do Sul	55	143	63	110	213	15	2.000	1.490	238
Ituporanga	14	170	-	28	228	-	-	-	-
Estado	77.541	85.014	59.952	171.969	190.133	106.514	2.218	2.236	1.777

Fonte: IBGE.

Tabela 10/I. Trigo - Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002-06

Mês/Ano	(R\$/sc) ¹				
	2002	2003	2004	2005	2006
Janeiro	16,10	29,83
Fevereiro	16,23	30,00	22,70	20,11	19,64
Março	16,45	30,58	22,77	20,91	18,00
Abril	16,79	29,99	24,76	23,07	19,00
Maio	17,74	28,56	28,86	22,72	19,18
Junho	19,58	26,80	29,80	21,86	19,95
Julho	21,06	25,89	27,89	20,36	-
Agosto	23,75	24,80	26,20	19,79	-
Setembro	26,53	24,80	24,85	19,10	-
Outubro	35,74	22,86	23,61	17,37	-
Novembro	32,04	22,98	22,21	19,16	-
Dezembro	29,61	23,19	20,91	20,00	-
Média	22,64	26,69	24,96	20,40	19,15

(¹) Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 11/I. Trigo - Preços mínimos de garantia - 2001-06

Classificação	(R\$/t)								
	Tipo 1 (PH 78)			Tipo 2 (PH 75)			Tipo 3 (PH 70)		
	2001	2002	2003-06	2001	2002	2003-06	2001	2002	2003-06
Pão/Melhorador/Durum	225,00	285,00	400,00	213,43	270,42	379,54	195,79	248,07	348,17
Brando	195,79	248,07	348,17	186,07	235,75	330,88	166,61	211,09	296,27
Outros usos	125,22	-	-	116,35	-	-	107,49	-	-

Fonte: Conab.

Tabajara Marcondes



Uva e Vinho 2006

A videira ocupa atualmente uma área de oito milhões de hectares, aproximadamente, espalhados em todo o mundo, especialmente no ocidente, tendo concentração na Europa, onde se cultivam 4,8 milhões de hectares, dos quais mais de 4,2 milhões de hectares estima-se se destinem à produção de vinho. Aliás, a produção de vinho parece ser a finalidade principal desse cultivo, tanto na Europa quanto em todo o mundo.

Entretanto, também é utilizada in natura. Há vários outros usos, associados à história da própria civilização: desidratada, para ser consumida como uva-passa, ou transformada em suco, em vinagre, destilada, etc. Apesar da dificuldade de estatísticas mundiais sobre os demais destinos da uva, além do vinho, estima-se que a área de uva destinada ao vinho seja de 7,2 milhões hectares, aproximadamente, e nela se produzem em torno 30 bilhões de litros por safra.

A área plantada de uva mais expressiva está na Espanha, França e Itália, que, juntas, cultivam 2,9 milhões de hectares, o que representa mais de 15 bilhões de litros de vinhos, ou seja, mais da metade da produção mundial.

Depois dos citados países europeus, destacam-se também na produção de uvas a China e os Estados Unidos da América, ambos com mais de 5 milhões de toneladas, seguidos pela Turquia, Irã, Austrália, África do Sul, Índia, Grécia e Egito, todos com mais de 1 milhão de toneladas por safra. Além destes, a Argentina e o Chile, países vizinhos, com grande potencial de concorrência na produção de uvas (para consumo in natura como na de vinhos finos). Juntos, já oferecem o equivalente a um terço do consumo nacional de vinhos finos.

Por limitações culturais ou religiosas, alguns dentre os países citados não são famosos como produtores de vinhos, mas são potenciais concorrentes do Brasil. A China, em particular, com os seus 440 mil hectares, pode entrar no mercado asiático com mais facilidade que o Brasil, especialmente com uvas de mesa.

A principal espécie econômica do gênero *vitís* é a *vitís vinífera*, conhecida vulgarmente como uva européia, com milhares de variedades entre brancas e tintas, para vinho, passas, mesa ou sucos. Em seguida, vêm as uvas americanas e híbridas, especialmente para consumo in natura e sucos. Dessas também se fazem vinhos, espumantes e outras bebidas vínicas, especialmente no Brasil, onde é permitida a comercialização de vinhos feitos com esse tipo de uvas.

O Brasil já está entre os dez maiores exportadores da fruta in natura. Entre os maiores exportadores de uvas estão o Chile, a Itália e os Estados Unidos, os quais exportam, em média, cerca de US\$ 500 milhões anuais. No segundo grupo, há um conjunto de oito países, com exportação média anual próxima de US\$ 100 milhões, entre os quais aparecem os potenciais concorrentes brasileiros: México, África do Sul, Austrália e também a Argentina.

É importante destacar o crescimento do Brasil neste seguimento, haja vista que a viticultura sempre foi deficitária no comércio exterior, em virtude da importação de uvas passas e vinhos, especialmente na crescente importação de vinhos vindos do Cone Sul. O consumo de vinhos importados já representa mais de dois terços do consumo de vinhos finos no Brasil, sendo estimada uma importação de 41 milhões de litros anuais, e US\$ 80 milhões de desembolso na balança comercial com a aquisição de vinhos e espumantes.

Desde a década de 90, a produção brasileira cresce a taxas anuais que se aproximam de 10%. Isto decorre da ampliação significativa nas exportações de uvas in natura e de sucos, como também da ampliação das fronteiras da viticultura brasileira, nomeadamente pela inclusão de áreas onde a produção permite menor sazonalidade de preços e onde se podem obter duas safras por ano ou mais, caso do Nordeste e do Centro-Oeste.

Além da produção de uvas apirênicas (sem sementes), mais próprias para o mercado externo, a área cresce impulsionada também pelo cultivo de uvas para vinhos finos, com variedades europeias em várias regiões do Brasil, especialmente no Nordeste brasileiro.

A produção mundial, como a brasileira, forjou uma geografia com grande concentração de produção em determinadas regiões, levada por fatores étnicos, culturais e religiosos. Também nos estados do Sul, especialmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, a imigração e as condições naturais criaram pólos culturais dessa exploração, tanto na Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, como o Vale do Rio do Peixe, em Santa Catarina, apesar da presença em outras regiões desses estados.

Na Europa, a concentração de produção de uvas não impede que o cultivo se alargue por novas áreas da cultura. Se a expansão no Novo Mundo inquieta ou assusta a Europa, no Brasil, também novas regiões, que até pouco se diziam inaptas para a produção de uvas - Nordeste e o Centro-Oeste - que reúnem condições de clima e solo.

Neste sentido, é importante destacar que a ampliação de áreas no Nordeste do Brasil, especialmente no Vale do São Francisco, na região da Campanha e na Serra do Sudoeste, no Rio Grande do Sul, tiveram no setor público um forte indutor desse processo, além de condições naturais, tendo em vista a capacidade de geração de emprego e de divisas, aliada à apropriação de renda no local onde é produzida e processada.

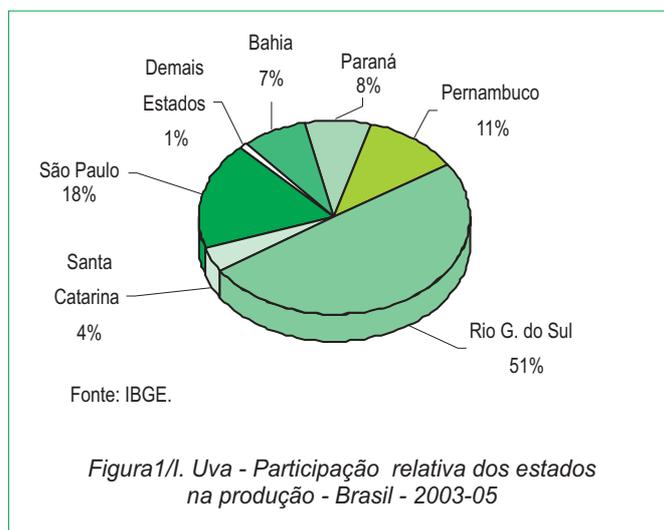
Das novas áreas dessa expansão, o pólo Petrolina/Juazeiro é o de maior importância. Este pólo conta com a presença de vinícolas do Sul do Brasil e de capitais internacionais tanto na produção de uvas (produzidas com irrigação) para consumo in natura, como também visando sua transformação em sucos, vinhos finos e espumantes.

Também no estado de Santa Catarina aparece um novo pólo vitivinícola na Serra Catarinense, especialmente na cidade de São Joaquim, uma das cidades mais frias do Brasil, que já concentra 180 hectares de uvas *vitis viniferas*, próprias para a produção de vinhos finos. Apesar de os primeiros vinhedos terem sido implantados em 2000, a região já dispõe de quatro cantinas e outras três unidades devem entrar em atividade a partir de 2008.

A viticultura tem-se alargado também no oeste do estado, onde iniciativas inovadoras permitem vislumbrar novos tempos, pelas sucessivas perdas de renda com a produção de grãos. As microrregiões de Concórdia, Chapecó e São Miguel do Oeste já implantaram e estão implantando centenas de hectares de uvas realizados pela agricultura familiar, na esperança de sobrevivência em anos de estiagem e prejuízos que se sucedem.

Segundo estimativa da Fundação IBGE, a produção brasileira de uvas de 2005 foi de 1,3 milhões de toneladas. O estado do Rio Grande do Sul apresentou, no período 2003 a 2005, continua com uma produção de mais da metade da produção nacional, na qual o estado de São Paulo teve 18% (Figura 1).

São Paulo, diferentemente do Rio Grande do Sul, tem como objetivo principal a produção de uvas de mesa, enquanto que a maioria da produção gaúcha se destina à transformação em vinhos, mosto e sucos.



Depois desses estados, seguem-se os estados de Pernambuco, Paraná e Bahia, com 11%, 8% e 7%, respectivamente. O estado de Santa Catarina responde por 4% da produção nacional de uva. Embora sendo o sexto produtor nacional de uvas, ainda é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto, patamar em que permanece estagnado.

Ao mesmo tempo em que a produção nacional de uva de mesa está praticamente estagnada, há um expressivo aumento na produção de uvas para vinhos finos e uvas finas de mesa, especialmente as apirênicas. Enquanto regiões tradicionais na produção de uvas de mesa e sucos apresentam dificuldades de reconversão para a implantação de novos vinhedos e com novas variedades, há uma expansão silenciosa em estados como Minas Gerais e Paraná e a entrada de novos estados produtores, como Ceará, Mato Grosso e Goiás.

Como a produção nacional de uvas, que se concentra no Rio Grande do Sul, a produção catarinense também está concentrada na região do Alto Vale do Rio do Peixe, que representa quase 60% da produção estadual. Nela se encontra também a maioria das cantinas do estado, nomeadamente as maiores, cuja produção está direcionada à elaboração de vinhos de mesa e espumantes, especialmente de uvas Niágara. A maior parte dos vinhos feitos com uvas européias ainda depende da aquisição de uvas do vizinho estado do Rio Grande do Sul.

Há outros pólos tradicionais de produção no estado: nos municípios de Urussanga e Pedras Grandes, na região de Criciúma, em Rodeio e Nova Trento, todos eles assinalados pela presença de imigração italiana.

Segundo dados finais do Levantamento Agropecuário Catarinense, realizado pela Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural através de seus órgãos, havia no estado

catarinense, no período 2002/2003, um total de 3.018 hectares de vinhedos plantados, dos quais dois terços na microrregião de Joaçaba. Segundo esse levantamento, cabe destacar o aumento de área representado pela diferença absoluta ou relativa entre a área plantada e aquela destinada à colheita. Isto foi marcante nas microrregiões dos Campos de Lages (500%), Chapecó (50%), São Miguel do Oeste e Tijucas (40%); já na microrregião de Joaçaba foi registrado um incremento de 300 hectares. A essa diferença se atribui o aumento de área plantada. O incremento de área tem se mantido em todo o estado, se estimando que existam plantados novamente mais de 4.000 hectares de vinhedo.

Um fato determinante para isso é o trabalho de difusão que vem sendo realizado pela Epagri, com a orientação e multiplicação de material vegetativo de alta qualidade adequado às características e ao clima dessas regiões. Ela apoiou decisivamente o plantio comercial de vinhos de altitude, iniciado em 2000, pelos quais já se permite vislumbrar um momento novo para a vitivinicultura catarinense.

Quanto ao mercado da uva para mesa, são predominantes as uvas Itália e Niágara. Segundo dados do Ceagesp, já se percebe uma pequena diminuição na comercialização das duas uvas mais tradicionais nesse mercado nos últimos anos, apesar do crescimento da oferta total das uvas de mesa. A queda na expectativa de produção nos estados do Sul, onde problemas climáticos afetaram o seu rendimento, elevou os preços nominais do produto, apesar do crescimento da oferta de produtos que não se prestam ao mercado internacional e passam a ficar disponíveis ao mercado interno, aviltando o preço daquelas variedades tradicionais, ou mesmo inibindo novos investimentos em pólos tradicionais.

Contudo, o mercado hoje mais sensível é o da produção vínica. Ao tempo em que se discutem os efeitos benéficos à saúde pelo consumo regular do vinho, acompanha-se uma queda no consumo per cápita mundial desse produto em velocidade até pouco tempo impensada e até porque se assiste a uma expansão no plantio e na oferta de novos vinhos.

Segundo estudos relacionados com o consumo de vinho e as perspectivas futuras, há uma certeza: o consumo da bebida está em queda. Estima-se que atualmente o consumo mundial de vinho esteja em torno de 3,5 litros, contra 3,9 registrados em 1995, e a previsão é de 3,3 litros per cápita para o ano de 2010.

Esta redução do consumo ocorre especialmente nos países de maior consumo e cuja população jovem prefere bebidas alcoólicas destiladas. Dados da OIV indicam uma queda em todos os países europeus que têm o vinho arraigado em sua cultura diária, especialmente a França e a Itália.

Dos países fora da Europa, somente a Argentina, e agora a Austrália, tem seu consumo superior a 20 litros per cápita ano. O efeito saúde, sobre que tanto se discute no consumo moderado e regular de vinho, ainda não conseguiu fazer com que aos Estados Unidos da América atingissem 1/4 daquele que consome a Argentina, enquanto que no Brasil, segundo a Embrapa, esse consumo ainda não ultrapassa 2 litros.

Diante desse quadro, há que se inferir algumas tendências no curto e médio prazos, com todos os riscos de quando se trabalha com o futuro. Inicialmente, é importante lembrar que somente 20% do consumo nacional de vinhos é oriundo de uvas viníferas ou européias. Esta é uma das razões pelas quais qualquer entrada de vinho estrangeiro (que só utiliza a uva *vitis vinífera*) no mercado interno representa um aumento significativo na concorrência com a produção nacional.

Há excedentes no mercado internacional enquanto que países como Brasil, Estados Unidos, China, Japão e Índia não dispõem de produção interna capaz de suprir eventual aumento de consumo, e sem barreiras culturais, ou religiosas, o Brasil é um sério candidato a receber esses excedentes tanto da Europa, mas, e principalmente da Argentina e do Chile.

Outro importante fator a analisar é o preço dos vinhos que hoje chegam ao Brasil. França, Espanha e Portugal, tradicionais e importantes fornecedores de vinhos finos ao mercado brasileiro, têm sua exportação FOB média realizada a US\$ 3 por litro, enquanto que os produtos da América do Sul, especialmente da Argentina e do Chile, por sua capacidade de suprimento, têm hoje uma cotação média em torno de US\$ 1,7 e US\$ 2,0 por litro, respectivamente.

Relativamente às importações, torna-se mister indicar ainda que haja uma grande diferença na internalização do produto no Brasil, o que novamente favorece o mercado argentino, em virtude da facilidade de transporte entre países de fronteiras limítrofes e também pelas tarifas preferenciais dos acordos firmados no âmbito do Mercosul.

Isto posto, caso se mantenha a ampliação da entrada de vinhos argentinos, comprova a impraticabilidade da renovação de vinhedos em virtude dos custos atuais de implantação e de processamento no Brasil. A situação fica ainda mais complicada pelo acúmulo crescente, safra a safra, de vinhos produzidos com uvas americanas, especialmente as brancas, para as quais não resta senão serem vendidas a granel como matéria-prima para produção de bebidas víquicas distribuídas no varejo em embalagens impróprias para o acondicionamento de bebidas que contêm álcool.

Em seguida, há que se estabelecer um parâmetro com as condições naturais de produção de vinhos finos no Brasil. Os impostos que incidem sobre insumos básicos e as barreiras de acesso a eles para os produtores de vinhos finos de qualidade são desafios na concorrência à qual esses vinhos estão expostos. Poucos que tomam vinhos sabem que uma barrica de carvalho francês - que em toda sua vida útil tem capacidade de vinificar 675 litros de vinho em três safras e depois se torna imprestável - custa aproximadamente US\$ 960,00 e que este valor, a partir do preço FOB, tem um acréscimo de 50% entre taxas e impostos, especialmente de ICMS, cuja alíquota é variável de estado para estado.

Diante disso, é importante destacar que a vitivinicultura brasileira só se consolidará se ela encontrar nos diferentes níveis de governo as condições essenciais para enfrentar a concorrência, especialmente da Argentina, que já é o maior fornecedor do mercado brasileiro de vinhos importados.

Outro forte concorrente, o Chile, é um exemplo a ser seguido pela opção que fez por uma agricultura especializada em frutas de clima temperado, especialmente em frutas de caroço, uva finas e vinhos finos e se tornou muito agressivo no mercado mundial.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior e a Embrapa, os importados já respondem por mais de 66% do mercado brasileiro de vinhos finos, haja vista que os vinhos importados são exclusivamente vinhos finos. Na verdade, a partir da estabilização da moeda com o real, vem aumentando, desde 1995, o consumo de vinhos importados, nomeadamente do Cone Sul.

O setor vitivinícola brasileiro apresenta particularidades em relação aos tradicionais produtores de vinho, entre elas a de que o vinicultor não é necessariamente produtor de uvas, o que gera tensões anuais e falta de união no encaminhamento de ações que visam ao desenvolvimento de uma marca nacional de vinhos de qualidade.

Além disso, as fraudes, o contrabando e os impostos incidentes sobre o produto facilitam a concorrência, especialmente da Argentina. O excedente de produção de uvas de mesa se transforma no Brasil em vinhos, o que gera excedentes que, por sua vez, se transformam em matéria-prima para produtos vinícolas de baixa qualidade que competem com o próprio vinho.

Quanto aos vinhos finos, a produção de Santa Catarina ainda é pequena, tem dificuldades para apresentação e marketing de seus produtos, principalmente porque o estado do Rio Grande do Sul, a Argentina e o Chile os produzem em escala que lhes permite campanhas de suas ações de marketing, que exploram as particularidades de cada região.

A tipicidade é, aliás, o valor a ser distinguido pelo estado em relação ao restante do País. Como a nossa produção é pequena e dispersa, as ações de marketing passam necessariamente pela coragem da promoção de amostras e concursos que divulguem seus produtos e gerem competição entre os vinicultores.

Tal competição tem recebido apoio decisivo de instituições ligadas ao governo federal e ao governo do estado. Para que tais iniciativas fossem levadas a efeito, foi decisivo o espírito de corpo que os produtores criaram a partir dos vinhos de altitude. Tanto que, em novembro de 2005, foi criada a Associação Catarinense de Produtores de Vinhos Finos de Altitude-Acavitis, com o objetivo de apoiar instituições de pesquisa e promoção, e somar esforços com vistas a uma nova visibilidade dos vinhos catarinenses.

Foram criados um curso de pós-graduação em viticultura e enologia e também um curso de nível em vitivinicultura na região de maior concentração em viticultura de altitude. Além disto, com apoio da Província de Trento, está sendo desenvolvido um projeto de pesquisa conjunto com a UFSC e o Governo do Estado, através da Epagri, que visa à avaliação de 30 cultivares a serem instaladas em quatro regiões do estado.

O enoturismo é uma das alavancas propulsoras da vitivinicultura em todo o mundo. No Brasil, com raras exceções, há muito por ser feito para que empresários de regiões vinícolas e agências de turismo passem a incorporar e compreender o potencial desse produto turístico.

O aumento das vendas de vinhos no Brasil pode ser influenciado pelo afluxo de turistas europeus a regiões tradicionalmente não-consumidoras de vinhos, como o Nordeste, e pela freqüente publicidade em torno das pesquisas que comprovam o resultado positivo do vinho para a saúde em um país de consumo per cápita tão baixo.

Uma ação de vanguarda se dará somente se houver esforços, competência e apoio para que se passe a produzir vinhos típicos, varietais ou não, e com preços diferenciados, aproveitando a imensidão do País e a infinidade de "terroir" que a nossa diversidade permite.

Francisco Assis de Brito



Situação nacional

Pesquisa efetuada através do Programa Setorial Integrado de Exportação de Flores e Plantas Ornamentais (Flora Brasiliis), concretizada pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais (Ibraflor) e a Agência de Promoção de Exportações (Apex), nos anos 2001 e 2002, abrangendo 15 estados e 392 municípios produtores de flores e plantas ornamentais, fez uma radiografia do setor no País. O estado de São Paulo concentra a grande produção nacional, com 67,5% da área cultivada e 50,8% do número de propriedades produtoras. Seguem-se os estados de Santa Catarina (16,9% da área e 23% dos produtores), Minas Gerais (2,6% da área e 5,3% das propriedades) e Paraná (2,5% e 7,5%), respectivamente.

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais nos 15 estados pesquisados é de 5.443,8 hectares, dos quais 72,4% a campo, 24,5% em estufa e 3,1% em telado. As áreas de cultivo, quando analisadas por tipo, indicam que Minas Gerais detém, proporcionalmente, a maior área de cultivo em estufa (97,5ha), representando 68,8% da sua área total. Isto se deve à produção de rosas e de outras flores de corte, exigentes em cultivo protegido, de forma a garantir a qualidade dos produtos. Na segunda posição estão o Rio Grande do Sul (42,2ha), com 33,6 % da área, e São Paulo (1.092,9 ha), com 29,7%.

O estado do Rio de Janeiro é o que aparece com maior proporção de cultivo sob telado (91,1ha), que representa 67% da área cultivada, o que expressa bem a especialização da produção carioca no cultivo de mudas de plantas ornamentais, que normalmente ocorre, nessa condição.

O cultivo em campo aberto é maior em Santa Catarina (98,7%) e Goiás (93%), com a produção de mudas de plantas ornamentais, entre elas forrações e gramas, além dos estados do Nordeste (Alagoas, 97%, Bahia, 89% e Pernambuco, 84%), determinado pelo cultivo de plantas tropicais de corte, sejam flores ou folhagens.

Outra análise significativa diz respeito à área média cultivada com flores e plantas ornamentais por propriedade, que representa 3,4 hectares, em nível nacional. Em Santa Catarina, a área média é de 2,5 ha.

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais, quando enfocada sob a ótica das seis categorias adotadas neste relatório, indica que as "Mudas e Plantas Ornamentais" representam 53,4%

(2.905,1 ha) da área total, seguidas pela produção de flores de corte (27,1%), flores em vaso (12,4%), folhagem em vaso (2,9%), folhagem de corte (2,5 %) e outros produtos (1,7%) (Figura 1).

Dos 1.476 hectares cultivados com flores de corte, em âmbito nacional, o cultivo de rosas ocupa a maior área (426 ha), seguida pelos de crisântemo (234,5 ha), helicônias (101,8 ha), gérberas, gipsofila, estrelíztias, tango, gladiolo e alpinias, entre outras flores de corte, totalizando 70 espécies diferentes.

Para as folhagens de corte, a área cultivada é relativamente pequena (108,7 ha). O cultivo de folhagens para corte não é recente, porém não havia muita oferta. No estado de São Paulo foram observados 90 produtos diferentes, disponíveis nos principais mercados, procedentes de 36 produtores.

A produção está sendo bastante incrementada nos estados do Nordeste, em razão do uso combinado de flores tropicais e folhagens cortadas, na composição de arranjos florais típicos.

Na categoria "Flores em Vaso" aparecem 58 espécies, o que mostra uma grande diversidade de produtos. Destas, apenas as 12 primeiras ocupam área de 393,6 hectares.

Das espécies identificadas, o crisântemo em vaso é o de maior área (15,1%), seguido das orquídeas (*Phalaenopsis* e *Cymbidium*) (8,3%) e da azálea (6,0%).

A violeta, que representa já há alguns anos uma das plantas em vaso produzidas em maior quantidade em regiões como Holambra e Atibaia, não corresponde à maior área de produção.

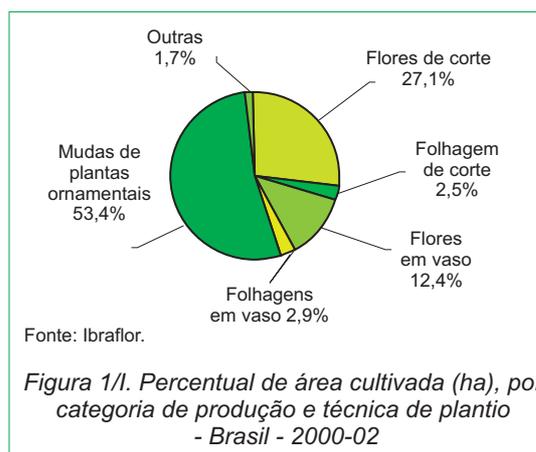
Dentre as folhagens em vaso, sobressaem as samambaias, cicas, filodendros, comigo-ninguém-pode, marantas, ficus e cactos, com as áreas mais significativas; na soma com folhagem, representam 84% da área plantada.

As mudas e plantas ornamentais foram divididas em grupos mais específicos: árvores, palmeiras, arbustos e trepadeiras, forrações e gramas. Ao todo, constituem 157 produtos, sendo 17 espécies arbóreas, 24 palmeiras, 81 tipos de arbustos e trepadeiras, 34 forrações e gramas. A área de produção de espécies arbóreas, em relação ao total para mudas de plantas ornamentais, é relativamente baixa (152,5 ha), representando 5,9%. Entre as espécies cultivadas, destacam-se as coníferas (39,5 ha), os ficus (37,7 ha), as árvores em geral (28,3 ha) e os ciprestes (20,5 ha).

Para as palmeiras, a área de produção é mais que o dobro (312,9 ha), perfazendo 16,2% com 24 espécies. O cultivo de palmeira *Phoenix* é o mais expressivo (41,4 ha), seguido pelo da *Rhapis excelsa* (38,1 ha). Alguns estados se destacam nesta produção, principalmente o Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, onde, em grande parte, a produção ocorre em condição de campo.

Na tabela 1 estão listadas as espécies de arbustos e trepadeiras mais significativas. Nesse grupo foram consideradas todas as bromélias de jardim.

Na tabela 2 são relacionadas as espécies e áreas cultivadas de forrações.



A última categoria, Outros Produtos, é composta por 22 produtos que, em seu conjunto, têm área de 94,7 ha, que representam 1,8% da área total de produção. Compõem essa categoria plantas que são comercializadas como e/ou com as ornamentais (vime, trigo, bonsai, frutíferas, medicinais e aromáticas, entre outras), podendo ter uma produção bastante diferenciada.

A infra-estrutura de apoio à atividade da floricultura, compreendendo câmaras frias, galpões de serviço e outras instalações, em termos de quantidade e capacidades total e média, por estado, é apresentada na tabela 3.

Em relação aos empregos, a amostra das propriedades diagnosticada nesse relatório é responsável pela geração de 20,16 mil pontos de trabalhos diretos, podendo-se dizer que o setor gera, na média nacional, 3,7 empregos/ha. Considerando-se a área média das propriedades de 3,4 ha, têm-se cerca de 12,5 empregos/propriedade.

Tabela 1/I. Mudanças de plantas ornamentais - Arbustos e trepadeiras - Área cultivada por espécie (ha) - Brasil - 2001-02

Espécie	Área (ha)	Espécie	Área (ha)
Arbustos diversos	550,6	Trepadeiras	9,6
Tuia	82,6	Cipreste	9,6
Cica	35,1	Dracena	8,7
Rosa	30,1	Fórmio	8,2
Buxinho	23,8	Hibisco	7,7
Ixora	22,8	Hortênsia	7,5
Junípero	19,00	Pingo-de-ouro	6,8
Camélia	17,7	Verbena arbustiva	6,3
Azaléia	16,0	Ligustro	5,6
Eugênia	15,1	Cróton	5,3
Bromélia	12,9		
Total geral			901,0

Fonte: Ibraflor (Pesquisa de campo, 2001-02).

Tabela 2/I. Mudanças de plantas ornamentais - Forrações e gramas - Área cultivada, por espécie (ha) - Brasil - 2001-02

Espécies de forrações e gramas	Área (ha)	Espécies de forrações e gramas	Área (ha)
Forração	172,4	Cravina	3,8
Grama	160,0	Sálvia	1,9
Moréia	33,3	Vinca	1,7
Folhagem	27,3	Aspargos	1,7
Tagetes	19,5	Boca-de-leão	1,4
Hemerocale	4,0	Begônia	0,9
Total geral			427,9

Fonte: Ibraflor (Pesquisa de Campo, 2001-02).

Tabela 3/I. Atividade floricultura - Quantidade e capacidade das benfeitorias e instalações, por estado - Brasil - 2001-02

Estado	Câmara fria			Galpão de serviço			Outras instalações		
	Quantidade	Capacidade m³		Quantidade	Capacidade m³		Quantidade	Capacidade m³	
		Total	Área média		Total	Área média		Total	Área média
Alagoas	1	60	60,0	31	2.106	67,9	-	-	-
Amazonas	-	-	-	11	1.945	176,8	-	-	-
Bahia	5	117	23,4	17	1.760	103,5	-	-	-
Ceará	4	293	73,3	19	2.865	150,8	4	150	37,5
Espírito Santo	6	171	28,5	13	1.940	149,2	-	-	-
Goiás	-	-	-	7	870	124,3	4	6.950	1.737,5
Minas Gerais	39	2.753	70,6	106	33.861	319,4	-	-	-
Pará	1	75	75,0	11	2.255	205,0	-	-	-
Pernambuco	3	43	14,3	25	995	39,8	2	110	55,0
Paraná	46	2.197	47,8	82	12.366	150,8	-	-	-
Rio de Janeiro	2	60	30,0	52	24.234	466,0	3	430	143,3
Rio Grande Sul	37	2.112	57,1	91	11.335	124,6	-	-	-
Santa Catarina	4	380	95,0	133	22.001	165,4	111	24.243	218,4
São Paulo	293	34.393	117,4	858	264.106	307,8	23	12.685	551,5
Total	441	42.654	96,7	1.456	382.639	262,8	147	44.568	303,2

Os estados de Ceará e Minas Gerais empregam maior número de funcionário/ha, respectivamente 11,6 e 8,3, em função, principalmente, do cultivo de flores de corte.

Outra característica do setor está relacionada à origem da mão-de-obra utilizada: do total de empregos gerados, 94,4% são com mão-de-obra permanente e somente 5,6% temporários. Dentro dos empregos permanentes, em média, cerca de 18,2% são familiares e os restantes 81,8% são contratados no mercado de trabalho.

A análise do grau de capacidade associativa, medida a partir do percentual de produtores ligados a associações/cooperativas, indicou que, na média nacional, 57,7% dos produtores têm algum tipo de vínculo. Este número, entretanto, pode ser considerado baixo quando confrontado com o tipo de atividade, o tamanho e o número de produtores envolvidos.

Quanto à escrituração (contabilidade) da propriedade, o percentual de 44,0% dos produtores que não utilizam esse sistema de gestão indica sua fragilidade comercial. Um aspecto que reforça esta constatação está relacionado ao baixo índice de capacitação. Neste espectro, apenas 43,1% dos entrevistados indicaram ter recebido algum tipo de treinamento, percentual muito baixo quando cotejado com o grau de complexidade tecnológica da atividade e das necessidades sempre crescentes de aprimoramento em um mercado cada vez mais competitivo, em nível interno ou externo.

Outra questão gerencial relevante está relacionada ao crédito. Neste item, apenas 31,3% dos entrevistados indicaram utilizar-se de algum tipo de crédito. Este baixo percentual está relacionado não só à indisponibilidade de linhas de financiamentos específicos, mas, sobretudo, ao excesso de garantias reais solicitadas pelo sistema financeiro e às elevadas taxas de juros existentes no País para qualquer atividade econômica, especialmente para o setor agrícola.

A assistência técnica é mais um indicador importante para o entendimento do setor e de suas características. Neste particular, cerca de 43,4% dos produtores não utilizam qualquer tipo de assistência, valor considerado expressivo frente às necessidades tecnológicas setoriais.

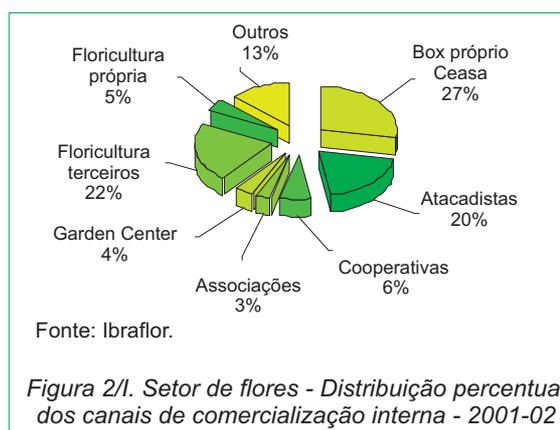
Dos 56,6% que a utilizam, cerca de 83,7% recebem assistência de entidades privadas ou de técnicos/consultores individuais, enquanto que apenas 16,2% a recebem de entidades oficiais, o que pode ser entendido como reflexo da baixa prioridade que estas instituições dão a esta atividade.

A assistência técnica oficial, apesar de representar somente 16,2% na média, é mais atuante nos estados do Ceará e Paraná, onde concorrem com 76,5% e 56,0% da assistência técnica prestada aos agricultores, respectivamente. Observa-se, no entanto, uma forte tendência à utilização de assistência técnica privada. Este fato mostra a capacidade do setor de gerar também empregos de nível técnico e universitário.

Quanto ao tipo de transporte utilizado pelos produtores do setor, pode-se observar que a maioria dos pesquisados, cerca de 85,9%, utiliza transporte próprio; 12,2%, de terceiros e 1%, os dois tipos. Dos veículos próprios, 95,4% são a temperatura ambiente, sem refrigeração, enquanto os refrigerados representam apenas 4,6%. A utilização desse tipo de transporte é um indicador de perdas, físicas e financeiras, em consequência da diminuição da qualidade e do valor na comercialização. Outra informação indica que 80,7% do transporte, mesmo quando terceirizado, é feito em temperatura ambiente e 17,5%, com refrigeração.

Quanto às alternativas de canais de comercialização, elas estão demonstradas na figura 2.

Em relação às exportações, 54 produtores, 4% do total dos entrevistados, indicaram direcionar sua produção para o mercado externo, principalmente para a Europa. Grande parte dos exportadores está em São Paulo, com 27 - o que representa 50% do total -, Alagoas, com sete (13%), Pernambuco, com cinco (9,3%), assim como três produtores (5,6%) no Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Santa Catarina e Rio de Janeiro têm dois produtores; Paraíba e Paraná possuem apenas um.



Dentre os produtos de exportação, destacam-se as flores e folhagens tropicais produzidas pelos estados do Nordeste (Alagoas, Ceará e Pernambuco), como helicônias, bastão-do-imperador, alpinias, ananás, zingiber, entre outros. São Paulo tem tradição na exportação de bulbos (gladiolos, amarílis e lírios) e mudas diversas, além de flores de corte, principalmente rosas. Merecem destaque também outros produtos de exportação, como suculentas, sementes e mudas de palmeiras e as orquídeas.

As exportações, por grupo de produtos, são apresentadas na tabela 4.

Tabela 4/I. Flores e plantas ornamentais - Participação percentual, por grupo de produtos, na pauta de exportações - Brasil - 2002-05

Grupo de produto	Ano			
	2002	2003	2004	2005
Mudas de plantas ornamentais	54,75	49,67	48,46	46,48
Bulbos, tubérculos e rizomas em repouso vegetativo	26,83	23,89	23,08	26,17
Flores e botões frescos, cortados para buquês	8,08	13,41	20,75	19,56
Folhagens, folhas e ramos secos	6,73	8,15	6,40	5,04
Folhagens, folhas e ramos frescos	2,18	1,41	0,34	1,53
Mudas de orquídeas	0,27	0,41	0,52	0,70
Mudas de outras plantas	0,04	1,55	0,41	0,42
Estacas não enraizadas e enxertos	0,06	-	0,03	0,06
Flores e botões secos, cortados para buquês	0,13	0,02	-	0,03
Roseiras (enxertadas ou não)	-	-	0,01	0,01
Musgos e líquens	0,91	1,40	-	-
Outras plantas vivas	-	0,08	-	-
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.
Fonte: MDIC/Secex.

Conforme o Ibraflor, as exportações de flores e plantas ornamentais estão dependendo da ampliação e profissionalização da base produtiva do setor, incluindo transporte, distribuição, armazenamento e manuseio de flores, sendo a organização da produção de suma importância.

As exportações concentram-se em mudas de plantas ornamentais, que respondem por cerca de 47% das exportações totais.

O destino das exportações brasileiras é apresentado na tabela 5.

A Holanda recebe cerca de 50% das exportações brasileiras, sendo seguida pelos Estados Unidos que têm, no período de 2002 a 2005, aumentado sua participação ano a ano.

Na tabela 6 são apresentados os estados exportadores, no período de 2002 a 2005.

A supremacia do estado de São Paulo em todos os anos é evidente, o que reforça o parecer do Ibraflor de que para haver aumento de exportações é necessário organizar e profissionalizar a produção, além de haver uma infra-estrutura cujo apoio logístico proporcione diminuição de custos. O estado catarinense caiu para o sexto lugar em 2005, após ocupar o quinto lugar em 2004.

As importações brasileiras de flores e plantas ornamentais em 1999 foram de 4,3 milhões de dólares e corresponderam a 0,1% dos valores das importações mundiais. Em 2005, somaram aproximadamente 5,2 milhões de dólares. São representadas principalmente por material para reprodução (sementes, bulbos, tubérculos, rizomas, etc.), vindo, em grande parte, da Holanda. No período de 1999 a 2004, o valor das importações brasileiras cresceram ano a ano. Em 2005 houve uma redução de cerca de 500 mil dólares.

O detalhamento das importações brasileiras de flores e plantas ornamentais pode ser visto na tabela 7.

A estimativa do Ibraflor para o consumo per capita anual de flores e plantas ornamentais no Brasil gira em torno de 4,7 dólares.

Tabela 5/I. Flores e plantas ornamentais - Ranking dos países importadores do Brasil - 2002-05

País	Ano			
	2002	2003	2004	2005
Holanda	51,49	49,96	49,72	46,48
EUA	10,53	19,28	21,86	25,35
Itália	13,57	11,29	9,34	9,75
Japão	6,28	4,47	5,02	4,43
Belgica	0,04	0,14	1,83	2,59
Alemanha	2,50	2,15	2,06	1,60
Espanha	1,27	0,54	0,86	1,52
Dinamarca	2,05	2,03	1,66	1,12
Uruguai	1,65	1,52	0,99	1,09
Canadá	0,01	0,28	0,73	1,08
Portugal	3,07	0,61	1,21	1,07
Reino Unido	3,13	2,32	2,23	1,00
Argentina	0,28	1,05	0,64	0,68
México	0,97	0,83	0,51	0,52
Polônia	-	0,06	-	0,38
Chile	-	0,24	0,31	0,27
Outros ⁽¹⁾	3,16	3,23	1,03	1,07
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

⁽¹⁾Suíça, França, China, Taiwan, Bolívia, Venezuela, Hungria, Costa Rica, Hong Kong, Rússia, Angola, Coreia do Sul, R. Tcheca, Ilhas Cayman, Tailândia, Suriname, Cabo Verde e Guatemala.

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 6/I. Flores e plantas ornamentais - Ranking dos estados exportadores - Brasil - 2002-05

Estado	Ano			
	2002	2003	2004	2005
São Paulo	76,73	75,75	77,38	76,49
Rio Grande do Sul	11,40	9,31	7,40	8,40
Ceará	0,37	1,32	5,66	6,52
Minas Gerais	7,82	8,82	6,11	5,69
Pará	0,91	2,03	1,02	1,04
Santa Catarina	2,09	1,03	1,29	0,68
Alagoas	0,14	0,20	0,23	0,43
Mato Grosso do Sul	0,03	0,24	0,26	0,36
Pernambuco	0,08	0,14	0,32	0,19
Espírito Santo	-	-	-	0,07
Rio de Janeiro	0,25	0,10	0,03	0,06
Paraná	-	0,04	0,22	0,03
Goiás	0,02	0,01	0,01	0,01
Bahia	0,02	0,01	0,00	0,00
s/identificação	0,13	1,00	0,07	0,03
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Flores e plantas ornamentais - Importações - Brasil - 2000-05

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Partip. %	Valor Un.
Total					
2000	-	-	4.435.412	-	-
2001	-	-	4.507.987	-	-
2002	-	-	4.674.944	-	-
2003	-	-	5.106.117	-	-
2004	-	-	5.917.677	-	-
2005	-	-	5.402.475	-	-
Bulbos/tubérculos em repouso				33,55	
2000		23.682.335	1.461.355	-	0,06
2001		21.143.036	1.337.043	-	0,06
2002		20.680.066	1.464.521	-	0,07
2003		19.693.518	2.010.065	-	0,10
2004		17.186.844	2.456.875	-	0,14
2005		-	1.812.713	-	-
Bulbos, tubérculos em flor				5,71	
2000		100.000	5.273	-	0,05
2001		512.000	481.887	-	0,94
2002		279.819	927.821	-	3,32
2003		296.938	1.195.517	-	4,03
2004		470.866	278.385	-	0,59
2005		-	307.753	-	-
Estacas/enxertos				0,00	
2000		33.000	18.779	-	0,55
2001		3.150	497	-	0,15
2002		37.550	8.580	-	0,23
2003		2.425	679	-	0,28
2004		3.150	3.365	-	1,07
2005		-	-	-	-
Roseiras				0,00	
2000		81.536	47.750	-	0,58
2001		70.000	4.690	-	0,06
2002		0	0	-	0
2005		-	-	-	-
Mudas e outras plantas ornamentais				8,10	
2000		4.606.922	969.129	-	0,21
2001		5.110.689	980.695	-	0,19
2002		4.003.254	856.753	-	0,21
2003		3.372.360	1.034.383	-	0,31
2004		16.646.422	2.076.931	-	0,12
2005		-	437.745	-	-
Mudas e outras plantas				12,82	
2005		-	692.768	-	-
Outras plantas vivas				4,73	

(Continua)

(Continuação)

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Partip. %	Valor Un.
Flores e botões secos				0,08	
2000		3.626 ⁽¹⁾	12.679	-	3,47
2001		4.148 ⁽¹⁾	21.686	-	5,22
2002		2.201 ⁽¹⁾	2.534	-	1,15
2003		4.090 ⁽¹⁾	6.594	-	1,61
2004		4.912 ⁽¹⁾	16.498	-	3,36
2005		-	4.454	-	-
Folhas/ramos secos				0,05	
2000		15.527 ⁽¹⁾	42.643	-	2,75
2001		9.421 ⁽¹⁾	37.247	-	3,95
2002		7.365 ⁽¹⁾	18.957	-	2,53
2003		20.322 ⁽¹⁾	32.343	-	1,59
2004		1.332 ⁽¹⁾	15.872	-	11,92
2005		-	2.559	-	-
Mudas de orquídeas				14,63	
2000		128.611	95.435	-	0,74
2001		64.630	73.687	-	1,14
2002		63.358	41.079	-	0,65
2003		85.300	34.220	-	0,40
2004		280.333	253.162	-	0,90
2005		-	790.369	-	-
Flores e botões frescos cortados				19,92	
2000		4.827.186	1.652.993	-	0,34
2001		4.317.545	1.471.051	-	0,34
2002		7.811.545	1.311.154	-	0,17
2003		4.451.390	771.045	-	0,16
2004		1.906.952	794.443	-	0,42
2005		-	1.076.262	-	-
Musgos e líquens p/ ornamentação				0,37	
2002		1.200 ⁽¹⁾	21.270	-	17,23
2003		1.026 ⁽¹⁾	21.271	-	20,73
2004		1.138 ⁽¹⁾	22.146	-	19,46
2005		-	22.093	-	-

⁽¹⁾ Peso (quilo).

Fonte: MDIC/Secex.

Situação estadual

O levantamento proporcionado pelo Convênio Apex/Ibraflor e efetuado pela Epagri permite visualizar um novo panorama da floricultura catarinense, com grande evolução nos últimos cinco anos.

O valor bruto desta produção, estimado pela Epagri, foi de aproximadamente R\$ 27,6 milhões.

Os tipos de cultivo encontrados em Santa Catarina foram de 9.020.644 metros quadrados em ambiente natural (campo), 109.044 em estufas, 9.177.588 em telados e 34.204 em abrigos.

O tipo de mão-de-obra utilizada foi a familiar em 50,27%; a restante, contratada. O número médio da mão-de-obra absorvida, incluindo a familiar, por propriedade pesquisada, foi de 4,82 pessoas.

A assistência técnica é prestada em 51,35% das propriedades, com predomínio da assistência privada. O crédito rural é utilizado por 18,1% dos floricultores; poucos procedem à escrituração agrícola (23,5%); usam transporte próprio (63,2%) e de terceiros (74,1%).

As benfeitorias e instalações encontradas foram as seguintes:

- 74,7% das propriedades possuem galpão de serviço;

- 73,5% possuem construção para produção;
- 57% possuem abrigos (estufas) em média de 1,3 por propriedade e medindo, em média, 289m² cada.

O minitúnel foi constatado em apenas 1,4% das propriedades (em número médio de 1,5 túnel por estabelecimento, medindo 32m² cada).

Os telados apareceram em 38,4% das explorações (em número médio de 1,6 e com 450m² por telado).

A comercialização no mercado interno, em percentual, foi assim diagnosticado: direto com floristas (47,6%); atacadistas (37,3%); floricultura própria (28,6%); Mercaflor (2,7%); Garden (1,4%); e outros (47,8%).

Os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná constituíram o destino principal da produção.

A produção geral registrada pelo levantamento, em unidades, foi a seguinte, além das relacionadas no quadro anterior: bromélias, 159.425; orquídeas, 167.091; roseiras, 104.060; flor em vaso, 101.190; samambaias, 23.850; cactos, 7.420; ornamentais, 4.447.022; e musgo (sc), 5.300.

A produção catarinense, por espécie, de acordo com o levantamento, pode ser verificada na tabela 9.

As exportações catarinenses de flores e plantas ornamentais, no período de 1999 a 2005, podem ser observadas na tabela 10.

Observa-se um aumento gradativo, ano após ano, das exportações da maioria das categorias até o ano de 2002 e um decréscimo acentuado de 32,2% no valor das exportações catarinenses em 2003, registrando-se uma recuperação em 2004. Em 2005 há forte queda no valor de exportação, sendo o mais baixo no período analisado. Os principais destinos das exportações foram a Espanha (30,55%), Itália (26,52%), Taiwan (11,12%), Holanda (7,61%) e Alemanha (7,15%). As mudas de ornamentais foram o principal produto de exportação, respondendo por 41,90% do total, sendo seguidas pelas mudas de orquídeas (29,01%), folhagens, folhas e ramos frescos para buquê (26,52%) e folhagens, folhas e ramos secos para buquê (2,57%).

Os principais grupos de produtos exportados por Santa Catarina, e seus destinos, no período de 2002 a 2005, podem ser visualizados através da tabela 11.

Nota-se nas exportações uma mudança de destino, a partir de 2002, principalmente de mudas de plantas ornamentais, concentrando-se nos países latinos, principalmente a Península Ibérica e a Itália. Em 2005 aparecem Chile, Guatemala e Tailândia como importadores catarinenses. Deixaram de importar as Antilhas Holandesas, o Canadá, a China, os Emirados Árabes, a França, Hong Kong, Portugal e Uruguai.

As importações catarinenses, no período de 1999 a 2005, estão apresentadas na tabela 12.

Tabela 8/I. Floricultura - Evolução catarinense - 1997-002

Item analisado	A n o	
	1997	2002
Número de produtores	115	370
Municípios com produção	25	112
Área total cultivada (ha)	342	917
Produção anual (un)	4.338.280	⁽¹⁾ 37.417.058
Flores e plantas ornamentais (un)	3.084.184	4.053.201
Flores em vasos (un)	-	101.190
Flores cortadas (dz/maço)	286.765	203.251
Gramas (m ²)	1.498.000	2.834.245
Sementes (kg)	15.000	76.882
Flores/folhas secas (maço)	80.800	82.600

⁽¹⁾ Deste total, 32.407.000 unidades são forrações com flor e sem flor (caixaria).

Fonte: Epagri/Ibraflor.

Tabela 9/I. Flores - Produção comercializada - Santa Catarina - 2000

Espécie	Flor em vaso	Flor de corte			Flor seca	Diversos	
	Unidade	Dúzia	Maço	Pacote	Maço	Saca	kg
Crisântemo	24.860	-	-	19.240	-	-	-
Antúrio	20.405	5724	-	-	-	-	-
Gerânio	17.080	-	-	-	-	-	-
Espatífilo	13.055	-	-	-	-	-	-
Fúcsia	11.240	-	-	-	-	-	-
Copo-de-leite	7.950	6.200	-	-	-	-	-
Impatiens	3.360	-	-	-	-	-	-
Ciclâmen	1.800	-	-	-	-	-	-
Petúnia	960	-	-	-	-	-	-
Poinsettia	480	-	-	-	-	-	-
Rosa	-	84.256	-	-	-	-	-
Áster	-	-	25.720	-	-	-	-
Tango (100 g)	-	-	21.300	-	-	-	-
Gipsofila	-	-	16.000	-	-	-	-
Cravo	-	21.200	-	-	-	-	-
Estátice	-	-	6.400	-	-	-	-
Hipericão	-	-	6.400	-	-	-	-
Lírio	-	1.500	-	-	-	-	-
Cravina	-	2.120	-	-	-	-	-
Gérbera	-	530	-	-	-	-	-
Boca-de-leão	-	-	371	-	-	-	-
Latifólia	-	-	120	-	-	-	-
Palma	-	80	-	-	-	-	-
Flores diversas	-	-	2.650	-	-	-	-
Hortênsia	-	-	-	-	40.000	-	-
Trigo	-	-	-	-	20.000	-	-
Alpiste	-	-	-	-	16.000	-	-
Vime torcido	-	-	-	-	1.600	-	-
Outras	-	-	-	-	5.000	-	-
Bromélias (semente)	300.000	-	-	-	-	5.300	-
Musgo	-	-	-	-	-	-	-
Sementes diversas	-	-	-	-	-	-	76.882

Fonte: Epagri/Ibraflor.

Tabela 10/I. Flores e plantas ornamentais - Exportações - Santa Catarina - 1999-005

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Participação %		Valor unit. US\$
				Período	2005	
Total das espécies						
1999		-	265.352	-	-	-
2000		-	338.142	-	-	-
2001		-	238.083	-	-	-
2002		-	311.579	-	-	-
2003		-	211.163	-	-	-
2004		-	302.059	-	-	-
2005		-	174.331	-	-	-
Orquídeas 29,01						
1999		1.645	14.710	-	-	8,94
2000		3.201	18.617	-	-	5,81
2001		3.513	24.589	-	-	7,00
2002		5.848	29.236	-	-	5,00
2003		3.898	22.966	-	-	5,89
2004		24.284	45.466	-	-	1,87
2005		-	50.580	-	-	-
Plantas ornamentais 41,90						
1999		14.182	202.109	-	-	14,25
2000		5.128	50.123	-	-	9,77
2001		6.965	12.221	-	-	1,75
2002		25.540	191.283	-	-	7,49
2003		13.755	77.079	-	-	5,60
2004		33.068	162.666	-	-	4,92
2005		-	73.042	-	-	-
Flores						
1999		248	5.200	-	-	20,96
2000		500	400	-	-	26,66
2001		7.580	6.390	-	-	14,92
2003		1.033	3.968	-	-	3,84
2004		1.894	17.713	-	-	9,35
2005		-	-	-	-	-
Folhas e plantas secas 2,57						
1999		4.931	28.938	-	-	5,86
2000		6.642	32.830	-	-	4,94
2001		11.421	52.173	-	-	4,56
2002		6.740	28.370	-	-	4,21
2003		4.410	18.670	-	-	4,23
2004		5.385	23.998	-	-	4,46
2005		-	4.480	-	-	-
Folhagens verdes 26,52						
1999		35.200	14.395	-	-	0,40
2000		280.000	236.172	-	-	0,84
2001		144.200	141.210	-	-	0,97
2002		130.610	62.690	-	-	0,48
2003		108.500	78.080	-	-	0,72
2004		59.239	52.216	-	-	0,88
2005		-	46.229	-	-	-
Estacas e enxertos 0,11						
2001		30.000	1.500	-	-	0,05

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 11/I. Floricultura - Exportações de produtos, por país consumidor - Santa Catarina – 2002-05

Produto/país de destino	2002		2003		2004		2005	
	US\$ FOB	%						
Mudas de plantas ornamentais								
Portugal	81.455	42,58	29.575	38,37	60.515	37,20	-	-
Espanha	67.002	36,03	2.340	3,04	31.615	19,44	53.264	72,92
Holanda	-	-	-	-	-	-	13.268	18,16
República Tcheca	-	-	-	-	-	-	3.235	4,43
Japão	2.085	1,09	2.065	2,68	2.250	1,38	875	1,20
Suíça	-	-	-	-	-	-	700	0,96
Tailândia	-	-	-	-	-	-	700	0,96
Chile	-	-	-	-	-	-	500	0,68
Guatemala	-	-	-	-	-	-	500	0,68
Itália	35.696	18,66	-	-	14.162	8,71	-	-
China	4.645	2,43	17.084	22,16	-	-	-	-
Canadá	400	0,21	-	-	-	-	-	-
Alemanha	-	-	-	-	770	0,47	-	-
Taiwan (Formosa)	-	-	-	-	1.161	0,71	-	-
Estados Unidos	-	-	-	-	800	0,49	-	-
Emirados Árabes Unidos	-	-	-	-	31.217	19,19	-	-
Hong Kong	-	-	605	0,78	600	0,37	-	-
França	-	-	25.410	32,97	19.576	12,04	-	-
Subtotal	191.283	100,00	77.079	100,00	162.666	100,00	73.042	100,00
Mudas de orquídeas								
Taiwan	12.915	44,18	-	-	1.175	2,58	19.392	38,34
Alemanha	6.778	23,18	7.750	33,75	21.613	47,54	12.466	24,65
Hong Kong	2.700	9,24	6.141	26,75	14.625	32,17	5.291	10,46
Estados Unidos	1840	6,29	2.250	9,78	1.130	2,49	3.745	7,40
Reino Unido	-	-	1.570	6,84	1.851	4,07	1.956	3,87
Chile	-	-	-	-	-	-	1.870	3,70
Rússia	-	-	-	-	1.625	3,57	1.650	3,26
Suíça	-	-	-	-	-	-	650	1,29
Tailândia	-	-	-	-	-	-	400	0,79
Antilhas Holandesas	900	3,08	-	-	-	-	-	-
Canadá	1.100	3,76	2.650	11,54	-	-	-	-
Dinamarca	673	2,30	-	-	-	-	1.720	3,40
Japão	2.330	7,97	2.605	11,34	1.144	2,52	1.440	2,85
Portugal	-	-	-	-	1.883	4,14	-	-
República Tcheca	-	-	-	-	420	0,92	-	-
Subtotal	29.236	100,00	22.966	100,00	45.466	100,00	50.580	100,00
Folhagens, folhas, ramos frescos para buquê								
Itália	62.690	100,00	78.080	95,16	69.929	100,00	46.229	100,00
Estados Unidos	-	-	3.968	4,84	-	-	-	-
Subtotal	62.690	100,00	82.048	100,00	69.929	100,00	46.229	100,00
Folhagens, folhas, ramos secos para buquê								
Itália	26.690	94,08	18.670	100,00	23.998	100,00	4.480	100,00
Uruguai	1.680	5,92	-	-	-	-	-	-
Subtotal	28.370	100,00	18.670	100,00	23.998	100,00	4.480	100,00
Total	311.579	100,00	200.763	64,43	302.059	96,94	174.331	55,95

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 12/I. Flores e plantas ornamentais - Importações - Santa Catarina - 1999-003

Ano	Espécie	Quantidade	Valor US\$	Particip. %	Valor (Un.)
Total			6.669	-	-
1999		140	430	-	-
2000		0	0	-	-
2001		2.878	3.410	-	-
2002		0	0	-	-
2003		14.430	2.829	-	-
	Árvores/arbustos		430	6,45	-
1999		140	430		3,07
	Flores secas			628	9,42
2001		134	628		4,68
	Folhagens/ramos secos		5.611	84,13	
2001		2.744	2.782		1,01
2003		14.430	2.829	100,0	

Fonte: MDIC/Secex.

Em 2002 não foram registradas importações significativas para os produtos considerados na tabela 12; em 2003, somente a categoria folhagens e ramos secos para buquês apresentou um valor significativo de importação. Em 2004 e 2005 também não ocorreram importações. Neste trabalho não consideramos a importação de folhagens e flores artificiais.

Verifica-se que a balança comercial estadual de flores e plantas ornamentais foi altamente positiva no período analisado.

O comportamento dos preços, em nível de produtor, conforme pesquisas mensais da Epagri/Cepa em oito pontos de coleta em Santa Catarina, é apresentado na tabela 13.

Perspectivas para 2006

Em 2002, as exportações brasileiras (FOB) foram de US\$ 14.924.315; em 2003 passaram para US\$ 19.427.711; em 2004 aumentaram para US\$ 23.500.071 e em 2005 foram de US\$ 25.752.321. O crescimento das exportações de 2005, comparado ao de 2004, foi de 9,58%. O principal fator da redução no ritmo de expansão no setor exportação foi a sobrevalorização do real frente ao dólar. Embora os resultados ainda sejam positivos, começa a preocupar seriamente o setor exportador. Em 2005 houve um saldo de US\$ 20.349.846, cabendo às importações 20,98% do valor exportado. A média histórica fica entre 26% e 29%, podendo representar uma retração futura no ritmo da atividade, com menores importações de insumos básicos (material de propagação vegetativa, entre outros). Com a persistência da atual política cambial, lideranças do setor temem que novos investimentos na produção de mudas e bulbos sejam transferidos para a África. Embora Santa Catarina ocupe o 6º lugar no rol dos estados exportadores, representa apenas 0,68% do total de exportações do Brasil. Na tabela 14, é apresentada a balança comercial brasileira de 2005, por grupo de produtos.

O lançamento do plano estratégico das exportações de flores e plantas ornamentais do Brasil, pelo Ibraflor e Apex, no dia 2 de setembro de 2004, tinha como objetivo principal orientar e dirigir as potencialidades específicas dos diversos pólos nacionais da floricultura para a plena ocupação das oportunidades comerciais no mercado internacional, com base na valorização dos aspectos de maior competitividade de cada segmento frente às particularidades das demandas

Tabela 13/I. Flores e plantas ornamentais - Comportamento dos preços mensais (R\$), ao produtor - Santa Catarina - 2004

Produto	Unidade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Classe : Flores														
Amor-perfeito	cx 15 plantas	4,66	4,72	4,76	4,82	4,89	4,97	5,03	5,03	5,06	4,82	5,07	4,89	4,89
Begônia	cx 15 plantas	4,60	4,66	4,70	4,66	4,46	4,68	4,68	4,75	4,95	4,84	4,84	4,71	4,71
Beijinho maria-sem-vergonha	cx 15 plantas	4,46	4,53	4,61	4,57	4,38	4,54	4,68	4,75	4,83	4,59	4,83	4,61	4,61
Boca-de-leão	cx 15 plantas	4,56	4,63	4,65	4,68	4,49	4,68	4,65	4,74	4,88	4,66	4,86	4,68	4,68
Cravina	cx 15 plantas	4,55	4,61	4,76	4,76	4,65	4,76	4,82	4,82	4,92	4,67	4,82	4,74	4,74
Crisântemo	pote 15 pol	2,50	2,50	2,50	2,50	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,69
Crisântemo	pcte/maço	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Crista de galo plumosa	cx 15 plantas	5,00	5,00	4,40	3,80	-	-	-	-	5,00	4,40	4,40	4,40	4,55
Espatifilo-lirio-da-paz	vaso 8 litros	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00	12,00
Gerânio	vaso 12 pol	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Helicônia de flor grande - caeté	pcte 5 hastes	5,50	5,50	5,50	6,50	6,50	6,50	5,50	6,50	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00
Helicônia de flor pequena -caeté	pcte 10 hastes	7,00	7,00	7,00	7,00	5,00	5,00	5,00	7,00	-	-	-	-	6,25
Impatiens-beijo pintado	cx 15 plantas	4,77	4,94	5,16	5,16	5,12	5,30	5,30	5,25	5,30	5,30	5,30	5,17	5,17
Impatiens-beijo pintado	vaso 12 pol	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Petúnia	cx 15 plantas	4,43	4,50	4,58	4,58	4,35	4,58	4,76	4,76	4,92	4,71	4,91	4,64	4,64
Rosa vermelha (haste média)	Dz	6,50	5,00	5,00	5,00	5,00	-	-	-	-	-	-	-	5,30
Sálvia	cx 15 plantas	4,43	4,50	4,58	4,51	4,22	4,51	4,51	4,58	4,70	4,70	4,70	4,70	4,54
Tagetes cravo-de-defunto	cx 15 plantas	4,37	4,43	4,55	4,55	4,45	4,65	4,65	4,67	4,78	4,63	4,78	4,59	4,59
Torênia amor-perfeito verão	cx 15 plantas	4,76	4,76	4,88	4,92	4,77	4,92	5,02	4,97	4,92	4,71	4,92	4,86	4,86
Vinca-bona-noite	cx 15 plantas	4,42	4,49	4,60	4,62	4,32	4,66	4,88	4,84	4,92	4,71	4,92	4,67	4,67
Classe : Forração sem flor														
Clorofito-gravatinha	cx 15 plantas	3,60	3,60	3,77	3,94	3,63	3,94	3,84	3,94	4,13	4,13	4,13	3,87	3,87
Gramma-preta	Caixa	5,00	5,00	5,00	5,00	4,75	4,75	4,75	4,75	4,50	4,50	4,50	4,77	4,77
Hemigráfis-hera colorida	cx 15 plantas	2,71	2,71	2,73	2,86	2,86	2,86	2,86	2,86	2,85	2,85	2,85	2,81	2,81
Periquito	cx 15 plantas	3,80	3,77	3,77	3,85	3,74	3,85	3,85	3,91	3,94	3,72	3,94	3,83	3,83
Pingo-de-ouro	cx 15 plantas	3,77	3,77	3,77	3,80	3,60	3,91	4,04	4,09	4,35	4,02	4,35	3,95	3,95
Classe : Gramas														
Gramma coreana	m²	4,70	4,70	4,46	4,46	4,46	4,46	4,46	4,53	4,25	4,25	4,25	4,45	4,45
Gramma esmeralda	m²	3,80	3,80	3,80	3,25	3,25	3,25	3,25	3,10	3,10	3,10	3,10	3,34	3,34
Gramma sempre verde	m²	2,50	2,50	2,40	2,00	2,00	2,00	2,00	2,10	2,10	2,10	2,10	2,16	2,16
Classe : Plantas ornamentais														
Agapanto	cx 15 plantas	4,05	4,00	3,50	3,55	3,55	3,55	3,50	3,65	3,50	3,50	3,50	3,62	3,62
Ágave piteira	vaso nr. 5	4,50	4,50	4,50	4,75	5,00	5,00	5,00	4,25	4,50	4,50	4,50	4,63	4,63
Alamanda	vaso nr. 5	4,12	2,87	2,87	2,87	2,87	2,87	2,87	3,12	2,60	2,15	3,43	2,96	2,96
Areca bambu	vaso nr. 5	6,83	6,83	6,83	7,16	7,16	7,16	7,16	8,75	7,00	7,00	7,00	7,17	7,17
Azaléia	torrão 40/80cm	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	3,00	3,00	2,59	2,59
Bambuzinho(bambusa gracilis)	saquinho	2,50	2,25	2,25	4,25	4,25	4,25	3,75	3,75	3,50	3,50	3,50	3,43	3,43
Buchinho	vaso nr. 7	25,00	22,50	25,00	25,00	25,00	25,00	25,00	27,50	27,50	27,50	27,50	25,68	25,68
Buganvília	vaso nr. 5	4,55	4,67	4,87	5,12	5,07	5,07	5,07	5,45	5,00	5,00	5,00	4,98	4,98
Cheflera	vaso nr. 6	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Cica (sem tronco)	vaso nr. 5	19,66	19,66	20,66	21,66	21,66	21,66	21,66	21,66	22,50	22,50	22,50	21,43	21,43
Cipreste-europa (com 70 cm alt.)	torrão 40/80cm	4,40	4,15	4,15	4,15	4,15	4,15	4,15	4,30	4,30	4,30	4,30	4,22	4,22
Clúsia	vaso 14 litros	7,50	7,50	7,50	7,40	7,00	7,00	7,40	8,00	6,00	6,00	6,00	7,02	7,02
Eugénia (de 40 a 50cm alt.)	torrão/vaso	6,00	6,00	6,00	6,50	6,16	6,16	6,16	7,00	7,00	7,00	7,00	6,45	6,45
Ficus benjamina (até 1 metro)	vaso 8 litros	9,33	10,33	10,33	10,33	10,33	10,33	10,33	10,33	10,66	10,66	10,66	10,32	10,32
Hemerocallis lírio-de-são-josé	un (raiz nua)	0,93	0,93	0,37	0,38	0,38	0,38	0,39	0,39	0,37	0,37	0,37	0,47	0,47
Ixora	vaso 8 litros	4,40	4,40	4,40	4,40	4,40	4,40	4,40	4,65	4,30	4,30	4,30	4,39	4,39
Jerivá	torrão (3m alt.)	14,66	14,66	14,66	12,66	12,66	12,66	12,66	13,00	13,50	13,50	13,50	13,46	13,46
Ligustrinho(sem poda)	vaso nr. 5	10,50	10,00	10,25	10,25	6,75	6,75	6,75	7,50	8,33	8,33	8,33	8,52	8,52
Philodendron v8	vaso 8 litros	11,60	11,60	11,60	11,50	11,60	11,60	11,60	12,10	16,00	16,00	16,00	12,83	12,83
Phoênix v7 (sem tronco)	vaso nr. 5	8,83	8,83	8,83	8,83	9,83	9,83	9,83	10,83	7,25	7,25	7,25	8,85	8,85
Rháfis v5 (por ponta)	vaso nr. 5	4,10	4,46	4,53	4,73	4,56	4,56	4,60	4,60	5,00	5,00	5,00	4,64	4,64
Strelitzia ave-do-paraiso	vaso nr. 5	6,66	7,00	7,66	7,66	7,66	7,66	7,66	7,33	8,00	8,00	8,00	7,57	7,57
Tuia	torrão 40/80cm	1,50	1,50	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80	1,80	1,74	1,74

Fonte: Epagri/Cepa.

de cada mercado comprador, nas principais praças importadoras de todo o mundo. Através deste plano, o segmento das plantas ornamentais para paisagismo e jardinagem é particularmente interessante para o pólo produtivo do estado de Santa Catarina, já fortemente especializado, no âmbito nacional, neste segmento. Pelo perfil produtivo da floricultura catarinense, Espanha e Itália são dois países estratégicos para a entrada na Europa, assim como o são o sul e o sudeste da França, além do mercado norte-americano. Este plano, através de dez linhas de ação convergentes, deverá contribuir significativamente para uma maior inserção do Brasil no mercado internacional.

Tabela 14/I. Floricultura - Plantas vivas e produtos - Balança comercial - Brasil - 2005

(US\$/FOB)

Grupo de produto	Exportação	Importação	Saldo	Corrente de comércio
Bulbos, tubérculos, rizomas, em repouso vegetativo	6.739.587	1.812.713	4.926.874	8.552.300
Bulbos, tubérculos, em veget. em flor	-	307.753	(307.753)	307.753
Estacas não enraizadas e enxertos	15.000	-	15.000	15.000
Mudas de orquídeas	180.350	790.369	(610.019)	970.719
Mudas de outras plantas ornamentais	11.970.524	437.745	11.532.779	12.408.269
Mudas de outras plantas	108.728	692.768	(584.040)	801.496
Outras plantas vivas	-	255.759	(255.759)	255.759
Flores e seus botões, frescos, cortados	5.037.828	1.076.262	3.961.566	6.114.090
Flores e seus botões, secos, cortados	6.858	4.454	2.404	11.312
Musgos e líquens	-	22.093	(22.093)	22.093
Folhagem, folhas, ramos de plantas, frescos	392.878	-	392.878	392.878
Folhagem, folhas, ramos de plantas, secos	1.298.040	2.559	1.295.481	1.300.599
Roseiras (enxertadas ou não)	2.528	-	2.528	2.528
TOTAL	25.752.321	5.402.475	20.349.846	31.154.796

Elaboração: Hórtica Consultoria e Treinamento.

Fonte: MDIC/Secex.

Através do Projeto Flora Brasiliis Santa Catarina, em março de 2005 foi lançado o programa de certificação de qualidade para produtores de flores e plantas ornamentais de Santa Catarina. Este programa terá um papel estratégico na qualificação dos produtores e na produção da floricultura catarinense.

Em setembro de 2005, o governo do estado de Santa Catarina, através das Secretarias de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, da Educação, Ciência e Tecnologia, da Cultura, Turismo e Esporte e Secretarias de Estado de Desenvolvimento Regional, em parceria com as prefeituras municipais, lançou o Programa Florir Santa Catarina. Este programa visa a tornar o estado mais bonito, agradável, com maior consciência de preservação do meio ambiente e gerar novas oportunidades de emprego e renda. Este programa movimentará toda a cadeia produtiva do setor flores e plantas ornamentais, impulsionando o desenvolvimento da floricultura catarinense. Até julho de 2006, as prefeituras de 56 municípios aderiram ao programa.

Juarez José Vanni Müller

Alexandre Visconti

Figura 1/I. Calendário agrícola - Plantio, colheita e comercialização dos principais produtos agrícolas - Santa Catarina - 2006

Produto	Fase	MESES											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2º Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

Fonte: Epagri/Cepa.
 Maior concentração.
 Menor concentração.

Desempenho da produção animal



Panorama internacional

Os Estados Unidos, o Brasil, a União Européia e a China são os maiores produtores mundiais de carne bovina. Estados Unidos e China são grandes produtores e grandes consumidores. Devido ao déficit e equilíbrio de suas produções, os EUA são também os maiores importadores, enquanto a China exporta minimamente (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne bovina - Principais países do mercado⁽¹⁾ - 2005⁽²⁾

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006
USA	11.320	11.891	12.746	13.061	1.699	1.583	285	411
Brasil	8.355	8.810	6.600	7.035	0	0	1.800	1.800
União Européia	7.825	7.820	8.190	8.200	615	600	250	220
China	7.180	7.575	7.111	7.478	0	0	75	100
Argentina	2.970	3.100	2.294	2.604	0	0	680	500
Índia	2.230	2.300	1.610	1.625	0	0	620	675
Austrália	2.181	2.150	750	760	0	0	1.470	1.400
México	2.125	2.175	2.420	2.505	320	365	0	0
Canadá	1.530	1.450	1.047	1.030	135	125	615	550
Federação Russa	1.525	1.470	2.200	2.175	680	710	0	0
Nova Zelândia	685	735	0	0	0	0	575	625
Japão	0	0	1.221	1.237	721	737	0	0
Coréia do Sul	0	0	0	0	235	252	0	0
Filipinas	0	0	0	0	160	165	0	0
Egito	0	0	0	0	120	140	0	0
Uruguai	0	0	0	0	0	0	460	470
Ucrânia	0	0	0	0	0	0	85	90
Subtotal	47.926	49.476	46.189	47.710	4.685	4.677	6915	6841
Outros	4.052	4.116	3.946	4.033	377	367	37	53
Total	51.978	53.592	50.135	51.743	5.062	5.044	6.952	6.894

⁽¹⁾ Países selecionados

⁽²⁾ Previsão.

Fonte: Usda.

O Brasil é o segundo produtor e o quarto consumidor, o que deixa um superávit que permite ser o maior exportador (o foi em 2005 e deverá continuar sendo em 2006). A União Européia é o terceiro produtor e segundo consumidor, o que a transforma também em quarto importador.

Entre os Estados Unidos e a União Européia, como importadores, situam-se o Japão e a Rússia. Em 2005, o Japão foi o segundo importador e a Rússia, o terceiro. A previsão para 2006 é a mesma (Tabela1).

Aliás, segundo previsão do Usda, os países mantêm seus postos de primeiros colocados no mercado, com exceção dos exportadores, entre eles Brasil e Austrália, que mantêm seus postos de primeiro e segundo, enquanto a Índia e a Nova Zelândia ultrapassariam a Argentina, passando esta de terceiro para quinto lugar neste ano.

Em 2005, tanto a produção como as exportações brasileiras foram maiores do que previu o Usda. As previsões do CNPC e da Abiec para este ano são maiores, em produção e exportações (Tabelas 1 e 3), do que as do Usda. As previsões deste organismo são internacionalmente respeitadas. No caso do Brasil, são importantes porque prevêm sua posição como produtor e exportador e identificam os maiores mercados importadores. Isto é mais importante que a perfeita exatidão dos números.

Panorama nacional

A produção de carne bovina cresceu no Brasil, de 2002 para 2003, 5,2%; no ano seguinte, 8,6% e, em 2005, 5,6% (Tabela 2). Para o ano de 2006, a previsão do CNPC é de que cresça 2,8%, apesar de todos os problemas advindos dos focos de febre aftosa (em outubro, no Mato Grosso do Sul, e em dezembro, no Paraná). Ao findar o primeiro semestre de 2006, estas dificuldades ainda não estavam totalmente superadas, apesar de terem trazido mais problemas para a cadeia produtiva da carne suína do que para a bovina.

Os números já invejáveis da produção são suplantados fartamente pelos dados de exportação da carne bovina: cresceram, de 2002 para 2003, 29,3%; em 2004, 42,6% e em 2005, 15,9% (Tabela 3).

Tabela 2/I. Carne bovina - Produção mensal - Brasil - 2002-05
(1.000 t)

Mês	2002	2003	2004	2005	Evolução % (2005/04)
Jan.	558,2	630,2	645,1	689,8	6,9
Fev.	531,7	615,2	593,2	631,0	6,4
Mar.	533,0	631,8	712,8	730,2	2,4
Abr.	553,9	609,1	663,6	751,9	13,3
Mai.	599,3	651,9	709,2	777,8	9,7
Jun.	584,5	590,8	743,4	800,9	7,7
Jul.	604,3	626,0	726,2	787,1	8,4
Ago.	751,8	613,0	743,6	818,3	10
Set.	590,7	662,0	731,9	742,0	1,4
Out.	637,3	679,1	678,3	604,2	-10,9
Nov.	642,2	618,8	660,3	684,8	3,7
Dez.	675,0	714,0	693,7	751,1	8,3
Total	7261,9	7641,9	8301,3	8769,1	5,6

Fonte: Sindicarne.

Tabela 3/I. Carne bovina - Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2002-06
(1.000 t)

Situação	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Produção (equiv. carc.)	7.261,9	7.641,9	8.301,3	8.769,1	9.015,0
Exportação (equiv. c.)	1.006,0	1.300,8	1.854,4	2.150,0	2.200,0
Importação (equiv. c.)	100,7	63,7	53,3	60,0	60,0
Disponibilidade (eq. c)	6.356,6	6.404,8	6.500,2	6.679,1	6.875,0
Kg/habitante/ano	36,0	35,8	35,8	36,3	36,8

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Sindicarne, MDIC/Secex, Abiec, CNPC e IBGE.

Como se nota, a produção e as exportações cresceram sensivelmente até 2004, tendo no ano passado reduzido o crescimento e ainda mais neste ano.

Estes decréscimos não estão perfeitamente sincronizados, fazendo com que a disponibilidade interna cresça mais que o crescimento da população. Em conseqüência, haveria neste ano um aumento na disponibilidade per cápita de 500 gramas. Estes 500 gramas se somariam aos 2 ou 3 quilos que a cadeia da carne suína quer colocar no mercado interno, sem mencionar a carne de frango, que é a mais acessível e a que mais tem sido consumida (2 kg/hab a mais em 2005).

A cadeia produtiva da carne bovina se ressentiu menos que a da suína com a febre aftosa por ter na sua pauta de exportações um número maior de países (172 contra 55) e não ter concentração das exportações num único país ou num número pequeno de países.

O maior comprador da carne bovina, em 2005 e 2006, foi a Rússia (que em ambos os anos comprou 30% do valor exportado). O Egito foi o segundo importador e sua participação caiu de 21% para 17%. O Reino Unido importou nos dois anos o mesmo percentual, 11%. O Chile passou todo o primeiro semestre sem importar do Brasil em razão da febre aftosa; seu percentual, que era de 8%, caiu para zero. Hong Kong manteve seu percentual (5%). Alguns países aumentaram seus percentuais, destacando-se a Bulgária, de 4% para 9% (Tabela 4).

Tabela 4/I. Carne bovina - Participação percentual dos países nas exportações - Brasil - 2005-06

País	2005	2006 ⁽¹⁾
Federação da Rússia	30	30
Egito	21	17
Reino Unido	11	11
Chile	8	0
Venezuela	5	3
Hong Kong	5	5
Itália	4	5
USA	4	6
Holanda	4	5
Bulgária	4	9
Subtotal	96	91
Outros	4	9
Total	100	100

⁽¹⁾ Até abril.

Fonte: MDIC/Secex.

Outra característica que diferenciou as exportações deste ano, em relação ao ano passado, foi o aumento proporcional da carne industrializada, diminuindo a proporção de carne in natura. Os miúdos também aumentaram sua participação. O percentual do produto industrializado aumentou de 19,5% para 22,8% (Tabela 5). Esta é uma tendência, pois os mercados buscam, cada vez

mais, o produto pronto para consumo. Além disso, o produto já preparado afasta qualquer preocupação com o problema sanitário, seja ele na carne bovina, suína ou de aves. Basta lembrar a queda da demanda da carne de frango, por receio da febre aviária, nos países importadores.

Tabela 5/I. Carne bovina - Exportações por tipo de produto - Brasil - 2005-06

(US\$ mil)

Produto	2005	Part.%	2006 ⁽¹⁾	Part.%
Carne in natura	2.419	76,8	551	72,3
Carne industrializada	614	19,5	174	22,8
Miúdos	116	3,7	37	4,9
Total	3.149	100,0	762	100,0

⁽¹⁾ Até abril.

Fonte: MDIC/Secex.

Das três cadeias importantes da produção de proteína animal, a bovina foi a que melhor conseguiu se safar dos problemas sanitários, ainda que o problema da febre aftosa tenha ocorrido com o rebanho bovino.

Esta maior resistência à adversidade decorre, em primeiro lugar, do próprio ciclo biológico do animal, que, por ser mais longo, permite ao produtor reter por mais tempo o bovino no campo do que o suíno ou o frango na granja.

Como segunda vantagem, as exportações da carne bovina não estavam concentradas como a suína, o que fez com que um único país importador, ao decidir pelo embargo, provocasse um verdadeiro desastre comercial.

Por último, a preferência do consumidor brasileiro pela carne bovina se manifesta num momento em que no mercado brasileiro há uma abundância nunca vista das três carnes, o que restringe o preço de todas elas.

As exportações dos primeiros cinco meses de 2006 provam isso: haviam acumulado um acréscimo de 18,3% em relação aos mesmos meses de 2005. O único mês que esteve próximo do valor do ano passado foi abril, mas nos demais houve crescimento expressivo.

Ao iniciar o segundo semestre, os dados preliminares da Secex indicavam que no primeiro semestre de 2006 as exportações em equivalente carcaça haviam crescido 3,1%, em relação ao mesmo período do ano passado, crescendo de 1,02 milhão de toneladas para 1,05 milhão de toneladas. O valor teve crescimento bem mais expressivo devido ao aumento do preço em dólar por tonelada: cresceu 16,25%, subindo de US\$ 1,477 bilhão para US\$ 1,77 bilhão.

A alteração do consumo em consequência do receio da gripe aviária e a retirada parcial da Argentina do mercado beneficiaram a cadeia produtiva da carne bovina nos últimos meses.

Além disso, as indústrias conseguiram novos mercados, dentre os quais se destacam Argélia, Romênia, Líbia e Bulgária. Os novos mercados foram responsáveis por 42% das exportações no primeiro semestre de 2006. Isto permitiu não só recuperar o que deixou de ser exportado pelos embargos, mas atingir um recorde no valor exportado. O primeiro semestre de 2006 foi melhor que qualquer outro no valor recebido em dólares, mas, segundo a Abiec, isto não é o suficiente para compensar a valorização do real no período (média de 25%).

O Chile reabriu em junho o mercado para o Rio Grande do Sul e para Santa Catarina, mas há ainda 56 países (de um total de 172) que não liberaram as exportações. Destes, 25 pertencem à União Européia. A Argélia, grande importadora, mantém o embargo para Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo; a Rússia e a Ucrânia mantêm a proibição total, apesar de terem as autoridades russas declarado que, no momento, estão mais interessadas em carne bovina do que na suína.

A Abiec estima que um levantamento total dos embargos por parte dos importadores faria as exportações crescerem de US\$ 100 milhões a US\$ 150 milhões por mês.

No início do ano, a estimativa era de um crescimento de 2,3% no volume exportado, mas ao iniciar o segundo semestre esta foi aumentada para 5%. Este aumento de volume elevaria de 15% a 20% o valor exportado em dólares. O valor em real dependeria do câmbio flutuante, do qual os exportadores reclamam muito, independente do segmento econômico. O governo, por sua vez, pretende tratar do assunto em breve, mas não dá indicações mais precisas das melhorias que adviriam para as exportações.

Panorama estadual

A produção catarinense de carne bovina tem-se mantido estabilizada nos últimos anos. Não acompanhando o crescimento da população, obrigou o estado a importar a cada ano um pouco mais: de 2002 para 2005, a importação aumentou de 55 mil para 66 mil toneladas (Tabela 6). Isto corresponde a um percentual sobre a disponibilidade interna do estado que aumenta no período de 30,7% para 35,3%. A disponibilidade per cápita tem-se mantido por volta de 32 kg/hab/ano.

A disponibilidade estadual é menor do que a nacional (36,3 kg/hab/ano) porque, devido às grandes produções obtidas em Santa Catarina os catarinenses consomem mais as carnes de

frango e de suínos do que a média brasileira, enquanto que mais de 1/3 da carne bovina tem que ser importada de outros estados.

O déficit de produção de carne bovina acontece porque o estado tem uma área geográfica pequena, se comparada à de outros estados; tem uma proporção muito grande de pequenas propriedades, que precisam explorar produtos de maior densidade econômica e tem uma área reduzida de pastagens naturais. Há vários estados brasileiros cujas condições são exatamente opostas, principalmente no Centro-Oeste, onde mais cresce o rebanho bovino. A cadeia produtiva segue as aptidões naturais e as condições impostas pela estrutura fundiária, que acabam sendo vantagens ou desvantagens comparativas, conforme o caso analisado.

A evolução dos últimos anos nos abates nacionais e estaduais demonstra claramente a ascensão da pecuária de corte: cresceu 5,9% em 2002, 10,1% em 2003 e também em 2004, tendo baixado o crescimento para 4,1% em 2005. Simultaneamente, Santa Catarina oscilou entre crescimento de 1,3% e queda de 2,2%, um quadro dissociado do panorama nacional (Tabela 7).

Com isso tudo, a participação de Santa Catarina nos abates nacionais de bovinos caiu de 1,5%, em 2002, para 1,2% em 2005.

Quanto aos preços recebidos pelo boi gordo, em Santa Catarina, em 2005 e 2006, nota-se que há oscilações no período, mas de fevereiro de 2005 a junho de 2006 o resultado é de queda dos preços em ambas as praças levantadas: caem 8,1% em Chapecó e 6,7% em Rio do Sul (Tabela 8).

No produto no atacado a tendência é a mesma, só que no atacado as quedas são menores: 6% para o dianteiro e 3,8% para o traseiro bovino, ou seja, o produto mais nobre caiu menos de preço do que o de consumo mais popular (Tabela 8). A queda geral dos preços da cadeia produtiva da carne bovina decorre dos embargos das exportações de dezenas de países por causa da aftosa e do acúmulo de produto no mercado interno.

Tabela 6/1. Carne bovina - Oferta e demanda - Santa Catarina - 2002-05 (1.000 t)

Situação	2002	2003	2004	2005
Produção	124,0	122,0	123,0	120,0
Importação	55,0	60,0	62,0	66,0
Disponib. Interna	179,0	182,0	185,0	187,0
Disponib. per cápita	32,0	32,0	32,1	31,9

Fonte: Sindicarne, MDIC/Secex e IBGE.

Tabela 7/1. Abate de bovinos - Brasil e Santa Catarina - 2002-05

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/Brasil
	Cab. ⁽¹⁾	Cresc.%	Cab. ⁽²⁾	Cresc.%	(%)
2001	33,8	4,0	544,8	2,5	1,6
2002	35,5	5,9	537,2	-1,4	1,5
2003	37,6	10,1	544,4	1,3	1,4
2004	41,4	10,1	540,1	-0,8	1,3
2005	43,1	4,1	528,3	-2,2	1,2

⁽¹⁾ Milhões de cabeças.

⁽²⁾ Mil cabeças.

Fonte: Sidicarne.

Tabela 8/1. Boi gordo - Preço ao produtor e no atacado - Santa Catarina - 2005-06 (R\$/kg)

Mês	Produtor		Atacado	
	Chapecó	Rio do Sul	Dianteiro	Traseiro
Fev./05	52,24	55,24	2,68	4,68
Abr./05	48,00	54,44	2,56	4,50
Jun./05	48,68	53,00	2,55	4,55
Ago./05	48,68	53,00	2,60	4,50
Out./05	50,53	51,47	2,71	4,59
Dez./05	52,50	56,00	2,77	4,76
Fev./06	48,88	53,00	2,65	4,70
Abr./06	46,76	52,00	2,45	4,54
Jun./06	48,00	51,50	2,52	4,50

Fonte: Epagri/Cepa.

Os problemas de mercado das cadeias produtivas das outras carnes foram mais sérios; mesmo na carne bovina, porém, os problemas atingiram os preços do atacado e os pagos ao produtor.

Para outros estados, os preços pagos aos pecuaristas têm ficado num patamar mais baixo ainda, principalmente no Centro-Oeste. Os preços do Rio Grande do Sul é que reagiram depois da retomada das exportações para o Chile.

No início do segundo semestre, no Mato Grosso o produtor recebia R\$ 45,00/arroba; no Mato Grosso do Sul, R\$ 47,00/arroba; em São Paulo, R\$ 50,00/arroba e em Santa Catarina variava entre R\$ 48,00/arroba (Chapecó) e R\$ 52,00/arroba (Rio do Sul). Na serra do Rio Grande do Sul, o preço era de R\$ 1,90/kg e na fronteira gaúcha, R\$ 1,85/kg.

A falta de reação dos preços do boi gordo, mesmo com as exportações crescentes neste primeiro semestre de 2006, indica que a oferta está abundante mesmo para o nível elevado das exportações. Resta saber se os preços reagirão no caso de se conseguir retornar aos mercados antigos, ainda fechados, e manter os novos. Nesta perspectiva está a esperança de melhores preços para o produtor.

Julio Alberto Rodigheri



Panorama internacional

Os USA e a China foram em 2005, e devem continuar sendo em 2006, os dois maiores produtores e consumidores de carne de frango. O Brasil aparece nestes dois anos como terceiro produtor e quarto consumidor, o que permite que o País seja o maior exportador do mundo, vindo logo a seguir os USA e em terceiro, com uma quantidade bem menos expressiva, a União Européia (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne de frango - Principais países do mercado ⁽¹⁾ - 2005-06

(1.000 t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006
USA	15.792	16.233	13.080	13.878	0	16	2.464	2.404
China	10.200	10.350	10.150	10.325	250	350	300	375
Brasil	9.080	10.035	6.240	7.135	0	0	2.840	2.900
U.E.	7.670	7.540	7.330	7.270	440	450	780	720
México	2.510	2.635	2.869	3.029	360	395	0	0
Índia	1.900	2.200	1.900	2.199	0	0	0	0
Argentina	1.080	1.180	973	1.034	0	0	110	150
Japão	1.130	1.150	1.820	1.905	695	735	0	0
Federação da Rússia	0	0	1.799	2.095	1.040	1.240	0	0
Canadá	1.000	1.020	0	995	0	0	100	105
Países Árabes	0	0	0	0	726	788	56	56
Hong Kong	0	0	0	0	230	226	0	0
Subtotal	50.362	52.343	46.161	49.865	3.741	4.200	6.650	6.710
Outros	7.865	8.558	9.702	9.047	755	760	329	336
Total ⁽¹⁾ 2005	58.227	60.901	55.863	58.912	4.496	4.960	6.979	7.046

⁽¹⁾ Seleccionados.

Fonte: Usda.

As importações são capitaneadas em ambos os anos pela Rússia. Na segunda posição se repetem os Países Árabes; na terceira, o Japão e na quarta, a UE.

Portanto, em 2006 não haverá modificações na posição dos principais países do mercado, segundo o Usda.

Quando se compara a previsão feita pelo Usda para 2005 com o que foi realizado, vê-se que a produção foi maior do que o previsto (Tabelas 1 e 3) e o exportado ficou abaixo da estimativa.

As previsões são úteis mais para determinar a grandeza dos países nos diversos segmentos e sua posição relativa do que na exatidão dos números, o que é normal quando se trata de previsões baseadas na produção animal e na mobilidade dos mercados.

Panorama nacional

A grande expansão da avicultura nacional, ocorrida nos últimos anos, pode ser verificada simplifadamente pelos abates totais de frango, que cresceram 2,6% em 2003, 8,8% em 2004 e 9,5% em 2005 (Tabela 2)

Tabela 2/II. Frango – Cabeças abatidas SIF, por estado – Brasil - 2002-05

(milhões de cabeças)

Estado	2002		2003		2004		2005	
	Com SIF	Part. %	Com SIF	Part. %	Com SIF	Part. %	Com SIF	Part. %
Paraná	751,8	24,0	813,4	25,3	918,5	26,1	1.010,60	26,1
Santa Catarina	687,6	22,0	649,0	20,2	712,6	20,2	741,9	19,2
Rio Grande do Sul	581,9	18,6	602,2	18,7	607,3	17,2	653,4	16,9
São Paulo	476,2	15,2	467,2	14,5	539,1	15,3	638,6	16,5
Minas Gerais	229,1	7,3	233,0	7,3	256,5	7,3	270,9	7,0
Mato grosso do Sul	111,9	3,6	112,1	3,5	116,9	3,3	122,8	3,2
Goiás	109,4	3,5	138,0	4,3	154,7	4,4	172,7	4,5
Subtotal	2.947,9	81,5	3014,9	81,2	3305,6	81,8	3.610,9	81,6
Outros SIF	183,1	5,1	198,5	5,3	220,1	5,5	256,1	5,8
Total SIF	3.131,0	86,5	3.213,4	86,5	3.525,7	87,2	3.867,0	87,4
Sem SIF	487,0	13,5	500,3	13,5	516,6	12,8	559,9	12,6
Total Geral	3.618,00	100,0	3.713,7	100,0	4.042,4	100,0	4.427,0	100,0

Fonte: UBA e ABEF.

Neste período os estados mais tradicionais na produção tiveram, em alguns casos, suas participações modificadas e outros estados inexpressivos passaram a ter alguma importância. O maior produtor, o Paraná, manteve sua participação nos abates SIF de 26,1%, tanto em 2005 quanto em 2006. Santa Catarina, o segundo colocado, diminuiu sua participação de 20,2% para 19,2% e o Rio Grande do Sul, terceiro colocado, também decaiu, de 17,2% para 16,9% (Tabela 2). São Paulo, em compensação, cresceu de 15,3% para 16,5%. Minas Gerais tem mantido sua posição (quinta) e participação (entre 7% e 7,3%).

Dois estados mais recentes na produção avícola tiveram comportamentos inversos: Mato Grosso do Sul, que era o sexto produtor, passou a ser o sétimo, porque sua participação teve leve queda enquanto Goiás teve crescimento e passou a frente (Tabela 2). Além destes estados, em 2005, com participações acima de 1%, ficaram o Mato Grosso com 1,7%, o Distrito Federal com 1,6%, a Bahia com 1,2% e Pernambuco com 1,1%.

Em termos regionais, o Sul abateu SIF, em 2005, 62,2% do total nacional; o Sudeste 23,5% e o Centro-Oeste 9,3%. Não por coincidência, as cadeias produtivas das regiões maiores produtoras são mais experientes e organizadas e também as mais participativas no mercado exterior. Quando se considera o abate SIF isto se destaca ainda mais, pois é pré-requisito para exportar. Nos abates totais, incluindo não-SIF e autoconsumo, a participação dos estados de menor expressão seria maior, por terem estes estados um percentual maior de produção sem SIF.

A produção brasileira de carne de frango cresceu, de 2004 para 2005, o equivalente a 9,5%; as exportações cresceram 11,4%; em consequência, a disponibilidade interna aumentou menos

(7,7%) e correspondeu a uma disponibilidade interna de 35,5kg/hab/ano, ou seja, aumentou 6,3% o que foi posto à disposição de cada brasileiro (Tabela 3).

Tabela 3/I. - Carne de frango - Balanço de oferta e demanda – Brasil 2002-04

(1.000 t)					
Situação	2002	2003	2004	2005	Var.%
Produção	7.449	7.644	8.494	9.297	9,5
Exportação	1.600	1.922	2.425	2.762	11,4
Disponibil. Nacional	5.849	5.722	6.069	6.535	7,7
Kg per cápita	33,7	32,8	33,4	35,5	6,3

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Este crescimento expressivo de oferta per cápita (6,3%) destoa do ritmo de crescimento anterior, que fora de 1,8%, em 2004, e de decréscimo em 2003 (-2,6%). Estes dados são os primeiros sinais de abundância de oferta, que ainda aumentará nos primeiros meses de 2006, a ponto de se ter uma disponibilidade próximo de 40 kg/hab/ano, pois, além do crescimento da oferta, ter-se-ia a redução da demanda nos países importadores devido ao receio da gripe aviária, constatada em países de três continentes.

Os casos de Influenza Aviária vinham sendo relatados à Organização Mundial de Saúde Animal desde 2003; até findar 2005, já haviam sido notificadas ocorrências em 19 países, sendo dez na Europa, oito na Ásia e um na África. Em 2006, novos focos aconteceram em 15 destes países, demonstrando que o problema não estava resolvido.

As reações dos consumidores foram acontecendo, principalmente na Europa, à medida que os casos ocorriam. A demanda foi caindo como somatório das atitudes pessoais. A queda da demanda provocou cautela junto aos importadores quanto a novos contratos, o que provocou a estocagem do produto no Brasil e sua liberação para o mercado interno, levando os preços a caírem em toda a cadeia produtiva.

Nas exportações, além das quantidades negociadas, é importante examinar os preços internacionais e a influência do câmbio no resultado final do negócio. As quantidades exportadas aumentaram 75% de 2002 para 2005, mas em termos de valor cresceram 152%, porque o preço por tonelada foi crescente – (43%) no período (Tabela 4). Os preços internacionais do produto brasileiro cresceram por causa da melhora do mercado, mas também pela agregação de valor, que aconteceu devido à venda de uma proporção maior de partes de frango e à diminuição da participação do frango inteiro nos embarques.

Tabela 4/I. Carne de frango - Preços e quantidade exportada – Brasil -2002-06

Ano	US\$ milhão	Toneladas	US\$/Kg	R\$/Kg
2002	1.393	1.625	0,86	2,52
2003	1.799	1.960	0,92	2,83
2004	2.595	2.470	1,05	3,07
2005	3.509	2.846	1,23	2,99
2006 ⁽¹⁾	1.020	850	1,20	2,62

Fonte: MDIC/Secex.

Apesar do crescimento expressivo em dólares, o resultado final em reais apresenta um quadro diferente, pois, de 2002 a 2004, os preços do quilo de produto cresceram de R\$ 2,52 para R\$ 3,07, mas caíram em 2005 para uma média de R\$ 2,99/kg e nos primeiros meses de 2006, decresceram para R\$ 2,62/kg. O valor menor em reais decorre da valorização do real frente ao

dólar, fato que vem ocorrendo desde meados do ano passado (média de R\$ 2,92/US\$ em 2004, R\$ 2,43/US\$ em 2005 e R\$ 2,18/US\$ até maio de 2006).

Panorama estadual

Em Santa Catarina, segundo maior produtor de carne de frango, em 2005 a produção cresceu 3,5%, enquanto as exportações aumentaram 10,4%, fazendo com que a parte destinada ao mercado nacional decrescesse 6,2% e a dirigida ao mercado estadual evoluísse 1,7% (Tabela 5).

Tabela 5/I. Carne de frango – Balanço de oferta e demanda – Santa Catarina – 2002-05

(1.000 t)					
Situação	2002	2003	2004	2005	Var.%
Produção	1.462	1.418	1.420	1.470	3,5
Exportação	579	613	718	793	10,4
Venda nacional	654	574	465	436	-6,2
Disponib. estadual	229	230	237	241	1,7

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Comparando-se o Brasil e Santa Catarina, no período 2002-05, verifica-se que a produção brasileira cresceu 25% enquanto a de Santa Catarina só 0,5%. Nas exportações, o Brasil cresceu 73%; Santa Catarina, 37%. Os números tão diferenciados se explicam pelo fato de o estado, por ser precursor da avicultura tecnificada e também das exportações, ter um quadro consolidado há mais tempo que outros estados, mais recentes na atividade ou mesmo iniciantes. Além disso, a pequena área territorial de Santa Catarina e o predomínio da pequena propriedade limitam novos empreendimentos, o que não ocorre com vários outros estados que têm condições opostas.

Isto se confirma com os dados da participação do estado na produção e na exportação: a participação na produção decaiu de 19,6% para 15,8% e na exportação a queda é de 36,2% para 28,7%. Tanto a produção como as exportações de Santa Catarina são crescentes (Tabela 6), mas, como a expansão no conjunto dos outros estados foi maior, a participação do estado caiu. O estado, no entanto, conserva a característica de grande exportador, pois sua participação nas exportações é muito maior que na produção (28,7% contra 15,8%, em 2005).

Tabela 6/I. Carne de frango - Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina – 2002-05

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/Brasil	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2002	7.449	1.600	1.462	579	19,6	36,2
2003	7.644	1.922	1.418	613	18,6	31,9
2004	8.494	2.425	1.420	718	16,7	29,6
2005	9.297	2.762	1.470	793	15,8	28,7

Fonte: UBA, ABEF e MDIC/Secex.

Os preços de exportação de Santa Catarina são sempre maiores do que a média nacional: em 2005, R\$ 1,34/kg, contra R\$ 1,23/kg; nos primeiros meses de 2006, R\$ 1,31/kg e R\$ 1,20/kg (Tabelas 4 e 7). A diferença se deve basicamente à maior proporção de cortes nas vendas catarinenses.

O câmbio desfavorável afetou, naturalmente, também as receitas catarinenses, quando transformadas em reais. Nas vendas deste ano, a média foi de R\$ 2,62/kg para o produto nacional e R\$ 2,85/kg para o do estado, que chegou a ser de R\$ 3,45/kg em 2004 (Tabelas 4 e 7).

Quanto ao destino das exportações catarinenses de carne de frango, a principal característica é não estarem tão concentradas como as da carne suína. O maior importador nos últimos anos tem sido o Japão, participando com aproximadamente 25%. O segundo país em participação, nos últimos anos, foi a Holanda, com 12% a 13%, vindo logo depois a Rússia, com 5,5% a 8,5%.

Tabela 7/I. Carne de frango - Preço e quantidade exportada - Santa Catarina - 2002-06

Ano	US\$ milhão	Tonelada	US\$/Kg	R\$/Kg
2002	537	579	0,93	2,73
2003	609	613	0,99	3,04
2004	845	718	1,18	3,45
2005	1.063	793	1,34	3,26
2006 ⁽¹⁾	315	241	1,31	2,85

(1) Até abril.

Fonte: MDIC/Secex.

Para se chegar a 80% da carne exportada pelo estado, é necessário, no caso da carne de frango, somar dez países e apenas dois para a carne suína. O total dos países importadores de Santa Catarina foi, em 2005, de 117 para a carne de frango e 55 para a carne suína.

No primeiro quadrimestre de 2006, as exportações de carne de frango cresceram 6,2%, quando comparadas com as do mesmo período do ano passado. Na contramão deste crescimento estiveram as importações da Rússia, do Reino Unido, da Alemanha, da Espanha, da Romênia e da China, que decresceram. Estes decréscimos não foram muito expressivos, mas são consequência do receio de contaminação pela gripe aviária, pois ocorreram em países da Europa (onde aconteceram as maiores quedas de demanda) e da Ásia (que registrou casos de contágio de avicultores).

A abundância de oferta, que ocorreu mais acentuadamente no início de 2006 devido ao expressivo aumento da produção e da queda das exportações por diminuição da demanda no exterior, já era perceptível desde 2004, pois os preços do frango vivo vinham caindo desde junho daquele ano, quando atingiu seu ponto máximo (R\$ 1,45/kg) (Tabela 8). Daquele mês, até junho corrente, os preços pagos aos avicultores caíram 32%.

Tabela 8/I. Frango vivo - Preços no atacado - Fevereiro de 2004-junho de 2006

Mês	(R\$/kg)			
	Frango vivo	Congelado	Perna	Peito
Fev./04	1,31	2,36	2,96	3,35
Abr./04	1,18	2,25	2,71	3,1
Jun./04	1,45	2,35	2,78	3,37
Ago./04	1,38	2,32	2,67	3,16
Out./04	1,35	2,54	3,06	3,24
Dez./04	1,22	2,71	3,4	3,66
Mar./05	1,29	2,48	2,63	2,9
Mai./05	1,30	2,45	2,48	3,05
Jul./05	1,17	2,56	2,68	2,98
Out./05	1,27	2,79	3,33	3,52
Dez./05	1,25	2,70	2,83	3,33
Mar./06	1,21	1,69	1,72	2,38
Mai/06	1,00	2,01	2,1	2,59
Jun./06	0,99	1,95	1,99	2,59

Fonte: Epagri/Cepa.

Enquanto os preços do frango vivo decresciam, a partir junho de 2004 os preços no atacado continuaram crescendo, até julho de 2005, para o frango congelado; no caso dos cortes (coxa e sobrecoxa e peito), cresceram até dezembro de 2004. Depois, a queda foi geral nos preços da cadeia produtiva. Caíram: os preços das exportações (em dólar e em real), os preços no mercado interno (frango inteiro e partes) e continuaram caindo os preços pagos aos produtores.

No início do ano, as perspectivas eram de que a produção de carne de frango em 2006 crescesse em torno de 10%. Esta estimativa, decorrente dos problemas externos com a gripe aviária, foi reduzida à metade, pois se considera que no segundo semestre se consigam superar os problemas relativos à demanda externa, devido ao receio da gripe aviária.

As tentativas que foram feitas pela UBA, procurando reduzir os alojamentos de pintos, com o objetivo de ter uma produção condizente com a demanda, deram resultado nos alojamentos de fevereiro, março e abril, mas em maio cresceram 13%, subindo de 333 milhões de pintos em

abril para 376 milhões. Com isso, a produção de maio deverá ser a menor do período, mas voltará a crescer em junho, devido à alta de alojamento de maio. Lembre-se que a recomendação da UBA era de conter o alojamento entre 300 milhões e 330 milhões de cabeças.

Ao findar o mês de junho, a entidade dos avicultores convocou nova reunião sobre o assunto e recomendou ao setor retornar aos níveis de abril passado (333 milhões de pintos), a fim de adaptar a oferta à demanda.

Outra novidade foi o credenciamento de vários frigoríficos nos estados de Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul por parte da China. Antes disso, só dois frigoríficos, um em Goiás e outro em São Paulo, vinham exportando para este país. A China é o segundo maior consumidor, mas é também o segundo maior produtor mundial, daí seu interesse em suplementar a produção própria, mas num limite que não prejudique a sua produção. Contudo, considerando o grande consumo deste país (10 milhões de toneladas), é possível que se abra uma fatia de bom tamanho para o Brasil. Segundo o Usda, a China, neste ano, deverá importar 350 mil toneladas de carne de frango. No ano passado, importou 250 mil toneladas, sendo 116 mil toneladas do Brasil.

Julio Alberto Rodigheri



Panorama internacional

As estimativas do USDA para o mercado internacional de carne suína, para 2005, eram de que o Brasil seria o quarto maior produtor e também o quarto maior exportador, o que se confirmou (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne Suína - Principais países do mercado ⁽¹⁾ - 2005-06

(1.000 t)

País	Produtor		Consumidor		Importador		Exportador	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006
China	48.900	52.000	48.570	51.750	70	50	400	300
União Européia	20.720	21.520	19.310	20.085	0	0	1.430	1.450
USA	9.402	9.632	8.619	8.826	447	454	1.229	1.250
Brasil	2.730	2.775	1.985	2.140	0	0	745	625
Canadá	1.960	1.910	1.012	958	135	160	1.075	1.110
Federação da Rússia	1.785	1.785	2.434	2.484	650	700	1	0
Japão	1.260	1.260	2.531	2.500	1.243	1.200	0	0
México	1.175	1.200	1.615	1.585	495	450	55	65
Coreia Sul	1.050	1.055	1.328	1.297	300	235	5	10
Filipinas	1.100	1.122	1.130	1.152	0	0	0	0
Taiwan	910	935	950	973	0	0	0	0
Hong Kong	0	0	0	0	250	313	0	0
Romênia	0	0	0	0	185	180	2	3
Austrália	0	0	0	0	90	99	55	55
Ucrânia	0	0	0	0	75	60	6	10
Outros	2	2.013	2.121	2.459	127	123	0	175
Total	92.537	97.207	91.605	96.209	4.067	4.024	5.003	5.053

⁽¹⁾ Estimativas para os países selecionados.
Fonte: Usda.

As quantidades estimadas foram ligeiramente diferentes do resultado final, menor que o previsto: a produção brasileira foi de 2.708 mil toneladas e a exportação, de 627 mil toneladas (Tabela 4).

Para o ano de 2006, a previsão é de que China, União Européia e Estados Unidos continuem sendo, respectivamente, os maiores produtores e os maiores consumidores mundiais. Entre os três, a diferença é que a UE e os USA são também grandes exportadores, enquanto que a China consome quase tudo o que produz, sendo pequeno o seu percentual de exportação, ainda que expressivo no mercado internacional (Tabela 1).

O Canadá, o quinto produtor, seria o terceiro exportador, tendo em vista que consome apenas um pouco mais de 50% do que produz.

A lista dos mais importantes exportadores de carne suína completa-se com o Brasil, que deve continuar sendo o quarto, tanto em produção quanto em exportação e o sexto em consumo (Tabela 1).

Relativamente à produção, nas posições seguintes têm-se a Rússia, o Japão e o México, que têm em comum o serem mais consumidores do que produtores, daí o serem grandes importadores. A Rússia, como importadora, tem sido nos últimos anos a maior parceira do Brasil e está no centro da crise atual; o Japão, com um mercado muito maior (700 para 1.200 mil t), representa o mercado mais ambicionado do mundo. Interessa ao Brasil e a todos os outros exportadores.

Panorama nacional

Depois da grande produção de 2002, a produção sofreu quedas em 2003 e 2004, tendo tido uma recuperação parcial em 2005, que se espera continue em 2006, mas sem alcançar a produção de 2002. Esta poderá ser ultrapassada só em 2007 (Tabela 2).

Tabela 2/I. Carne suína – Produção brasileira por estado – 2002-06

Estado	(1.000 t equivalentes carcaças)						
	2002	2003	2004	2005	2006	Variação %	
						(05/04)	(06/05) ⁽¹⁾
Rio Grande do Sul	461,7	446,8	431,0	459,1	477,9	6,5	4,1
Santa Catarina	687,9	640,6	630,2	658,4	730,2	4,5	8,3
Paraná	497,3	461,3	428,0	441,2	477,9	3,1	8,3
São Paulo	206,4	196,7	190,7	191,0	193,4	0,1	1,2
Minas Gerais	318,1	263,8	252,5	284,1	309,3	12,5	8,8
Mato Grosso do Sul	90,0	94,4	93,1	93,6	89,9	0,5	-4,0
Mato Grosso	130,9	134,1	134,3	145,8	151,5	8,6	3,9
Goiás	118,6	130,0	136,0	152,7	158,2	12,3	3,8
Outros	361,2	328,5	324,1	282,0	267,0	-13,0	-5,3
Brasil	2872,0	2696,2	2620,0	2707,9	2825,0	3,4	4,3

⁽¹⁾ Previsão.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarne-SC, Sindicarne-PR, Abcs, Embrapa.

Dentro deste quadro geral, tem-se um comportamento diferenciado entre os estados de maior produção. Entre os estados do Sul, o que mais cresceu em 2005 foi o Rio Grande do Sul (6,5%), seguido de Santa Catarina (4,5%) e do Paraná (3,1%).

Os maiores crescimentos em 2005 ocorreram em Minas Gerais (12,5%), Goiás (12,3%) e Mato Grosso (8,6%). Estes dois últimos confirmam a expansão da suinocultura para o Centro-Oeste do País. Destaque-se a diminuição da produção dos outros estados, que não são produtores tradicionais (13%), indicando uma especialização. As produções de São Paulo e Mato Grosso do Sul ficaram praticamente estagnadas. Os maiores crescimentos de Mato Grosso e Goiás levaram a uma participação, em 2005, maior que em 2002. O mesmo não aconteceu com Minas Gerais, que, mesmo tendo o maior de todos os crescimentos, ainda teve em 2005 uma participação menor que em 2002.

O crescimento da produção brasileira, depois de ponderadas essas evoluções diferenciadas, foi de 3,4%, uma recuperação depois de dois anos de decréscimo (Tabela 2).

As estimativas da Abipecs para 2006 são de um crescimento de 4,3% na produção nacional, tendo as produções de Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais um crescimento acima da média. Próximo à média, cresceriam o Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás, ficando os aumentos de São Paulo e Paraná abaixo da média. Mato Grosso do Sul e os outros estados teriam decréscimo de produção em 2006. A expansão para o centro-oeste, portanto, limita-se ao Mato Grosso e Goiás (Tabela 2)..

Este desempenho da produção estaria já pré-determinado, pois contariam com os animais já nascidos ou a nascer, no decorrer do segundo semestre, de matrizes já prenhes. O crescimento da produção é inevitável, apesar de todo o quadro de crise, pois resultará dos abates já realizados, somados aos já programados em função do desenvolvimento biológico dos animais.

Diferentemente da produção, as exportações, como todos os anos, cresceram. O percentual, nesse ano e período, foi de 16,7% para 23,2%, Isto só pode acontecer porque a disponibilidade interna decresceu 13%, fazendo com que a disponibilidade per cápita de carne suína diminuisse de 13,5kg/hab/ano em 2002, para 11,3kg/hab/ano em 2005 (Tabela 3).

Tabela 3/I. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2002-06

Situação	2002	2003	2004	2005
Produção	2.872	2.698	2.620	2.708
Exportação	481	498	512	627
Disponibili. Interna	2.391	2.200	2.108	2.081
Dispon/hab (kg)	13,5	12,3	11,6	11,3

(1.000 t)

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex e IBGE.

Interessante é que esta queda de disponibilidade aconteceu sem provocar reação nos preços, o que indica que a demanda diminuiu. Isto se explica, porque, neste período, a produção brasileira de carnes aumentou muito; a carne bovina é a preferida e a de frango, a mais barata. A queda da disponibilidade interna, com simultâneo crescimento da população, só pode acontecer porque os consumidores, por motivos diversos, preferiam as outras duas carnes.

As exportações crescentes de carne suína brasileira estavam também se concentrando. A Rússia, que em termos de volume fora responsável por 57% das exportações em 2004, passou em 2005 para 65%. Neste ano, a Rússia, somada aos seguintes três países, concentravam 80% das exportações nacionais: Hong Kong (9,7), Ucrânia (3,5%) e África do Sul (2,8%).

Isto explica a importância do embargo russo, acontecido em dezembro, depois de constatados os focos de aftosa no Mato Grosso do Sul (outubro) e Paraná (dezembro). O embargo à carne bovina e suína afetou o Brasil todo. O embargo russo foi levantado no mês de abril, mas só para o Rio Grande do Sul, que nunca deveria ter sido punido, pois não era vizinho dos focos. Primeiro, dizia-se que seria só para a produção futura, mas depois foi aceito o embarque de parte dos estoques gaúchos.

A retomada das exportações do Rio Grande do Sul teve repercussão, no decorrer do mês de abril, nos preços pagos ao produtor daquele estado, e, em maio, estabilizaram-se num nível mais alto que o dos outros estados, mas só para os produtores independentes (no início de junho estavam a R\$ 1,80/kg, enquanto no Paraná e Santa Catarina ficaram em R\$ 1,15/kg e R\$ 1,40/kg, respectivamente). Nas integrações não houve igual repercussão, mesmo no Rio Grande do Sul (subiu no máximo R\$ 0,25/kg, contra R\$ 0,60/kg no mercado independente).

Além do problema da concentração das exportações e da crise sanitária relacionada à aftosa (transferida do rebanho bovino), a cotação cambial, com a valorização do real frente o dólar, dificultou as exportações brasileiras em geral.

As exportações de carne suína tiveram seus preços unitários aumentados mês a mês durante todo o ano de 2004, tanto em dólares quanto em reais (Tabela 4). No decorrer de 2005, isto muda logo no início, pois a maior cotação em dólar foi em março (US\$ 1,93/kg) e, em real, em fevereiro (R\$ 5,09/kg). A partir daí, a situação se inverte e caem os preços tanto em dólar quanto em real, chegando aos valores mais baixos em março de 2006 (US\$ 1,77/kg e R\$ 3,88/kg).

Tabela 4/I. Carne suína - Preços de exportação - Brasil - 2004-06

Mês	2004		2005		2006	
	US\$/kg	R\$/kg	US\$/kg	R\$/kg	US\$/kg	R\$/kg
Fev.	1,27	3,71	1,86	4,84
Mar.	1,33	3,86	1,88	5,09	1,77	3,88
Abr.	1,36	3,95	1,93	4,98	1,81	3,95
Jun.	1,44	4,52	1,90	4,58		
Ago.	1,55	4,66	1,82	4,29		
Out.	1,73	4,94	1,86	4,20		
Dez.	1,83	4,96	1,82	4,15		

Fonte: MDIC/Secex.

Chega-se à conclusão de que, quando acabaram as exportações concernentes aos contratos anteriores com a Rússia, chegou-se também à pior cotação desde outubro de 2004 (US\$ 1,73/kg), mas com uma situação muito pior em reais, que se equivaleu à de abril (R\$ 3,95/kg) de dois anos antes (2004). Já se vendia a preços menores, quando as exportações foram suspensas, por isso, inclusive, os preços pagos aos produtores vinham caindo há mais tempo. Outro fator que continha os preços do suíno vivo era a oferta abundante, que, naturalmente, se tornou ainda mais abundante no mercado interno quando foram suspensas as exportações destinadas à Rússia e a vários outros países.

Panorama estadual

Em Santa Catarina, o quadro não só não foi diferente, como até mais intenso, pois a soma do consumo estadual e das vendas no mercado nacional decresceu 17,5% de 2003 para 2005, enquanto as exportações cresceram 53,6% (Tabela 5).

Tabela 5/I. Carne suína - Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina - 2002-05

Situação	(1.000 t)			
	2002	2003	2004	2005
Produção	687,9	640,6	630,2	658,4
Exportação	257,8	184,0	233,2	282,6
Venda nacional	301,5	326,0	264,3	240,8
Consumo estadual	128,6	130,6	132,7	135,0

Fonte: Abipecs, MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

Para Santa Catarina, o caso da concentração é mais grave, pois, em termos de valor, a participação da Rússia aumentou, de 2004 para 2005, de 63% para 78%. A soma da Rússia e dos outros três países maiores importadores chega a quase 90% - Ucrânia (4,7%), Hong Kong (3,8%) e Cingapura (3,0%).

A lista completa dos importadores da carne suína catarinense, em 2004 e 2005, somava 55 países e no primeiro trimestre de 2006, devido aos embargos resultantes da febre aftosa, estava reduzida a 32 países.

Esta concentração das exportações da carne suína é bem diferente da carne bovina (maior importador comprou 30%) e do frango (25% para o maior importador).

A importância das exportações para Santa Catarina é histórica. Já em 2002 o estado era responsável por 24% da produção, mas respondia por quase 54% das exportações (Tabela 6).

Com o desenvolvimento da suinocultura dos outros estados, a desproporção diminuiu, mas em 2005 o estado produziu 24% do nacional e exportou 45%. A queda na participação não significou queda de produção; pelo contrário, em termos de produção, o estado acompanhou o País: teve a maior produção em 2002, caiu em 2003 e 2004 e se recuperou parcialmente em 2005. O estado, em 2006, poderá até ter produção maior que em 2002 (Tabela 2).

Tabela 6/I. Carne suína - Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2002-06

(1.000 t)

Ano	Brasil		Santa Catarina		SC/BR	
	Produção	Exportação	Produção	Exportação	Produção	Exportação
2002	2.872	481	687,9	257,8	23,9	53,6
2003	2.696	498	640,6	184,0	23,8	36,9
2004	2.620	512	630,2	233,2	24,1	45,5
2005	2.708	627	658,4	282,6	24,3	45,1
2006	2.825	...	730,2	...	25,8	...

Fonte: Abipecs e MDIC/Secex.

Os preços das exportações catarinenses de carne suína acompanharam basicamente a evolução nacional. Mesmo voltando-se mais no tempo, iniciando-se por 2002, as médias anuais mostram que os preços aumentam ano a ano, tanto nas cotações em dólar quanto na conversão para reais: em dólares, aumentam de 0,99 para 1,79/kg e em reais, de 2,90 para 4,36/kg (Tabela 7). Já em 2006, até abril, as médias caem para US\$ 1,70/kg e R\$ 3,70/kg.

Tabela 7/I. Carne suína - Evolução dos preços de exportação - Santa Catarina - 2002-06

Discriminação	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Valor(US\$ mil)	256.338	196.705	339.306	504.677	100.168
Volume (toneladas)	257.791	184.028	233.157	282.623	59.083
US\$/kg	0,99	1,07	1,46	1,79	1,70
R\$/kg	2,90	3,29	4,27	4,36	3,70

⁽¹⁾ Até abril.

Fonte: MDIC/Secex e Epagri/Cepa.

Os preços sempre mais baixos de Santa Catarina em relação aos do Brasil devem-se às grandes quantidades vendidas à Rússia, tendo uma proporção maior de carcaças inteiras (de menor preço que as partes).

A oferta abundante e a suspensão das exportações para o maior comprador e dezenas de outros países provocou a queda de preços em todos os níveis: como já visto, no próprio preço de exportação, no atacado dos cortes (pernil, paleta e lombo) e nos preços pagos aos produtores pelo suíno vivo.

Os produtores de suíno recebiam, na praça de Chapecó, pelo suíno não tipificado, em fevereiro de 2005, R\$ 2,50/kg e, numa queda quase que constante, receberam R\$ 1,50/kg em maio de 2006 (diminuição de 40%) (Tabela 8). É verdade que os preços do milho e do farelo de soja também caíram no mesmo período - 23% e 21%, respectivamente.

Sobre as exportações, ao se concluir este trabalho, podem-se levantar várias hipóteses: a mais pessimista (ou realista, segundo alguns) é a de que o Rio Grande do Sul continuaria exportando sozinho e a Rússia limitaria suas importações a 100 mil toneladas, chegando o total a 320 mil toneladas; a intermediária diz que o Rio Grande continuaria sozinho, mas a Rússia importaria 230 mil toneladas e o total chegaria a 450 mil toneladas; e a otimista, segundo a qual Santa

Catarina voltaria a exportar no início do segundo semestre, a Rússia importaria até 380 mil toneladas e o total chegaria a 600 mil toneladas.

Lembre-se que no ano de 2005 as exportações foram de 627 mil toneladas; portanto, a hipótese otimista considera possível, ainda, recuperar as perdas e ter um desempenho, quanto ao volume exportado, bastante próximo ao do ano passado. O USDA prevê que se possam exportar 625 mil toneladas.

Sabe-se do empenho das autoridades e das indústrias em resolver os problemas da sanidade e em aperfeiçoar o sistema de vigilância, mas é preciso que os produtores se conscientizem da importância disso, não só para o seu negócio, mas para todo o agronegócio nacional.

Conhecido, também, é esforço feito principalmente pelas indústrias exportadoras, objetivando abrir novos mercados e, com isso, amenizar os problemas que possam ocorrer em relação a um ou outro país importador.

A desconcentração é importante, basta ver que a carne bovina sofreu bem menos com a crise da aftosa do que a suína.

O cambio desfavorável às exportações é consequência da política de câmbio flutuante do governo brasileiro, que parece convencido de que deve mantê-la. Se não for alterada, ter-se-á que conviver com ela da melhor maneira possível.

Quanto à suinocultura, a nova crise leva às mesmas consequências que as anteriores: à exclusão dos produtores mais frágeis. Isto, somado à política das integrações de preferir produtores maiores, leva à concentração da produção.

Cabe ao setor público agrícola tentar minimizar este efeito e/ou contribuir para a adaptação dos produtores a novas atividades. Isto também não é um fato novo e a ação governamental, há décadas, dedica-se a estas tarefas neste e noutros segmentos da agropecuária.

Tabela 8/I. Suíno vivo - Preços pagos ao produtor - Chapecó (SC) – Fevereiro de 2005-junho de 2006 (R\$/kg)

Mês	Não tipificado	Tipificado
Fev./05	2,50	2,73
Mar./05	2,50	2,75
Abr./05	2,39	2,63
Mai./05	2,07	2,27
Jun./05	1,97	2,19
Jul./05	2,00	2,17
Ago./05	2,01	2,16
Set./05	2,05	2,21
Out./05	2,03	2,18
Nov./05	1,90	2,05
Dez./05	1,84	1,98
Fev./06	1,66	1,78
Mar./06	1,58	1,70
Abr./06	1,50	1,61
Mai/06	1,50	1,61

Fonte: Epagri/Cepa.

Julio Alberto Rodigheri



Leite

Produção mundial

Pelos números disponíveis na base de dados da FAO (Faostat), a produção mundial de leite - vaca, búfala, cabra, ovelha e camela - para o ano de 2005 foi estimada em 629,24 bilhões de quilos, o que significa um crescimento de 1,14% em relação aos 622,14 bilhões de litros estimados para 2004.

Nos últimos anos, a produção mundial vinha apresentando uma trajetória de expansão apenas discreta. Entre 1990 a 2000, cresceu apenas 6,8%, muito abaixo das taxas de crescimento verificadas entre 1980 e 1990 (16,5%) e entre 1970 e 1980 (18,8%). Mais recentemente, voltou a se expandir de maneira mais significativa; entre 2000 e 2005, o crescimento foi de 8,6%.

Ao longo das últimas décadas, o crescimento da produção mundial se explica, em particular, pelo comportamento da produção de alguns poucos países, que têm compensado com alguma folga o reduzido crescimento, a queda ou a estabilidade na produção de alguns dos principais produtores mundiais.

Neste aspecto, tem maior relevância a situação de países como a China, a Índia, o Paquistão, o Brasil, a Nova Zelândia, o México e a Argentina, que entre 1970 e 2005 apresentaram taxa de crescimento bastante significativas e aumentaram a participação na produção mundial.

Produção brasileira - Importação e exportação

Segundo os números do IBGE, a produção de leite cresceu 2,82% de 2002 para 2003 e 5,49% de 2003 para 2004. Em 2005, apesar das dificuldades de preço por que o setor produtivo passou durante o segundo semestre, é bem provável um crescimento maior que em 2004.

Isto fica muito claro pelo comportamento da produção recebida pelas indústrias inspecionadas. Em 2005, o volume de 16,215 bilhões de litros foi superior em 11,9% e em 19% aos 14,495 bilhões de litros e 13,627 bilhões de litros, respectivamente, dos anos de 2004 e 2003.

Mesmo considerando que a produção total não apresente exatamente o mesmo comportamento que o da recebida pelas indústrias, é natural esperar um comportamento pelo menos parecido entre as duas produções. Será lógico, pois, ou melhor, muito provável, que a produção brasileira de 2005 atinja pelo menos 25 bilhões de litros, o que significa cerca de 25,75 bilhões de quilos, volume bem maior que o do prognóstico da FAO.

As taxas de crescimento continuam variando sensivelmente entre os estados produtores. Entre 2003 e 2004, alguns dos principais estados produtores tiveram taxas de crescimento bastante discretas em relação à nacional: Goiás, 0,61%; Mato Grosso do Sul, 1,97% e o Rio Grande do Sul, 2,57%.

Entretanto o estado que melhor configura a mudança da geografia da produção nacional é o estado de São Paulo. Apenas no período de 2000 a 2004, enquanto a produção nacional cresceu 18,8%, a paulista recuou 6,6%. Outro exemplo é o Rio de Janeiro. A sua produção em 2004 foi menor que em 2000, quando ocupava a oitava posição entre os maiores produtores; atualmente, ocupa o décimo segundo.

Em 2004, pela primeira vez na história, as exportações superaram as importações. Além de as exportações terem atingido um novo recorde, as importações sofreram um significativo decréscimo. Em 2005, apesar de as importações terem crescido em relação a 2004, a balança comercial de lácteos foi, mais uma vez, positiva.

O significativo crescimento das exportações brasileiras decorreu não apenas da ampliação da quantidade exportada para alguns tradicionais compradores, como também da diversificação de países. Em 2005 foram 97.

Além disso, nos anos mais recentes, ainda que em pequenas quantidades, o Brasil começou a exportar lácteos para alguns importantes consumidores mundiais, como China, Japão, Rússia e México.

Produção catarinense

Em Santa Catarina, a produção de leite também segue uma trajetória de crescimento sensível e constante, bem acima da média nacional.

Em 2004, segundo o IBGE, atingiu 1,487 bilhão de litros, 11,59% a mais que em 2003. De 2002 para 2003, o crescimento foi de 11,7%.

No período de 2000 a 2004, o crescimento da produção catarinense foi de 48,2%, aumentando a sua participação na produção nacional de 5,1% para 6,3%. A região Oeste continua sendo aquela em que o crescimento é mais significativo; 73,7%.

Ainda não existem dados oficiais sobre a produção estadual de 2005, mas as indicações preliminares do IBGE são de que a taxa de crescimento será muito inferior às dos últimos dois anos. A produção deve ficar abaixo do 1,55 bilhão de litros.

Comportamento dos preços em 2005

Em 2005, os preços aos produtores catarinenses apresentaram comportamentos bastante distintos entre os dois semestres.

No primeiro, os preços seguiram a trajetória de elevação do segundo semestre de 2004, mas de agosto em diante houve um constante decréscimo, que perdurou até o final do ano em praticamente todas as regiões do estado. Assim, apesar do sensível crescimento nos primeiros meses, o preço médio do ano foi apenas 4,32% superior ao de 2004, o que significa que, em termos reais, foi o segundo ano consecutivo de pequeno decréscimo.

Apesar de, em termos reais, o preço médio em 2005 não ter sido muito diferente do registrado em 2004, para um grande contingente de produtores o segundo semestre do ano foi bastante difícil.

Esta não foi uma situação específica de Santa Catarina. Durante o segundo semestre, os preços foram decrescentes em praticamente todas as regiões brasileiras. Razão principal do decréscimo: produção nacional muito superior à demanda interna.

Primeiro semestre de 2006 e perspectivas

Como durante o segundo semestre de 2005 os preços foram decrescentes em praticamente todas as regiões brasileiras, era natural esperar repercussão negativa sobre a produção nacional no final do ano passado e nos primeiros meses deste ano. Isto significaria que uma produção nacional muito maior que a demanda interna (principal razão para a sensível redução dos preços no transcorrer do ano passado) estaria longe de se repetir nesse ano, o que tornava provável que os preços aos produtores voltariam a se recuperar rapidamente no primeiro semestre de 2006.

Embora a produção nacional não tenha sofrido como se esperava, sendo inclusive maior que a dos primeiros meses de 2005, os preços internos realmente se recuperaram em relação aos do final de 2005.

Na Região do Sul do Brasil, o movimento de recuperação foi ajudado pela falta de chuvas em níveis adequados em boa parte das bacias leiteiras, com repercussão negativa sobre a produção. Não fosse isto, os preços poderiam ter tido uma recuperação mais discreta e menos duradoura.

No transcorrer do mês de maio, surgiram especulações sobre a possibilidade de os preços começarem a decrescer já a partir do mês de junho. Isto não se confirmou, fato atribuído, segundo informações de muitas indústrias da região, a um desempenho da produção inferior ao esperado.

Mesmo com esta recuperação, os preços do primeiro semestre de 2006 estiveram muito abaixo dos do mesmo período de 2005.

Em Santa Catarina, o preço médio, de R\$ 0,40/litro, foi cerca de 20% inferior ao do primeiro semestre de 2005 e sequer alcançou os preços dos primeiros semestres de 2003 e de 2004.

A expectativa é de que, com a normalização do regime de chuvas e o crescimento mais sensível da produção durante o segundo semestre, os preços voltem a decrescer.

Apesar destas instabilidades dos preços internos, permanece a tendência de, em maior ou menor escala, a produção brasileira e a catarinense seguirem a trajetória de crescimentos significativos e o Brasil seguir ampliando a sua participação na produção e no mercado mundial.

Tabela 1/I. Leite - Produção mundial, segundo as espécie animais - 1970-005

(bilhões de quilos)

Espécie	1970	1980	1990	2000	2005
Vaca	359,28	422,32	479,18	491,23	529,83
Búfala	19,59	27,53	44,08	67,40	77,08
Cabra	6,46	7,71	9,97	11,66	12,44
Ovelha	5,49	6,81	8,00	8,06	8,57
Camelo	0,94	1,20	1,34	1,27	1,31
Total	391,77	465,57	542,56	579,63	629,24

Fonte: FAO

Tabela 2/I. Leite - Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-005

(bilhões de kg)

País	1970	1980	1990	2000	2005
Índia	20,80	31,56	53,68	80,83	91,94
Estados Unidos	53,07	58,24	67,01	76,02	80,15
Federação Russa	-	-	-	32,28	30,86
Paquistão	7,45	9,01	14,72	25,57	29,47
China	1,96	2,93	7,04	12,37	28,67
Alemanha	28,18	32,10	31,34	28,35	27,63
França	22,85	27,89	26,81	25,74	26,13
Brasil	7,42	12,06	15,08	20,53	23,46
Nova Zelândia	5,99	6,70	7,51	12,24	14,63
Reino Unido	12,97	15,97	15,25	14,49	14,58
Ucrânia	-	-	-	12,66	13,80
Polônia	14,96	16,49	15,84	11,89	12,40
Itália	10,02	11,44	11,96	13,30	11,60
Turquia	7,34	9,61	9,62	9,79	10,54
Países Baixos	8,24	11,79	11,23	11,16	10,53
Austrália	7,76	5,57	6,46	11,18	10,15
México	4,11	7,23	6,46	9,44	10,03
Japão	4,76	6,50	8,19	8,50	8,26
Argentina	4,19	5,31	6,28	10,12	8,10
Canadá	8,31	7,41	7,98	8,09	8,10
Outros países	161,39	187,75	220,14	145,09	158,22
Total Mundial	391,77	465,57	542,56	579,63	629,24

Fonte: FAO.

Tabela 3/I. Leite - Produção brasileira, segundo os estados - 1985-004

Estado	(1.000 litros)				
	1985	1995/96 ⁽¹⁾	2002	2003	2004
Minas Gerais	3.772.411	5.499.862	6.177.356	6.319.895	6.628.917
Goiás	1.055.295	1.830.057	2.483.366	2.523.048	2.538.368
Paraná	919.892	1.355.487	1.985.343	2.141.455	2.394.537
Rio Grande do Sul	1.280.804	1.885.640	2.329.607	2.305.758	2.364.936
São Paulo	1.810.408	1.847.069	1.748.223	1.785.209	1.739.397
Santa Catarina	603.704	869.419	1.192.690	1.332.277	1.486.662
Bahia	648.995	633.339	752.026	794.965	842.544
Rondônia	47.279	343.069	644.103	558.651	646.437
Pará	122.660	287.217	576.794	585.333	639.102
Mato Grosso	122.917	375.426	442.803	467.095	491.676
Mato Grosso do Sul	268.014	385.526	472.208	481.609	491.098
Rio de Janeiro	424.191	434.719	447.403	449.425	466.927
Espírito Santo	281.412	308.002	374.897	379.253	405.717
Pernambuco	308.419	406.606	391.577	375.575	397.551
Ceará	354.021	384.836	341.029	352.832	363.272
Maranhão	97.559	139.451	195.447	230.205	286.857
Alagoas	110.022	188.172	224.014	241.016	243.430
Tocantins	88.501	144.921	186.069	201.282	214.720
Rio Grande do Norte	140.735	158.815	158.277	174.146	201.266
Sergipe	92.933	134.392	112.168	139.003	156.989
Paraíba	172.938	154.923	117.024	125.872	137.322
Acre	18.146	32.538	103.848	100.039	109.154
Piauí	62.336	73.459	74.930	74.179	75.757
Amazonas	19.325	27.005	39.571	41.605	42.912
Distrito Federal	14.986	19.716	37.163	38.200	38.888
Roraima	7.426	9.534	8.200	8.115	7.290
Amapá	1.089	2.049	3.310	3.240	3.274
Brasil	12.846.418	17.931.249	21.643.738	22.253.863	23.474.694

⁽¹⁾ Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Fonte: IBGE (Censos Agropecuários de 1985 e de 1995-96 e Produção Pecuária Municipal).

Tabela 4/I. Leite - Comparativo entre a produção total e a industrializada, por estado - Brasil - 2000-04

Estado	(1.000 litros)					
	2000			2004		
	Total	Industrializada	(%)	Total	Industrializada	(%)
Minas Gerais	5.865.486	3.329.695	57	6.628.917	4.172.142	63
Goiás	2.193.799	1.454.712	66	2.538.368	1.710.585	67
Paraná	1.799.240	945.927	53	2.394.537	1.236.680	52
Rio Grande do Sul	2.102.018	1.556.944	74	2.364.936	1.663.492	70
São Paulo	1.861.425	2.132.671	115	1.739.397	2.408.591	138
Santa Catarina	1.003.098	479.279	48	1.486.662	682.761	46
Bahia	724.897	252.322	35	842.544	226.323	27
Rondônia	422.255	384.455	91	646.437	537.764	83
Pará	380.319	137.855	36	639.102	204.118	32
Mato Grosso	422.743	184.897	44	551.370	277.966	50
Mato Grosso do Sul	427.261	174.232	41	491.098	209.654	43
Rio de Janeiro	468.752	438.313	94	466.927	361.315	77
Espírito Santo	378.068	147.829	39	405.717	222.846	55
Pernambuco	292.130	69.839	24	397.551	83.642	21
Ceará	331.873	94.880	29	363.272	86.323	24
Maranhão	149.976	22.024	15	286.857	44.249	15
Alagoas	217.887	89.091	41	243.430	106.790	44
Tocantins	156.018	45.080	29	214.720	77.614	36
Rio Grande do Norte	144.927	74.680	52	201.266	76.194	38
Sergipe	115.142	8.817	8	156.989	33.140	21
Paraíba	105.843	7.979	8	137.322	34.093	25
Acre	40.804	8.167	20	109.154	10.995	10
Piauí	76.555	11.342	15	75.757	15.448	20
Amazonas	36.680	-	0	42.912	599	1
Distrito Federal	36.318	55.574	153	38.888	11.174	29
Roraima	9.958	1.138	11	7.290	294	4
Amapá	3.735	-	0	3.274	-	-
Brasil	19.767.206	12.107.741	61	23.474.694	14.494.797	62

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

Fonte: IBGE.

Tabela 5/I. Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os estados - 2000-05

(1.000 litros)

Estado	2000	2001	2002	2003	2004	2005 ⁽¹⁾
Minas Gerais	3.329.695	3.700.598	3.634.385	3.783.602	4.172.142	4.694.931
São Paulo	2.132.671	2.178.436	2.383.167	2.352.901	2.408.591	2.298.823
Goiás	1.454.712	1.713.588	1.613.289	1.644.656	1.710.585	2.036.941
Rio Grande do Sul	1.556.944	1.679.885	1.569.595	1.540.458	1.663.492	1.979.685
Paraná	945.927	1.034.990	1.070.740	1.171.409	1.236.680	1.375.676
Santa Catarina	479.279	551.421	554.518	618.224	682.761	817.053
Rondônia	384.455	386.276	456.783	519.639	537.764	512.612
Rio de Janeiro	438.313	432.195	382.830	392.047	361.315	421.356
Bahia	252.322	254.262	223.713	212.264	226.323	325.536
Mato Grosso	184.897	213.363	244.052	260.242	277.966	318.698
Espírito Santo	147.829	169.261	200.112	201.556	222.846	250.404
Mato Grosso do Sul	174.232	191.766	191.286	202.860	209.654	238.850
Pará	137.855	168.228	181.512	191.831	204.118	215.493
Pernambuco	69.839	96.430	94.522	90.487	83.642	130.721
Alagoas	89.091	96.205	89.312	89.284	106.790	121.565
Ceará	94.880	6.000	86.852	87.039	86.323	119.517
Tocantins	45.080	59.986	59.924	80.570	77.614	84.769
Rio Grande do Norte	74.680	79.295	80.300	74.070	76.194	77.315
Sergipe	8.817	16.232	19.271	26.327	33.140	63.129
Maranhão	22.024	30.309	30.634	45.766	44.249	46.520
Paraíba	7.979	7.527	9.594	9.045	34.093	41.943
Piauí	11.342	11.348	12.433	11.378	15.448	17.974
Distrito Federal	55.574	46.169	23.228	11.102	11.174	15.568
Acre	8.167	8.657	9.228	9.898	10.995	9.818
Amazonas	-	-	-	217	599	405
Roraima	1.138	277	29	339	294	167
Brasil	12.107.741	13.212.710	13.221.307	13.627.205	14.494.797	16.215.465

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Obs: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

Fonte: IBGE (Pesquisa Trimestral do Leite).

Tabela 6/I. Leite e derivados - Importação e exportação - Brasil - 1996-005

Ano	Importação		Exportação		Saldo	
	Tonelada	US\$1.000	Toneladas	US\$1.000	Toneladas	US\$ 1.000
1996	330.227	514.288	7.786	19.257	(322.441)	(495.031)
1997	318.747	454.670	4.304	9.410	(314.443)	(445.260)
1998	384.124	508.829	3.000	8.105	(381.124)	(500.724)
1999	383.674	439.951	4.398	7.520	(379.275)	(432.431)
2000	307.116	373.189	8.928	13.361	(298.188)	(359.829)
2001	141.189	178.607	19.371	25.030	(121.817)	(153.577)
2002	215.331	247.557	40.123	40.246	(175.208)	(207.311)
2003	83.557	112.292	44.444	48.508	(39.112)	(63.784)
2004	55.884	83.923	68.240	95.381	12.357	11.458
2005	72.820	121.193	78.366	130.093	5.546	8.900

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 7/I. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2003-05

País	2003		2004		2005	
	Tonelada	US\$1.000	Tonelada	US\$1.000	Tonelada	US\$1.000
Argentina	31.785	50.881	29.756	48.924	35.292	65.746
Uruguai	24.880	39.295	14.541	22.679	16.052	31.842
Estados Unidos	2.452	897	1.665	727	6.139	3.862
França	8.293	7.507	3.889	3.707	5.957	7.210
Polônia	2.816	1.114	1.376	572	2.527	1.634
Paraguai	-	-	193	50	2.131	637
Austrália	-	-	3	5	1.186	2.729
Nova Zelândia	8.376	6.248	1.098	2.408	709	2.122
Finlândia	382	262	357	230	612	482
Países Baixos (Holanda)	2.616	1.987	1.799	1.574	587	1.049
Outros países	1.957	4.101	1.207	3.048	1.628	3.881
Total	83.557	112.292	55.884	83.923	72.820	121.193

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 8/I. Leite - Produção, segundo as micro e mesorregiões - Santa Catarina - 1985-2004

(1.000 litros)

Micro e mesorregião	1985	1995/96 ⁽¹⁾	2000	2003	2004
Chapécó	75.139	145.240	167.552	288.876	333.459
Concórdia	50.351	90.351	103.500	148.189	162.897
Joaçaba	60.603	83.293	93.362	99.661	111.559
São Miguel do Oeste	61.030	128.612	174.002	270.567	326.954
Xanxerê	23.370	37.655	64.391	102.312	112.138
Oeste Catarinense	270.493	485.151	602.808	909.605	1.047.007
Canoinhas	21.609	46.422	46.320	47.268	47.268
Joinville	32.659	22.900	22.512	19.765	19.539
São Bento do Sul	4.401	4.903	5.219	5.583	5.577
Norte Catarinense	58.669	74.225	74.051	72.616	72.384
Florianópolis	6.767	6.392	7.935	10.382	10.513
Tabuleiro	9.219	12.436	15.196	26.395	28.324
Tijucas	9.509	9.315	9.303	8.629	10.085
Grande Florianópolis	25.495	28.143	32.433	45.406	48.922
Campos de Lages	34.315	36.567	40.505	41.497	42.484
Curitibanos	12.838	14.708	13.666	14.748	15.769
Serrana	47.153	51.275	54.171	56.245	58.253
Araranguá	14.526	14.778	11.585	11.376	10.508
Criciúma	14.781	18.004	17.629	16.747	18.178
Tubarão	32.866	48.245	50.279	57.340	65.619
Sul Catarinense	62.173	81.027	79.493	85.463	94.305
Blumenau	48.995	38.971	40.701	34.821	32.007
Itajaí	5.908	6.737	8.870	11.014	8.616
Ituporanga	18.879	22.964	26.205	29.189	31.020
Rio do Sul	65.939	80.925	84.365	87.927	94.156
Vale do Itajaí	139.721	149.597	160.142	162.951	165.799
Santa Catarina	603.704	869.418	1.003.098	1.332.286	1.486.670

⁽¹⁾ Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Fonte: IBGE.

Tabela 9/I. Leite - Produção inspecionada - Total das indústrias e postos de resfriamento - Santa Catarina - 2000-06

(1.000 litros)

Ano/Mês	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Janeiro	44.983	59.862	69.607	72.084	77.470	86.224	102.533
Fevereiro	42.641	54.707	57.936	64.163	68.957	76.750	91.266
Março	41.754	55.139	57.917	63.968	68.747	76.516	90.989
Abril	37.788	49.603	53.297	58.133	62.476	69.537	82.689
Maio	41.330	51.308	56.749	61.727	66.339	73.836	87.801
Junho	43.898	52.513	62.651	65.725	70.635	78.618	93.488
Julho	49.478	60.264	68.480	73.642	79.144	88.088	104.750
Agosto	54.780	65.788	74.938	80.783	86.819	96.630	114.907
Setembro	56.115	67.480	75.324	82.193	88.334	98.316	116.913
Outubro	53.964	67.271	79.598	82.985	89.185	99.264	118.039
Novembro	53.325	66.651	76.292	81.098	87.157	97.007	115.355
Dezembro	55.456	69.414	77.210	83.500	89.739	99.880	118.772
Total	575.513	720.000	810.000	870.000	935.000	1.040.663	1.237.501

Fonte: Estimativas Epagri/Cepa.

Tabela 10/I. Leite - Produção destinada à industrialização, segundo os meses - Santa Catarina - 2000-05

(1.000 litros)

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005 ⁽¹⁾
Janeiro	37.729	47.386	48.827	57.367	56.812	66.162
Fevereiro	35.587	39.441	44.144	47.806	49.742	60.012
Março	33.657	39.428	44.186	47.839	48.357	59.752
Abril	31.437	36.283	42.514	40.960	46.569	58.471
Maio	33.723	38.633	42.812	41.937	49.426	60.516
Junho	36.344	42.651	43.745	43.710	53.272	62.814
Julho	39.798	46.619	46.393	50.971	56.881	68.546
Agosto	43.687	51.015	47.420	54.467	62.906	73.926
Setembro	46.278	51.278	45.791	55.907	63.942	73.036
Outubro	48.298	54.188	49.885	59.381	65.767	78.681
Novembro	45.356	51.937	47.513	57.771	62.956	76.027
Dezembro	47.385	52.562	51.288	60.108	66.131	79.110
Total	479.279	551.421	554.518	618.224	682.761	817.053

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: IBGE.

Tabela 11/I. Leite - Preços médios¹ recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2001-06

Ano	(R\$/l)						(US\$/l)					
	2001	2002	2003	2004	2004	2006	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Janeiro	0,25	0,27	0,41	0,40	0,48	0,37	0,13	0,11	0,12	0,14	0,18	0,16
Fevereiro	0,25	0,27	0,42	0,39	0,48	0,39	0,12	0,11	0,12	0,13	0,18	0,18
Março	0,26	0,28	0,43	0,39	0,49	0,39	0,12	0,12	0,12	0,13	0,18	0,18
Abril	0,28	0,30	0,44	0,40	0,51	0,41	0,13	0,13	0,14	0,14	0,20	0,19
Maio	0,30	0,32	0,43	0,42	0,52	0,42	0,13	0,13	0,15	0,14	0,21	0,19
Junho	0,32	0,33	0,44	0,45	0,52	0,43	0,13	0,12	0,15	0,14	0,22	0,19
Julho	0,33	0,34	0,43	0,47	0,49		0,13	0,12	0,15	0,15	0,21	
Agosto	0,30	0,35	0,43	0,49	0,46		0,12	0,11	0,14	0,16	0,19	
Setembro	0,26	0,35	0,43	0,49	0,43		0,10	0,10	0,15	0,17	0,19	
Outubro	0,24	0,35	0,43	0,47	0,41		0,09	0,09	0,15	0,16	0,18	
Novembro	0,25	0,36	0,43	0,47	0,39		0,10	0,10	0,15	0,17	0,18	
Dezembro	0,26	0,38	0,42	0,48	0,37		0,11	0,10	0,14	0,18	0,16	
Média	0,28	0,33	0,43	0,44	0,46		0,12	0,11	0,14	0,15	0,19	0,18

⁽¹⁾ Posto na plataforma das indústrias.

Fonte: Epagri/Cepa.



Panorama mundial

A atividade apícola mundial, praticada em mais de 130 países, tem mostrado expansão na produção, disponibilizando uma diversidade de produtos e subprodutos nos últimos anos. Em 2005, conforme estimativas da FAO, a produção total de mel alcançou aproximadamente 1,38 milhão de toneladas, gerando um montante financeiro de aproximadamente 1,5 bilhão de dólares. Esta cifra, entretanto, aumenta consideravelmente à medida que são consideradas as produções de própolis, pólen, geléia real e cera, dentre outros, bem como os serviços de polinização utilizados principalmente na agricultura e pecuária.

Em 2005, os países que mais se destacaram na produção de mel foram a China, com 22,1%; os Estados Unidos, com 5,9%; a Argentina, com 5,8%; a Turquia, com 5,4%; a Ucrânia, com 4,4%, o México, com 4,1%; e com 3,8%, a Federação Russa e a Índia. Estes países são responsáveis por mais da metade do volume mundial produzido, conforme pode ser observado na tabela 1.

Ressalta-se que os serviços de polinização se tornam, cada vez, mais uma prática obrigatória, integrando as atividades agropecuárias na maioria dos países e contribuindo de maneira significativa para o aumento da qualidade e melhoria da produtividade de produtos da horticultura (frutas e verduras), da lavoura (principalmente os grãos) e de pastagens.

O uso de mel *in natura* ainda é bastante baixo e pouco difundido junto à população de alguns países, resultando num consumo médio *per capita* mundial de cerca de 300 g/pessoa/ano; nos países da comunidade européia, tal índice sobe para 700 g/pessoa/ano (FAO, 2005).

Tabela 1/I. Mel - Quantidade produzida no mundo e nos principais países - 2003-05

País	Quantidade Produzida (t)		
	2003	2004	2005
Mundo	1.353.696	1.372.142	1.381.404
Alemanha	23.691	16.000	17.000
Angola	23.000	23.000	23.000
Argentina	75.000	80.000	80.000
Brasil	30.022	24.500	24.500
Canadá	34.602	32.755	33.000
China	294.721	304.987	305.000
Coreia do Sul	26.000	28.000	29.000
Espanha	35.279	36.695	37.000
Estados Unidos	82.144	82.000	82.000
Etiópia	37.800	38.100	39.000
Federação Russa	48.048	52.782	53.000
Hungria	21.000	19.504	20.500
Índia	52.000	52.000	52.000
Irã	32.000	35.000	36.000
Quênia	22.000	21.500	21.500
México	57.045	56.808	56.808
Romênia	17.409	19.150	19.200
Tanzânia	27.000	27.000	27.000
Turquia	69.540	73.929	73.929
Ucrânia	53.550	57.878	60.502

Fonte: FAO (jun./06).

Os maiores consumos anuais foram observados nos seguintes países: Áustria - 1.700 gramas; Grécia - 1.600 gramas; Suíça - 1.300 gramas; Alemanha - 1.200 gramas; Eslovênia - 1.100 gramas; Ucrânia - 1.000 gramas; Turquia, 800 gramas; Canadá e Espanha - 700 gramas, cada; Estados Unidos e Nova Zelândia - 600 gramas cada; França - 500 gramas; México - 200 gramas (FAO, 2006).

Em 2004, segundo a mesma fonte, foram exportadas para os principais centros consumidores mundiais 384 mil toneladas de mel *in natura*, representando um movimento financeiro de 862 milhões de dólares. Os principais mercados vendedores, em volume, foram o chinês, o argentino, o mexicano, o alemão e o brasileiro, com participação de cerca de 56%. Destacam-se, com o melhor preço médio de mercado por quilograma, o mel negociado pela Alemanha (US\$ 4.03), pela Espanha (US\$ 3.52), pela Austrália (US\$ 3.46) e pela Hungria (US\$ 3.36); por sua vez, o Brasil obteve um preço médio de US\$ 2.01, conforme pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2/I. Mel - Quantidade e valor das exportações, total e nos principais países - 2002-04

País	2002		2003		2004	
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
Mundo	405.598	697.710	403.198	950.197	384.389	869.687
Alemanha	22.222	53.465	21.161	79.291	22.374	90.092
Argentina	79.986	114.170	70.499	159.894	62.536	120.537
Austrália	8.504	16.281	5.160	18.078	6.610	22.845
Brasil	12.640	23.141	19.273	45.545	21.029	42.303
Bulgária	4.071	6.751	6.453	15.670	5.620	14.589
Canadá	22.921	57.155	15.041	47.253	14.021	38.073
Chile	6.228	9.300	12.810	33.186	5.393	13.107
China	77.276	81.910	87.469	110.194	86.207	97.610
Cuba	4.767	6.025	6.244	12.799	7.323	16.147
Espanha	14.834	31.983	11.633	38.385	9.914	34.875
USA	3.546	6.861	5.032	9.455	4.068	7.883
Hungria	15.023	36.605	15.807	52.040	14.962	50.262
Índia	6.647	10.880	6.964	14.626	10.354	14.671
México	34.457	65.013	25.018	67.947	23.374	57.408
Romênia	5.793	12.359	9.643	25.943	8.758	22.050
Turquia	15.294	30.687	14.776	36.421	5.686	16.329
Uruguai	9.471	14.654	9.177	23.701	13.357	28.751
Vietnã	15.876	17.982	10.548	18.917	15.563	20.046

Fonte: FAO (jun./06).

O volume de mel importado em 2004 caiu 2,82% em relação ao ano anterior, acompanhado pelo decréscimo de 5,96% nos desembolsos financeiros. Em valores percentuais, a maior queda foi registrada pelos EUA, com 12,07% no volume e 31,97% nos desembolsos financeiros. Por outro lado, o Reino Unido registrou o maior aumento no volume de mel importado e nos desembolsos financeiros, com 18,41% e 16,95%, respectivamente, em relação a 2003. As maiores aquisições continuam sendo feitas pela Alemanha, representando 22,77% das transações, seguida pelos Estados Unidos, com 20,74%, o Japão, com 12,04% e o Reino Unido, com 6,62%, conforme pode ser observado na tabela 3.

Ressalta-se que países com relativa participação na produção e com expressão nas vendas para o mercado externo aparecem nas estatísticas também como importadores expressivos. É

o caso da Alemanha e da Espanha, dentre outros, que adquirem o produto *in natura* (a granel), realizam o processamento para, em seguida, disponibilizá-lo novamente no mercado. Esta é uma tática que possibilita uma maior agregação de valor ao produto, bastante usual entre os importadores.

Tabela 3/I. Mel - Quantidade e valor das importações, total e nos principais países - 2002-04

País	2002		2003		2004	
	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$1.000)
Mundo	404.883	704.647	401.947	980.274	390.603	921.896
Alemanha	98.909	161.609	93.532	240.851	88.958	230.704
Arábia Saudita	4.920	19.751	8.991	33.325	9.628	26.006
Austrália	4.493	7.840	8.779	24.988	2.576	9.025
Áustria	5.474	11.933	4.297	13.793	4.494	14.600
Bélgica	8.561	17.415	6.652	20.997	6.859	21.751
Canadá	8.144	14.856	8.830	18.135	8.894	17.736
China	4.849	6.496	6.174	10.351	8.050	12.999
Dinamarca	4.410	8.464	5.486	15.185	4.657	14.429
Espanha	10.910	16.919	11.119	27.269	13.759	31.463
Estados Unidos	92.007	165.706	92.151	219.496	81.027	149.550
França	16.836	35.889	15.165	49.532	17.081	54.530
Itália	14.073	27.900	14.449	42.382	15.390	41.621
Japão	45.038	56.362	43.785	62.014	47.033	65.012
Malásia	2.491	3.848	4.896	6.387	2.521	4.631
Holanda	5.495	12.198	9.575	22.794	7.279	23.011
Polônia	4.550	4.860	4.488	4.479	4.089	7.067
Reino Unido	29.901	51.695	21.867	64.229	25.893	75.117
Suíça	6.747	14.401	6.790	21.950	6.129	23.105

Fonte: FAO (jun./06).

Mel

Panorama nacional

Com uma extensão territorial de 8,513 milhões de quilômetros quadrados, o Brasil possui vegetação e clima diversificados que favorecem a exploração da atividade apícola em todas as unidades da Federação. No entanto, embora exista um potencial favorável, a produção nacional é ainda pouco expressiva e permite alcançar apenas o 12º lugar no ranking mundial. É preciso melhorar esta posição. Isto será possível à medida que os diversos segmentos da cadeia produtiva da atividade tornarem os produtos apícolas mais competitivos, mediante a melhoria de qualidade, produtividade, preços acessíveis, mais investimentos em desenvolvimento de tecnologia e inovação de processos, marketing e recursos humanos.

É significativa a contribuição do setor apícola nacional na geração de benefícios econômicos e sociais. Movimenta milhares de empregos diretos e indiretos, como, por exemplo, na polinização em pomares, nos trabalhos de manutenção dos apiários, na produção de equipamentos e no manejo de produtos e serviços apícolas, tais como mel, própolis, pólen, cera, geléia real.

Em 2004, segundo o IBGE, o Brasil produziu aproximadamente 32 mil toneladas de mel. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Piauí e Ceará obtiveram as maiores produções e foram responsáveis por 68% do volume total produzido, conforme demonstrado na tabela 4.

Salienta-se, entretanto, que em alguns estados produtores das Regiões do Nordeste (Bahia, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte), Sudeste (Minas Gerais) e Centro-Oeste (Mato Grosso), as condições naturais de clima, com estações mais bem definidas, têm favorecido a exploração da atividade e permitido a obtenção de melhores rendimentos por colméia e o conseqüente aumento da produção nos anos mais recentes.

Tabela 4/I. Mel - Produção brasileira e dos principais estados produtores - 2000-04

Ano	2000	2001	2002	2003	2004
Brasil	21.865	22.219	24.028	30.022	32.290
Bahia	521	688	873	1.419	1.494
Ceará	655	672	1.373	1.896	2.933
Rio Grande do Sul	5.815	6.045	5.604	6.777	7.317
Santa Catarina	3.983	3.774	3.828	4.511	3.600
Paraná	2.870	2.925	2.843	4.068	4.348
Minas Gerais	2.100	2.068	2.408	2.194	2.134
Piauí	1.862	1.741	2.221	3.146	3.894
São Paulo	1.830	2.053	2.092	2.454	2.333
Demais estados	2.229	2.253	2.786	3.557	4.237

Fonte: IBGE.

A apicultura nacional continua carecendo de mais organização, de maior entrosamento entre os diversos agentes da atividade (federações, associações de apicultores, cooperativas, entrepostos de vendas, dentre outros) e da inclusão de elementos de inteligência competitiva, possibilitando uma melhor estruturação de dados e informações, tais como: produção existente, número de apicultores (profissional e amador), entrepostos de vendas (número existente, onde se encontram e qual a sua capacidade, destino das vendas), boas práticas apícolas (BPA), critérios de análise de perigos e pontos críticos de controle (APPCC), incidência de pragas e doenças, monitoramento da qualidade dos produtos apícolas, pesquisas e processos de desenvolvimento de tecnologia e produtos, informações sobre embalagens e rotulagem, mercados incluindo variação de preços, certificadoras e certificação, procedimentos legais, normas e padrões, e outras informações cabíveis e necessárias. Com esses dados e informações, de âmbito local, regional, estadual, nacional e internacional continuamente atualizados, à disposição, o empresário rural dedicado ao agronegócio apícola terá a possibilidade de uma tomada de decisão ágil, melhorando substancialmente a gestão do negócio. Estas mesmas condições também permitem a definição de políticas adequadas para o desenvolvimento do setor.

O setor é constituído, além da Confederação Brasileira de Apicultura, de oito federações, cerca de 700 associações (organizadas e legalmente instituídas), 1.600 entrepostos de comercialização, 190 mil apicultores e cerca de dois milhões de colméias.

O número de apicultores e de colméias aumenta sensivelmente quando se consideram os agricultores que exploram a atividade apenas como uma fonte de renda complementar da família.

A estimativa de consumo nacional de mel *in natura*, segundo os diversos agentes da cadeia produtiva, está em aproximadamente 100 g/hab/ano – quantidade considerada pouco expressiva se comparada com o consumo de alguns países europeus, como a Áustria, a Grécia, a Suíça, a Alemanha, onde ele se situa acima de 1.000 g/hab/ano.

Nestes e noutros países, já há algum tempo o mel deixou de ser uma prática de uso medicinal (cura de gripe, regulador de intestino, dentre outros), para ser uma fonte complementar de alimento, devido aos diversos componentes existentes nele, como açúcares, vitaminas, aminoácidos e sais minerais - considerados essenciais ao organismo humano.

A divulgação regular pelos diversos órgãos e instituições nacionais ligadas ao setor, mediante a promoção de feiras, exposições, seminários, serviços de marketing, dentre outros, além de propiciar um maior conhecimento sobre os benefícios resultantes do uso do mel e dos outros produtos da colméia, como geléia real, pólen e própolis, contribuirá para um provável aumento do consumo e incremento nas vendas.

No âmbito externo, devido ao cenário europeu, observa-se uma tendência de queda nas exportações brasileiras, sobretudo pelo retorno do mel chinês àquele mercado, o que já ficou exposto claramente com a queda nas exportações de 2005. O embargo ao mel brasileiro pela União Européia¹ no final do primeiro trimestre de 2006 provocou queda nos preços do produto no mercado interno e gerou incertezas no mercado. Contudo, apesar do embargo europeu, o baque não foi tão expressivo no mercado exterior. O Brasil exportou, no primeiro semestre, apenas 9% a menos em comparação com o ano de 2005 (7.172 toneladas) e 2006 (6.551 toneladas).

O mercado paulista continua liderando as vendas nacionais (destaca-se como o maior centro receptor de mel do País) para o exterior.

O estado de Santa Catarina, que nos anos de 2003 e 2004 manteve a segunda posição nas vendas de mel, em 2005 cede espaço aos estados do Piauí e Ceará, que assumiram a segunda e a terceira posição, respectivamente.

Nos últimos anos, por ordem de importância, os nossos maiores parceiros comerciais foram a Alemanha, o Reino Unido e os Estados Unidos.

Com o embargo europeu, entretanto, boa parte do mel destinado para aquele mercado foi redirecionado para os Estados Unidos, aumentando sensivelmente a participação americana no primeiro semestre de 2006, superando a da Alemanha (Tabelas 5 e 6).

Tabela 5/l. Mel - Valor e quantidade das exportações, por país de destino - Brasil - 2004-06

País	Valor FOB (US\$1.000)			Quantidade (t)		
	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Total	42.303	18.940	10.280	21.029	14.442	6.551
Alemanha	22.585	8.106	4.077	10.746	6.234	2.586
Bélgica	969	294	274	464	182	165
Espanha	2.576	550	82	1.206	414	42
Estados Unidos	6.576	4.353	4.411	3.775	3.317	2.831
Reino Unido	7.660	4.959	1.233	3.773	3.780	813
Demais países	1.938	678	202	1.066	515	115

⁽¹⁾ Acumulado nos meses de janeiro a junho de 2006.

Fonte: MDIC/Secex (julho de 2006).

Tabela 6/l. Mel - Valor e quantidade das exportações, por estado - Brasil - 2004-06

Estado	Valor FOB (US\$1.000)			Quantidade (t)		
	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Brasil	42.303	18.940	10.280	21.029	14.442	6.551
Ceará	4.524	3.442	1.482	2.385	2.342	945
Minas Gerais	621	225	213	288	157	149
Paraná	3.896	535	867	1.735	333	519
Piauí	3.325	3.046	1.008	1.748	2.503	650
Rio Grande do Sul	3.340	760	1.355	1.691	589	873
Santa Catarina	8.518	2.926	2.108	4.183	2.262	1.366
São Paulo	17.174	7.716	3.218	8.555	6.052	2.030
Demais Estados	906	289	29	444	205	19

⁽¹⁾ Acumulado nos meses de janeiro a junho de 2006.

Fonte: MDIC/Secex (julho de 2006).

¹ O embargo ao mel brasileiro foi imposto pela União Européia em março de 2006, motivado pela falta de um programa de monitoramento da qualidade de nosso mel, sobretudo no tocante à análise de resíduos de pesticidas (antibióticos, inseticidas e acaricidas). A questão está sendo resolvida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, em conjunto com os diferentes atores da cadeia produtiva do mel, com previsão de retorno das exportações à União Européia para o final do ano.

O valor médio anual por tonelada de produto brasileiro vendido, em 2004, atingiu a cifra de US\$ 2.011,66, proporcionando uma perda financeira de 17,3% em relação aos preços pagos em 2003. Em 2005 caiu ainda mais, atingindo US\$ 1.311,46 a tonelada do produto. No primeiro semestre de 2006, observa-se uma gradativa melhora nesses valores, com uma remuneração de US\$ 1.569,14 – crescimento de 19,6% em comparação ao ano de 2005; porém, ficou bem distante de 2004 (decréscimo de 22,0%).

No período analisado, os maiores valores médios pertenceram aos exportadores paranaenses, situando-se bem acima da média nacional (Tabela 7).

Tabela 7/I. Mel – Preço médio das exportações - Média nacional e dos principais estados vendedores - Brasil - 2004-06

Estado	Preço médio (US\$/t)		
	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Brasil	2.011,66	1.311,46	1.569,14
Ceará	1.896,41	1.469,94	1.569,34
Minas Gerais	2.160,64	1.438,13	1.424,36
Paraná	2.245,48	1.608,77	1.671,75
Piauí	1.902,84	1.216,97	1.550,39
Rio Grande do Sul	1.975,17	1.290,08	1.551,47
Santa Catarina	2.036,29	1.293,65	1.543,00
São Paulo	2.007,49	1.275,02	1.585,53

⁽¹⁾ Acumulado nos meses de janeiro a junho de 2006.

Fonte: MDIC/Secex, e Epagri/Cepa.

Panorama estadual

Santa Catarina possui uma vegetação natural diversificada, considerada de boa qualidade melífera, que propicia boas condições para o desenvolvimento da atividade apícola em toda a sua extensão territorial.

Além da produção de mel, a atividade apícola possibilita obter produtos como cera, própolis, geléia real, pólen e apitoxina, além de oferecer os serviços de polinização que contribuem sensivelmente na melhoria da produtividade e qualidade de produtos agrícolas (frutas, sementes, grãos, dentre outros) e das pastagens no estado.

Estima-se que cerca de 400 mil colméias se encontrem distribuídas em praticamente todos os municípios catarinenses e que existam aproximadamente 30 mil apicultores (entre profissionais e amadores). Deste contingente, cerca de três mil são considerados apicultores profissionais e têm na atividade sua principal fonte de renda.

O setor conta com o apoio da federação, de 73 associações de apicultores e de 43 entrepostos de compras e vendas, dos quais apenas 18 disponibilizam regularmente mel *in natura* no mercado.

Segundo o IBGE, as maiores produções encontram-se nas mesorregiões do Oeste Catarinense, Sul Catarinense e Serrana; o rendimento médio oscila entre 14 e 26 quilos por colméia. A variação da produtividade está diretamente relacionada com as condições climáticas (índice pluviométrico e de insolação, temperaturas, umidade relativa), localização geográfica do apiário, disponibilidade e condições de uso de florada, dentre outros fatores, que normalmente influenciam o trabalho das abelhas, a qualidade e o sabor do mel.

Segundo a Federação das Associações dos Apicultores de Santa Catarina (Faasc), a maior densidade de colméias por apicultor encontra-se nas mesorregiões Sul Catarinense e Vale do Itajaí, enquanto as melhores produtividades pertencem aos apicultores das mesorregiões Sul Catarinense, Serrana e Alto Vale.

Quanto ao uso de florada para extração do néctar pelas abelhas, na mesorregião Sul Catarinense predominam as flores de eucalipto; na Serrana e na Norte Catarinense, as flores de vassoura, bracatinga e demais silvestres; na Alto Vale do Itajaí, as flores silvestres, enquanto na Oeste, as flores silvestres, a uva-do-japão e a laranja, conforme demonstrado na tabela 8.

Tabela 8/I. Mel – Período de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião - Santa Catarina - 2005

Mesorregião	Período de colheita	Tipo de florada predominante	Colméia/apicultor (nº)	Rendimento/colméia
Oeste Catarinense	Ago. a nov.	silvestre, uva-do-japão e laranja	7	13,1
Norte Catarinense	Set. a nov.	silvestre, vassouras e bracatinga	26	14,5
Serrana	Set. a dez.	silvestre, vassouras e bracatinga	23	18,3
Grande Florianópolis	Set. a nov.	silvestre	26	15,8
Vale do Itajaí	Ago. a dez.	silvestre	34	17,0
Sul Catarinense	Mar. a mai.	eucalipto	87	25,8

Fonte: Faasc.

Historicamente, o estado de Santa Catarina é um dos maiores produtores nacionais de mel (Tabela 4), figurando até 2003 como o segundo maior produtor com uma produção de 4,5 mil toneladas. Em 2004, no entanto, as condições climáticas desfavoráveis e, sobretudo, o desastre provocado pelo "Furacão Catarina" na região Sul Catarinense fez com que houvesse uma queda representativa da produção naquela região, refletindo-se na redução de toda a produção do estado. O destaque foi para a microrregião geográfica de Criciúma, com uma redução de 71% na produção de mel em relação ao ano anterior (2003), representando cerca de 650 toneladas a menos de mel. Em 2005, estima-se uma produção de aproximadamente seis mil toneladas (Tabela 9).

No mercado interno, as vendas da produção catarinense de mel mantêm-se em torno de 20%; os 80% restantes são comercializados principalmente junto aos consumidores de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, bem como nos mercados da Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos (principais parceiros comerciais nos últimos anos).

Os preços médios reais² recebidos pelo apicultor, nas principais regiões produtoras do estado, no período de janeiro de 2001 a maio de 2006 (já inseridas as taxas inflacionárias), apresentam-se em declínio, oscilando entre R\$ 6,42 e R\$ 5,08 o quilo de mel, conforme demonstrado na figura 1.

Para 2006, se as condições climáticas em Santa Catarina - índice de precipitação, temperatura, índice de insolação, umidade relativa do ar distribuída regularmente durante toda a safra apícola

² O preço foi corrigido pelo Índice Geral de Preços (Disponibilidade Interna) da Fundação Getúlio Vargas, tomando-se por base o mês de maio de 2006.

(julho a maio) - continuarem favoráveis, é bastante provável que se atinja uma produção entre 6,5 e 7 mil toneladas.

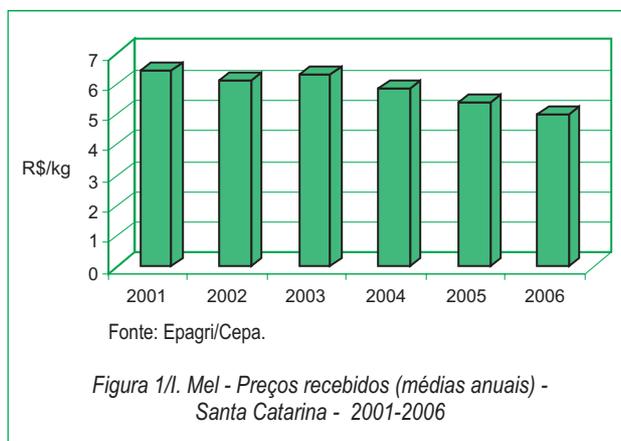
Tabela 9/1. Mel - Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2001-04

Discriminação	Quantidade produzida (t)				Participação (%)
	2001	2002	2003	2004	2004
Santa Catarina	3.774	3.828	4.511	3.600	100
Araranguá		76,0	81,0	48,6	1,35
Blumenau	161,3	85,1	107,4	73,3	2,04
Campos de Lages	578,2	561,0	575,6	573,7	15,60
Canoinhas	290,5	359,0	364,0	374,0	10,39
Chapecó	294,6	276,6	276,2	260,7	7,24
Concórdia	134,3	142,0	181,7	204,5	5,68
Criciúma	660,5	684,3	926,0	276,9	7,69
Curitibanos	115,0	125,3	121,6	115,6	3,21
Florianópolis	47,2	47,3	52,1	61,0	1,69
Itajaí	17,4	16,8	16,2	14,8	0,41
Ituporanga	75,6	73,7	105,1	73,0	2,03
Joaçaba	244,2	260,6	296,1	327,8	9,11
Joinville	28,5	28,4	36,4	34,5	1,00
Rio do sul	188,4	214,6	272,1	240,0	6,67
São Bento do Sul	47,5	47,3	47,7	49,0	1,36
São Miguel do Oeste	280,1	238,8	354,4	319,5	8,88
Tabuleiro	211,5	200,3	209,0	214,0	5,94
Tijucas	89,8	88,0	96,2	45,9	1,28
Tubarão	211,8	199,4	259,9	170,1	4,73
Xanxerê	98,1	103,7	132,0	123,8	3,44

Fonte: IBGE.

Para o segundo semestre, é bastante provável que se mantenham os mesmos níveis de venda, sendo necessário que a população continue estimulada e cada vez mais consciente da importância do mel como fonte complementar de alimento e de benefício para a saúde.

Para isto, é preciso que sejam mantidos os mecanismos de incentivos junto à sociedade, mediante a realização de seminários, feiras, exposições e quaisquer outras formas de promoção e divulgação dos produtos e subprodutos apícolas, possibilitando o aumento das vendas, esperando-se como resultado uma provável melhora nos preços ao produtor.



Luiz Marcelino Vieira

Horst Kalvelage

Desempenho da pesca e da aqüicultura



O Brasil, como vigésimo produtor mundial de pescado, tem uma produção extrativa estagnada em aproximadamente 1.086.504 toneladas (FAO). O aumento vem se dando pela aqüicultura, atividade que tem incrementado anualmente a produção de pescado brasileiro.

As exportações brasileiras de pescado no ano de 2005, incluindo a pesca e a aqüicultura, atingiram 86,3 mil toneladas (em 2004 foram 100,1 mil t) e representaram, em divisas, cerca de US\$ 386 milhões. Desde o ano de 2001, a balança comercial está superavitária.

O principal produto de exportação continua sendo o camarão cultivado, produzido principalmente nos estados do Nordeste e que concentram cerca de 95% da produção nacional.

Segundo estimativas da Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), a carcinicultura gera em torno de 48 mil empregos diretos somente no Nordeste do País.

Em 2003, os produtores dos Estados Unidos, preocupados com o volume de camarão exportado pelo Brasil, começaram a articular uma ação antidumping contra o produto brasileiro. Metade das exportações brasileiras segue para aquele país, fato que resultou em uma queda significativa nas nossas vendas a partir do ano de 2004. Para contornar esta ameaça, os produtores já iniciaram a comercialização do camarão nacional no mercado europeu (principalmente França, Espanha e Holanda). Além do camarão, algumas espécies nativas de peixes de água salgada e de água doce têm sido divulgadas nos países da Europa, visando a ampliar as alternativas de oferta.

O governo brasileiro quer incrementar a produção de pescados. Sua principal estratégia é incentivar a aqüicultura através da produção de peixes, crustáceos e moluscos ao longo da costa, auxiliando, assim, o pescador artesanal, que tem visto diminuir ano após ano os estoques da pesca extrativa.

Pesca

Conforme o diagnóstico realizado pela Epagri/Cedap em 2004, a produção de pescados de origem artesanal foi de 21, 2 mil toneladas, representando 30% da captura estadual em relação à pesca industrial.

Cerca de 40 mil catarinenses estão envolvidos direta e profissionalmente na pesca extrativa, incluindo os ligados à indústria e à pesca artesanal; 150 mil estão ligados indiretamente à atividade. O produto da pesca artesanal é destinado ao mercado estadual e ao da Região Sudeste-Sul, enquanto os produtos da pesca industrial chegam a todo o território nacional, e também em outros países.

Os pescadores artesanais estão organizados em entidades denominadas "colônias", que chegam a 33 nas 186 comunidades pesqueiras dos 531 Km do litoral de Santa Catarina. Já a pesca industrial conta com aproximadamente 15 mil pescadores, num conjunto de cerca de 50 indústrias distribuídas entre Itajaí e Florianópolis, os maiores portos de desembarque e processamento pesqueiro do estado. Atualmente, a frota de Santa Catarina desembarca pescados na cidade de Rio Grande (RS), Itajaí, Florianópolis (SC) e Santos (SP).

As exportações catarinenses de pescado, 9,2 mil toneladas em 2005, decresceram 20,4% em relação a 2004 (11,5 mil t). No entanto, o montante financeiro gerado - US\$ 25,6 milhões - foi 6,1% superior ao do ano anterior (Tabela 1).

Tabela 1/I. Valor do pescado e demais produtos pesqueiros - Exportação - Brasil e Santa Catarina - 2000-06

(US\$ 1.000)

Ano	Camarão		Outros produtos pesqueiros		Total	
	Brasil	Santa Catarina	Brasil	Santa Catarina	Brasil	Santa Catarina
2000	105.236	1.791	118.517	17.086	223.753	18.877
2001	129.402	1.030	138.229	19.635	267.632	20.665
2002	174.939	584	156.006	17.761	330.945	18.346
2003	244.543	2.727	164.794	18.229	409.337	20.956
2004	218.866	1.389	194.474	22.734	413.340	24.124
2005	191.436	1.915	194.538	23.693	385.974	25.608
2006 ⁽¹⁾	7.716	70	157.629	8.349	165.345	8.418

⁽¹⁾ até junho.

Fonte: MDIC/Secex.

Aqüicultura

A aqüicultura catarinense, que engloba cultivos de moluscos bivalves e a piscicultura de águas interiores, vem-se desenvolvendo ano após ano, conferindo ao estado uma posição de referência nacional.

A maricultura, presente na costa litorânea com cultivo de camarões, mexilhões e ostras, está provocando mudanças na economia de vários municípios e aumentando a renda de muitos pescadores. A piscicultura de água doce, no interior do estado, incrementa a renda do produtor e disponibiliza a oferta de pescados cultivados, além de gerar um aumento no nível de empregos na área rural. Desta forma, a aqüicultura catarinense vem-se tornando social e economicamente bastante importante. A seguir, será feito um relato separado de cada atividade.

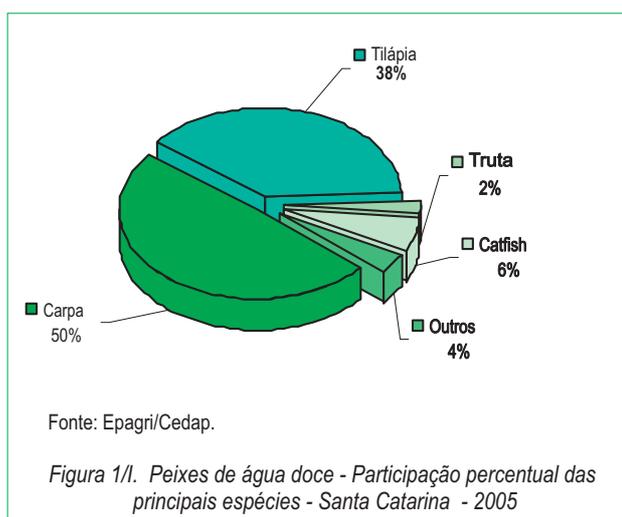
Piscicultura de água doce

Quanto ao cultivo de peixes de água doce, Santa Catarina ocupa lugar de destaque no cenário nacional entre os principais estados produtores (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul), con-

forme o IBAMA/2004. Em sua maior parte, a piscicultura é praticada em pequena escala em propriedades de âmbito familiar e exercida como fonte de renda complementar por aproximadamente 16.370 produtores na chamada piscicultura colonial, e por aproximadamente 3.500 produtores na piscicultura profissional ou comercial (Epagri/Cedap).

Existe um grande número de produtores que aliam a produção de peixes a empreendimentos turísticos, como os pesque-pague, pousadas rurais e hotéis-fazenda, oferecendo uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização.

São aproximadamente vinte espécies de peixes trabalhadas em Santa Catarina, cada uma com maior ou menor expressão na produção (algumas, ainda em fase de pesquisas). As principais espécies em produção são as carpas (quatro espécies), a tilápia e o catfish (bagre-americano), considerados de "águas mornas" (temperaturas de conforto acima de 20°C) e as trutas, nas "águas frias" (abaixo de 20°C). Esta produção é fonte de renda para uma extensa rede que envolve piscicultores e vários negócios correlatos à cadeia produtiva (Figura 1).



Em 2005, o número de produtores do Estado era 19.870, prevendo-se, uma estalização em função de alguns fatores. Um deles, a legislação ambiental com suas restrições e exigências, levou muitos produtores coloniais a suspender o cultivo de peixes e utilizar os açudes apenas como reservatório de múltiplos usos (irrigação, dessedentação animal e, principalmente, para minimizar os efeitos das secas). Outros fatores que apontam para a queda no número de produtores são: a elevação do custo dos insumos, o fato de alguns municípios passarem a informar apenas os produtores comerciais nos levantamentos estatísticos e as constantes estiagens nas principais regiões produtoras. Conseqüentemente, a tendência da produção é estabilizar ou, no máximo, apresentar uma pequena elevação em função da gradativa melhoria da produtividade que a piscicultura profissional vem apresentado.

No ano de 2005 foram produzidas 19,1 mil toneladas de peixes de água doce em Santa Catarina, sendo 18,7 mil toneladas de águas mornas (Figura 2) e 0,4 mil toneladas de águas frias (Figura 3). Esta produção se concentra nas regiões do Vale do Itajaí (Alto, Médio e Baixo), Planalto Serrano, Litoral Norte, Oeste Catarinense e, ultimamente, também vem apresentando sensível incremento na região Sul, nos Vales dos Rios Tubarão e Araranguá.

Em Santa Catarina, a criação de trutas é conduzida nas regiões onde é possível captar águas limpas, cristalinas e frias (com temperaturas abaixo de 20°C), principalmente no Planalto Serrano, onde se concentra o maior número de produtores. A truta, além de ser um peixe rico em Ômega 3 e com baixos teores de gordura, é item importante numa proposta de desenvolvimento turístico do estado.

A produção de trutas sofreu altos e baixos ao longo dos anos (Figura 3). As quedas da produção no final dos anos 90 se deveram, principalmente, à paridade do dólar em relação ao real, o que possibilitou a entrada no mercado brasileiro de trutas de outros países com preços mais baixos. Com a desvalorização cambial, a produção voltou a crescer.

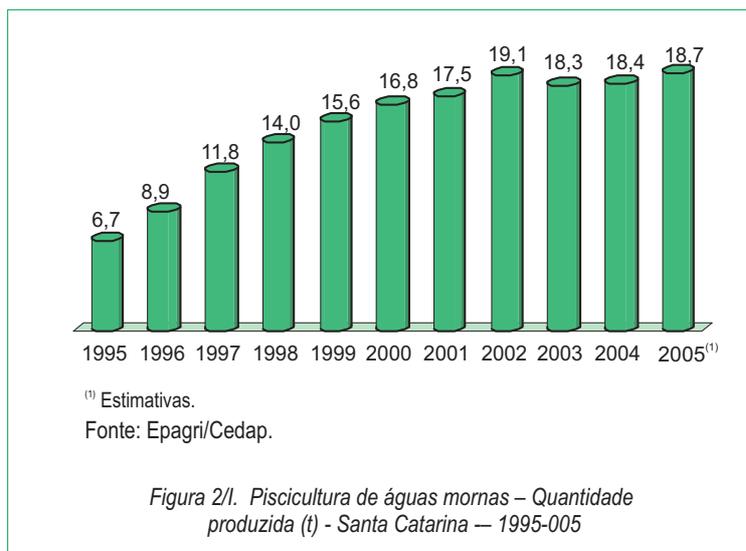


Figura 2/l. Piscicultura de águas mornas – Quantidade produzida (t) - Santa Catarina – 1995-005

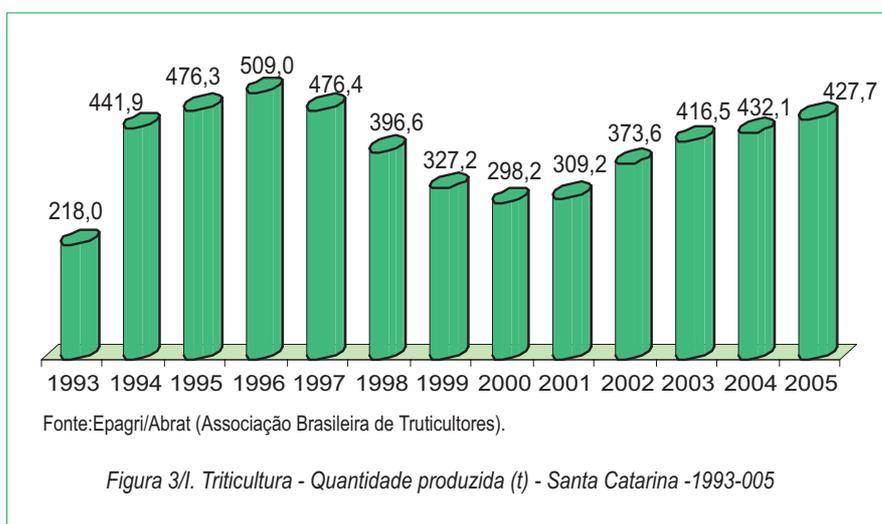
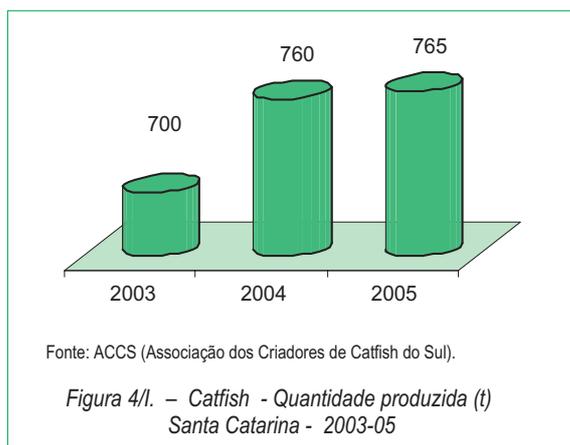


Figura 3/l. Triticultura - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 1993-005

Outro peixe que se tem destacado no cenário catarinense é o bagre-americano ou catfish. Com pouco mais de dez anos desde o início dos cultivos, vem-se transformando em uma alternativa interessante para o produtor, pois é uma das espécies incluídas na pauta de exportação da balança comercial brasileira. Tendo como clientes o mercado americano e o europeu, o produto é classificado lá fora como do tipo “Premium”, devido à qualidade das nossas águas, à forma de cultivo e aos cuidados ao processar. Em função dos altos índices de Ômega 3, dos baixos níveis de gordura, da carne extremamente branca e do excelente paladar, o catfish se tornou o peixe de água doce mais consumido nos Estados Unidos nos últimos anos. A maior parte produzida em Santa Catarina é exportada em forma de filés. Uma parte da produção, no entanto, está sendo dirigida ao mercado interno, visando obter maiores alternativas mercadológicas. O restante da produção (peixes vivos) atende à pesca desportiva através dos pesque-pague.

Conforme levantamento da ACCS (Associação dos Criadores de Catfish do Sul), em 2005, a produção ficou em 765 toneladas, colocando Santa Catarina como o maior produtor nacional (Figura 4). A mesma fonte estima que a produção nacional deve oscilar entre 1.000 e 1.200 toneladas.

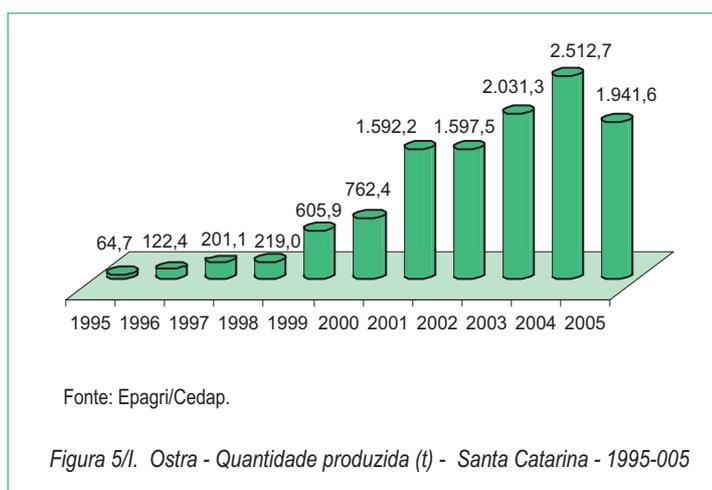


Maricultura (ostras, mexilhões e camarões)

O cultivo de ostras e mexilhões é adequado às características do litoral (com muitas baías e enseadas) e é facilitado pela boa qualidade das águas. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) são as precursoras da atividade, fornecendo tecnologia e assistência técnica aos produtores. Este modelo de apoio técnico confere ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves. Atualmente, Santa Catarina é responsável por mais de 90% da produção brasileira de ostras e mexilhões cultivados.

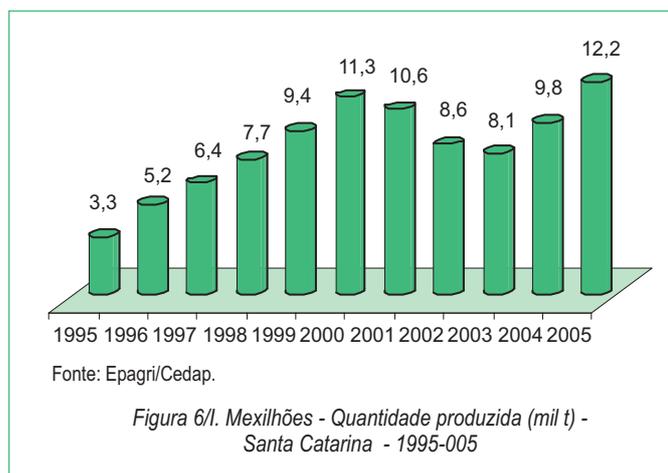
Com um contingente de 171 ostreicultores distribuídos em 10 municípios na faixa litorânea, compreendida entre Palhoça e São Francisco do Sul, o significativo crescimento da produção de ostras (iniciado em 1999) registrou sua primeira queda em 2005. O principal motivo para isso foi o longo período de temperaturas elevadas (acima de 28°C) ocorridas no corrente ano, prejudicial à espécie. Outros fenômenos naturais, como um ciclone extratropical, provocaram prejuízos aos cultivos. A produção estadual de ostras sofreu, no exercício de 2005, uma queda de 22,7%, passando das 2.512,7 toneladas registradas em 2004, para 1.941,6 toneladas na safra de 2005.

Florianópolis foi um dos municípios de maior declínio, com um volume de 486,04 toneladas menor que o do ano anterior, seguido por Governador Celso Ramos e Penha, que registraram redução nos volumes de produção da ordem de 41,85 toneladas e 20 toneladas, respectivamente. Mesmo assim, os municípios de Florianópolis e Palhoça tiveram, em relação aos demais municípios produtores, os maiores volumes de produção de ostras. Juntos, produziram 90,46% da produção estadual (Figura 5).



Já os mexilhões, após experimentarem expressivas quedas na produção nos anos de 2001, 2002 e 2003, confirmaram em 2005 a tendência de crescimento retomada em 2004. Contribuiu para esta situação o esforço dos 723 mitilicultores distribuídos nos 12 municípios da região entre Garopaba e São Francisco do Sul, que passaram a fazer uso de coletores manufaturados de "sementes" (a fase larval dos mexilhões é planctônica – livre natante – e precisa aderir a substratos rígidos para seu crescimento). Antigamente, toda a coleta de sementes era feita raspando os bancos naturais nos costões rochosos, prática que atualmente sofre restrições da legislação ambiental. Com o uso dos coletores, a obtenção de sementes passou a ser sustentável, ambientalmente correta e economicamente viável.

A produção catarinense de mexilhões em Santa Catarina no ano de 2005 foi da ordem de 12.234 toneladas, representando um crescimento de 24,8% em relação a 2004 (Figura 6).



Os municípios que mais contribuíram para este crescimento, em valores absolutos, foram: Palhoça (com um aumento de 1.090 toneladas), Florianópolis (630 toneladas), São José (338 toneladas) e São Francisco do Sul (com aumento de 248 toneladas).

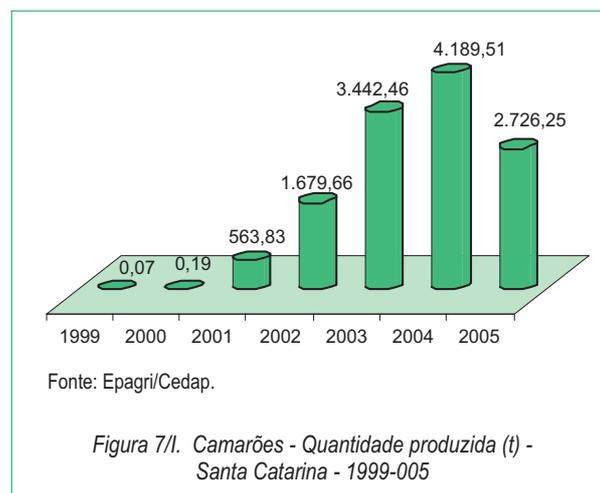
Com um incremento de 129% em valores relativos, Florianópolis foi o destaque entre os doze municípios produtores no volume de mexilhões em relação à safra anterior. Considerando os volumes de produção total, os destaques em 2005 ficaram por conta dos municípios de Palhoça (35,06% da produção estadual), Penha (17,65%) e Governador Celso Ramos (12,17%).

O cultivo de camarões marinhos em cativeiro tem sua origem no Sudeste da Ásia, onde fazendas de cultivo de peixes à beira mar obtiveram produções acidentais de camarões selvagens em viveiros abastecidos pela maré. Modernas fazendas de camarões surgiram na década de 70, quando conseguiram o suprimento de grandes quantidades de camarões juvenis através da reprodução em laboratório.

No Brasil, Santa Catarina foi o pioneiro na atividade de cultivo de camarões, com a realização de pesquisas no início da década de 70 pela Acarpesc (Associação de Crédito e Assistência Pesqueira de Santa Catarina). Posteriormente, estados do Nordeste realizaram pesquisas e implantaram empreendimentos privados, tornando-se uma atividade de grande importância socioeconômica para a região. No início, o setor enfrentou uma série de problemas, principalmente no que se refere a tecnologias de cultivo, disponibilidade de rações e espécies com baixa produtividade. Com a introdução da espécie exótica *Litopenaeus vannamei*, no início dos anos 90, a atividade entrou em fase de consolidação em todo o território nacional. Atualmente, em Santa Catarina, a ACCC (Associação Catarinense de Criadores de Camarão), a UFSC e a Epagri estão entre os principais atores no desenvolvimento do Programa Estadual de Cultivo de Camarões Marinhos.

Até o ano 2004, a produção de camarões vinha em franco crescimento no estado, quando chegou a 4.189 toneladas. Em 2005, no entanto, sofreu uma queda acentuada, ficando em

2.762 toneladas. Para o ano de 2006, as estimativas são de apenas 500 toneladas (Figura 7). Esta queda teve como principal causador o surgimento da enfermidade denominada Mancha Branca (vírus WSSV), a mesma que causou prejuízos semelhantes em outros países produtores ao redor do mundo. Apesar dos vários esforços realizados para combater e controlar a enfermidade, não existem, em curto prazo, perspectivas para o retorno da produção aos patamares anteriores.



A produção de camarões em cativeiro de Santa Catarina no ano de 2005 foi comercializada basicamente no mercado interno, apresentando um baixo preço devido à concorrência de camarões de cultivo de estados do Nordeste, que deixaram de ser exportados por questões de câmbio e pela ação antidumping americana, além da grande safra de camarões da pesca extrativa na Lagoa dos Patos (RS).

Fernando Soares Silveira

Mauro Roczanski

Sérgio Winckler da Costa

Francisco Manuel da Oliveira Neto

Alfredo Nagib Filomeno

Desempenho do setor florestal



Panorama mundial - Produção, consumo e comércio internacional de produtos florestais

O mercado mundial de celulose deverá apresentar forte expansão até 2020 e os países em desenvolvimento serão grandes ofertantes da commodity.

A cobertura florestal mundial é de pouco mais de 13 bilhões de hectares, cerca de 30% da superfície territorial do conjunto dos países (Tabela 1). A Rússia e o Brasil, os maiores detentores de florestas, possuem, juntos, mais de 1/3 da área mundial. As florestas plantadas¹ no mundo respondem por apenas 4% da cobertura florestal. A China é o país com maior área de floresta plantada, seguida pelos Estados Unidos, Rússia e Japão. O Brasil possui cerca de 5,4 milhões de hectares plantados com florestas comerciais, o equivalente a apenas 1% de sua área florestada total.

Tabela 1/I. Setor florestal - Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2005

(1.000 ha)

País	Área do território	Total floresta	Floresta (%)	Floresta plantada	% Plantada
China	932.742	197.290	21	31.369	16
EUA	915.896	303.089	33	17.061	6
Rússia	1.688.850	808.790	48	16.962	2
Japão	36.450	24.868	68	10.321	42
Sudão	237.600	67.546	28	5.404	8
Brasil	845.942	477.698	56	5.384	1
Indonésia	181.157	88.495	49	3.399	4
Índia	297.319	67.701	23	3.226	5
Tailândia	51.089	14.520	28	3.099	21
Vietnã	32.549	12.931	40	2.695	21
Chile	74.880	16.121	22	2.661	17
Turquia	76.963	10.175	13	2.537	25
Outros	7.695.984	1.862.801	24	35.653	2
Total mundial	13.067.421	3.952.025	30	139.771	4

Fonte: FAO e Abraf.

¹ Há uma discrepância bastante grande nos números da FAO entre os relatórios FRA 2004 e FRA 2005 relativos às florestas plantadas. Em 2005, a área total de florestas plantadas foi ajustada de 188 milhões de hectares para 140 milhões de hectares, implicando uma redução drástica da área anteriormente divulgada para a Índia e significativa para a China, enquanto o Sudão passou a figurar com uma área plantada semelhante à do Brasil.

A produção mundial de madeira bruta, em 2004, destinada a todos os usos (papel e celulose, madeira serrada, compensados, painéis reconstituídos, carvão e lenha), alcançou 3,42 bilhões de m³, 2% a mais que em 2003 (Tabela 2). A maior parte é de espécies não-coníferas tropicais. Os EUA, a Índia, a China, o Brasil, o Canadá e a Rússia são os maiores produtores mundiais - respondem pela metade da produção total. Mais da metade da produção ainda é consumida para produzir energia, em geral sob a forma de lenha, com os maiores volumes na Índia, China e Brasil.

Tabela 2/I. Setor florestal - Produção mundial de madeira em toras ⁽¹⁾ segundo os principais países - 2001-04

País	(m ³)			
	2001	2002	2003	2004
Estados Unidos	449.113.992	447.999.992	448.513.263	458.310.187
Índia	296.679.016	319.388.747	321.027.107	322.985.344
China	284.910.024	284.168.256	286.106.512	286.104.808
Brasil	236.422.218	237.467.063	242.160.429	247.107.036
Canadá	187.596.992	192.095.000	190.203.000	199.568.000
Rússia	164.700.000	165.000.000	174.000.000	182.000.000
Indonésia	112.208.672	115.552.252	112.004.236	109.060.276
Etiópia	91.282.143	92.661.252	94.533.392	95.957.336
Repúb. Dem. do Congo	69.733.688	70.938.264	72.170.264	73.430.400
Nigéria	69.115.552	69.482.328	69.867.216	70.270.440
Suécia	63.200.000	66.600.000	67.100.000	67.300.000
Alemanha	39.483.000	42.380.000	51.182.000	54.504.000
Finlândia	52.210.000	53.011.000	53.779.000	53.799.662
Demais Países	1.167.235.932	1.142.193.343	1.170.279.210	1.197.262.101
Total mundial	3.283.891.229	3.298.937.497	3.352.925.629	3.417.659.590

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em março de 2006).

O valor estimado da produção mundial de produtos florestais é de 900 bilhões de dólares. Em 2004, foi beneficiado ou transformado pela indústria mundial 1,65 bilhão de m³ de madeira bruta, um crescimento de 3% aa. no último triênio. Mais de 70% desta transformação ocorre no Hemisfério Norte. Os quatro maiores produtores (EUA, Canadá, Rússia e Brasil) produzem e transformam em suas indústrias de base florestal mais da metade de toda a matéria-prima colhida anualmente no mundo (Tabela 3).

Em quase todos os países de destaque na produção de madeira para uso industrial, o destino principal das toras é o processamento mecânico, principalmente na produção de madeira serrada. O restante é destinado à produção de papel e celulose, compensados, painéis reconstituídos e outros usos. A produção e o consumo mundial de madeira serrada têm apresentado um ligeiro decréscimo nos últimos dez anos. É baseada em coníferas (quase 70%) e superior a 400 milhões de m³ por ano. EUA e Canadá respondem, juntos, por quase 40% desse total.

A produção e o consumo de painéis de madeira vêm apresentando um crescimento bastante forte (mais de 5% aa. nos últimos dez anos), principalmente de painéis de MDF e de madeira aglomerada. Já a produção e o consumo de compensados têm apresentado um crescimento menos vigoroso (2,6% aa. no período), enquanto as chapas de fibra dura vêm perdendo mercado para os demais tipos de painéis.

Os EUA e o Canadá são os grandes produtores mundiais de celulose de mercado (31% e 15%, respectivamente) (Tabela 4). O Brasil e a Rússia são os países, dentre os maiores produtores mundiais, que mais têm conseguido aumentar sua produção ao longo do tempo.

Tabela 3/I. Setor florestal - Produção mundial de madeira em toras para uso industrial,⁽¹⁾ segundo os principais países - 2001-04

Pais	2001	2002	2003	2004
Estados Unidos	403.211.992	404.957.992	405.613.008	414.702.008
Canadá	184.688.992	189.194.000	187.302.000	196.667.000
Rússia	117.800.000	118.600.000	126.600.000	134.000.000
Brasil	102.994.000	102.994.000	106.617.953	110.470.291
China	93.861.000	93.121.000	95.061.000	95.061.000
Suécia	57.300.000	60.700.000	61.200.000	61.400.000
Finlândia	47.727.000	48.529.000	49.246.000	49.280.858
Alemanha	36.502.000	37.755.000	45.415.000	48.657.000
Indonésia	26.496.600	32.996.500	32.496.500	32.496.500
França	37.471.000	32.736.000	30.540.000	32.450.000
Chile	25.682.000	25.491.000	24.289.000	29.432.000
Polônia	23.375.000	24.995.000	27.204.000	29.337.000
Austrália	24.353.000	23.102.000	26.717.000	25.685.000
Malásia	16.161.000	17.913.000	21.531.000	22.000.000
África do Sul	18.616.000	18.616.000	21.159.400	21.159.400
Nova Zelândia	20.673.000	22.084.000	21.230.000	19.722.000
Demais	299.007.830	301.993.043	315.594.992	323.163.569
Total mundial	1.535.920.414	1.555.777.535	1.597.816.853	1.645.683.626

⁽¹⁾ Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em março de 2006).

Tabela 4/I. Setor florestal - Produção mundial de celulose⁽¹⁾ segundo os principais países - 2000-03

Pais	2000	2001	2002	2003
Estados Unidos	57.830.909	53.680.142	53.568.585	53.196.713
Canadá	26.696.000	25.110.000	25.763.000	26.189.000
Finlândia	12.009.000	11.168.000	11.729.000	11.945.000
Suécia	11.545.000	11.028.000	11.354.000	11.736.400
Japão	11.373.000	10.792.000	10.591.000	10.451.000
Brasil	7.338.000	7.436.000	7.436.000	8.869.000
Rússia	5.842.000	6.151.700	6.512.000	6.671.000
Indonésia	3.626.000	5.482.000	5.482.000	5.482.000
China	3.700.000	4.075.000	4.075.000	4.075.000
Demais países	31.516.500	30.821.010	31.309.058	31.742.665
Total mundial	171.476.409	165.743.852	167.819.643	170.357.778

⁽¹⁾ Refere-se à celulose de mercado.

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>., acesso em junho de 2005).

A produção mundial de papel e papel-cartão em 2005 foi estimada em 365 milhões de toneladas, um crescimento médio de 2,5% aa. nos últimos cinco anos. Em 2004, os Estados Unidos responderam por 24% desta produção. Os cinco maiores produtores mundiais (EUA, China, Japão, Canadá e Alemanha) respondem por quase 60% da produção (Tabela 5). A China, nos últimos quatro anos, contando com expressivos aumentos da importação de celulose, teve um crescimento anual de mais de 10% na sua produção de papel.

O comércio mundial de produtos florestais apresentou crescimento expressivo nos últimos anos. As tabelas 6 e 7 mostram os valores envolvidos nas exportações e importações mundiais no período 2001 a 2004 e realçam os países mais importantes neste mercado. Em 2004, o conjunto dos países exportou quase 180 bilhões de dólares em produtos florestais, sendo a do Canadá a

maior participação, com mais de 16% do total. Os cinco maiores exportadores (Canadá, Alemanha, EUA, Finlândia e Suécia) são responsáveis por cerca da metade do valor total. O Brasil e o Chile, embora continuem com pouca participação, vêm gradativamente conquistando espaço neste mercado.

Tabela 5/I. Setor florestal - Produção mundial de papel e papel-cartão, segundo os principais países - 2001-04

País	2001	2002	2003	2004
Estados Unidos	81.248.828	81.879.072	80.712.168	83.611.789
China	37.929.000	42.329.002	47.529.003	53.462.999
Japão	30.717.000	30.686.000	30.457.000	29.253.000
Canadá	19.834.000	20.226.000	20.120.000	20.578.000
Alemanha	17.879.000	18.526.000	19.310.000	20.392.000
Finlândia	12.502.000	12.789.000	13.058.000	14.036.000
Suécia	10.534.000	10.724.000	11.061.600	11.589.000
Coréia	9.332.000	9.812.000	10.148.000	10.511.000
França	9.625.000	9.809.000	9.939.000	10.249.000
Itália	8.926.000	9.317.261	9.491.000	9.667.000
Brasil	7.354.000	7.354.000	7.811.000	8.221.000
Demais Países	75.706.673	77.398.997	80.445.998	82.919.121
Total mundial	321.587.501	330.850.332	340.082.769	354.489.909

(m³)

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em março de 2006).

Tabela 6/I. Setor florestal - Valor das exportações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2001-04

País	2001	2002	2002	2004
Canadá	24.362.225	23.300.503	24.029.930	29.403.758
Alemanha	10.081.912	11.413.582	13.517.905	15.911.255
Estados Unidos	14.085.919	13.827.960	14.182.190	15.694.254
Finlândia	10.093.131	10.496.466	12.075.099	13.535.583
Suécia	8.718.395	9.230.227	11.007.472	12.903.860
França	5.212.215	5.318.203	6.325.342	7.186.368
Rússia	3.875.516	4.311.752	4.981.392	6.404.669
Áustria	3.940.051	4.622.568	5.517.253	6.211.062
China	3.697.712	4.087.732	4.464.318	5.198.847
Bélgica	3.377.423	3.305.387	4.397.886	5.019.882
Indonésia	4.993.483	4.704.503	4.639.602	4.918.116
Brasil	2.640.859	2.736.398	3.526.904	4.739.359
Itália	2.345.134	3.242.165	3.761.648	4.303.465
Malásia	2.584.544	2.697.648	3.028.137	3.533.270
Países Baixos	2.456.074	2.570.406	3.294.131	3.485.176
Demais Países	28.167.886	29.504.008	34.192.108	40.484.252
Total mundial	130.632.479	135.369.508	152.941.317	178.933.176

(US\$ 1.000.00)

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em março de 2006).

Os EUA se destacam como os maiores importadores de produtos florestais, com mais de 16% das importações mundiais. Além dos EUA, também são grandes importadores a China, a Alemanha, o Japão e o Reino Unido (Tabela 7). Os papéis (diversos tipos), a madeira serrada, os painéis de madeira (aglomerados, compensados, MDF e outros) e a celulose são os produtos mais importantes deste mercado. Nos últimos dez anos, os maiores crescimentos ocorreram no comércio mundial de MDF (20,7% aa.), aglomerado (9,4% aa.), papéis (5,3% aa.) e serrados (3,3% aa.) (Sociedade Brasileira de Silvicultura - SBS, 2006).

Tabela 7/I. Setor florestal - Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2001-04

(US\$ 1.000,00)

País	2001	2002	2003	2004
Estados Unidos	24.333.065	23.407.106	24.535.277	31.277.990
China	14.361.296	15.360.651	17.248.009	19.492.103
Alemanha	11.476.762	11.786.485	13.735.804	15.259.504
Japão	11.284.322	10.464.067	10.983.238	12.903.704
Reino Unido	9.045.608	8.705.097	9.960.599	11.195.396
Itália	6.867.457	7.415.539	8.605.126	9.507.381
França	6.935.153	7.030.906	8.175.126	9.024.263
Países Baixos	4.163.852	4.262.491	5.056.066	5.438.243
Espanha	4.310.398	4.195.928	5.083.557	4.941.905
Canadá	3.849.422	3.986.744	4.278.632	4.693.672
Bélgica	3.971.008	3.950.427	4.693.439	4.678.458
Coreia	3.159.094	3.545.587	3.619.199	3.937.312
Demais Países	38.772.776	39.176.861	46.215.074	55.497.855
Total mundial	142.530.213	143.287.889	162.189.146	187.847.786

Fonte: FAO (Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em março de 2006).

Os quantitativos e valores do comércio internacional de produtos florestais mostram que os EUA são os grandes produtores, importadores e, principalmente, consumidores dos produtos de origem florestal. A Rússia e o Brasil também são grandes produtores e consumidores, mas com baixa participação no comércio mundial. Já o Canadá, a Finlândia e a Suécia são grandes produtores e exportadores. Por outro lado, a China é grande produtora e importadora, enquanto o Japão, o Reino Unido e a Itália são grandes importadores líquidos desses produtos.

A crescente demanda e o fechamento de plantas industriais pouco competitivas nos países do Norte deverão provocar mudanças substanciais no mercado mundial de celulose nos próximos anos. Até 2020, o mercado global de celulose está estimado entre 70 milhões e 80 milhões de toneladas, o que exigirá um acréscimo de 50% a 80% na produção de celulose para o comércio internacional, atualmente de pouco mais de 45 milhões de toneladas. Os projetos de expansão da capacidade confirmados para entrar em operação até 2010 deverão acrescentar entre 8 milhões e 10 milhões de toneladas de celulose neste mercado.

Por apresentarem algumas vantagens comparativas na produção de matérias-primas com base na silvicultura, as regiões tropicais e subtropicais deverão, no médio prazo, aumentar sua importância no mercado mundial de celulose, com redução da participação dos países do Hemisfério Norte. A expectativa é de que até 2020 o Hemisfério Sul contribua com 25% da oferta internacional de celulose de mercado. Países como o Chile, a Indonésia e os do Mercosul dispõem de áreas de terras, de condições edafoclimáticas favoráveis, de menor custo da terra e da mão-de-obra e de adequado aporte tecnológico na produção florestal. Estas vantagens comparativas lhes permitem encurtar o ciclo de corte e reduzir de maneira expressiva o custo da madeira, dando a estes países vantagens competitivas em relação aos do Norte, particularmente nas fases iniciais da cadeia produtiva: a de produção florestal e de pastas celulósicas.

Devido a estas vantagens, está em curso um movimento dos grandes fabricantes mundiais de celulose e papel em direção à instalação de novos projetos florestais nos países do Sul. O Brasil, pela disponibilidade de novas áreas para plantio e pelo grau de desenvolvimento alcançado na tecnologia florestal, está sendo um ator privilegiado neste cenário, atraindo vários projetos de produção de celulose, com a abertura de novas regiões produtoras. O Brasil já é o maior exportador mundial de celulose de fibra curta, produzida a partir do eucalipto.

Os preços internacionais da matéria apresentaram decréscimo ao longo de 2005 em relação a 2004, com pequena recuperação no último trimestre. Já em 2006, com a queda dos estoques mundiais, a parada de algumas máquinas, o fechamento de algumas fábricas e o aumento da demanda, especialmente na Ásia, os preços da celulose retomaram a trajetória de recuperação e atingiram, no meio do ano, valores bem acima das médias históricas. Na Europa, o preço CIF da celulose de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas), teve um crescimento bastante expressivo ao longo 2006, alcançando quase US\$ 700.00/t em julho, com crescimento de 16,4% em relação ao início do ano (Foex: www.foex.fi).

A celulose de fibra curta tipo BHKP (de eucalipto), da qual o Brasil é o maior produtor e responsável por 30% das exportações mundiais, vem apresentando nos últimos dois anos aumentos sistemáticos de preços no mercado internacional, porém com ritmo menor que o apresentado pela celulose de fibra longa. Em 2006, o preço CIF na Europa subiu de US\$ 588,97/t no início de janeiro para US\$ 649,26/t em junho, uma alta de 10,23%. A expectativa dos produtores é de que no segundo semestre de 2006 os preços internacionais da commodity se mantenham em patamares elevados. Para 2007, a continuidade da reestruturação da indústria, com fechamento de mais plantas industriais, e o provável crescimento da demanda deverão absorver a produção das capacidades adicionais previstas e manter os preços em patamares superiores aos dos níveis históricos. Bom período para o setor.

Produção e mercado de produtos florestais no Brasil

Taxa de câmbio prejudica as exportações da indústria da madeira

O Valor Bruto da Produção (VBP) do setor florestal brasileiro foi estimado em 57,5 bilhões de reais, correspondendo a mais de 4% do produto de toda a economia nacional (Abraf, 2006). O Brasil é o maior produtor florestal da América Latina e sua indústria processa mais de 100 milhões de m³ de madeira por ano. O setor gera quase 6,5 milhões de empregos e arrecada anualmente, em impostos, 4,7 bilhões de dólares (Abimci, 2003).

Em 2005, entre madeira e derivados, papel, celulose e móveis, o setor exportou 7,2 bilhões de dólares, contribuindo com 6,1% do total das exportações brasileiras. Os estados do Paraná, de São Paulo e Santa Catarina são os mais importantes na exportação de produtos florestais, contribuindo com 53,8% do valor total exportado (Figura 1). A indústria de processamento mecânico da madeira foi o segmento que sofreu os maiores impactos do câmbio sobrevalorizado, apresentando em 2005 um ligeiro decréscimo no valor exportado e revertendo a trajetória de crescimento elevado e continuado das exportações.

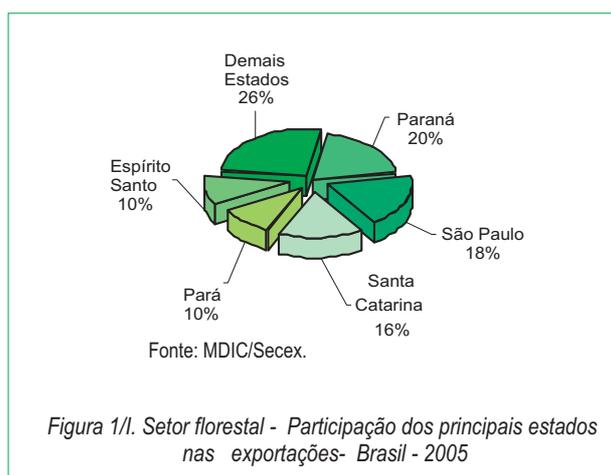


Figura 1/1. Setor florestal - Participação dos principais estados nas exportações- Brasil - 2005

As expectativas para 2006 são de que o setor venha a apresentar crescimento apenas nas exportações de papel e celulose e de madeira serrada. Os preços internacionais da celulose

tiveram aumentos expressivos ao longo do primeiro semestre de 2006, vindo a compensar boa parte das perdas cambiais das exportações. As estimativas são de o Brasil vir a exportar, em 2006, entre 7,5 bilhões e 7,6 bilhões de dólares em produtos florestais, o que representaria um crescimento entre 4% e 6% em relação a 2005. Segundo lideranças do setor, o País tem potencial para dobrar as exportações florestais nos próximos dez anos, o que aumentaria sua participação neste mercado para algo como 6%.

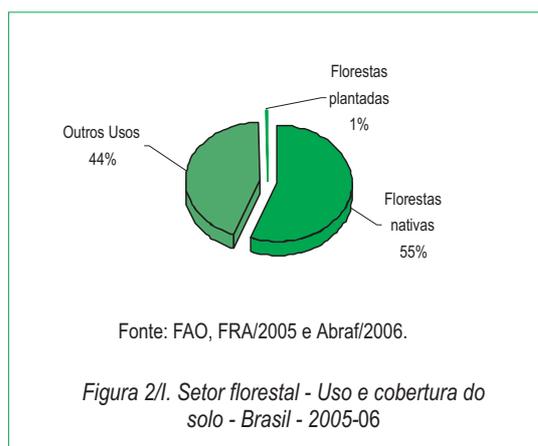
O aumento dos custos das matérias-primas e a valorização do real frente ao dólar estão dificultando as exportações de compensados, de produtos de madeira sólida e de móveis, que devem apresentar redução do valor exportado em 2006. Além do câmbio desfavorável, a previsão de redução dos índices de evolução da construção civil nos EUA para o segundo semestre de 2006 e ao longo de 2007 põe em alerta os exportadores de madeira e derivados do Brasil, em especial os que estão vinculados à cadeia produtiva do pínus. A indústria de compensados, móveis e molduras de pínus tem mais de 70% de sua produção exportada e os EUA são os grandes compradores desses produtos. Além da queda da atividade da construção civil americana e do câmbio desfavorável às exportações brasileiras, a situação pode se agravar com o aumento das exportações chinesas para os EUA de madeira e derivados a partir de toras importadas da Rússia.

O Índice de Atração de Investimentos Florestais (IAIF) calculado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) aponta o Brasil como o país da América Latina com maior capacidade de atração de investimentos industriais no setor. Os projetos em andamento e as declarações de intenção de investir em expansão e novas plantas industriais no Brasil², por parte de grandes grupos nacionais e multinacionais estrangeiros, corroboram a afirmação da atratividade do País neste setor, em que pesem as dificuldades conjunturais do momento.

Produção e consumo de matéria-prima florestal

Os plantios de pínus e de eucalipto no Brasil em 2005 somam mais de 550 mil hectares e batem recorde histórico

As florestas nativas cobrem 55% do território brasileiro; apenas 1% do total é ocupado com florestas plantadas (Figura 2). Mesmo assim, a silvicultura fornece toda madeira transformada em celulose, papel e painéis reconstituídos no Brasil e a maior parte da matéria-prima para a indústria de compensados, portas, molduras e outros produtos de maior valor agregado. Levantamento da Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas (Abrap) apurou a existência de 5,2 milhões de hectares plantados com pínus e eucalipto no Brasil em 2005 (Tabela 8). Os cinco estados com as maiores áreas cultivadas (MG, SP, PR, SC e BA) detêm quase 80% da área plantada com florestas no Brasil. A eucaliptocultura é responsável por 62% dos plantios comerciais de florestas (Figura 3).



² Segundo a Bracelpa e a Abimci, os investimentos previstos para os próximos dez anos nos setores de papel e celulose e de processamento mecânico da madeira somam 20 bilhões de dólares.

Em 2005, segundo levantamentos da Abraf, foram plantados 553 mil hectares de florestas comerciais no País, a maior parte com eucalipto. Minas Gerais é o estado que mais se destaca no plantio de florestas comerciais, com 29% dos efetuados em 2005 (Tabela 8). Neste estado, o setor siderúrgico é o grande consumidor de eucalipto sob a forma de carvão vegetal. Os estados de São Paulo e Bahia também plantaram grandes áreas de eucalipto em 2005 (juntos, somaram mais de 150 mil hectares). Para 2006, as estimativas são de que o plantio de florestas comerciais no Brasil atinja 600 mil hectares (novas áreas e reformas).

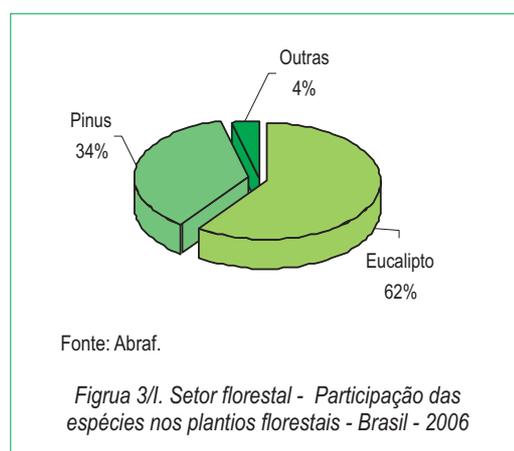


Tabela 8/I. Setor florestal - Área plantada com pinus e eucalipto em 2005, por estado e área total dos plantios existentes - Brasil - 2005

Estado	Área Plantada			
	Pinus	Eucalipto	Total	Plantio/2005
Minas Gerais	153.000	1.063.744	1.216.744	160.000
São Paulo	148.020	798.522	946.542	79.500
Paraná	677.772	114.996	792.768	54.000
Santa Catarina	527.079	61.166	588.245	40.000
Bahia	54.746	527.386	582.132	75.000
Rio Grande do Sul	185.080	179.690	364.770	35.000
Espírito Santo	4.898	204.035	208.933	26.000
Mato Grosso do Sul	38.909	113.432	152.341	25.000
Pará	149	106.033	106.182	5.500
Amapá	27.841	60.087	87.929	17.000
Goiás	13.330	47.542	60.872	5.000
Maranhão	0	60.745	60.745	8.500
Mato Grosso	43	42.417	42.460	8.000
Outros	3.703	27.409	31.112	23.000
Brasil	1.834.569	3.407.205	5.241.774	553.000

Fonte: Abraf (Anuário Estatístico da Abraf - 2006).

Nos últimos anos, vem mudando bastante o perfil da silvicultura no Brasil. Depois de décadas de quase exclusividade das grandes e médias empresas consumidoras de matéria-prima florestal na atividade, nos últimos anos vem crescendo bastante, no cultivo de florestas plantadas, a participação dos pequenos e médios produtores rurais e de outros plantadores independentes. Em 2005, estima-se que mais de 100 mil hectares de eucalipto, pinus e acácia (20% do total) tenham sido plantados por estes produtores.

Diversas forças vêm atuando para que cada vez mais o plantio de florestas comerciais no Brasil seja uma atividade de um grande e diversificado número de produtores rurais, agricultores e investidores individuais. A expressiva rentabilidade dos plantios florestais pela forte valorização da madeira nos últimos anos e pelas melhorias de produtividade alcançadas, bem como os programas de fomento florestal das grandes empresas (especialmente as de papel e celulose) e os programas federais de financiamento florestal (Pronaf Florestal e Propflora) vêm atraindo um grande número de empreendedores para esta atividade. Estes dois programas aplicaram mais de 50 milhões de reais em financiamento em projetos florestais no Brasil em 2005 (86,5% nos estados do RS, SC, MG e ES – Tabela 9).

Tabela 9/I. Setor florestal - Valor financiado pelos programas pronaf florestal e propflora - 2005

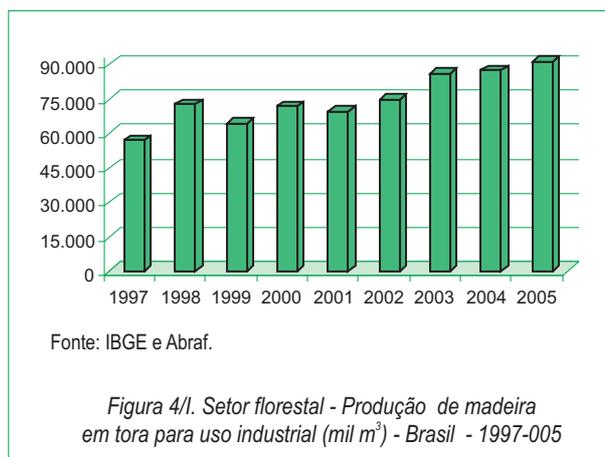
(1.000 R\$)

Estado	Pronaf		Propflora		Total	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Bahia	6	0,0	265	0,7	271	0,5
Espírito Santo	3.118	25,3	3.863	10,0	6.981	13,7
Goiás	6	0,0	17	0,0	23	0,1
Mato Grosso	60	0,5	807	2,1	867	1,7
Mato Grosso do Sul	-	0,0	230	0,6	230	0,5
Minas Gerais	2.028	16,5	5.777	14,9	7.805	15,3
Paraná	523	4,2	2.051	5,3	2.574	5
Rio de Janeiro	32	0,3	-	0,0	32	0,1
Rio Grande do Sul	4.348	35,3	16.583	42,8	20.931	41,0
Santa Catarina	1.580	12,8	6.838	17,6	8.418	16,5
São Paulo	613	5,0	2.351	6,1	2.964	5,8
Brasil	12.314	100	38.783	100	51.096	100

Fonte: Abraf (Anuário Estatístico da Abraf - 2006).

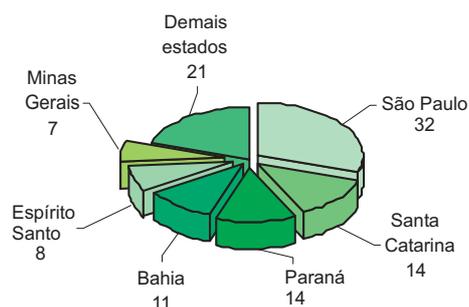
Estima-se que no médio prazo, uma terça parte da matéria-prima florestal proveniente de plantios poderá vir a ser ofertada por silvicultores independentes. Esta tendência aponta, na estrutura produtiva do setor, para uma mudança significativa em direção a uma menor concentração de terras, com ampliação do número de produtores e surgimento de novas redes de empreendedores e de agregação de valores na cadeia florestal.

A produção de madeira proveniente de florestas plantadas para uso industrial no Brasil foi estimada em 91,5 milhões de m³ em 2005, um crescimento de 27,6% em relação a 2000 (Figura 4). Mais da metade desta produção se destina à fabricação de celulose, papel e painéis reconstituídos, um volume de 46,3 milhões de m³ em 2004, 6% abaixo da produção de 2003 (Tabela 10). São Paulo é o maior produtor nacional, com quase uma terça parte do total produzido, seguido pelos estados de Santa Catarina, Paraná, Bahia e Espírito Santo (Figura 5).



As toras de eucalipto constituem 84% da matéria-prima utilizada para celulose e papel (o restante é de pinus). As empresas de papel e celulose são detentoras de 1,7 milhão de hectares plantados, dos quais 75% com eucalipto (Bracelpa, 2005). A Abraf estima para 2005 um consumo de 46 milhões de m³ de madeira fina em toras pelo setor de papel e celulose e que mais sete milhões de m³ de madeira bruta tenham sido processados pelo setor de painéis reconstituídos (Tabela 11).

De 2003 para 2004, a produção de madeira de florestas plantadas destinadas para serraria ou laminação aumentou 12%, atingindo 41,2 milhões de m³, dos quais 80% formados por toras de pinus. Os estados do Paraná e de Santa Catarina, com pouco menos de 22 milhões de m³, foram responsáveis por mais da metade da produção nacional da madeira plantada usada para laminação e serraria em 2004 (Figura 6).



Fonte: IBGE (Produção da Silvicultura - Sistema Sidra).

Figura 5/I. Setor florestal - Participação dos estados na produção de madeira planta destinada a papel e celulose (%) - Brasil - 2004

Tabela 10/I. Setor florestal - Produção das principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2001-04

Produto	Medida	2001	2002	2003	2004
Extração vegetal					
Carvão vegetal	mil t	1.729	1.955	2.227	2.186
Erva-mate	t	182.177	229.701	220.189	246.837
Lenha	mil m ³	49.006	49.503	47.232	47.168
Madeira em tora	mil m ³	20.069	21.375	20.663	19.103
Palmito ⁽¹⁾	t	15.596	14.529	13.704	12.124
Pinhão	t	4.417	4.403	4.396	4.518
Silvicultura					
Carvão vegetal	mil t	2.092	2.000	2.155	2.158
Erva-mate	t	645.965	513.526	501.702	403.281
Lenha	mil m ³	30.043	46.410	33.827	34.005
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	40.999	43.352	49.532	46.285
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	28.759	31.714	36.829	41.230
Palmito ⁽²⁾	t	26.118	41.119	37.672	37.432

⁽¹⁾ Inclui Palmito Juçara, Açai e Pupunha.

⁽²⁾ Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açai e Pupunha.

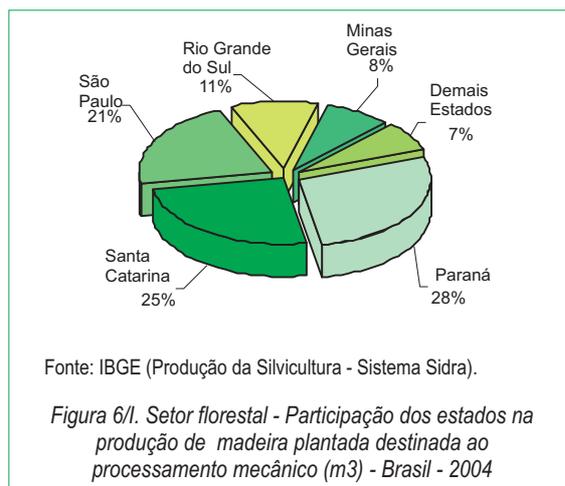
Fonte: IBGE (Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br> > Sistema SIDRA; acesso em Março 2006).

Tabela 11/I. Setor florestal - Consumo de madeiras em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais - Brasil - 2005

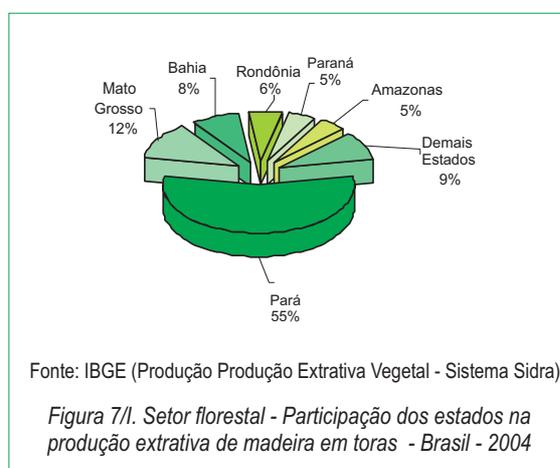
(1.000 m³)

Segmento Industrial	Pinus		Eucalipto		Total	
	Volume	%	Volume	%	Volume	%
Painéis Reconstituídos	5.275	10,3	1.795	1,8	7.070	4,7
Compensado	6.950	13,5	150	0,2	7.100	4,7
Serrados	25.647	49,9	3.118	3,1	28.765	19,1
Celulose e Papel	7.139	13,9	38.893	39,1	46.032	30,5
Carvão	0	0	31.934	32,1	31.934	21,2
Outros	6.358	12,4	23.537	23,7	29.895	19,8
Brasil	51.369	100	99.427	100	150.796	100

Fonte: Abraf (Anuário Estatístico da Abraf - 2006).



As florestas nativas responderam, em 2004, por 58% da produção nacional de lenha, 50% da produção de carvão vegetal, 38% da produção de erva-mate, 32% da produção de madeira para processamento mecânico e 24% da produção de palmito. A extração de madeira nativa tem-se estabilizado em cerca de 20 milhões de m³ por ano e o estado do Pará fornece mais da metade deste montante. Os seis estados de maior produção somam mais de 90% da madeira nativa extraída para uso na indústria (Figura 7).



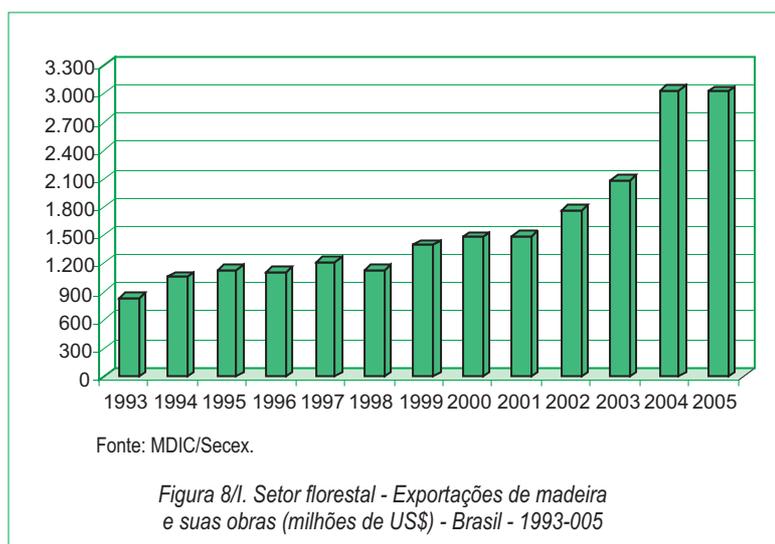
Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

As exportações de produtos de madeira sólida e de compensados em 2006 sofrerão redução de 10% a 15%.

Para a fabricação dos produtos de madeira sólida são consumidos anualmente no Brasil mais de 60 milhões de m³ de toras (70% provenientes de florestas plantadas de pinus e eucalipto). Segundo a Associação Brasileira da Indústria da Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), existem em operação no Brasil cerca de 10 mil indústrias de serrados, 250 empresas produtoras de compensados e aproximadamente duas mil indústrias de remanufatura de madeira.

Esta indústria fatura anualmente entre 8 bilhões e 9 bilhões de dólares americanos e é responsável por quase a metade da arrecadação de impostos e por mais de um terço dos empregos gerados pelo setor brasileiro de base florestal. São 2,5 milhões de empregos gerados e 2,2 bilhões de dólares arrecadados anualmente em impostos. Seu faturamento apresentou redução nos últimos dois anos, com redução de postos de trabalho, devido ao fraco desempenho das vendas no mercado interno e à valorização do câmbio que prejudicou as exportações.

As exportações brasileiras de madeira e suas obras (exceto móveis) cresceram mais de 10% aa. nos últimos dez anos. Em 2005, foram de 3,03 bilhões de dólares, valores ligeiramente inferiores aos de 2004 (Figura 8). Os estados do Paraná, Santa Catarina e Pará são os maiores exportadores, respondendo, juntos, por 74% do total exportado com madeiras em 2005. De janeiro a agosto de 2006, as exportações de madeira tiveram aumento de 2,4%, crescimento que deverá se manter até o final do ano. A valorização do real e o aumento dos custos da madeira bruta criam dificuldades para os segmentos exportadores.



Os EUA são o grande importador de produtos de madeira do Brasil, absorvendo 50% das exportações. Como já foi dito, pela forte exposição ao mercado norte-americano e pela perspectiva de diminuição no ritmo da construção civil daquele país no curto e médio prazo, a continuidade da taxa de câmbio pouco favorável para as exportações brasileiras poderá trazer sérias dificuldades ao setor madeireiro que depende das exportações. Esta vulnerabilidade é bem maior para o setor de compensados e molduras de pinus, já que 80% do volume produzido é exportado.

A indústria brasileira de compensados é composta por mais de 200 fábricas, cuja capacidade instalada é de mais de quatro milhões de m³ por ano. A produção de compensados teve um forte crescimento a partir de 1999, tendo toda a produção adicional absorvida pelo mercado externo. Em 2004 foram produzidos 3,8 milhões de m³ de chapas de compensados (Tabela 12), sendo mais de 60% proveniente de florestas plantadas de pinus.

Tabela 12/I. Setor florestal - Produção e destino dos compensados - Brasil - 1995-004

(mil m ³)			
Ano	Produção	Consumo	Exportação
1995	1.600	852	748
1996	1.670	1.012	658
1997	1.650	1.000	650
1998	1.600	980	620
1999	2.200	1.020	1.300
2000	2.470	1.000	1.400
2001	2.514	1.024	1.490
2002	2.600	791	1.809
2003	3.224	919	2.305
2004	3.800	900	2.900

Fonte: Abimci, STCP, SBS.

O consumo interno de compensados apresenta tendência de redução devido à substituição do produto pelo aglomerado, MDF, OSB e outras chapas de madeira reconstituída. As exportações sustentam a indústria brasileira de compensados, absorvendo 76% do volume produzido. Em 2005, foram exportados cerca de 3,0 milhões de m³ do produto, totalizando 786 milhões de dólares em divisas para o país. Para 2006,

prevê-se uma redução de 10% a 15% no valor das exportações brasileiras de compensados, queda provocada principalmente pela redução do preço do compensado de pinus nos EUA.

A madeira serrada é o produto da transformação primária da madeira e é o insumo básico para a produção de outros produtos da madeira de maior valor agregado. Estima-se a existência de mais de 10.000 serrarias em operação no País, a maioria de pequeno porte.

A produção de serrados em 2004 foi de 23,5 milhões de m³, ligeiramente inferior à de 2003 (Tabela 13). O mercado interno consome cerca de 85% da produção nacional de madeira serrada. A produção de madeira proveniente de florestas plantadas (principalmente de pinus) cresce sistematicamente e já contribui com quase 40% da produção total.

Há uma tendência de crescimento das empresas brasileiras que buscam reprocessar a madeira serra-

da (remanufatura) com vistas à agregação de valor. Com isso, crescem de forma sistemática a produção, o consumo e as exportações de produtos de maior valor agregado (PMVA). A produção e o consumo de Blocks e Blanks de pinus cresce ano a ano. Os EGP (*edge glued panel* – painel colado lateral), usados na indústria moveleira, são formados a partir de madeira serrada e colada lateralmente. Sua produção se destina majoritariamente ao mercado interno, que tem apresentado baixo crescimento nos últimos anos. As exportações têm capturado parcelas cada vez maiores da produção, tendo absorvido 30% dos 460 mil m³ produzidos em 2004 (tabela 14).

Tabela 13/I. Setor florestal - Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1995-004

(1.000 m ³)				
Ano	Produção	Consumo	Exportação	Importação
1995	17.180	16.592	1.295	707
1996	17.700	16.944	1.259	503
1997	18.500	17.400	1.446	346
1998	18.200	17.110	1.327	245
1999	18.900	17.700	1.741	146
2000	23.100	20.300	1.800	159
2001	23.800	21.715	2.235	150
2002	24.910	22.200	2.820	110
2003	23.664	20.700	2.814	150
2004	23.500	20.130	3.500	130

Fonte: Abimci, STCP, SBS.

Tabela 14/I. Setor florestal - Produção e destino de produtos de maior valor agregado (PMVA) – Brasil – 2000-04

Ano	Produto	Produção	Consumo	Exportação
2000	Blocks eBlanks(m ³)	390.000	320.000	76.000
2001 ¹		415.000	355.000	60.000
2002 ¹		440.000	370.000	70.000
2003		nd	nd	nd
2004		nd	nd	nd
2000	EGP(m ³)	285.000	221.000	55.000
2001 ¹		320.000	257.000	63.000
2002 ¹		340.000	270.000	70.000
2003 ¹		380.000	285.000	95.000
2004 ¹		460.000	316.000	144.000
2000	Molduras(m3)	300.000	5.000	180.000
2001 ¹		438.000	45.000	393.000
2002 ¹		490.000	56.000	434.000
2003 ¹		610.000	70.000	540.000
2004 ¹		700.000	85.000	615.000
2000 ¹	Portas(unidades)	4.850.000	3.660.000	1.190.000
2001 ¹		6.000.000	4.685.000	1.315.000
2002 ¹		6.400.000	4.700.000	1.600.000
2003 ¹		6.700.000	nd	nd
2004 ¹		6.900.000	nd	nd

¹ Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2004 da Abimci.

Fonte: Abimci, STCP.

Merece destaque o grande crescimento da produção de molduras (23,6% aa. nos últimos quatro anos), impulsionado por um correspondente aumento das exportações, que absorvem quase 90% do volume produzido. As molduras são perfis obtidos a partir do reprocessamento da madeira serrada ou de *blocks e blanks* e são utilizadas principalmente em acabamento na construção civil (rodapé, meia-lua, meia-cana, etc.). Predomina a madeira de pinus na produção de molduras e os EUA adquirem 90% do volume exportado.

A indústria de portas é formada por cerca de 2 mil empresas, a maioria pequenas e médias, localizadas nos estados do Paraná e Santa Catarina. É um dos segmentos mais representativos dos PMVA. Estimulada pela demanda de exportação, a produção de portas cresceu bastante nos últimos anos, tendo duplicado em dez anos. Em 2004, foram produzidos quase sete milhões de unidades de portas no Brasil.

Outro segmento importante da indústria de madeira é o de produção de pisos de madeira maciça, ou engenheirada (de painéis de MDF, HDF, laminados e aglomerados revestidos com lâminas de madeira ou papel melamínico). A produção e o consumo destes pisos no Brasil apresentou expressivo crescimento a partir de 2000. Em 2004, a produção brasileira foi estimada em 24 milhões de m².

Desempenho da indústria de painéis reconstituídos

A produção, o consumo e as exportações de painéis de madeira reconstituída crescem de forma expressiva e continuada.

A indústria brasileira de painéis reconstituídos de madeira apresentou um grande desenvolvimento nos últimos anos. É formada por poucas e grandes empresas, que somam uma capacidade instalada de 5,2 milhões de m³ por ano (quatro vezes mais que há dez anos). Juntas, faturam quase um bilhão de dólares por ano e geram cerca de 25.000 empregos ao longo da cadeia produtiva (Abipa, 2006). Utilizam matéria-prima de seus 480 mil hectares de florestas plantadas. Em 2005 processaram cerca de sete milhões de m³ de toras de pinus e eucalipto.

A produção de painéis de madeira reconstituída (aglomerado, MDF, OSB e chapas de fibras duras) expandiu-se a uma taxa anual de mais de 10% entre 1998 e 2005, atingindo 3,9 milhões de m³ (Tabela 15). Uma grande parte da produção é consumida no mercado interno e as exportações suplantam com folga as importações, apesar da tendência nos últimos anos de aumento do volume importado (Tabela 15). Em 2005, o setor faturou 176 milhões de dólares com exportações de painéis reconstituídos, contribuindo, nesse ano, com quase 6% do valor exportado pelo Brasil em madeira e obras dela derivadas.

Tabela 15/I. Setor florestal - Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída - Brasil - 1998-005

Ano	Produção	Importação	Exportação	Consumo
1998	1.986.437	49.420	229.343	1.806.514
1999	2.392.679	12.340	250.378	2.154.641
2000	2.702.342	25.908	213.669	2.514.581
2001	2.976.524	70.146	192.886	2.853.784
2002	3.142.986	68.410	384.254	3.211.396
2003	3.415.005	192.631	455.380	3.152.256
2004	3.984.512	265.140	428.748	3.820.904
2005	3.939.383	217.711	360.507	3.798.261

Fonte: Abipa, Abimóvel, SBS.

A indústria de aglomerados é antiga no Brasil e conta atualmente com uma capacidade instalada de 2,8 milhões de m³ por ano. A produção de madeira aglomerada apresentou um expressivo

crescimento em 2004 e 2005, estimulada pelo aumento da demanda interna da indústria moveleira. As florestas cultivadas de pinus fornecem a maior parte da matéria-prima para a fabricação de painéis de aglomerado, mas já está sendo utilizada madeira de eucalipto para este fim. As maiores empresas estão ampliando sua produção de painéis de aglomerado revestidos com melamina para poder atender ao aumento da demanda da indústria moveleira.

A produção de chapa dura de fibra estabilizou-se em pouco mais de 500 mil m³ por ano. A maior parte da produção é consumida internamente, com pouca expectativa de ampliação das exportações. A tendência da produção para o futuro próximo é de se manter estabilizada nos níveis atuais.

A produção de MDF no Brasil se iniciou em 1997 com a instalação da primeira planta industrial (atualmente são sete). A capacidade instalada atual da indústria é de 1,8 milhão de m³ por ano e os planos de expansão das empresas prevêem agregar mais 880 mil m³/ano de capacidade de produção. Em 2005, foi produzido 1,53 milhão de m³ de MDF no País, a maior parte para consumo interno.

Desempenho da indústria de móveis de madeira

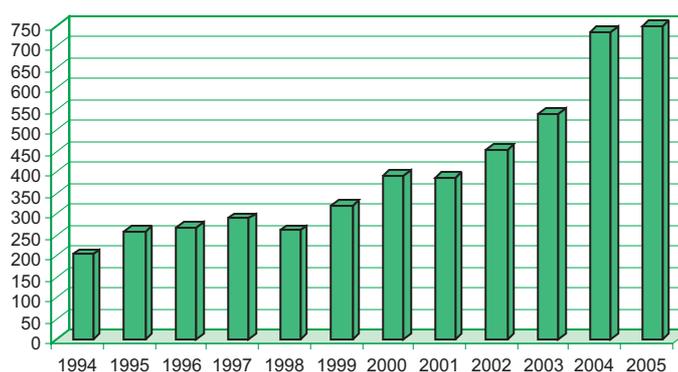
As dificuldades com as exportações de móveis deverão se acentuar neste ano e no próximo.

Predominância de micro e pequenas empresas e elevada capacidade de absorção de mão-de-obra são características marcantes da indústria de móveis de madeira no Brasil. Esta indústria gera mais de 200 mil empregos diretos em 16 mil estabelecimentos produtores de móveis, a maior parte localizada no Sul e no Sudeste do País.

O setor apresenta grande dinamismo econômico e trabalha com alto grau de flexibilidade operacional. Com o aumento no fluxo das exportações dos últimos anos, a indústria desenvolveu bastante sua capacidade de produção e melhorou a tecnologia de produto e processos, elevando a qualidade e a aceitação de seus produtos.

Segundo estimativas da Associação Brasileira das Indústrias de Móveis (Abimóvel), o setor teve uma redução de faturamento em 2005 da ordem de 4% em relação a 2004, totalizando 12 bilhões de reais. As exportações brasileiras de móveis de madeira atingiram 762,6 milhões de dólares em 2005, correspondendo a aproximadamente 18% da produção total do setor. As exportações se concentram na Região Sul, responsável por 92,5% do valor exportado em 2005. Santa Catarina, com 54,5% do total, é o estado mais importante.

Nos últimos dez anos, as exportações brasileiras de móveis de madeira apresentaram um vigoroso crescimento anual de 11,4% (Figura 9). Em 2005, estas exportações cresceram apenas 3,6% em relação a 2004. De janeiro a agosto de 2006, o valor das exportações foi 12% menor que o do mesmo período de 2005. A estimativa para o ano é de se manterem estes níveis de redução. A exemplo dos demais produtos de madeira sólida, a expectativa para 2007 é de aumentarem as dificuldades nas exportações brasileiras de móveis, pois, além do câmbio desfavorável ao setor exportador, a perspectiva de um fraco desempenho da construção civil americana provocará pressões de redução de pedidos por parte dos importadores americanos. Ressalta-se que os EUA são responsáveis por uma grande parcela dos embarques de móveis brasileiros.



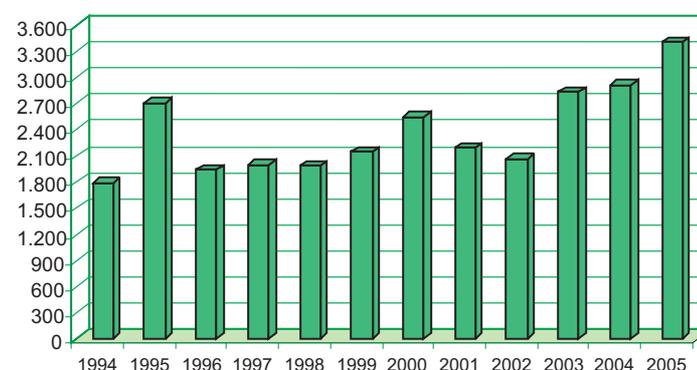
Fonte: MDIC/Secex.

Figura 9/I. Setor florestal - Exportações de móveis de madeira e suas partes (milhões de US\$) - Brasil - 1994-005

Desempenho da indústria de celulose e papel

O Brasil deve se consolidar como um dos grandes atores do mercado internacional de celulose.

A indústria brasileira de papel e celulose é composta por 220 empresas. Emprega diretamente 108 mil pessoas, fatura mais de 27 bilhões de reais por ano e gera anualmente 2,1 bilhões de reais em impostos (Bracelpa, 2006). Trata-se de um setor bastante desenvolvido, de capital intensivo e globalizado. Em 2005, o Brasil exportou 3,4 bilhões de dólares em celulose e papel (aumento de 17% em relação a 2004), um recorde na história do comércio exterior do setor (Figura 10).



Fonte: MDIC/Secex. .

Figura 10/I. Setor florestal - Exportações de papel e celulose (milhões de US\$) - Brasil - 1994-005

O Brasil é o sétimo produtor mundial de celulose (o primeiro em celulose de fibra curta de mercado³) e o décimo primeiro na produção de papel. Toda a produção de papel e celulose provém de florestas plantadas de pinus e eucalipto, a maior parte de propriedade das próprias empresas (mais de 1,7 milhão de hectares). O eucalipto é matéria-prima para 70% da produção total do setor e o pinus, para os 30% restantes.

³ O termo celulose de mercado se refere à celulose produzida para ser vendida, antes de ser transformada em papel pela própria empresa produtora.

Em 2005, foram produzidos no Brasil 10,1 milhões de toneladas de celulose de mercado, um crescimento de 5,3% em relação a 2004 (Tabela 16). Do total produzido, mais de 80% é de celulose de fibra curta, que utiliza o eucalipto como matéria-prima, praticamente o único tipo exportado pelo Brasil. O País é o maior produtor e exportador mundial deste tipo de celulose. A Bracelpa projeta fechar o ano de 2006 com uma produção de 11 milhões de toneladas de celulose no Brasil, um crescimento de quase 9%.

Tabela 16/l. Setor florestal - Produção de papel e celulose – Brasil - 2003-05

		(1.000 t)			
Produto	Discriminação	2003	2004	2005 ⁽¹⁾	Variação 2005-04 (%)
Papel	Produção	7916	8.452	8.598	1,7
	Importação	578	734	770	4,9
	Exportação	1.778	1853	2.039	10,0
	Consumo aparente	6.716	7.333	7.329	-0,1
	Consumo per capita (kg/hab)	37,7	40,00	39,50	-1,3
Celulose	Produção	9.069	9.620	10.126	5,3
	Importação	339	323	365	13,0
	Exportação	4.570	4.889	5.547	13,5
	Consumo aparente	4.838	5054	4.944	-2,2

⁽¹⁾ Dados Preliminares, Bracelpa.

Fonte: Bracelpa (Informes anuais, 2004 e 2005).

Mais da metade da produção nacional de celulose destinada ao mercado é exportada. Os preços internacionais do produto, que haviam declinado ao longo de 2005, iniciaram um processo de recuperação no último trimestre. Em 2006 tiveram um comportamento altista ao longo de todo o primeiro semestre. Na Europa, o preço da celulose de fibra longa (de pinus) teve um crescimento bastante expressivo ao longo do ano, alcançando quase US\$ 700.00/t em julho, com crescimento de 16,4% em relação ao início do ano (Foex: www.foex.fi). A perspectiva é de sofrer novos reajustes no segundo semestre do ano, já que o fechamento de algumas fábricas no Hemisfério Norte e o aumento do consumo na Ásia vêm reduzindo os níveis de estoques mundiais do produto.

A celulose de fibra curta (de eucalipto), da qual o Brasil é o maior produtor e responde por 30% das exportações mundiais, tem apresentado nos últimos dois anos aumentos sistemáticos de preços no mercado internacional, porém com ritmo menor que o da celulose de fibra longa. Em 2006, o preço na Europa subiu mais de 10% de janeiro a julho, atingindo US\$ 650,00/t. A expectativa dos produtores é de que no segundo semestre de 2006 os preços internacionais da commodity se mantenham patamares elevados. Para 2007, espera-se que os preços se mantenham em níveis próximos ou superiores aos atuais.

A produção brasileira de papel em 2005 foi de 8,6 milhões de toneladas, um incremento de pouco mais de 1% em relação à de 2004. Do total produzido, cerca da metade é destinada a embalagens e quase um terço é papel de imprimir e escrever. A produção de papéis reciclados em 2005 foi de 3,4 milhões de toneladas, uma taxa de recuperação de 46%. As exportações de papel em 2005 foram de 2,0 milhões de toneladas, a maioria de papéis do tipo Kraft. O Brasil é bastante dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico. Estimativas da Bracelpa indicam que o consumo aparente de papel em 2005 se manteve nos mesmos níveis de 2004, com uma ligeira redução no consumo per capita para níveis de 39,5 kg/ano.

O setor brasileiro de papel e celulose atravessa um longo ciclo de expansão e reestruturação empresarial e produtiva. Ampliou e modernizou o parque fabril e implantou novas plantas industriais, o que resultou em aumento de porte e escala de produção das empresas, ganhos de eficiência com

melhoria de foco e maior especialização produtiva. Nos últimos dez anos, a ampliação da capacidade produtiva, em especial de celulose, consumiu 12 bilhões de dólares e levou o Brasil à condição de maior produtor mundial de celulose de fibra curta. Isto permitiu ao setor ganhar competitividade internacional e consolidar o Brasil como um importante ator neste mercado.

O setor programou investimentos totais, até 2012, de mais de 10 bilhões de dólares, com acréscimo de um milhão de hectares na área florestada e ampliação da produção de celulose para 14,5 milhões de toneladas por ano e para 13,0 milhões de toneladas na de papel. Estes acréscimos de capacidade produtiva permitirão dobrar o valor das exportações brasileiras destas *commodities*.

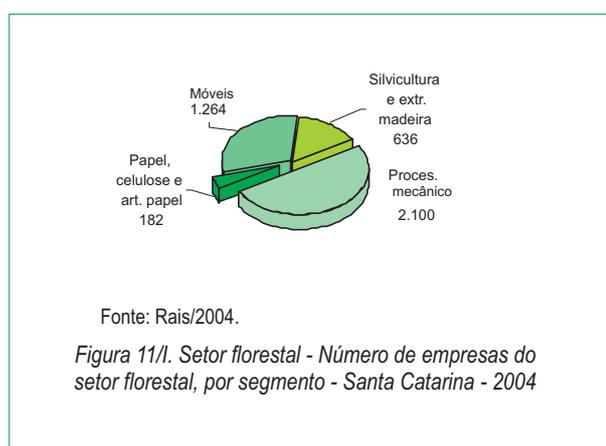
Países do Hemisfério Sul, particularmente o Brasil, ganham cada vez mais espaço nas etapas iniciais da cadeia produtiva do papel, por apresentarem diversas vantagens comparativas e competitivas na produção florestal e de pastas celulósicas. A disponibilidade de terras e de mão-de-obra com menores preços, de solo e clima favoráveis, de tecnologias florestais avançadas, de capacidade técnica, de indústrias de bens de capital e de cluster de base florestal estabelecidos dão ao País a condição de se tornar, no médio prazo, um dos mais importantes atores do mercado mundial de celulose.

A perspectiva de fechamento de novas fábricas no Norte e o movimento das grandes corporações mundiais em direção à realização de vultosos investimentos expansionistas no Sul estão desenhando um cenário de reestruturação territorial na indústria de celulose, no sentido de um deslocamento Norte-Sul. A concentração dos investimentos na produção adicional de celulose no Brasil e os recentes movimentos de troca de ativos entre grandes grupos do setor que aqui atuam parecem indicar que o País se prepara para se focar na produção e exportação de celulose, assumindo o papel de um grande ator no mercado internacional da commodity.

Produção e mercado de produtos florestais em Santa Catarina

Setor exportador tem fraco desempenho e crise se instala em alguns segmentos

Embora seja um dos estados com menor território, Santa Catarina tem posição destacada no setor florestal brasileiro. Com 11% da área de florestas plantadas do País, é o terceiro maior exportador de produtos florestais (55% dos móveis de madeira, 19% da madeira e derivados e 13% do papel em 2005). O setor de base florestal do estado (silvicultura, indústria de processamento mecânico da madeira, indústria de móveis de madeira e indústria de celulose e papéis) é composto por mais de quatro mil empresas e gera cerca de 100 mil empregos diretos (Figuras 11 e 12). A indústria de produtos sólidos da madeira engloba cerca da metade das empresas e dos empregos de todo o setor florestal catarinense.



Os principais pólos da indústria florestal catarinense situam-se nas regiões de São Bento do Sul (móveis), Canoinhas (processamento mecânico), Caçador (processamento mecânico e móveis), Chapecó (móveis), Curitiba (processamento mecânico) e Lages (processamento mecânico e papel e celulose).

A indústria de base florestal catarinense processa cerca de 17 milhões de m³ de madeira por ano, provenientes dos 588 mil hectares de florestas cultivadas existentes no estado. A silvicultura é responsável pela geração de 9% do valor bruto da produção do setor agropecuário do estado e a indústria de base florestal responde por mais de 15% do valor da transformação industrial catarinense. Estima-se ser de aproximadamente 7% a participação de setor florestal no PIB catarinense.

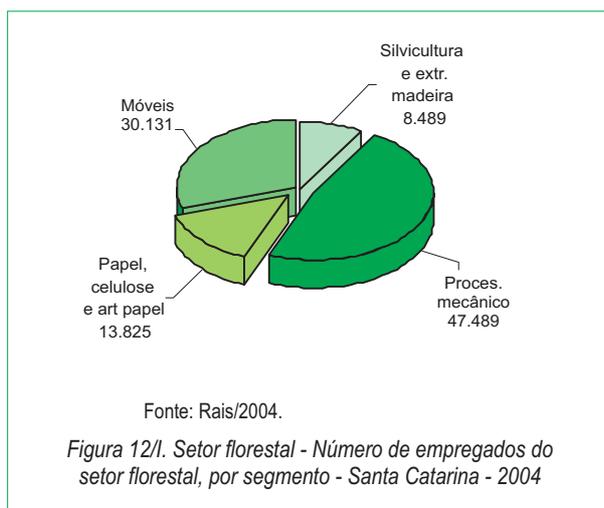


Figura 12/1. Setor florestal - Número de empregados do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2004

A indústria de papel e papelão instalada no estado tem mais de dois terços de sua produção destinada ao mercado interno, especialmente para produção de embalagens. A indústria de móveis e de processamento mecânico, por outro lado, é bastante voltada à exportação, destinando cerca de 75% da produção ao mercado externo. Em 2005, o valor das exportações de produtos florestais de Santa Catarina foi de 1,16 bilhão de dólares, ligeiramente superior ao de 2004.

A valorização do câmbio ao longo de 2005 prejudicou o desempenho exportador da indústria florestal catarinense. As exportações de móveis, de molduras, de portas e de painéis de madeira foram as mais afetadas. Em 2005, com o real ainda mais valorizado frente ao dólar, as dificuldades do setor exportador ficaram ainda maiores, produzindo uma crise na indústria moveleira, que contabilizou no primeiro semestre de 2006, comparado ao mesmo período do ano anterior, uma redução de mais de 20% em suas exportações.

Como grande parcela das exportações de madeira sólida e de móveis de madeira se destina ao mercado americano, estes setores são bastante dependentes do comportamento da indústria da construção civil naquele país. A perspectiva de uma redução contínua no ritmo de crescimento da construção civil americana nos próximos 20 meses está deixando em alerta os segmentos exportadores para os EUA, uma vez que serão duplamente prejudicados: pela taxa de câmbio desfavorável às exportações e pela redução das encomendas daquele mercado.

Produção catarinense de produtos florestais

Os preços das principais matérias-primas para a indústria de base florestal sofreram novos reajustes ao longo de 2005 e 2006

Levantamentos da Abraf contabilizam 588 mil hectares de florestas plantadas para fins comerciais em Santa Catarina, com 90% da área formada por plantios de pinus. As grandes e médias empresas de base florestal detêm cerca de 75% das áreas florestadas do estado. Otacilio Costa, Lages, Santa Cecília, Mafra e Caçador são os municípios que possuem mais áreas com florestas plantadas.

A partir de 2000, foram intensificados os plantios empresariais e muitos produtores rurais e profissionais liberais despertaram para as atividades silvícolas. As linhas de crédito do Propflora e do Pronaf Florestal, operadas pelo BRDE e pelo Banco do Brasil, e os programas de fomento florestal das grandes empresas de base florestal estão contribuindo bastante para a ampliação da área florestal

para fins comerciais em Santa Catarina. Estimativas da Abraf indicam o plantio de 40 mil hectares de pínus e eucalipto em Santa Catarina em 2005 (entre reforma e novas áreas).

Os reflorestamentos de pínus são responsáveis por 90% da oferta de madeira para a indústria florestal. Segundo o IBGE, a produção catarinense de madeira em toros para transformação industrial em 2004 foi de 16,6 milhões de m³, 5,8% a mais que em 2003. A produção de toras destinadas ao processamento mecânico aumentou 7,4%, alcançando 10,3 milhões de m³ (Tabela 17). Em 2005, estima-se que o crescimento na produção tenha sido muito pequeno.

Tabela 17/I. Setor florestal - Produção dos principais produtos florestais - Santa Catarina - 2001-05

Produto	Unidade de medida	2001	2002	2003	2004	2005 ⁽¹⁾
Extração vegetal						
Carvão vegetal	t	12.197	9.050	8.665	8.940	8.500
Erva-mate	t	33.506	71.642	68.393	66.078	70.000
Lenha	mil m ³	2.100	2.023	2.209	2.344	2.200
Madeira em tora	mil m ³	99	93	167	187	200
Araucária (toras)	mil m ³	18	8	11	8	4
Palmito	t	242	247	193	132	100
Pinhão	t	2.139	2.285	2.276	2.275	2.250
Silvicultura						
Carvão vegetal	t	7.591	7.146	7.113	6.987	7.100
Erva-mate	t	48.834	45.600	52.474	37.577	35.000
Lenha	mil m ³	4.018	4.330	4.440	4.387	4.500
Madeira p/papel e celulose	mil m ³	5.959	6.203	6.110	6.306	6.770
Madeira p/outras finalidades	mil m ³	8.551	9.110	9.610	10.319	10.450
Palmito ⁽²⁾	t	1.271	1.012	1.569	2.125	2.450

⁽¹⁾ Estimativa Epagri/Cepa/SC.

⁽²⁾ Inclui Juçara e Palmeira Real.

Fonte: IBGE (Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>>Sistema Sida; acesso em junho 2006).

Segundo a Fiesc, do consumo total de madeira pelo parque industrial catarinense, 43% se destina à indústria de papel e celulose, 28% às serrarias, 8% à indústria de chapas e compensados, 8% à indústria do mobiliário e o restante, à energia industrial. Nos últimos anos, têm-se observado em Santa Catarina dificuldades de suprimento de toras para a indústria de processamento mecânico, com reflexos nos preços. Algumas empresas têm buscado complementar seus suprimentos pela importação de madeira dos outros estados do Sul, de São Paulo e da Argentina, principalmente madeira grossa utilizada na fabricação de compensados e móveis.

A intensidade da escassez de madeira para abastecer a indústria e seu reflexo sobre os preços e a atividade industrial vai depender do comportamento de variáveis como a taxa de câmbio, a evolução do mercado interno e externo e a capacidade competitiva das empresas e da indústria.

A produção de produtos florestais não destinados à indústria da madeira tem crescido muito pouco nos últimos anos, às vezes diminuído. Os quantitativos da extração vegetal diminuiu nos últimos anos em praticamente todos os produtos (Tabela 17). A lenha e o carvão vegetal de origem cultivada estão substituindo aos poucos a produção extrativa.

Preços dos insumos e dos produtos florestais

Aumentos de preço das toras de pinus e de eucalipto persistem mesmo com a redução da atividade de alguns segmentos voltados à exportação.

Os preços dos insumos florestais mantiveram-se relativamente estáveis, em termos reais, nos últimos anos. Apenas os preços das mudas de eucalipto e de pinus tiveram um ligeiro crescimento real nos últimos cinco anos. (Tabela 18).

Tabela 18/I. Setor Florestal - Preço médio de insumos e fatores de produção - Santa Catarina - 2001-06

Produto	Unidade de medida	2001	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Mudas de eucalipto (R\$)	milheiro	89,17	95,00	114,17	131,82	152,73	175,00
Mudas de eucalipto (US\$)	milheiro	38,42	33,45	37,25	45,07	63,82	80,64
Mudas de eucalipto (R\$ de maio/06)	milheiro	146,81	138,51	135,01	141,69	154,11	174,76
Mudas de pinus (R\$)	milheiro	89,17	104,17	126,67	138,18	156,36	175,00
Mudas de pinus (US\$)	milheiro	38,42	36,49	41,37	47,20	65,23	80,64
Mudas de pinus (R\$ de maio/06)	milheiro	146,81	151,65	149,81	148,68	157,78	174,76
Mudas de erva-mate (R\$)	milheiro	165,00	172,50	216,67	270,91	286,36	265,00
Mudas de erva-mate (US\$)	milheiro	71,56	60,50	70,98	92,48	119,14	122,13
Mudas de erva-mate (R\$ de maio/06)	milheiro	272,51	251,20	256,15	291,22	289,00	264,62
Formicida granulado mirex-s (R\$)	500 g	3,83	4,06	4,08	4,19	4,11	4,10
Formicida granulado mirex-s (US\$)	500 g	1,66	1,44	1,33	1,43	1,71	1,89
Formicida granulado mirex-s (R\$ de maio/06)	500 g	6,31	5,93	4,83	4,51	4,15	4,09
Mudas de Palmeira Real (R\$)	milheiro	135,00	173,33	181,67	170,00	180,91	190,00
Mudas de Palmeira Real (US\$)	milheiro	49,14	60,69	59,03	58,07	75,32	87,54
Mudas de Palmeira Real (R\$ de maio/06)	milheiro	187,25	252,14	215,04	183,02	182,56	189,75
Mudas de Palmito (R\$)	milheiro	125,00	179,17	196,67	184,55	190,00	190,00
Mudas de Palmito (US\$)	milheiro	45,92	62,52	64,00	63,03	79,09	87,54
Mudas de Palmito (R\$ de maio/06)	milheiro	173,74	260,30	232,72	198,74	191,74	189,75
Terra de campo/reflorest. (R\$)	hectare	813,79	1.025,31	1.392,64	2.075,97	2.476,27	nd
Terra de campo/reflorest. (US\$)	hectare	352,26	361,17	456,21	708,92	959,89	Nd
Terra de campo/reflorest. (R\$ de maio/06)	hectare	1.342,03	1.495,34	1.646,54	2.234,50	2.504,05	nd
Terra de segunda (R\$)	hectare	1.644,59	2.055,65	2.925,85	4.545,02	5.105,50	nd
Terra de segunda (US\$)	hectare	706,73	724,64	960,33	1.555,25	1.979,00	nd
Terra de segunda (R\$ de maio/06)	hectare	2.706,58	2.999,23	3.457,10	4.881,65	5.161,77	nd
Terra de primeira (R\$)	hectare	2.872,26	3.693,66	5.330,40	8.473,73	9.340,65	nd
Terra de primeira (US\$)	hectare	1.237,54	1.302,57	1.748,84	2.897,65	3.619,23	nd
Terra de primeira (R\$ de maio/06)	hectare	4.730,59	5.390,97	6.299,27	9.102,23	9.446,16	nd

⁽¹⁾ Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

As terras menos nobres utilizadas para reflorestamento, principal componente dos custos da atividade, sofreram aumentos de preço bastante expressivos nos últimos anos. Para todos os tipos, qualidade e localização das terras, os preços quase duplicaram, em termos reais, nos últimos quatro anos. Os campos degradados e as áreas dobradas, geralmente procuradas para plantios florestais, tiveram um aumento real de preço de 17% aa. neste período. Com as dificuldades para exportar, os preços das terras para plantios florestais deverão se estabilizar, com perspectivas de ocorrer um ligeiro decréscimo.

Os preços dos produtos primários e das matérias-primas florestais em Santa Catarina aumentaram ao longo de 2005 e do primeiro semestre de 2006 (Tabela 19). A erva-mate, que teve seu valor reduzido em 2003 e 2004, apresentou um forte movimento de recuperação de preços ao longo de 2005 e 2006.

Os preços das escoras de madeira e da madeira roliça de eucalipto usada para estruturas na construção civil apresentaram uma ligeira melhoria em 2005 em relação a 2004, mas voltaram a declinar no primeiro semestre de 2006.

O carvão vegetal e a lenha de eucalipto mostraram um movimento continuado de acréscimo real de preço ao longo de 2005 e da primeira metade de 2006, tendência que deverá se manter no segundo semestre.

As toras de madeira para processamento industrial apresentaram aumentos bastante expressivos de preço em 2005 e no início de 2006, apesar da redução nos níveis de exportação de segmentos importantes do setor, como o moveleiro (Tabela 19). De 1998 a 2006, o preço médio das toras de pinus e de eucalipto tiveram um crescimento bem superior à média dos preços da economia brasileira (Figuras 13 e 14). O maior crescimento foi apresentado pelo pinus para serraria, cujos preços subiram mais de 400% no período, mais de três vezes o índice geral de preços da FGV (IGP-M). No segundo semestre de 2005, os preços das toras para serraria de pinus e eucalipto tiveram uma ligeira queda, mas no início de 2006 recuperaram-se e atingiram patamares recordes.

Tabela 19/I. Setor florestal - Preço médio dos principais produtos - Santa Catarina - 2001-06

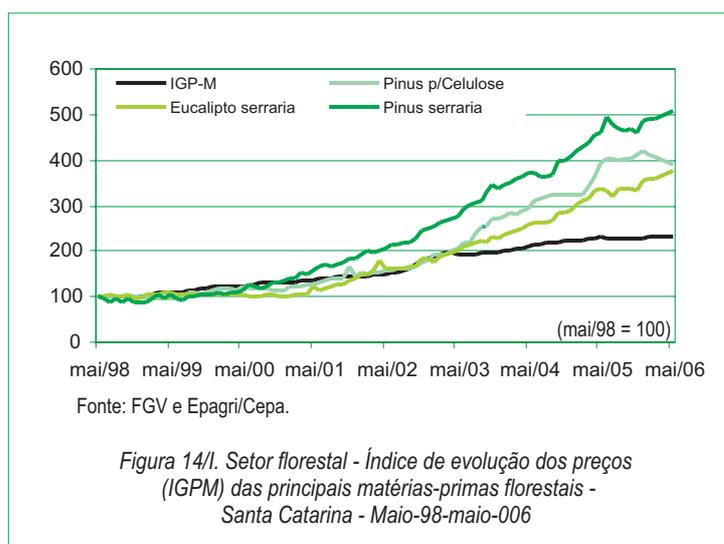
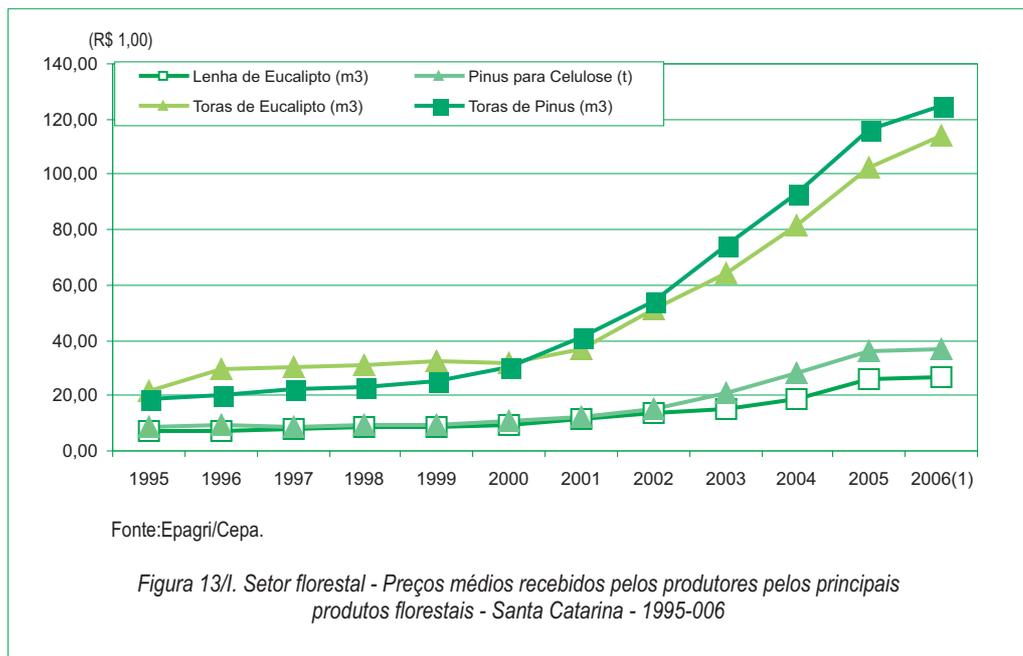
Produto	Unidade de medida	2001	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾
Carvão vegetal (R\$)	m ³	23,75	25,11	28,57	36,50	42,59	47,50
Carvão vegetal (R\$ de maio/06)	m ³	39,18	36,65	33,77	39,43	42,97	47,43
Carvão vegetal (US\$)	m ³	10,27	8,86	9,35	12,50	17,76	21,89
Erva-mate nativa (\$)	arroba	3,06	3,45	3,57	3,38	3,87	4,98
Erva-mate nativa (R\$ de maio/06)	arroba	5,05	5,02	4,22	3,66	3,90	4,97
Erva-mate nativa (US\$)	arroba	1,33	1,21	1,16	1,16	1,62	1,53
Erva-mate cultivada (\$)	arroba	2,26	2,43	2,47	2,19	2,47	2,87
Erva-mate cultivada (R\$ de maio/06)	arroba	3,73	3,55	2,93	2,35	2,49	2,86
Erva-mate cultivada (US\$)	arroba	0,98	0,86	0,80	0,75	1,03	1,32
Lenha de eucalipto (\$)	m ³	11,24	13,42	15,45	18,98	25,83	27,02
Lenha de eucalipto (R\$ de maio/06)	m ³	18,52	19,55	18,26	20,50	26,06	26,98
Lenha de eucalipto (US\$)	m ³	4,84	4,72	5,05	6,51	10,77	12,45
Lenha de mata nativa (\$)	m ³	8,15	9,44	11,88	14,20	17,80	19,88
Lenha de mata nativa (R\$ de maio/06)	m ³	13,43	13,73	14,04	15,36	17,96	19,85
Lenha de mata nativa (US\$)	m ³	3,51	3,31	3,88	4,87	7,42	9,16
Pinus para celulose (R\$)	t	12,49	14,95	20,95	28,24	35,89	36,75
Pinus para celulose (R\$ de maio/06)	t	20,56	21,76	24,75	30,51	36,20	36,70
Pinus para celulose (US\$)	t	5,37	5,24	6,87	9,67	15,00	16,94
Madeira roliça p/ construção (R\$)	m	1,13	1,12	1,23	1,42	1,65	1,60
Madeira roliça p/ const (R\$ de maio/06)	m	1,86	1,63	1,45	1,54	1,66	1,59
Madeira roliça p/ const (US\$)	m	0,49	0,40	0,40	0,49	0,69	0,74
Escora de madeira (R\$)	unid.	2,80	2,46	2,44	2,46	2,68	2,62
Escora de madeira (R\$ de maio/06)	unid.	4,62	3,60	2,89	2,66	2,70	2,61
Escora de madeira (US\$)	unid.	1,21	0,87	0,80	0,84	1,12	1,21
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m ³	36,69	51,36	64,58	81,33	102,62	114,15
Madeira em toras de eucalipto (R\$ de maio/06)	m ³	60,37	74,77	76,33	87,84	103,55	113,99
Madeira em toras de eucalipto (US\$)	m ³	15,76	18,04	21,15	27,87	42,78	52,60
Madeira em toras de pinus (R\$)	m ³	40,90	54,09	74,32	93,29	116,33	125,10
Madeira em toras de pinus (R\$ de maio/06)	m ³	67,29	78,56	87,83	100,83	117,38	124,92
Madeira em toras de pinus (US\$)	m ³	17,56	18,88	24,36	31,97	48,49	57,64

⁽¹⁾ Média de janeiro a maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

O movimento continuado de subida de preço da madeira utilizada pela indústria de base florestal nos últimos anos reflete a pouca elasticidade, no curto e médio prazo, da oferta da matéria-prima. O desequilíbrio entre a produção e a demanda de madeira em toros em Santa Catarina deverá se manter nos próximos anos e, em conseqüência, os preços tenderão a se manter em patamares altos. Eventuais reduções no volume exportado de alguns segmentos de base florestal, como já ocorre com a indústria de móveis, pouco deverão afetar os preços das toras no curto prazo, já que os estoques são baixos. Pela forte dependência que têm os segmentos de processamento mecânico da madeira em relação ao mercado americano, a provável redução das encomendas americanas poderá provocar crises mais acentuadas no setor que a registra-

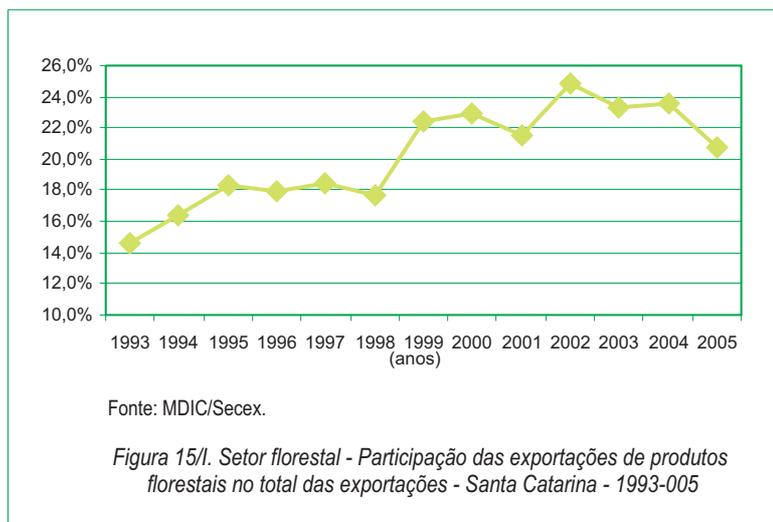
da pela valorização do câmbio. Se isto se confirmar, os preços das matérias-primas poderão sofrer uma redução significativa.



Exportações catarinenses de produtos florestais

A taxa de câmbio desfavorável interrompeu a trajetória de crescimento das exportações catarinenses de móveis.

As exportações da indústria catarinense de base florestal em 2005 apresentaram um crescimento de apenas 1,3% em relação a 2004, bem aquém dos 15% de crescimento das exportações totais do estado no período. Em 2004, foi exportado pelo setor 1,16 bilhão de dólares, uma participação de 21% no total exportado pelo estado (24% em 2004) (Figura 15).



O melhor desempenho em 2005 foi apresentado nas exportações de papéis, com crescimento de 7,4%. As exportações de madeiras e suas obras (capítulo 44 do código NBM – Nomenclatura Brasileira de Mercadorias) sofreram uma pequena redução em 2005. As exportações de portas e janelas e de madeira perfilada apresentaram um crescimento bastante significativo em 2005, enquanto a madeira serrada e as molduras tiveram uma forte redução em suas exportações (Tabela 20).

Tabela 20/I. Setor florestal - Preço médio dos principais produtos - Santa Catarina -2001-06

(US\$ 1.000,00 - FOB)

Ítem	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Erva-mate e derivados	2.559	2.638	2.913	1.935	1.304	1.048	1.100
Madeira e obras de madeira	293.333	298.908	321.959	386.719	401.069	569.538	566.358
Madeira serrada	90.799	85.364	100.468	95.092	88.395	100.502	87.470
Madeira laminada	2.314	2.383	1.765	1.185	2.130	1.330	2.190
Madeira perfilada	35.841	31.197	2.627	13.960	20.908	26.909	33.938
Painéis de madeira reconstituída. (MDF e aglomer.)	2.903	5.789	10.109	11.946	12.970	14.685	14.074
Painéis de madeira compensada	51.566	52.486	51.884	62.463	77.540	124.193	129.918
Molduras de madeira	4.199	3.936	6.330	15.573	16.362	41.309	18.642
Caixas, engradados e paletes	3.516	4.522	2.089	900	516	613	726
Ferramentas, armações e cabos	12.878	12.104	13.403	18.012	19.070	22.348	28.978
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	86.190	86.647	86.776	106.064	110.957	176.999	199.671
Outras madeiras e obras de madeira	3.127	13.504	46.508	61.525	52.222	60.650	50.749
Papel e celulose	93.757	104.221	110.827	121.338	137.999	164.157	176.386
Pasta de celulose e papel sanitário	8.700	9.429	12.284	18.034	21.684	27.091	29.772
Embalagens e pasta "quate"	2.713	4.648	5.939	9.033	16.670	21.218	25.437
Papel e cartão kraft, kraftliner	78.785	87.119	90.115	91.432	95.323	111.464	116.627
Outros papéis	3.559	3.025	2.490	2.840	4.093	4.295	4.549
Móveis de madeira	184.238	214.290	216.655	274.170	319.903	409.510	415.314
Móveis de madeira p/ escritório	2.609	4.008	2.577	6.638	10.433	16.389	20.115
Móveis de madeira p/ cozinha	6.176	7.524	5.454	10.169	14.916	16.352	15.241
Móveis de madeira p/ quartos	72.240	82.546	88.307	102.894	127.835	171.849	171.965
Outros móveis de madeira	91.609	108.857	99.832	130.684	142.129	171.796	170.711
Componentes p/ móveis de madeira	11.604	11.355	20.486	23.786	24.578	32.375	36.824
Total produtos florestais	573.887	620.057	652.354	784.186	860.275	1.144.253	1.159.158
Total exportações - Santa Catarina	2.567.364	2.711.703	3.028.399	3.157.065	3.695.786	4.853.506	5.584.125

Fonte: MDIC/Secex.

O câmbio em 2005 foi considerado pelo setor como desfavorável às exportações catarinenses de produtos florestais. Em 2006, o real ficou ainda mais valorizado. Os reflexos fizeram-se sentir nas exportações de móveis, que, em relação a igual período de 2005, sofreram uma queda de mais de 20% no primeiro semestre do ano. Esta queda foi compensada pelo aumento do valor exportado com produtos da madeira e com papéis, devendo o setor fechar o ano com crescimento entre 3% e 5% no valor exportado.

As dificuldades com as exportações poderão se agravar se se confirmar a esperada queda no ritmo de crescimento da construção civil americana no segundo semestre de 2006 e ao longo de 2007. É bom lembrar que mais da metade dos 566 milhões de dólares que Santa Catarina exportou em madeiras em 2005 teve como destino os EUA, em grande parte para uso na construção civil. A indústria da madeira de Santa Catarina está muito dependente da construção civil americana.

Luiz Toresan

Tabela 1/III - Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000

Município	Área territorial (km ²)
Abdon Batista	197,6
Abelardo Luz	1.035,9
Agrolândia	191,9
Agronômica	116,5
Água Doce	1.318,9
Águas de Chapecó	138,9
Águas Frias	76,8
Águas Mornas	327,4
Alfredo Wagner	732,3
Alto Bela Vista	104,0
Anchieta	229,5
Angelina	523,6
Anita Garibaldi	605,1
Anitápolis	575,5
Antônio Carlos	242,4
Apiúna	488,3
Arabutã	130,9
Araquari	401,8
Araranguá	298,0
Armazém	138,4
Arroio Trinta	112,1
Arvoredo	91,1
Ascurra	118,9
Atalanta	97,9
Aurora	226,1
Balneário Arroio do Silva	93,6
Balneário Camboriú	46,4
Balneário Barra do Sul	110,4
Balneário Gaivota	150,8
Bandeirante	147,0
Barra Bonita	62,3
Barra Velha	142,2
Bela Vista do Toldo	526,8
Belmonte	92,8
Benedito Novo	385,5
Biguaçu	302,4
Blumenau	509,4
Bocaina do Sul	495,6
Bombinhas	37,4
Bom Jardim da Serra	934,0
Bom Jesus	68,4
Bom Jesus do Oeste	67,1
Bom Retiro	1.063,9
Botuverá	317,2
Braço do Norte	193,9

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km ²)
Braço do Trombudo	89,8
Brunópolis	336,1
Brusque	280,2
Caçador	998,6
Caibi	177,9
Calmon	633,7
Camboriú	211,6
Capão Alto	1.349,5
Campo Alegre	501,1
Campo Belo do Sul	1.021,8
Campo Erê	457,5
Campos Novos	1.632,0
Canelinha	151,1
Canoinhas	1.141,5
Capinzal	224,5
Capivari de Baixo	46,9
Catanduvas	196,5
Caxambu do Sul	143,3
Celso Ramos	189,6
Cerro Negro	417,4
Chapadão do Lageado	113,7
Chapecó	624,3
Cocal do Sul	78,4
Concórdia	806,3
Cordilheira Alta	84,5
Coronel Freitas	234,4
Coronel Martins	99,7
Corupá	407,2
Correia Pinto	622,7
Criciúma	209,8
Cunha Porã	217,4
Cunhataí	55,2
Curitibanos	952,0
Descanso	285,6
Dionísio Cerqueira	376,4
Dona Emma	146,4
Doutor Pedrinho	374,4
Entre Rios	105,2
Ermo	64,8
Erval Velho	231,4
Faxinal dos Guedes	279,8
Flor do Sertão	65,1
Florianópolis	435,8
Formosa do Sul	95,3
Forquilha	183,7
Fraiburgo	434,8

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km ²)
Frei Rogério	156,9
Galvão	131,0
Garopaba	108,1
Garuva	498,7
Gaspar	369,2
Governador Celso Ramos	104,9
Grão Pará	328,6
Gravatal	194,0
Guabiruba	172,9
Guaraciaba	348,0
Guaramirim	242,7
Guarujá do Sul	99,3
Guatambú	205,9
Herval d'Oeste	212,6
Ibiam	147,0
Ibicaré	166,1
Ibirama	268,1
Içara	315,2
Ilhota	244,8
Imaruí	540,8
Imbituba	185,4
Imbuia	123,9
Indaial	429,2
Iomerê	111,6
Ipira	150,0
Iporã do Oeste	184,0
Ipuaçu	258,6
Ipumirim	239,5
Iraceminha	158,6
Irani	318,3
Irali	78,8
Irineópolis	580,2
Itá	165,8
Itaiópolis	1.240,4
Itajaí	303,1
Itapema	58,6
Itapiranga	285,6
Itapoá	255,6
Ituporanga	335,1
Jaborá	187,7
Jacinto Machado	416,6
Jaguaruna	327,6
Jaraguá do Sul	539,0
Jardinópolis	67,1
Joaçaba	240,2
Joinville	1.079,7
José Boiteux	358,0
Jupiá	91,3
Lacerdópolis	69,0
Lages	2.647,4
Laguna	444,5

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km ²)
Lajeado Grande	66,8
Laurentino	67,8
Lauro Muller	266,7
Lebon Régis	989,0
Leoberto Leal	297,8
Lindóia do Sul	190,0
Lontras	197,2
Luiz Alves	260,3
Luzerna	116,5
Macieira	235,4
Mafra	1.784,8
Major Gercino	278,1
Major Vieira	543,5
Maracajá	70,5
Maravilha	168,7
Marema	99,6
Massaranduba	393,8
Matos Costa	371,1
Meleiro	185,7
Mirim Doce	333,4
Modelo	95,5
Mondaí	215,1
Monte Carlo	166,4
Monte Castelo	565,2
Morro da Fumaça	82,7
Morro Grande	250,8
Navegantes	119,1
Nova Erechim	62,9
Nova Itaberaba	135,5
Nova Trento	398,3
Nova Veneza	290,2
Novo Horizonte	151,1
Orleans	599,8
Otacílio Costa	922,7
Ouro	209,1
Ouro Verde	201,2
Paial	84,8
Painel	763,7
Palhoça	322,2
Palma Sola	313,8
Palmeira	291,8
Palmitos	347,2
Papanduva	775,9
Paraíso	182,7
Passo de Torres	90,4
Passos Maia	588,6
Paulo Lopes	447,1
Pedras Grandes	152,8
Penha	60,3
Peritiba	96,7

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
Petrolândia	251,2
Piçarras	85,6
Pinhalzinho	134,2
Pinheiro Preto	66,6
Piratuba	148,7
Planalto Alegre	61,0
Pomerode	217,5
Ponte Alta	557,8
Ponte Alta do Norte	383,4
Ponte Serrada	568,8
Porto Belo	92,8
Porto União	923,9
Pouso Redondo	363,3
Praia Grande	285,8
Presidente Castelo Branco	70,1
Presidente Getúlio	321,9
Presidente Nereu	224,6
Princesa	88,4
Quilombo	283,2
Rancho Queimado	269,7
Rio das Antas	342,8
Rio do Campo	496,1
Rio do Oeste	244,3
Rio dos Cedros	555,0
Rio do Sul	260,8
Rio Fortuna	285,8
Rio Negrinho	588,1
Rio Rufino	333,1
Riqueza	191,3
Rodeio	133,7
Romelândia	237,3
Salete	167,1
Saltinho	153,3
Salto Veloso	101,8
Sangão	83,1
Santa Cecília	1.173,8
Santa Helena	80,6
Santa Rosa de Lima	184,3
Santa Rosa do Sul	164,2
Santa Terezinha	720,9
Santa Terezinha do Progresso	113,0
Santiago do Sul	74,1
Santo Amaro da Imperatriz	352,4
São Bernardino	210,0
São Bento do Sul	486,9
São Bonifácio	451,8
São Carlos	157,9
São Cristovão do Sul	350,2
São Domingos	384,2
São Francisco do Sul	540,8
São João do Oeste	161,4

(Continua)

(Continuação)

Município	Área territorial (km²)
São João Batista	219,6
São João do Itaperiú	151,1
São João do Sul	175,1
São Joaquim	1.885,4
São José	114,7
São José do Cedro	260,7
São José do Cerrito	967,2
São Lourenço do Oeste	360,7
São Ludgero	120,0
São Martinho	235,7
São Miguel da Boa Vista	71,8
São Miguel do Oeste	235,8
São Pedro de Alcântara	140,8
Saudades	199,8
Schroeder	149,2
Seara	315,8
Serra Alta	91,1
Siderópolis	262,6
Sombrio	151,1
Sul Brasil	113,1
Taió	714,0
Tangará	459,1
Tigrinhos	58,0
Tijucas	278,4
Timbé do Sul	333,8
Timbó	129,8
Timbó Grande	548,8
Três Barras	418,4
Treviso	156,3
Treze de Maio	179,7
Treze Tilias	177,5
Trombudo Central	101,5
Tubarão	283,6
Tunápolis	133,6
Turvo	244,0
União do Oeste	88,2
Urubici	1.017,5
Urupema	278,2
Urussanga	237,1
Vargeão	151,1
Vargem	396,2
Vargem Bonita	306,9
Vidal Ramos	343,3
Videira	377,8
Vitor Meireles	423,1
Witmarsum	129,7
Xanxerê	380,8
Xavantina	211,7
Xaxim	293,4
Zortéa	297,4
Santa Catarina	95.286,1

Fonte: IBGE.

Divisão política do território

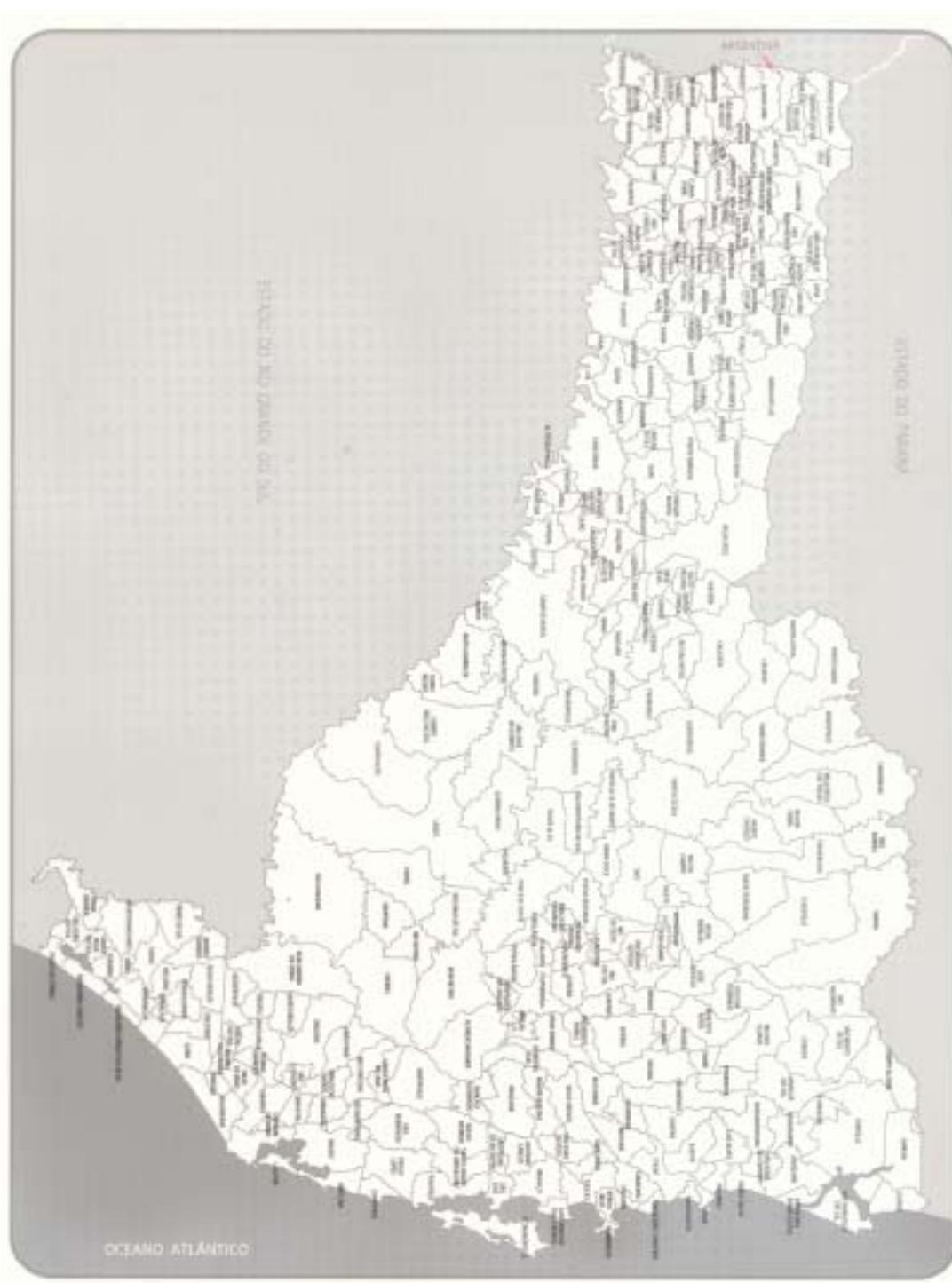


Tabela 2/II. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina - 2005

													(°C)
Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	18,90	17,64	16,99	15,44	11,72	11,73	7,46	10,72	10,17	14,85	14,73	15,79	13,85
Campos Novos	18,62	18,23	17,85	15,47	12,93	12,93	9,32	13,02	10,24	15,66	16,08	17,11	14,79
Chapecó	20,75	20,08	19,62	16,85	14,93	14,63	10,63	14,05	11,29	17,38	18,78	19,57	16,55
Florianópolis(São José)	23,20	22,36	22,33	20,91	17,88	17,59	13,95	16,00	15,17	18,49	19,69	20,67	19,02
Indaial	22,04	21,16	21,06	19,47	15,82	16,19	11,90	14,88	14,15	17,86	18,66	19,79	17,75
Itá	21,17	20,79	19,76	16,99	14,14	14,11	9,88	13,01	11,87	17,46	18,25	19,17	16,38
Itajaí	21,40	20,82	20,80	19,40	16,05	16,06	12,54	14,57	13,86	17,48	18,29	20,53	17,65
Ituporanga	19,72	18,91	18,73	17,40	14,11	13,48	9,17	12,26	12,06	16,72	17,08	17,51	15,60
Lages	17,96	17,14	16,79	14,52	11,31	11,49	7,42	10,52	9,59	14,19	14,58	15,56	13,42
Matos costa	15,59	15,67	15,84	14,06	11,15	11,13	8,41	10,72	9,60	14,28	13,87	14,21	12,88
Ponte Serrada	16,64	16,67	16,20	14,30	11,51	11,81	7,73	10,63	10,09	15,14	15,01	16,35	13,51
Rio Negrinho	18,36	17,54	17,56	16,41	13,29	13,39	9,89	12,13	11,65	15,16	15,00	15,85	14,69
São Joaquim	14,54	13,62	13,89	11,94	10,14	10,05	6,55	9,89	6,93	11,45	12,01	12,32	11,11
São Miguel do Oeste	20,92	21,11	20,34	17,10	15,91	15,50	11,25	12,49	10,15	17,30	16,58	17,35	16,33
Urussanga	19,76	18,86	18,65	16,30	12,74	14,79	11,12	14,16	13,71	17,15	17,84	18,77	16,15
Videira	20,28	18,84	18,69	16,61	12,72	12,98	8,99	12,12	11,75	16,74	16,91	18,10	15,39

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 3/II. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005

													(°C)
Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	24,6	25,1	24,9	21,5	18,8	18,0	15,5	19,5	15,6	21,2	23,3	23,6	21,0
Campos Novos	24,7	25,3	24,8	21,4	19,0	18,3	15,2	19,6	15,1	20,9	23,7	24,5	21,0
Chapecó	28,2	29,1	27,7	22,8	21,1	20,1	17,5	21,0	17,3	22,9	26,6	27,6	23,5
Florianópolis (São José)	28,0	27,8	28,0	26,0	23,7	23,5	20,7	21,9	19,8	23,0	25,2	26,3	24,5
Indaial	28,6	28,8	28,7	26,0	23,2	22,8	20,0	23,2	19,8	24,0	26,3	27,4	24,9
Itá	29,3	30,4	28,7	23,5	21,3	19,8	17,9	21,6	18,6	24,2	27,7	28,6	24,3
Itajaí	28,5	28,9	28,8	26,6	23,8	23,3	20,6	23,2	20,0	23,7	25,9	26,8	25,0
Ituporanga	27,6	27,3	27,2	23,7	20,2	19,9	17,1	20,6	17,4	22,0	24,8	25,6	22,8
Lages	25,1	24,6	24,2	20,7	18,0	17,6	15,1	19,1	15,3	20,0	22,4	23,4	20,5
Matos costa	21,9	22,8	23,0	19,6	17,6	16,3	15,4	19,0	13,7	18,8	20,8	21,2	19,2
Ponte Serrada	25,0	25,9	25,0	21,9	19,4	18,2	15,7	19,7	16,3	21,6	24,4	24,7	21,5
Rio Negrinho	24,3	24,9	24,4	22,4	20,2	18,8	16,3	19,3	16,1	20,8	22,9	23,2	21,1
São Joaquim	21,9	20,3	20,4	17,7	15,8	15,1	12,0	16,1	11,9	16,9	19,2	19,2	17,2
São Miguel do Oeste	28,0	29,1	28,0	23,0	21,7	20,5	17,7	21,3	17,4	23,0	26,6	27,4	23,7
Urussanga	28,9	27,5	27,5	25,0	23,1	22,5	20,3	22,6	20,4	22,8	26,3	26,9	24,5
Videira	26,6	27,1	26,3	22,8	19,8	19,0	16,1	19,9	16,6	22,5	25,1	25,8	22,3

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 4/II. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005 (%)

Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Média
Caçador	75,68	67,74	69,42	82,39	81,48	83,23	75,04	70,38	77,72	77,54	67,20	69,96	74,82
Campos Novos	73,17	65,65	67,57	78,42	77,12	81,50	74,63	68,75	81,48	78,29	61,07	63,31	72,58
Chapecó	69,16	60,15	64,96	78,94	74,46	79,34	69,76	64,62	75,80	77,23	58,84	60,78	69,50
Florianópolis	75,20	75,55	75,31	77,33	78,91	81,91	77,62	78,63	80,46	81,46	74,23	71,97	77,38
Indaial	83,29	81,10	81,27	88,14	87,73	89,62	85,81	85,96	87,97	87,80	83,66	83,74	85,51
Itá	72,06	62,98	67,46	84,31	85,56	90,30	77,67	21,64	19,85	37,62	60,75	61,79	61,83
Itajaí	77,75	75,27	76,87	79,28	81,82	82,71	79,62	66,51	77,48
Ituporanga	77,10	73,81	73,72	82,63	85,27	87,70	82,59	80,14	82,39	82,41	72,34	72,51	79,38
Lages	74,78	72,85	74,30	83,27	84,38	85,87	80,89	79,43	82,68	82,77	72,84	71,66	78,81
Matos costa	81,54	73,91	72,96	85,77	80,73	85,91	78,76	73,40	85,84	85,35	72,79	73,37	79,19
Ponte Serrada	69,26	60,62	67,86	80,94	74,81	80,66	73,78	68,76	77,64	75,82	59,11	65,41	71,22
Rio Negrinho	82,35	75,33	78,39	83,08	81,18	85,02	79,95	77,36	83,85	84,23	73,45	77,40	80,13
São Joaquim	79,60	82,71	81,12	85,73	78,57	86,70	79,31	75,04	89,41	86,59	73,09	82,45	81,69
São Miguel do Oeste	65,56	58,77	62,28	79,72	72,72	80,69	70,16	65,60	75,41	84,03	61,21	62,77	69,91
Urussanga	75,15	81,11	81,30	84,56	83,89	86,59	83,04	83,15	81,86	85,01	75,19	75,47	81,36
Videira	70,13	64,43	67,53	78,93	78,16	79,46	75,09	71,53	76,63	75,70	62,22	64,20	72,00

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 5/II. Precipitação média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005 (mm)

Estação agrometeor.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
Caçador	125,6	31,2	91,6	156,4	188,5	124,2	62,1	127,1	229,9	251,9	121,9	113,5	1.623,9
Campos Novos	232,6	32,1	166,3	320,4	311,2	235,7	131,5	217,6	256,3	321,3	75,8	52,9	2.353,7
Chapecó	251,8	8,2	91,9	288,0	216,1	354,3	145,3	165,2	195,4	304,6	72,0	87,1	2.179,9
Florianópolis (São José)	211,9	223,2	133,5	164,3	202,0	31,2	76,0	192,4	279,5	201,6	89,0	102,2	1.906,8
Indaial	377,1	79,0	69,7	272,6	193,8	89,6	112,5	211,0	275,2	128,5	78,1	181,2	2.068,3
Itá	195,6	14,5	116,0	263,4	201,0	341,6	128,4	151,4	170,4	264,6	63,4	108,5	2.018,8
Itajaí	303,8	41,6	140,6	192,3	180,1	94,0	156,5	226,7	369,0	172,2	100,6	99,1	2.076,5
Ituporanga	218,9	60,1	86,6	169,1	240,0	74,2	105,8	167,0	372,6	237,8	118,0	95,2	1.945,3
Lages	147,1	46,5	135,0	172,2	330,7	149,4	130,4	182,1	202,4	286,5	100,0	142,7	2.025,0
Matos Costa	104,0	73,0	160,0	214,0	229,0	179,0	109,0	134,0	194,0	250,0	102,0	142,0	1.890,0
Ponte Serrada	285,7	15,5	127,6	339,2	212,8	274,2	160,9	249,8	234,7	428,6	133,1	40,7	2.502,8
Rio Negrinho	250,1	109,0	67,7	224,8	176,3	92,5	145,3	260,8	300,4	259,1	95,8	130,4	2.112,2
São Joaquim	129,9	131,3	168,3	100,9	156,9	85,7	89,7	161,1	139,0	269,0	99,6	192,1	1.723,5
São Miguel Do Oeste	222,3	6,2	104,3	341,1	287,1	391,9	89,1	105,7	174,5	331,3	138,1	151,5	2.343,1
Urussanga	94,8	128,8	182,5	67,4	120,4	52,2	74,4	358,3	122,4	316,7	143,5	109,8	1.771,2
Videira	149,0	40,3	145,7	188,4	199,5	156,1	75,1	151,6	234,0	307,2	93,2	54,5	1.794,6

Fonte: Epagri/Ciram.

Tabela 6/II. População residente, segundo a situação de domicílios - Brasil e Santa Catarina - 2001-04

(1.000 hab.)

Discriminação	2001	2002	2003	2004
Brasil	169.369.557	173.391.383	175.987.612	182.060.108
Rural	27.269.877	27.447.932	27.548.821	30.935.638
Urbana	142.099.680	145.943.451	148.438.791	151.124.470
Santa Catarina	5.467.573	5.610.426	5.700.493	5.791.231
Rural	1.052.041	1.080.733	1.027.872	1.065.124
Urbana	4.415.532	4.529.693	4.672.621	4.726.107

Fonte: IBGE.

Tabela 7/III. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2002-04

(hab.)

Grupo de idade	Total			Urbana			Rural		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004	2002	2003	2004
0 a 4 anos	437.923	411.837	402.555	337.745	334.045	332.468	100.178	77.792	70.087
5 a 9 anos	520.942	501.638	496.932	400.727	406.687	410.637	120.215	94.951	86.295
10 a 14 anos	550.106	529.669	539.213	441.916	430.713	427.434	108.190	98.956	111.779
15 a 17 anos	323.441	320.316	327.808	261.614	264.836	264.100	61.827	55.480	63.708
18 a 19 anos	208.941	237.951	209.667	174.597	198.484	167.965	34.344	39.467	41.702
20 a 24 anos	508.898	498.202	517.193	423.040	415.835	436.688	85.858	82.367	80.505
25 a 29 anos	443.648	458.168	458.711	365.221	384.952	388.048	78.427	73.216	70.663
30 a 34 anos	462.497	449.586	468.554	374.930	375.799	386.887	87.567	73.787	81.667
35 a 39 anos	472.826	455.308	448.870	386.387	379.234	378.211	86.439	76.074	70.659
40 a 44 anos	404.701	438.148	452.907	334.868	362.644	365.449	69.833	75.504	87.458
45 a 49 anos	332.009	382.093	390.367	265.030	320.317	322.022	66.979	61.776	68.345
50 a 54 anos	264.457	288.857	304.653	216.949	233.373	246.732	47.508	55.484	57.921
55 a 59 anos	185.469	225.939	246.144	148.835	184.184	188.811	36.634	41.755	57.333
60 a 64 anos	160.269	159.014	183.609	132.800	122.978	147.698	27.469	36.036	35.911
65 a 69 anos	123.074	129.841	143.061	95.599	96.665	111.201	27.475	33.176	31.860
70 anos ou mais	208.362	212.782	198.671	167.145	160.731	150.019	41.217	52.051	48.652
Idade ignorada	2.863	1.144	2.316	2.290	1.144	1.737	573	-	579

Fonte: IBGE.

Tabela 8/III. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Abdon Batista	2.775	2.062	713
Abelardo Luz	16.440	9.212	7.228
Agrolândia	7.810	3.176	4.634
Agronômica	4.257	3.385	872
Água Doce	6.843	3.695	3.148
Águas de Chapecó	5.782	3.580	2.202
Águas Frias	2.525	2.008	517
Águas Mornas	5.390	3.675	1.715
Alfredo Wagner	8.857	6.384	2.473
Alto Bela Vista	2.098	1.576	522
Anchieta	7.133	4.690	2.443
Angelina	5.776	4.761	1.015
Anita Garibaldi	10.273	6.085	4.188
Anitópolis	3.234	2.120	1.114
Antônio Carlos	6.434	4.674	1.760
Apiúna	8.520	4.914	3.606
Arabutã	4.160	3.189	971
Araquari	23.645	1.645	22.000
Araranguá	54.706	9.654	45.052
Armazém	6.873	4.248	2.625
Arroio Trinta	3.490	1.393	2.097
Arvoredo	2.305	1.894	411
Ascurra	6.934	815	6.119
Atalanta	3.429	2.296	1.133
Aurora	5.474	3.992	1.482
Balneário Arroio do Silva	6.043	167	5.876
Balneário Camboriú	-	-	73.455
Balneário Barra do Sul	6.045	13	6.032
Balneário Gaivota	5.450	2.473	2.977
Bandeirante	3.177	2.436	741
Barra Bonita	2.118	1.862	256
Barra Velha	15.530	964	14.566
Bela Vista do Toldo	5.721	5.151	570
Belmonte	2.588	1.636	952
Benedito Novo	9.071	4.170	4.901
Biguaçu	48.077	5.170	42.907
Blumenau	261.808	19.865	241.943
Bocaina do Sul	2.980	2.565	415
Bombinhas	-	-	8.716
Bom Jardim da Serra	4.079	1.956	2.123
Bom Jesus	2.046	1.057	989
Bom Jesus do Oeste	2.150	1.774	376
Bom Retiro	7.967	2.631	5.336
Botuverá	3.756	2.953	803
Braço do Norte	24.802	6.923	17.879
Braço do Trombudo	3.187	1.565	1.622

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Brunópolis	3.331	2.624	707
Brusque	76.058	2.802	73.256
Caçador	63.322	7.780	55.542
Caibi	6.354	3.294	3.060
Calmon	3.467	2.075	1.392
Camboriú	41.445	2.018	39.427
Capão Alto	3.020	2.416	604
Campo Alegre	11.634	4.763	6.871
Campo Belo do Sul	8.051	3.611	4.440
Campo Erê	10.353	4.597	5.756
Campos Novos	28.729	6.173	22.556
Canelinha	9.004	4.712	4.292
Canoinhas	51.631	13.727	37.904
Capinzal	19.955	4.495	15.460
Capivari de Baixo	18.561	1.125	17.436
Catanduvas	8.291	2.987	5.304
Caxambu do Sul	5.263	3.209	2.054
Celso Ramos	2.844	2.206	638
Cerro Negro	4.098	3.404	694
Chapadão do Lageado	2.561	2.272	289
Chapecó	146.967	12.375	134.592
Cocal do Sul	13.726	2.319	11.407
Concórdia	63.058	17.804	45.254
Cordilheira Alta	3.093	2.790	303
Coronel Freitas	10.535	6.041	4.494
Coronel Martins	2.388	1.930	458
Corupá	11.847	3.120	8.727
Correia Pinto	17.026	4.980	12.046
Criciúma	170.420	17.371	153.049
Cunha Porã	10.229	4.942	5.287
Cunhataí	1.822	1.487	335
Curitibanos	36.061	3.623	32.438
Descanso	9.129	5.244	3.885
Dionísio Cerqueira	14.250	5.640	8.610
Dona Emma	3.309	1.941	1.368
Doutor Pedrinho	3.082	1.413	1.669
Entre Rios	2.857	2.106	751
Ermo	2.057	1.464	593
Erval Velho	4.269	2.109	2.160
Faxinal dos Guedes	10.767	3.723	7.044
Flor do Sertão	1.612	1.417	195
Florianópolis	342.315	10.130	332.185
Formosa do Sul	2.725	1.834	891
Forquilha	18.348	3.792	14.556
Fraiburgo	32.948	5.325	27.623
Frei Rogério	2.971	2.484	487
Galvão	4.235	1.741	2.494
Garopaba	13.164	2.442	10.722

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Garuva	11.378	3.122	8.256
Gaspar	46.414	16.813	29.601
Governador Celso Ramos	11.598	756	10.842
Grão Pará	5.817	3.143	2.674
Gravatal	10.799	6.935	3.864
Guabiruba	12.976	928	12.048
Guaraciaba	11.038	6.673	4.365
Guaramirim	23.794	4.782	19.012
Guarujá do Sul	4.696	2.425	2.271
Guatambú	4.702	3.719	983
Herval d'Oeste	20.044	2.904	17.140
Ibiam	1.955	1.454	501
Ibicaré	3.587	2.347	1.240
Ibirama	15.802	2.687	13.115
Içara	48.634	9.064	39.570
Ilhota	10.574	4.129	6.445
Imaruí	13.404	9.495	3.909
Imbituba	35.700	1.173	34.527
Imbuia	5.246	3.291	1.955
Indaial	40.194	1.812	38.382
Iomerê	2.553	1.870	683
Ipira	4.979	2.765	2.214
Iporã do Oeste	7.877	5.026	2.851
Ipuaçú	6.122	5.155	967
Ipumirim	6.907	4.423	2.484
Iraceminha	4.592	3.370	1.222
Irani	8.602	3.544	5.058
Iraí	2.202	1.790	412
Irineópolis	9.734	6.770	2.964
Itá	6.764	3.342	3.422
Itaiópolis	19.086	10.329	8.757
Itajaí	147.494	5.544	141.950
Itapema	25.869	1.088	24.781
Itapiranga	13.998	8.616	5.382
Itapoá	8.839	648	8.191
Ituporanga	19.492	7.828	11.664
Jaborá	4.194	2.832	1.362
Jacinto Machado	10.923	6.385	4.538
Jaguaruna	14.613	4.375	10.238
Jaraguá do Sul	108.489	12.169	96.320
Jardinópolis	1.994	1.179	815
Joaçaba	24.066	2.378	21.688
Joinville	429.604	14.632	414.972
José Boiteux	4.594	3.128	1.466
Jupiá	2.220	1.549	671
Lacerdópolis	2.173	1.190	983
Lages	157.682	4.100	153.582
Laguna	47.568	10.284	37.284

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Lajeado Grande	1.572	1.096	476
Laurentino	5.062	1.824	3.238
Lauro Muller	13.604	3.681	9.923
Lebon Régis	11.682	4.702	6.980
Leoberto Leal	3.739	3.282	457
Lindóia do Sul	4.877	3.556	1.321
Lontras	8.381	3.072	5.309
Luiz Alves	7.974	5.850	2.124
Luzerna	5.572	1.608	3.964
Macieira	1.900	1.596	304
Mafra	49.940	12.227	37.713
Major Gercino	3.143	2.166	977
Major Vieira	6.906	4.707	2.199
Maracajá	5.541	2.020	3.521
Maravilha	18.521	4.295	14.226
Marema	2.651	1.710	941
Massaranduba	12.562	7.933	4.629
Matos Costa	3.204	1.954	1.250
Meleiro	7.080	3.873	3.207
Mirim Doce	2.753	1.595	1.158
Modelo	3.930	1.729	2.201
Mondaí	8.728	4.679	4.049
Monte Carlo	8.579	1.274	7.305
Monte Castelo	8.350	3.777	4.573
Morro da Fumaça	14.551	3.397	11.154
Morro Grande	2.917	2.180	737
Navegantes	39.317	2.667	36.650
Nova Erechim	3.543	1.823	1.720
Nova Itaberaba	4.256	3.831	425
Nova Trento	9.852	3.179	6.673
Nova Veneza	11.511	4.312	7.199
Novo Horizonte	3.101	2.378	723
Orleans	20.031	7.218	12.813
Otacílio Costa	13.993	1.182	12.811
Ouro	7.419	3.254	4.165
Ouro Verde	2.352	1.727	625
Paial	2.052	1.793	259
Painel	2.384	1.560	824
Palhoça	102.742	4.828	97.914
Palma Sola	8.206	5.014	3.192
Palmeira	2.133	1.362	771
Palmitos	16.034	8.028	8.006
Papanduva	16.822	8.869	7.953
Paraíso	4.796	3.494	1.302
Passo de Torres	4.400	878	3.522
Passos Maia	4.763	4.015	748
Paulo Lopes	5.924	2.370	3.554
Pedras Grandes	4.921	4.056	865
Penha	17.678	1.685	15.993
Peritiba	3.230	1.913	1.317
Petrolândia	6.406	4.595	1.811

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
Piçarras	10.911	2.296	8.615
Pinhalzinho	12.356	3.043	9.313
Pinheiro Preto	2.729	1.588	1.141
Piratuba	5.812	3.102	2.710
Planalto Alegre	2.452	1.713	739
Pomerode	22.127	3.414	18.713
Ponte Alta	5.168	1.385	3.783
Ponte Alta do Norte	3.221	883	2.338
Ponte Serrada	10.561	3.331	7.230
Porto Belo	10.704	731	9.973
Porto União	31.858	5.279	26.579
Pouso Redondo	12.203	5.835	6.368
Praia Grande	7.286	3.349	3.937
Presidente Castelo Branco	2.160	1.703	457
Presidente Getúlio	12.333	4.466	7.867
Presidente Nereu	2.305	1.529	776
Princesa	2.613	2.045	568
Quilombo	10.736	6.039	4.697
Rancho Queimado	2.637	1.534	1.103
Rio das Antas	6.129	3.903	2.226
Rio do Campo	6.522	4.234	2.288
Rio do Oeste	6.730	4.104	2.626
Rio dos Cedros	8.939	5.181	3.758
Rio do Sul	51.650	3.232	48.418
Rio Fortuna	4.320	3.107	1.213
Rio Negrinho	37.707	5.057	32.650
Rio Rufino	2.414	1.861	553
Riqueza	5.166	3.889	1.277
Rodeio	10.380	1.514	8.866
Romelândia	6.491	4.371	2.120
Salete	7.163	2.580	4.583
Saltinho	4.196	3.297	899
Salto Veloso	3.910	1.076	2.834
Sangão	8.128	4.504	3.624
Santa Cecília	14.802	3.185	11.617
Santa Helena	2.588	1.848	740
Santa Rosa de Lima	2.007	1.584	423
Santa Rosa do Sul	7.810	4.768	3.042
Santa Terezinha	8.840	7.698	1.142
Santa Terezinha do Progresso	3.416	2.990	426
Santiago do Sul	1.696	1.175	521
Santo Amaro da Imperatriz	15.708	3.172	12.536
São Bernardino	3.140	2.611	529
São Bento do Sul	65.437	3.611	61.826
São Bonifácio	3.218	2.536	682
São Carlos	9.364	4.017	5.347
São Cristovão do Sul	4.504	1.785	2.719
São Domingos	9.540	4.110	5.430
São Francisco do Sul	32.301	2.371	29.930
São João do Oeste	5.789	4.295	1.494

(Continua)

(Continuação)

(hab.)

Município	População residente		
	Total	Rural	Urbana
São João Batista	14.861	3.588	11.273
São João do Itaperiú	3.161	1.707	1.454
São João do Sul	6.784	5.641	1.143
São Joaquim	22.836	6.707	16.129
São José	173.559	2.329	171.230
São José do Cedro	13.678	7.019	6.659
São José do Cerrito	10.393	8.241	2.152
São Lourenço do Oeste	19.647	6.240	13.407
São Ludgero	8.587	2.592	5.995
São Martinho	3.274	2.386	888
São Miguel da Boa Vista	2.018	1.687	331
São Miguel do Oeste	32.324	4.932	27.392
São Pedro de Alcântara	3.584	1.488	2.096
Saudades	8.324	5.427	2.897
Schroeder	10.811	1.409	9.402
Seara	16.484	6.221	10.263
Serra Alta	3.330	2.129	1.201
Siderópolis	12.082	2.979	9.103
Sombrio	22.962	7.037	15.925
Sul Brasil	3.116	2.372	744
Taíó	16.257	8.370	7.887
Tangará	8.754	4.521	4.233
Tigrinhos	1.878	1.665	213
Tijucas	23.499	4.788	18.711
Timbé do Sul	5.323	3.640	1.683
Timbó	29.358	2.575	26.783
Timbó Grande	6.501	3.726	2.775
Três Barras	17.124	2.901	14.223
Treviso	3.144	1.583	1.561
Treze de Maio	6.716	4.952	1.764
Treze Tilias	4.840	1.933	2.907
Trombudo Central	5.795	2.641	3.154
Tubarão	88.470	18.545	69.925
Tunápolis	4.777	3.560	1.217
Turvo	10.887	5.250	5.637
União do Oeste	3.391	2.397	994
Urubici	10.252	3.591	6.661
Urupema	2.527	1.342	1.185
Urussanga	18.727	8.077	10.650
Vargeão	3.526	2.146	1.380
Vargem	3.225	2.574	651
Vargem Bonita	5.158	2.959	2.199
Vidal Ramos	6.279	4.782	1.497
Videira	41.589	5.802	35.787
Vitor Meireles	5.519	4.421	1.098
Witmarsum	3.251	2.639	612
Xanxerê	37.429	5.044	32.385
Xavantina	4.404	3.458	946
Xaxim	22.857	6.799	16.058
Zortéa	2.633	580	2.053
Santa catarina	5.356.360	1.138.429	4.217.931

Fonte: IBGE.

Tabela 9/II. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2002-04

(nº)

Grupos de atividades	2002		2003		2004	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Agrícola	405.278	299.954	373.514	259.687	395.006	258.316
Indústria	413.297	229.534	404.969	231.080	446.541	283.795
Indústria de transformação	398.414	227.816	392.957	229.936	429.167	281.479
Construção	168.298	5.153	176.746	8.008	179.545	5.791
Comércio e reparação	289.083	175.722	312.884	191.047	322.015	209.658
Alojamento e alimentação	33.774	47.513	47.474	52.052	41.698	44.018
Transporte, armazenagem e comunicação	101.881	13.169	96.668	8.580	108.892	12.164
Administração pública	76.137	37.211	78.936	56.627	75.873	45.179
Educação, saúde e serviços sociais	41.213	158.554	46.903	184.184	46.331	195.183
Serviços domésticos	9.159	160.854	2.860	149.291	5.212	158.695
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	33.777	56.096	39.467	57.199	36.488	59.651
Outras atividades	112.187	66.398	119.543	73.216	123.360	80.505
Atividades mal definidas ou não declaradas	2.289	1.145	3.432	-	1.737	-

Fonte: IBGE.

Tabela 10/II. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2002-04

(n°)

Grupos de idade	Total			Urbana			Rural		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Total	2.937.676	2.974.367	3.135.653	2.249.065	2.322.294	2.445.268	688.611	652.073	690.385
10 a 14 anos	74.410	54.912	70.079	25.757	20.020	20.850	48.653	34.892	49.229
15 a 19 anos	272.479	280.849	292.491	196.916	209.352	208.510	75.563	71.497	83.981
15 a 17 anos	133.954	122.406	145.956	86.439	83.512	98.463	47.515	38.894	47.493
18 a 19 anos	138.525	158.443	146.535	110.477	125.840	110.047	28.048	32.603	36.488
20 a 24 anos	393.830	371.221	405.411	319.416	300.294	337.647	74.414	70.927	67.764
25 a 29 anos	359.506	364.932	376.457	293.103	302.584	312.746	66.403	62.348	63.711
30 a 39 anos	771.599	734.442	763.939	610.760	602.311	630.729	160.839	132.131	133.210
40 a 49 anos	581.587	646.925	681.099	452.216	522.801	542.094	129.371	124.124	139.005
50 a 59 anos	296.516	340.909	369.515	224.395	257.970	276.269	72.121	82.939	93.246
60 anos ou mais	184.886	179.605	175.504	124.212	106.390	115.844	60.674	73.215	59.660
Idade ignorada	2.863	572	1.158	2.290	572	579	573	-	579

Fonte: IBGE.

Tabela 11/II. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2003-04

(n°)

Discriminação	Total		Urbana		Rural	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Domicílio particular	1.665.367	1.731.148	1.381.966	296.542	283.401	1.434.606
Rede de água geral	1.286.557	1.331.518	1.255.511	1.301.977	31.046	29.541
Lixo coletado diretamente	1.330.594	1.379.583	1.270.193	1.312.394	60.401	67.189
Luz elétrica	1.656.331	1.723.041	1.379.708	1.429.973	276.623	293.068
Geladeira	1.646.193	1.696.399	1.375.640	1.412.598	270.553	283.801
Rádio	1.586.137	1.624.575	1.315.584	1.352.938	270.553	271.637
Televisão	1.611.302	1.661.071	1.345.897	1.379.587	265.405	281.484

Fonte: IBGE.

Tabela 12/III. Trabalhadores no agronegócio catarinense - 2001-04

(nº)

Atividade	Ano			
	2001	2002	2003	2004
Produção vegetal e derivados				
Cultivo produtos vegetais	4.822	14.248	17.840	19.273
Cultivo de cereais	1.379	1.249	1.517	1.779
Cultivo de outros produtos temporários	1.091	3.106	4.357	4.932
Cultivo de outros produtos de lavoura permanente	46	7.481	8.824	9.010
Cultivo de outras frutas, frutos secos, plantas para preparo de beb...	0	0	0	0
Exploração florestal	1.589	1.825	2.213	2.417
Silvicultura	717	587	929	1.135
Produção animal e derivados				
Criação de animais	7.598	8.539	10.291	12.758
Criação de bovinos	829	854	1.409	1.438
Criação de suínos	1.581	1.817	2.065	2.252
Criação de aves	5.006	5.691	6.605	8.845
Outros	182	177	212	223
Outras produções	6.261	6.658	2.828	4.033
Pesca	2.482	2.686	2.828	2.954
Produção mista: lavoura e pecuária	3.564	3.739	0	664
Aqüicultura	215	233	0	415
Derivados de animais	1.900	2.216	2.314	2.506
Produção da indústria agroalimentar				
Preparação produtos vegetais	3.592	6.013	5.630	5.313
Abate animais e preparações	35.452	39.989	42.242	47.772
Abate de reses, preparação de produtos de carne	11.663	12.555	12.907	13.756
Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de...	18.131	22.106	23.574	28.007
Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia não-associada ...	2.405	1.942	2.299	2.430
Preparação e preservação do pescado e fabr. de conservas de peixes...	3.253	3.386	3.462	3.579
Indústria de moagem	3.644	4.069	2.330	2.201
Fabricação de biscoitos e massas	2.710	3.107	3.473	4.256
Fabricação de outros produtos alimentícios	8.946	9.376	10.215	11.536
Fabricação de máquinas e insumos				
Fabricação de insumos agrícolas	1.154	1.244	1.556	1.927
Fabricação de máquinas agrícolas	2.897	3.036	3.483	4.023
Fabricação de máquinas para indústria agroalimentar e da madeira	1.356	1.520	1.657	1.670
Indústria do couro	1.407	1.335	1.257	1.414
Indústria da madeira, papel e papelão	75.175	82.191	80.925	92.970
Comércio atacadista produtos agrícolas e agroalimentares	12.196	13.685	16.826	16.699
Comércio atacadista máquinas agrícolas	214	29	337	11
Atividades de serviços relacionados com a agricultura	9.990	10.470	11.882	13.199
Total agronegócio	179.314	207.725	215.086	241.561
Total demais atividades	965.225	1.030.205	1.077.321	1.164.686
Total Santa Catarina	1.155.712	1.235.612	1.292.407	1.406.247

Nota: As informações da Rais – Relação Anual de Informações Sociais – são devidas através do Decreto 76.900/75, no qual estabelece que todo empregador deve fornecer às entidades governamentais da área social, por meio da Rais, as informações solicitadas de cada um de seus empregados, com os quais manteve relação de emprego durante qualquer período de um determinado ano-base.

Fonte: Ministério do Trabalho (Rais 2001, 2002, 2003 e 2004).

Tabela 13/II. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2001-05

(nº)

Segmentos	2001	2002	2003	2004	2005
Agropecuário	59	59	56	58	57
Consumo	20	17	14	15	14
Crédito	63	64	65	64	64
Educacional	17	17	17	17	16
Especial	2	2	2	2	2
Habitacional	3	3	3	2	2
Infra-estrutura	29	30	30	29	29
Mineral	2	2	2	2	2
Produção	15	12	9	9	7
Saúde	45	42	43	41	39
Trabalho	53	48	46	35	31
Transporte	19	18	18	18	20
Total	327	314	305	292	283

Fonte: Ocesc.

Tabela 14/II. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2001-05

(nº)

Segmento	2001	2002	2003	2004	2005
Agropecuário	50.046	48.923	59.772	62.437	60.305
Consumo	99.177	90.247	98.393	121.156	136.534
Crédito	105.873	131.907	165.302	213.738	251.544
Educacional	14.328	12.375	10.109	13.943	7.002
Especial	67	68	71	69	69
Habitacional	881	569	936	1.739	2.211
Infra-estrutura	152.246	157.784	165.528	172.487	180.923
Mineral	539	529	529	670	799
Produção	518	403	206	177	117
Saúde	8.003	8.302	8.687	8.770	8.481
Trabalho	30.358	27.740	26.027	24.919	15.523
Transporte	2.762	3.090	2.983	5.424	6.520
Total	464.798	481.937	538.543	625.529	670.028

Fonte: Ocesc.

Tabela 15/II. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2001-05

(t)

Produto	2001	2002	2003	2004	2005
Alho	160	400	202	255	464
Ameixa	88	31	48	14	5
Arroz em Casca	233.240	235.961	260.459	300.658	379.802
Aveia	1.836	877	1.099	6.117	1.053
Azevém	303	61	120	608	316
Batata Inglesa	-	-	5	4	200
Cebola	232	30	-	-	-
Cevada	2.278	8.140	-	826	1.000
Erva Mate	825	15	9	10	4
Ervilhaca	155	125	23	321	51
Feijão	30.439	29.929	25.224	37.653	27.467
Fumo	-	-	636	-	1.000
Laranja	32.558	37.638	41.002	67.303	74.910
Limão	-	-	-	-	-
Maçã	38.697	42.732	55.537	60.272	56.007
Mandioca	-	-	-	200	-
Maracujá	371	371	370	350	488
Milho	1.243.038	1.055.918	1.660.880	1.126.497	1.076.786
Nectarina	164	80	133	100	42
Pepino	-	-	2	2	-
Pêssego	297	240	120	208	100
Soja	476.207	566.250	496.535	488.909	468.483
Trigo	71.411	96.711	159.326	206.543	157.240
Triticale	249	1.051	1.057	899	240
Triguilho	-	179	-	-	-
Uva	3.800	4.000	2.500	5.384	415
Aves (1.000 cab)	74.220	86.310	87.526	85.975	91.656
Bovinos (cab)	652	1.764	3.980	1.236	-
Suínos (1.000 cab)	1.857	2.809	2.930	2.739	3.171
Leite (1.000 l.)	275.275	279.176	295.466	298.062	358.877
Mexilhão Benef. (t)	200	65	-	-	-
Ostras (dúzias)	180	-	-	-	-
Peixes (t)	180	-	-	329	351

Fonte: Ocesc.

Tabela 16/II. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2001-05

(nº)

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005
Cultivadores	199	367	555	774	909
Trator de rodas (em cv)	1.732	2.068	1.734	2.062	1.614
Tratores de esteiras	17	11	34	16	25
Colheitadeiras	156	157	126	192	84
Retroescavadeiras	86	123	57	60	62
Total geral	2.190	2.726	2.506	3.104	2.694

Fonte: Anfavea.

Tabela 17/II. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2001-05

Discriminação	2001	2002	2003	2004	2005
Fertilizantes Nutrientes	468.256	597.963	663.950	639.693	612.376
N	78.112	96.345	101.369	98.356	100.415
P2O5	65.818	82.003	87.026	78.206	72.844
K2O	57.230	76.322	96.319	87.893	78.696

(t)

Fonte: Anda.

Tabela 18/II. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2000-004

Discriminação	2000	2001	2002	2003	2004
Custeio					
Número de contratos	141.303	176.350	169.576	180.791	201.374
- Atividade agrícola	134.065	160.670	162.168	174.247	195.490
- Atividade pecuária	7.238	15.680	7.408	6.544	5.884
Valor dos contratos (R\$)	752.118.658	1.437.900.738	1.128.973.047	1.545.669.778	1.747.904.251
- Atividade agrícola	507.136.985	984.305.093	746.887.468	1.107.603.610	1.297.672.874
- Atividade pecuária	244.981.673	453.595.645	382.085.579	438.066.168	450.231.377
Investimento					
Número de contratos	14.816	25.978	28.440	38.115	37.684
- Atividade agrícola	10.654	18.293	18.849	26.948	28.642
- Atividade pecuária	4.162	7.705	9.591	11.167	9.042
Valor dos contratos (R\$)	109.976.951	238.150.879	272.080.528	418.234.822	486.763.752
- Atividade agrícola	68.665.459	152.986.774	242.775.112	282.945.405	375.056.334
- Atividade pecuária	41.311.492	85.164.105	29.305.416	135.289.417	111.707.418
Comercialização					
Número de contratos	1.886	955	198.886	1.076	2.428
- Atividade agrícola	1.025	475	181.369	576	1.004
- Atividade pecuária	861	480	17.517	500	1.424
Valor dos contratos (R\$)	276.256.235	275.935.041	1.694.398.952	399.427.242	478.691.636
- Atividade agrícola	244.516.883	243.938.517	1.159.189.429	370.847.650	423.752.726
- Atividade pecuária	31.739.352	31.996.524	535.209.523	28.579.592	54.938.910

Fonte: Banco Central.

Tabela 19/II. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras - 2004/05-2005/06

(1.000 t)

Produto	Oferta	Safr 2004/05						
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	Saldo
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	11,4	-	3,0	3,0	2,0	0,4	8,4	3,0
Arroz	1.047,8	-	460,0	-	30,0	3,0	493,0	554,8
Banana	667,4	-	117,8	100,1	-	186,8	404,7	262,7
Batata	100,5	-	130,0	-	16,2	1,5	147,7	-47,2
Cebola	352,9	-	35,0	-	-	102,9	137,9	215,0
Feijão	110,1	-	80,0	1,0	3,0	11,0	95,0	15,1
Mandioca	606,6	191,0	37,0	369,6	-	9,0	606,6	0,0
Milho ⁽¹⁾	2.870,0	4.502,5	90,0	100,0	3,0	90,0	4.785,5	-1.915,5
Soja	599,0	7,0	5,0	1.110,0	21,0	18,0	1.161,0	-562,0
Trigo	190,1	-	-	369,6	11,9	2,9	384,4	-194,3

(Continua)

(Continuação)

(1.000 t)

Produto	Oferta	Safr 2005/06						
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	Saldo
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial e saídas				
Alho	12,4	-	5,0	3,0	2,0	0,4	8,4	4,0
Arroz	1.071,6	-	450,0	-	35,0	5,0	510,0	561,6
Banana	641,2	-	113,2	100,0	-	160,0	378,0	263,2
Batata	105,1	-	130,0	-	14,5	1,5	146,0	-40,9
Cebola	395,4	-	31,2	-	-	75,4	110,4	285,0
Feijão	162,3	-	80,0	1,0	3,0	12,0	101,0	61,3
Mandioca	612,1	191,0	37,0	375,0	-	9,1	612,1	0,0
Milho ⁽¹⁾	3.100,0	4.662,0	90,0	65,0	3,0	90,0	4.910,0	-1.810,0
Soja	798,8	7,0	4,0	1.090,0	21,0	19,0	1.142,0	-343,2
Trigo	129,7	-	-	375,4	9,4	1,7	386,5	-256,8

⁽¹⁾ Oferta de milho mais substitutos.

Obs: Estimado em jun./05.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 20/II. Exportações do agronegócio catarinense - 2001-06

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Santa Catarina						Brasil	
	2001	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	2005	2006 ⁽¹⁾
Produção animal e derivados	923.882	906.245	967.024	1.388.391	1.862.084	989.400	9.205.221	6.118.665
Carne suína	237.407	256.338	196.705	339.306	504.677	197.983	1.168.494	624.725
Carnes de frangos	557.671	536.513	609.433	844.610	1.062.992	614.293	3.508.548	2.009.799
Outras carnes de aves	67.998	48.041	63.701	67.525	74.970	36.497	261.009	168.610
Carne bovina	2.258	1.281	2.490	6.538	16.562	4.259	3.146.309	2.504.615
Outras carnes	24.752	33.121	57.315	88.497	158.151	107.810	324.495	259.501
Pescados e crustáceos	23.563	20.647	22.180	28.071	32.242	18.424	403.899	248.684
Mel natural	2.042	4.634	9.511	8.518	2.926	2.438	18.940	14.928
Outros produtos origem animal	8.191	5.671	5.690	5.327	9.564	7.696	373.527	287.803
Produção vegetal e derivados	193.518	204.553	351.029	326.541	384.361	458.531	22.609.178	17.321.806
Soja-Oleo	28.947	39.676	120.799	49.803	34.837	30.004	1.266.638	737.905
Soja-em grão, para semeadura e outros	5.382	640	9.877	25.098	32.498	41.875	5.345.047	4.481.627
Soja-farelos e farinhas	11.680	1.476	49.990	13.701	6.201	758	2.865.657	1.568.974
Milho	7.288	959	12.115	6.203	1.302	4.400	126.996	301.288
Arroz	498	215	274	314	282	170	56.705	41.819
Banana	6.621	17.155	11.992	10.478	12.111	6.761	33.027	26.064
Maçã	9.942	16.291	20.392	40.144	29.207	20.526	45.772	31.953
Outras frutas frescas ou secas	535	739	1.071	1.876	2.040	947	598.037	288.976
Frutas em conserva e doces	3.236	2.462	2.094	2.520	2.045	1.446	41.686	30.188
Sucos de frutas	5.119	7.808	10.789	15.007	19.656	13.430	1.184.887	940.887
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	7.433	13.798	7.382	7.055	5.921	5.152	4.489.166	3.904.487
Produtos hortícolas	382	176	625	1.551	1.137	186	15.587	11.049
Fecula de mandioca	1.335	1.736	1.836	1.636	698	518	4.773	3.289
Erva mate	2.913	1.935	1.304	1.048	1.100	2.075	25.674	21.369
Plantas ornamentais	655	545	483	825	1.172	707	72.008	55.777
Gomas e resinas	1.195	1.610	1.050	1.121	1.079	538	46.015	32.424
Fumo	90.579	88.211	88.232	133.424	213.366	312.382	1.706.520	1.237.732
Bebidas fermentadas e destiladas	3.111	782	650	710	731	707	833.809	931.319
Outros prod. vegetais e da agroind.	6.667	8.341	10.076	14.028	18.978	15.947	3.851.174	2.674.679
Indústria da madeira papel e papelão	648.955	782.229	859.036	1.142.562	1.157.663	800.144	7.185.667	5.174.518
Madeira e obras de madeiras	321.959	386.719	401.069	569.538	566.358	436.671	3.031.543	2.068.304
Móveis de madeira	216.170	274.172	319.968	408.867	414.919	226.001	749.311	453.951
Papel e papelão	110.827	121.338	137.999	164.157	176.386	137.472	3.404.813	2.652.263
Total geral do agronegócio	1.766.355	1.893.027	2.177.089	2.857.494	3.404.108	2.248.075	39.000.066	28.614.989
Total geral	3.028.399	3.157.065	3.695.786	4.853.506	5.584.125	3.886.163	118.308.269	88.163.667

⁽¹⁾Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 21/II. Importações do agronegócio catarinense - 2001-06

(US\$ FOB 1.000)

Produto exportado	Santa Catarina						Brasil	
	2001	2002	2003	2004	2005	2006 ⁽¹⁾	2005	2006 ⁽¹⁾
Produção animal e derivados	30.833	29.996	32.899	28.983	30.009	35.102	605.347	471.843
Animais vivos	1.187	1.881	1.008	79	24	61	6.492	1.586
Carnes de animais	3.463	1.661	933	2.677	2.691	3.014	98.099	49.273
Pescados e crustáceos	17.151	15.417	19.385	17.350	17.054	22.965	287.572	259.902
Laticínios e ovos	1.272	1.738	1.134	1.427	1.882	1.741	137.588	105.126
Preparações e conservas carnes e pescados	331	570	893	659	982	1.080	11.175	13.189
Outros prod. origem animal não comestíveis	7.430	8.729	9.545	6.791	7.376	6.241	64.421	42.767
Produção vegetal e derivados	163.641	187.493	235.415	216.933	290.551	238.842	2.756.035	2.134.533
Soja e derivados	65.620	80.657	84.966	56.855	57.533	19.163	100.842	19.964
Milho	7.054	19.342	38.698	13.861	17.981	10.169	59.267	28.573
Trigo	46.212	45.654	52.646	18.227	23.813	47.601	659.803	633.208
Arroz	695	390	6.412	5.385	322	258	129.459	92.341
Malte	2.573	1.508	12.327	44.449	54.822	37.964	194.215	138.927
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	1.461	969	3.521	18.135	20.082	16.767	114.566	78.101
Oleos e gorduras vegetais	4.152	6.004	7.379	7.742	21.636	15.553	211.541	176.111
Fumo	4.556	5.048	1.362	1.232	1.214	1.274	22.227	23.163
Uva	498	333	329	484	3.292	2.602	24.817	21.990
Maçã	3.011	630	334	608	2.763	2.435	30.044	20.209
Pera	1.799	1.373	665	1.311	4.211	7.790	54.071	49.936
Ameixa	1.198	838	569	645	4.716	3.697	30.451	20.079
Outras frutas frescas ou secas	1.533	892	440	1.361	5.046	2.996	80.067	48.685
Gomas e resinas	1.722	1.352	1.480	2.091	5.426	4.840	53.636	41.179
Cebola	510	646	2.391	3.908	2.435	3.065	22.750	30.791
Alho	253	262	866	1.231	3.121	2.192	73.483	57.915
Outros produtos hortícolas	2.694	1.935	1.768	6.723	8.353	5.559	100.363	44.247
Batatas preparadas ou conservadas	3.840	3.274	2.100	3.939	5.986	5.540	55.081	47.501
Leveduras	1.829	2.229	2.147	2.417	2.383	1.345	28.839	23.431
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.352	719	988	1.335	1.465	821	138.812	97.960
Outros prod. vegetais e da agroindústria	11.077	13.438	14.026	24.994	43.950	47.213	571.698	440.222
Indústria da madeira, papel e papelão	11.321	10.296	13.328	28.178	44.877	32.278	948.159	782.164
Madeira e obras de madeiras	3.001	5.051	5.102	7.288	9.182	7.008	83.693	71.275
Papel e papelão	8.320	5.245	8.226	20.890	35.695	25.270	864.466	710.889
Total geral do agronegócio	205.795	227.785	281.642	274.093	365.436	306.222	4.309.541	3.388.541
Total Santa Catarina	860.240	931.430	993.635	1.508.986	2.186.455	2.101.581	73.551.418	58.589.739

⁽¹⁾ Até agosto.

Fonte: MDIC/Secex.

Tabela 22/II. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto de Santa Catarina, segundo a atividade econômica do setor primário – 2000-05⁽¹⁾

(R\$)

Grupo de atividade econômica	Valor bruto da produção					
	2000	2001	2002	2003	2004 ⁽²⁾	2005 ⁽³⁾
Lavouras, horticultura, floricultura	2.248.203.373	2.272.921.463	2.926.375.794	4.529.542.719	4.786.528.600	4.127.794.122
Pecuária	3.284.396.908	3.991.230.579	4.451.023.506	5.576.550.936	6.410.778.244	6.647.485.153
Indústria rural	341.638.638	397.766.642	424.394.689	514.034.907	556.532.448	561.051.982
Silvicultura	376.950.722	523.423.843	697.011.293	913.500.254	1.042.237.723	1.351.678.394
Extração vegetal	53.026.484	52.061.043	46.205.374	60.165.695	64.695.687	77.485.694
Prod. part. do pessoal residente	6.399.258	6.814.398	8.675.457	12.761.193	14.182.524	14.082.187
Total	6.310.615.383	7.244.217.969	8.553.686.112	11.606.555.703	12.874.955.226	12.779.577.530
Consumo intermediário	2.024.742.721	2.475.808.421	2.830.751.121	3.564.017.580	4.058.882.883	4.224.133.875
Produto interno bruto	4.285.872.662	4.768.409.548	5.722.934.991	8.042.538.123	8.816.072.343	8.555.443.656

⁽¹⁾ Não inclui pesca e aqüicultura.

⁽²⁾ Estimativa.

⁽³⁾ Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 23/II. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense – 2000-05

(R\$ mil)

Produto	Ano					
	2000	2001	2002	2003	2004 ⁽¹⁾	2005 ⁽²⁾
Arroz	199.003	244.567	291.242	606.046	632.749	431.165
Alho	38.974	50.307	30.321	31.831	43.542	73.873
Batata-inglesa	27.493	42.219	47.897	60.664	52.164	70.235
Cana-de-açúcar	24.482	32.774	30.595	45.101	56.523	67.645
Cebola	109.993	138.450	132.690	161.028	159.576	130.263
Feijão	101.370	105.012	149.995	223.479	134.697	131.391
Fumo	369.953	431.890	644.136	812.752	1.176.156	1.241.992
Mandioca	83.225	71.066	48.615	84.139	111.089	71.588
Milho	618.007	533.132	666.548	1.188.931	993.309	798.608
Soja	146.709	151.103	211.033	403.675	483.912	296.340
Tomate	33.644	48.645	58.320	82.934	80.664	80.889
Trigo	10.105	20.844	41.299	52.241	67.989	34.320
Banana	59.183	66.862	99.501	128.126	176.002	125.069
Laranja	32.161	17.228	17.429	27.196	17.667	16.417
Maça	229.281	148.216	242.222	296.859	252.955	264.701
Uva	15.357	19.702	20.244	23.814	29.746	19.245
Carvão Vegetal ⁽³⁾	2.788	2.653	2.282	2.534	2.992	3.297
Erva-mate ⁽³⁾	24.289	25.152	16.478	15.996	16.122	19.379
Lenha ⁽³⁾	20.775	19.752	22.719	32.272	35.484	41.480
Madeira em toras ⁽³⁾	4.601	3.941	4.227	8.713	9.398	12.491
Madeiras para papel ⁽⁴⁾	70.022	74.433	112.541	160.153	184.690	248.491
Toras para outras finalidades ⁽⁴⁾	197.348	442.332	388.541	503.140	566.845	718.740

(Continua)

(Continuação)

(R\$ mil)

Produto	Ano					
	2000	2001	2002	2003 ⁽¹⁾	2004 ⁽¹⁾	2005 ⁽²⁾
Lenha ⁽⁴⁾	35.780	52.836	59.466	71.359	86.650	119.811
Bovino ⁽⁵⁾	490.049	571.427	596.797	684.639	692.476	647.747
Suíno ⁽⁵⁾	1.217.316	1.551.151	1.480.375	1.776.383	2.272.338	2.508.520
Frango ⁽⁵⁾	1.085.988	1.345.399	1.732.022	2.128.138	2.353.284	2.309.675
Leite ⁽⁵⁾	295.991	306.113	411.741	616.665	718.746	815.663
Lã	125	229	311	771	1.269	990
Ovos de galinha	148.040	163.347	171.096	301.735	303.248	291.421
Mel	21.777	22.888	24.373	25.906	20.349	22.413
Camarão	1.807	5.481	18.050	30.886	32.636	18.757
Ostra	2.592	6.688	6.390	8.745	10.377	6.650
Mexilhão	8.419	7.351	11.233	11.060	14.211	14.681
Peixes de águas interiores	24.088	27.334	35.505	34.709	37.064	...
Total	5.750.736	6.750.525	7.826.234	10.642.621	11.826.920	11.653.946

(...) Dado desconhecido.

⁽¹⁾Dados preliminares.

⁽²⁾Estimativa.

⁽³⁾Produtos da extração vegetal.

⁽⁴⁾Produtos da silvicultura.

⁽⁵⁾Estimativa Epagri/Cepa (produção de leite e abates totais).

Nota: Para o último ano o valor da produção foi estimado com base nos preços da Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Tabela 24/II. Índice de produtividade das principais culturas - Santa Catarina - 1986-05

(ano base 1985 = 100)

Ano	Alho	Arroz	Banana	Batata-inglesa	Cebola	Feijão	Fumo em folha	Maçã	Man-dioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
1986	102,63	98,20	100,97	81,29	92,13	52,62	92,25	108,71	107,98	89,10	97,01	83,78	82,98	85,84
1987	108,71	100,73	97,74	94,80	110,95	77,01	89,62	97,28	120,63	104,88	93,77	112,96	96,26	78,73
1988	80,98	113,02	97,53	99,59	108,48	89,76	97,50	106,12	125,55	104,74	93,35	111,36	56,02	106,98
1989	108,65	113,88	91,54	98,43	87,94	92,16	95,99	114,33	129,27	116,54	112,26	127,02	100,13	106,38
1990	94,95	120,43	98,15	107,62	111,47	86,65	101,72	133,38	128,63	115,03	108,22	130,59	77,59	114,85
1991	96,82	130,91	97,35	95,07	110,63	62,60	96,02	108,17	129,84	63,02	69,38	128,31	98,93	78,47
1992	112,64	147,89	115,94	104,60	107,38	126,43	102,53	137,20	134,12	130,88	133,34	115,11	114,29	107,36
1993	122,45	132,44	124,81	118,73	107,42	110,11	100,91	178,47	134,90	136,95	147,25	153,12	98,49	112,82
1994	101,47	143,89	126,93	118,42	114,32	127,54	102,13	128,77	131,78	140,03	148,95	160,23	93,62	103,50
1995	103,98	147,94	103,41	110,54	106,72	108,03	94,23	135,87	135,68	150,09	161,82	152,42	113,37	98,61
1996	88,47	150,56	92,83	114,67	96,43	112,09	90,92	173,76	80,72	132,76	180,24	92,76	112,97	71,26
1997	100,29	160,59	112,82	110,33	108,73	124,45	107,70	189,66	116,73	156,79	179,03	147,69	72,40	92,42
1998	127,54	173,59	122,67	111,67	114,68	87,15	78,87	182,06	121,29	146,79	175,37	154,22	114,17	88,85
1999	135,80	194,26	131,79	110,47	165,39	105,70	109,07	186,87	134,39	150,23	159,31	149,78	141,63	83,04
2000	147,04	191,50	140,53	122,77	194,62	141,20	110,18	144,13	134,31	179,79	184,04	147,80	136,23	102,65
2001	146,75	210,96	137,45	131,84	161,01	150,47	106,97	172,64	139,63	196,20	200,20	154,64	121,33	93,87
2002	101,67	214,18	145,94	135,66	158,42	146,86	112,09	209,09	135,95	162,22	162,04	164,08	137,43	82,64
2003	143,36	233,43	140,55	137,37	163,55	171,04	99,23	203,70	141,88	219,65	206,40	166,20	171,85	86,76
2004	149,84	217,38	147,26	150,29	210,89	142,44	111,94	231,68	137,79	181,39	152,06	174,28	173,52	88,97
2005 ⁽¹⁾	161,86	221,54	144,75	149,71	184,30	131,34	108,00	192,08	137,22	147,74	127,58	172,26	137,67	86,72

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 25/II. Preços mínimos vigentes, por produto, na região centro-sul - 2002-06

(R\$)

Ano	Mês	Arroz-irrigado (sc 50 kg)	Arroz-sequeiro (sc 60 kg)	Feijão (sc 60 kg)	Soja (sc 60 kg)	Milho (sc 60 kg)	Trigo (t)	Mandioca (raiz) (t)	Farinha mandioca (50 kg)	Fécula mandioca (t)
2002	Jan.	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,273
	Fev.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Mar.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Abr.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Mai	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Jun.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Jul.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,273
	Ago.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Set.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Out.	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Nov.	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
	Dez.	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,273
2003	Jan.	14,00	7,95	30,00	10,18	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Fev.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Mar.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Abr.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Mai	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Jun.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Jul.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,31
	Ago.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Set.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Out.	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Nov.	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Dez.	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
2005	Jan.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mai	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,44
	Set.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,44
	Out.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,44
	Nov.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	-	54,00	15,00	0,44
	Dez.	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
2006	Jan.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mai	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul.	22,00	11,13	47,00	14,00	14,00	400,00	54,00	15,00	0,44

Fonte: Conab.

Tabela 26/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - fev./dez. - 2005

	(R\$)										
Produto	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jun.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho (kg)	3,30	3,30	4,13	4,02	3,90	3,90	3,90	3,90	3,90	3,90	...
Arroz-irrigado (50kg)	21,96	23,07	21,65	18,72	18,75	18,72	18,44	17,22	16,75	17,32	18,25
Batata-inglesa (50kg)	25,92	29,68	35,58	40,60	29,20	23,72	19,59	17,46	16,36	25,03	33,47
Cana-de-açúcar (t)	58,75	60,00	58,75	57,50	57,75	58,25	57,00	57,00	57,00	55,75	55,00
Cebola (20kg)	9,00	8,48	6,59	9,95	9,33	10,75	8,33
Feijão-preto (60kg)	70,00	70,44	75,00	75,00	70,23	70,00	70,00	76,67
Feijão-carioca (60kg)	65,00	62,50	70,00	72,50	72,27	75,00	56,25	50,73
Fumo em folha (estufa)(kg)	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49	4,49
Mandioca (t)	126,43	127,18	101,80	100,00	97,73	110,00
Milho em grão (60kg)	15,75	17,20	17,44	17,52	17,50	17,36	16,63	16,44	15,67	14,04	13,67
Soja em grão (60kg)	28,28	33,84	31,44	29,28	30,98	29,60	28,68	27,38	26,13	25,72	26,33
Tomate Long Vid (22-25kg)	13,13	14,26	17,33	23,40	19,38	21,10	17,77	18,20	20,16	30,72	26,13
Trigo intermediário (60kg)	19,81	20,05	22,34	21,82	20,32	19,36	19,33	18,95	16,73	18,80	18,50
Trigo superior (60kg)	20,11	20,91	23,07	22,72	21,86	20,36	19,79	19,10	17,37	19,16	20,00
Banana-caturra (20kg)	1,68	2,74	3,11	3,03	2,15	1,60	1,50	1,93	5,14	3,18	2,27
Banana-prata (kg)	9,19	9,00	9,00	8,35	8,00	8,00	8,00	8,00
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	3,56	3,57	3,60	3,65	3,79	3,79	3,90	4,04	4,11	4,06	4,45
Laranja (indústria)(t)	95,00	95,00	95,00	95,00	98,33	105,00	105,00	105,00
Pêssego (kg)	1,15	1,18
Uva vinífera(kg)	0,98	0,80	0,50	1,50
Bovinos (30kg)(1)	52,24	49,80	48,00	48,00	48,68	49,50	48,68	49,35	50,53	51,75	52,50
Frangos (kg)(1)	1,18	1,30	1,35	1,30	1,20	1,17	1,28	1,33	1,27	1,23	1,25
SuínosN ^o tipificado (kg)(1)	2,50	2,50	2,39	2,07	1,97	2,00	2,01	2,05	2,03	1,90	1,84
Lã (kg)	3,18	3,35	3,10	3,15	3,10	...	2,40	2,20	2,20
Leite plataforma (L)	0,48	0,49	0,51	0,52	0,52	0,49	0,46	0,43	0,41	0,39	0,37
Ovos de galinha col. (dz)	1,72	1,88	1,83	1,86	1,84	1,86	1,90	1,79	1,69	1,80	1,75
Mel (kg)	5,18	5,41	5,23	5,31	5,20	5,19	5,15	5,17	5,65	5,65	5,84

⁽¹⁾ Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

Nota: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 27/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - Santa Catarina - fev./maio-2006

(R\$)

Produtos	Fev.	Mar.	Abr.	Maio
Alho (kg)	2,30	...	3,51	3,50
Arroz-irrigado (50kg)	17,60	17,50	17,17	16,25
Batata-inglesa (50kg)	28,76	24,76	24,56	22,82
Cana-de-açúcar (t)	52,50	55,00
Cebola (20kg)	8,15	9,22	9,92	8,63
Feijão-preto (60kg)	65,00	78,37	47,47	46,00
Feijão-carioca (60kg)	67,35	67,63	66,04	49,82
Fumo em folha (estufa)(kg)	4,49	4,49	4,49	4,49
Mandioca (t)	76,59
Milho em grão (60kg)	14,50	12,29	12,09	12,81
Soja em grão (60kg)	26,38	24,13	22,73	24,00
Tomate Long Vid (22-25kg)	7,88	10,26	21,88	16,45
Trigo intermediário (60kg)	19,41	19,30	19,15	19,00
Trigo superior (60kg)	19,64	18,00	19,00	19,18
Banana-caturra (20kg)	2,00	2,97	6,03	5,09
Banana-prata (kg)	6,69	6,68	8,53	10,15
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	4,92	4,90	4,92	5,04
Laranja (indústria)(t)	105,00	95,00
Pêssego (kg)	1,40
Uva vinífera(kg)	0,75
Bovinos (30kg)(1)	48,88	47,53	46,76	48,95
Frangos (kg)(1)	1,21	1,21	1,07	1,00
SuínosN^tipificado (kg)(1)	1,66	1,58	1,50	1,50
Lã (kg)	2,20	2,20
Leite plataforma (L)	0,39	0,39	0,41	0,42
Ovos de galinha col. (dz)	1,78	2,07
Mel (kg)	5,44	4,70

⁽¹⁾ Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

Nota: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 28/II. Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinense - IPR - 2005-06

(Base: ago./94 = 100)

Produto	2005						2006			
	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	
Alho	309,52	309,52	309,52	309,52	309,52	309,52	309,52	309,52	309,52	
Arroz	196,54	196,23	196,23	180,29	175,58	181,55	181,55	181,55	184,49	
Batata	248,44	190,11	170,27	144,87	141,29	231,94	302,13	302,13	266,16	
Cebola	632,90	863,23	601,94	601,94	645,16	752,90	535,48	535,48	483,87	
Feijão-carioca	375,95	378,10	267,86	267,86	267,86	261,90	239,86	239,86	324,71	
Fumo	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	316,20	328,87	
Mandioca	459,99	366,79	361,79	352,75	397,97	645,73	645,73	645,73	645,73	
Milho em grão	291,67	289,17	277,17	274,00	261,17	234,00	227,33	227,33	241,67	
Soja em grão	284,54	274,55	267,67	255,98	247,31	239,96	242,70	242,70	245,24	
Tomate	141,50	157,27	127,87	167,01	168,55	246,21	190,57	190,57	60,96	
Trigo	286,22	272,29	271,87	266,67	235,44	264,42	260,20	260,20	273,00	
Banana-caturra	87,29	68,04	62,89	73,54	160,48	123,71	78,01	78,01	77,32	
Maçã	177,00	177,00	177,00	177,00	177,00	177,00	177,00	177,00	177,00	
Bovinos	237,25	238,77	236,98	235,68	238,68	249,56	254,22	254,22	238,13	
Frangos	226,23	219,67	224,59	227,87	232,79	234,43	244,26	244,26	221,31	
Suínos	292,54	302,99	305,97	311,94	307,46	292,54	283,58	283,58	255,22	
Leite	260,00	245,00	230,00	215,00	205,00	195,00	185,00	185,00	195,00	
Total	276,81	279,59	262,04	261,04	264,01	266,60	256,94	256,94	253,24	

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 29/II. Preços médios mensais recebidos pelos aquícultores - Santa Catarina - 2005-06

(R\$/kg pescado inteiro)

Espécie	2005												2006	
	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Fev.	Mai	
Bagre (ind.)(kg)	1,60	1,60	1,60	1,60	1,60	1,60	1,60	1,70	1,85	1,70	1,85	1,85	1,93	
Bagre (vivo) (kg)	2,62	2,75	2,70	2,75	2,66	2,75	2,75	2,87	3,05	2,90	3,05	3,07	2,63	
Camarão 12 gramas (kg)	10,00	
Carpa (ind.) (kg)	1,54	1,54	1,56	1,60	1,63	1,62	1,62	1,63	1,72	1,63	1,72	1,75	1,73	
Carpa (viva) (kg)	2,26	2,38	2,38	2,44	2,62	2,46	2,50	2,36	2,46	2,20	2,46	2,65	2,31	
Marisco cultivado com casca s/SIF (kg)	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	2,50	
Marisco cultivado com casca c/SIF (kg)	1,50	1,50	1,40	1,20	1,20	1,20	1,00	1,00	1,00	1,00	1,20	1,00	1,10	
Marisco cultivado sem casca s/SIF (kg)	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	
Marisco cultivado sem casca c/SIF (kg)	7,00	7,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	5,00	6,00	
Ostra grande c/SIF (dz)	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	
Ostra grande s/SIF (dz)	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,50	4,20	
Ostra média c/SIF (dz)	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	4,50	5,00	
Ostra média s/SIF (dz)	3,00	3,00	3,00	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,80	2,50	2,80	
Tilápia (viva) (kg)	1,70	1,72	1,72	1,76	1,82	1,80	1,81	1,70	1,80	1,73	1,80	1,82	1,81	
Tilápia (ind.) (kg)	2,38	2,76	2,68	2,60	2,75	2,62	2,66	2,50	2,50	2,37	2,50	2,54	2,66	
Truta (viva) (kg)	8,00	8,00	8,00	8,00	7,00	8,00	8,00	8,00	8,00	8,00	8,00	8,25	7,00	

(...) Dado desconhecido.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 30/II. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses para produtos selecionados - 2003-05

Especificação	Unidade de medida	Ano ⁽¹⁾			Variação (%)		
		2005(A)	2004 (B)	2003 (C)	A/B	A/C	B/C
Arroz-irrigado							
Satanil E	20l	24,06	14,42	13,88	66,89	73,28	3,83
Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	879,78	514,42	480,83	71,02	82,97	6,99
Uréia	sc 50 kg	2,40	1,60	1,42	49,56	69,08	13,05
Feijão-preto							
Adubo 05-20-10	sc 50kg	0,49	0,63	0,54	-23,00	-9,29	17,80
Calcário ensacado	t	1,13	1,25	1,08	-9,39	5,10	15,98
Dithane PM	kg	0,27	0,34	0,33	-22,03	-19,50	3,25
Milho							
Adubo 07-30-13	sc 50kg	2,64	2,54	2,35	3,67	12,12	8,15
Calcário ensacado	t	5,01	4,27	3,88	17,38	29,05	9,94
Primestra	5l	7,35	7,46	7,25	-1,40	1,41	2,85
Trator 62-65 CV	unid	4.228,55	3.635,70	3.417,56	16,31	23,73	6,38
Soja							
Adubo 03-30-15	sc 50kg	1,47	1,20	1,01	22,83	46,23	19,06
Calcário ensacado	t	2,96	1,99	1,74	48,60	69,98	14,39
Trifluralina 445	l	0,53	0,39	0,34	37,88	54,61	12,14
Trator 62-65 CV	unid	2.498,59	1.690,82	1.534,12	47,77	62,87	10,21
Trigo							
Adubo 05-25-25	sc 50kg	2,24	2,01	1,62	11,54	37,99	23,72
Uréia	sc 50kg	2,36	2,05	1,63	15,24	44,51	25,40
Tilt 250 CE	l	5,85	5,34	4,76	9,51	22,83	12,16
Batata							
Adubo 05-20-10	sc 50 kg	1,29	1,58	1,42	-18,68	-9,33	11,50
Manzate BR	kg	0,70	0,86	0,87	-18,11	-19,13	-1,25
Super fosfato triplo	sc 50 kg	1,66	1,99	1,77	-16,81	-6,13	12,84
Banana							
Adubo 00-20-20	sc 50 kg	14,53	9,34	7,32	55,65	98,67	27,63
Óleo mineral	200 l	199,29	103,55	106,22	92,47	87,63	-2,51
Roundup 480	l	5,74	3,89	3,15	47,43	82,14	23,54
Cebola							
Adubo 05-20-10	sc 50kg	2,87	2,81	2,34	2,08	22,48	19,99
Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	1.273,53	1.140,49	935,29	11,67	36,16	21,94
Fumo (TO2)							
Diária trabalhador rural	unid	5,57	4,48	5,75	24,40	-3,09	-22,10
Lenha (eucalipto/bracatinga)	m st	5,75	3,93	4,68	46,24	22,81	-16,02
Tomate							
Adubo 05-20-10	sc 50kg	1,85	2,17	2,36	-14,81	-21,87	-8,29
Ridomil+Mancozeb	kg	3,96	4,76	5,47	-16,81	-27,57	-12,93
Decis	250ml	0,87	1,12	1,32	-22,21	-33,90	-15,03
Diária trabalhador rural	dia	1,25	1,23	1,37	1,63	-9,23	-10,69
Boi Gordo							
Arame farpado	500m	2,58	2,10	1,82	22,88	41,93	15,50
Bezerro desmamado	unid	7,59	7,43	7,31	2,24	3,94	1,65
Leite							
Arame farpado	500m	298,03	259,47	230,51	14,86	29,29	12,56
Ração p/ bovinos lactação	sc 40kg	45,02	50,26	52,76	-10,43	-14,67	-4,74
Vaca leit. s/ registro	unid	1.673,74	1.782,77	1.697,07	-6,12	-1,37	5,05
Suíno							
Concentrado p/ suínos terminação	sc 40kg	10,29	11,38	12,72	-9,61	-19,13	-10,53
Milho (produtor)	sc 60kg	6,97	7,93	9,80	-12,06	-28,89	-19,14
Ração p/ suínos inicial	sc 40kg	12,64	13,45	17,18	-6,02	-26,46	-21,74

⁽¹⁾ Índice anual, obtido pela média dos índices mensais, que expressa a quantidade de produto necessário para adquirir o insumo nas unidades de medida estabelecidas.

Fonte: Epagri/Cepa.

Secretarias de desenvolvimento Regional - Dados gerais do setor rural Santa Catarina

Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Secretaria regional	nº	2006	30
Município	nº	2006	293
Superfície	km2	2006	95.286,1
População total ⁽¹⁾	hab.	2005	5.866.568
População urbana	hab.	2000	4.217.931
População rural	hab.	2000	1.138.429
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	386,21
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	206,58

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Produção Agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	1.501	12.370	8.241
Arroz	154.459	1.055.613	6.834
Banana	31.164	668.003	21.435
Batata	8.189	113.477	13.857
Cana-de-açúcar	17.367	601.869	34.656
Cebola	19.810	352.915	17.815
Feijão	114.799	113.168	986
Fumo	145.806	280.045	1.921
Maçã	18.428	504.994	27.404
Mandioca	32.165	589.998	18.343
Milho	796.060	2.695.211	3.386
Soja	354.717	607.413	1.712
Tomate	2.309	123.239	53.373
Trigo	59.952	106.514	1.777
Uva	4.224	47.971	11.357

Fonte: IBGE.

Outras Atividades Agrícolas

Produto	Ano	Unidade	Quantidade
Piscicultura	2005	t	19.200
Aquicultura	2005	t	37.304
Produção orgânica	2002	Nº produtores	8.753
		Valor (R\$)	27.466.965,00
Turismo rural	2002	Nº unidades	1.174

Fonte: Epagri/Cepa e Epagri/Cedap.

Produção de Origem Florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	15.935
Erva mate (cancheada)	t	66.084
Lenha	m ³	6.730.878
Toras (outras)	m ³	10.514.699
Toras (celulose)	m ³	6.306.325

Fonte: IBGE.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	(cab.)	3.263.414
Suínos	(cab.)	5.775.890
Aves	(cab.)	145.400.780
Bubalino	(cab.)	18.411
Caprino	(cab.)	38.199
Codorna	(cab.)	270.712
Coelho	(cab.)	34.552
Ovino	(cab.)	200.974
Leite	1.000 L	1.486.670
Mel	t	3.600.652
Ovos	1.000 dz.	191.446

Fonte: IBGE.

Produto Interno Bruto do Setor Primário- 2005⁽¹⁾

Grupos de atividade econômica	Valor corrente (R\$ mil)
Lavouras, horticultura, floricultura	4.127.794
Pecuária	6.647.485
Indústria Rural	561.052
Silvicultura	1.351.678
Extração Vegetal	77.486
Prod. Part. do Pessoal Resid.	14.082
Total	12.779.578
Consumo Intermediário	4.224.134
Produto Interno Bruto	8.555.444

⁽¹⁾ Não inclui pesca e aquicultura.

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Epagri/Cepa.

Secretaria de desenvolvimento regional - Dados do setor rural

Araranguá



Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	15
Superfície	km ²	2006	2.975,2
População total ⁽¹⁾	hab	2005	173.401
População urbana	hab	2000	101.390
População rural	hab	2000	58.779
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	322,04
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	183,25

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	463.200
Produção orgânica	Nº produtores	62
	Valor (R\$)	102.150,00
Turismo rural	Nº unidades	109

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção Animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	59.660
Suínos	Efetivo (cab.)	52.768
Aves	Efetivo (cab.)	4.665.350
Leite	1.000 litros	10.508
Mel	kg	48.600
Ovos	1.000 dúzias	8.439
VBP animal	R\$ 1.000	69.328,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção Agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	49.140	322.035	6.553
Banana	5.761	24.015	4.169
Cana-de-açúcar	630	14.510	23.032
Feijão	1.760	1.510	858
Fumo	17.428	35.735	2.050
Mandioca	1.576	23.640	15.000
Milho	8.340	33.147	3.974

Fonte: IBGE.

Produção de Origem Florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	844
Lenha	m ³	69.000
Toras(outras)	m ³	132.930
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Blumenau



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	9
Superfície	km ²	2006	3.103,7
População total ⁽¹⁾	hab	2005	482.499
População urbana	hab	2000	374.616
População rural	hab	2000	56.757
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	443,17
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	239,98

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.596.130
Produção orgânica	Nº produtores	86
	Valor (R\$)	59.973,00
Turismo rural	Nº unidades	87

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção Animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	70.950
Suínos	Efetivo (cab.)	42.110
Aves	Efetivo (cab.)	955.500
Codorna	Efetivo (cab.)	57.290
Leite	1.000 litros	25.420
Mel	kg	49.350
Ovos	1.000 dúzias	6.485
VBP animal	R\$ 1.000	37.884,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção Agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	7.260	61.465	8.466
Banana	730	13.331	18.262
Cana-de-açúcar	1.375	33.710	24.516
Feijão	134	124	925
Fumo	50	103	2.060
Mandioca	1.679	29.740	17.713
Milho	4.473	12.281	2.746
Tomate	67	2.680	40.000

Fonte: IBGE.

Produção de Origem Florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	2.055
Lenha	m ³	278.901
Toras (outras)	m ³	130.293
Toras (celulose)	m ³	4.762

Fonte: IBGE.

Brusque



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	8
Superfície	km ²	2006	2.095,8
População total ⁽¹⁾	hab	2005	170.377
População urbana	hab	2000	128.033
População rural	hab	2000	25.116
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	401,11
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	198,22

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	577.950
Produção orgânica	Nº produtores	21
	Valor (R\$)	1.398.150,00
Turismo rural	Nº unidades	31

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	39.550
Suínos	Efetivo (cab.)	7.855
Aves	Efetivo (cab.)	465.200
Leite	1.000 litros	7.357
Mel	kg	35.980
Ovos	1.000 dúzias	1.676
VBP animal	R\$ 1.000	11.473,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	3.030	21.310	7.033
Banana	334	5.642	16.892
Feijão	502	488	972
Fumo	2.105	4.303	2.044
Mandioca	1.524	32.522	21.340
Milho	3.400	15.194	4.469
Uva	122	1.809	14.828

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	86
Lenha	m ³	165.500
Toras (outras)	m ³	8.850
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Caçador



Dados Gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	6
Superfície	km ²	2006	3.748,3
População total ⁽¹⁾	hab	2005	104.647
População urbana	hab	2000	69.219
População rural	hab	2000	23.782
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	266,45
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	157,97

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	534.200
Produção orgânica	Nº produtores	518
	Valor (R\$)	427.432,00
Turismo rural	Nº unidades	14

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção Animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	66.225
Suínos	Efetivo (cab.)	88.925
Aves	Efetivo (cab.)	2.859.050
Ovino	Efetivo (cab.)	7.565
Leite	1.000 litros	9.418
Mel	kg	140.650
Ovos	1.000 dúzias	6.127
VBP animal	R\$ 1.000	46.399,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção Agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	63	320	5.079
Cebola	1.017	23.920	23.520
Feijão	4.020	2.705	673
Maçã	1.347	41.476	30.791
Milho	15.860	45.587	2.874
Tomate	835	46.878	56.141
Uva	435	4.971	11.428

Fonte: IBGE.

Produção de Origem Florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	2.134
Erva mate	t	3.487
Lenha	m ³	180.400
Toras (outras)	m ³	1.934.538
Toras (celulose)	m ³	938.200

Fonte: IBGE.

Campos Novos



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	8
Superfície	km ²	2006	3.362,3
População total ⁽¹⁾	hab	2005	56.996
População urbana	hab	2000	35.124
População rural	hab	2000	18.947
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	263,63
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	124,84

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	305.200
Produção orgânica	Nº produtores	99
	Valor (R\$)	823.994,00
Turismo rural	Nº unidades	7

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção Animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	92.947
Suínos	Efetivo (cab.)	96.914
Aves	Efetivo (cab.)	2.569.140
Ovino	Efetivo (cab.)	10.445
Leite	1.000 litros	15.233
Mel	kg	91.000
Ovos	1.000 dúzias	6.896
VBP animal	R\$ 1.000	50.041,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	190	1.440	7.579
Cebola	203	3.080	15.172
Feijão	14.510	9.666	666
Fumo	1.194	2.003	1.678
Maçã	1.011	30.040	29.713
Milho	41.400	129.937	3.139
Soja	45.280	53.511	1.182
Trigo	15.630	36.423	2.330

Fonte: IBGE.

Produção de Origem Florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	9
Lenha	m ³	124.640
Toras (outras)	m ³	638.140
Toras (celulose)	m ³	602.800

Fonte: IBGE.

Canoinhas



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Município	nº	2006	7
Superfície	km ²	2006	4.505,4
População total ⁽¹⁾	hab	2005	126.099
População urbana	hab	2000	85.689
População rural	hab	2000	40.489
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	286,31
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	150,82

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	155	225	1.452
Batata	208	3.570	17.163
Feijão	6.950	11.620	1.672
Fumo	14.119	28.201	1.997
Milho	34.100	202.354	5.934
soja	42.850	113.121	2.640
trigo	2.780	5.434	1.955

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	163.250
Produção orgânica	Nº produtores	1.039
	Valor (R\$)	769.663,00
Turismo rural	Nº unidades	24

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	74.760
Suínos	Efetivo (cab.)	79.595
Aves	Efetivo (cab.)	520.700
Codorna	Efetivo (cab.)	5.300
Ovino	Efetivo (cab.)	15.720
Leite	1.000 litros	24.570
Mel	kg	122.000
Ovos	1.000 dúzias	1.624
VBP animal	R\$ 1.000	30.961,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	1.904
Erva mate	t	28.340
Lenha	m ³	758.200
Toras (outras)	m ³	833.602
Toras (celulose)	m ³	748.000

Fonte: IBGE.

Chapecó



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	11
Superfície	km ²	2006	1.832,8
População total ⁽¹⁾	hab	2005	210.892
População urbana	hab	2000	147.772
População rural	hab	2000	42.010
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	345,11
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	220,57

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	604.450
Produção orgânica	Nº produtores	317
	Valor (R\$)	793.130,00
Turismo rural	Nº unidades	28

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	117.889
Suínos	Efetivo (cab.)	331.833
Aves	Efetivo (cab.)	14.887.756
Ovino	Efetivo (cab.)	8.034
Leite	1.000 litros	76.996
Mel	kg	64.045
Ovos	1.000 dúzias	4.168
VBP animal	R\$ 1.000	198.260,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	360	25	69
Feijão	3.560	2.218	623
Fumo	3.195	4.787	1.498
Mandioca	606	6.397	10.556
Milho	45.440	125.898	2.771
Soja	17.530	14.333	818
Trigo	4.135	5.735	1.387
Uva	232	2.447	10.547

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	100
Erva mate	t	1.535
Lenha	m ³	284.045
Toras (outras)	m ³	32.900
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Concórdia



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	16
Superfície	km ²	2006	3.311,4
População total ⁽¹⁾	hab	2005	146.479
População urbana	hab	2000	78.971
População rural	hab	2000	63.115
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	370,70
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	247,09

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	406.150
Produção orgânica	Nº produtores	514
	Valor (R\$)	588.962,00
Turismo rural	Nº unidades	38

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção Animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	228.602
Suínos	Efetivo (cab.)	1.559.306
Aves	Efetivo (cab.)	25.345.776
Leite	1.000 litros	169.111
Mel	kg	210.746
Ovos	1.000 dúzias	15.836
VBP animal	R\$ 1.000	633.814,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	981	266	271
Cana-de-açúcar	1.285	40.885	31.817
Feijão	2.245	1.812	807
Fumo	1.195	1.965	1.644
Mandioca	870	12.861	14.783
Milho	71.270	173.515	2.435
Trigo	1.073	1.320	1.230

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	6
Erva mate	t	1.932
Lenha	m ³	368.499
Toras (outras)	m ³	147.353
Toras (celulose)	m ³	103.385

Fonte: IBGE.

Criciúma



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	10
Superfície	km ²	2006	2.082,7
População total ⁽¹⁾	hab	2005	374.091
População urbana	hab	2000	268.172
População rural	hab	2000	56.575
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	365,05
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	245,63

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	206.200
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	74

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	78.890
Suínos	Efetivo (cab.)	142.156
Aves	Efetivo (cab.)	5.702.688
Leite	1.000 litros	23.722
Mel	kg	306.975
Ovos	1.000 dúzias	11.064
VBP animal	R\$ 1.000	74.721,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	20.788	149.071	7.171
Banana	1.781	16.624	9.334
Batata	288	4.262	14.799
Cana-de-açúcar	1.474	62.250	42.232
Feijão	7.785	9.125	1.172
Fumo	10.418	21.253	2.040
Mandioca	850	14.985	17.629
Milho	11.732	52.118	4.442

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	250
Lenha	m ³	309.207
Toras (outras)	m ³	20.759
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Curitibanos



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	6
Superfície	km ²	2006	3.574,1
População total ⁽¹⁾	hab	2005	65.765
População urbana	hab	2000	53.382
População rural	hab	2000	13.345
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	245,46
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	117,90

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	405.700
Produção orgânica	Nº produtores	26
	Valor (R\$)	159.648,00
Turismo rural	Nº unidades	5

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	78.018
Suínos	Efetivo (cab.)	6.272
Aves	Efetivo (cab.)	73.690
Leite	1.000 litros	3.032
Mel	kg	44.100
Ovinos	Efetivo (cab.)	18.080
VBP animal	R\$ 1.000	17.718,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	1.011	8.948	8.851
Batata	63	1.238	19.651
Cebola	433	10.976	25.349
Feijão	7.760	8.039	1.036
Maçã	16	32	2.000
Milho	10.750	34.778	3.235
Soja	6.100	9.718	1.593

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	130
Lenha	m ³	99.950
Toras (outras)	m ³	1.210.950
Toras (celulose)	m ³	918.480

Fonte: IBGE.

Dionísio Cerqueira



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	6
Superfície	km ²	2006	13.681
População total ⁽¹⁾	hab	2005	48.261
População urbana	hab	2000	23.743
População rural	hab	2000	26.833
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	279,04
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	153,72

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	-
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	-

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	101.400
Suínos	Efetivo (cab.)	100.550
Aves	Efetivo (cab.)	579.700
Leite	1.000 litros	93.806
Mel	kg	100.500
Ovos	1.000 dúzias	1.140
VBP animal	R\$ 1.000	-

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área(ha)	Produção(t)	Rendimento
	(ha)	(t)	(kg/ha)
Arroz	420	114	271
Cana-de-açúcar	270	7.250	26.852
Feijão	1.030	818	794
Fumo	3.496	5.622	1.608
Mandioca	765	12.375	16.176
Milho	31.490	94.559	3.003
Soja	14.630	19.013	1.300
Trigo	2.620	3.600	1.374
Uva	98	870	8.878

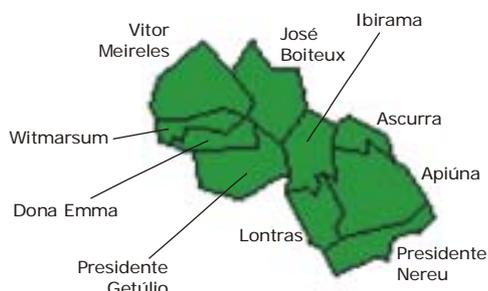
Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	54
Lenha	m ³	26.130
Toras (outras)	m ³	8.255
Toras (celulose)	m ³	3.856

Fonte: IBGE.

Ibirama



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	10
Superfície	km ²	2006	2.676,2
População total ⁽¹⁾	hab	2005	73.537
População urbana	hab	2000	41.336
População rural	hab	2000	29.612
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	317,77
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	191,43

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	886.772
Produção orgânica	Nº produtores	637
	Valor (R\$)	148.728,00
Turismo rural	Nº unidades	77

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	74.870
Suínos	Efetivo (cab.)	45.910
Aves	Efetivo (cab.)	601.000
Leite	1.000 litros	39.505
Mel	kg	104.800
Ovos	1.000 dúzias	890
VBP animal	R\$ 1.000	28.423,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	1.110	7.325	6.599
Batata	162	1.400	8.642
Cebola	231	3.618	15.662
Feijão	403	428	1.062
Fumo	10.887	22.251	2.044
Mandioca	1.232	23.406	18.998
Milho	9.340	23.827	2.551

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	458
Lenha	m ³	234.453
Toras (outras)	m ³	35.818
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Itajaí



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	11
Superfície	km ²	2006	1.520,0
População total ⁽¹⁾	hab	2005	471.782
População urbana	hab	2000	368.129
População rural	hab	2000	26.008
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	409,71
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	280,85

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	362.984
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	54

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.
Fonte: Instituto Cepa/SC e Epagri.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	61.002
Suínos	Efetivo (cab.)	14.956
Aves	Efetivo (cab.)	2.478.695
Leite	1.000 litros	9.346
Mel	kg	8.580
Ovos	1.000 dúzias	4.703
VBP animal	R\$ 1.000	36.483,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	8.435	55.878	6.625
Banana	5.079	159.810	31.465
Cana-de-açúcar	519	15.360	29.595
Mandioca	165	2.380	14.424
Milho	62	152	2.452
Tomate	3	120	40.000

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	1.471
Lenha	m ³	330.625
Toras (outras)	m ³	250.188
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Ituporanga



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	10
Superfície	km ²	2006	2.713,2
População total ⁽¹⁾	hab	2005	67.874
População urbana	hab	2000	27.395
População rural	hab	2000	41.898
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	322,09
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	200,35

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	931.353
Produção orgânica	Nº produtores	215
	Valor (R\$)	188.257,00
Turismo rural	Nº unidades	36

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	94.250
Suínos	Efetivo (cab.)	71.550
Aves	Efetivo (cab.)	439.700
Leite	1.000 litros	47.215
Mel	kg	145.000
Ovos	1.000 dúzias	1.536
VBP animal	R\$ 1.000	40.774,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	373	2.681	7.188
Batata	583	5.698	9.774
Cebola	13.380	252.332	18.859
Feijão	3.285	4.563	1.389
Fumo	19.063	38.073	1.997
Mandioca	1.210	28.175	23.285
Milho	22.115	84.109	3.803
Tomate	56	3.400	60.714

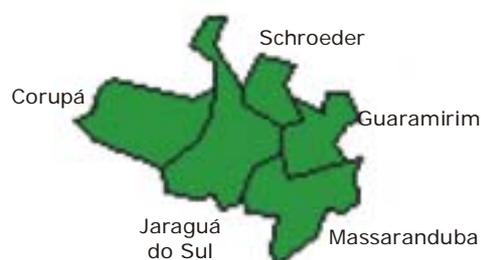
Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	28
Erva mate	t	236
Lenha	m ³	330.400
Toras (outras)	m ³	125.439
Toras (celulose)	m ³	144.967

Fonte: IBGE.

Jaraguá do Sul



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	5
Superfície	km ²	2006	1.731,9
População total ⁽¹⁾	hab	2005	195.527
População urbana	hab	2000	138.090
População rural	hab	2000	29.413
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	404,51
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	247,53

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	978.825
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	75.735,00
Turismo rural	Nº unidades	40

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	30.970
Suínos	Efetivo (cab.)	35.313
Aves	Efetivo (cab.)	2.616.300
Leite	1.000 litros	15.590
Mel	kg	11.730
Ovos	1.000 dúzias	840
VBP animal	R\$ 1.000	45.260,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção Agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	13.660	120.990	8.857
Banana	11.052	304.682	27.568
Cana-de-açúcar	570	17.380	30.491
Fumo	34	70	2.059
Mandioca	740	15.065	20.358
Milho	680	2.640	3.882

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	27
Lenha	m ³	60.350
Toras (outras)	m ³	170.340
Toras (celulose)	m ³	5.712

Fonte: IBGE.

Joaçaba



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	12
Superfície	km ²	2006	3.469,2
População total ⁽¹⁾	hab	2005	118.369
População urbana	hab	2000	80.358
População rural	hab	2000	31.859
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	350,32
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	223,28

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	401.350
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	15.325,00
Turismo rural	Nº unidades	26

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	166.403
Suínos	Efetivo (cab.)	447.528
Aves	Efetivo (cab.)	17.714.124
Leite	1.000 litros	73.007
Mel	kg	79.200
Ovos	1.000 dúzias	18.722
VBP animal	R\$ 1.000	282.326,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Batata	1.058	26.100	24.669
Cana-de-açúcar	432	5.978	13.838
Feijão	1.978	2.422	1.224
Fumo	476	799	1.679
Maçã	690	20.700	30.000
Milho	46.700	111.502	2.388
Soja	16.660	23.851	1.432
Trigo	2.380	3.845	1.616
Uva	103	930	9.029

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	463
Erva mate	t	3.950
Lenha	m ³	319.080
Toras (outras)	m ³	290.913
Toras (celulose)	m ³	247.700

Fonte: IBGE.

Joinville



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	8
Superfície	km ²	2006	3.180,3
População total ⁽¹⁾	hab	2005	600.516
População urbana	hab	2000	505.401
População rural	hab	2000	25.102
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	385,21
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	252,69

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.497.923
Produção orgânica	Nº produtores	41
	Valor (R\$)	279.636,00
Turismo rural	Nº unidades	58

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	36.495
Suínos	Efetivo (cab.)	10.392
Aves	Efetivo (cab.)	5.613.075
Leite	1.000 litros	5.470
Mel	kg	31.197
Ovos	1.000 dúzias	3.583
VBP animal	R\$ 1.000	34.436

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	9.235	63.901	6.919
Banana	5.275	127.150	24.104
Cana-de-açúcar	180	7.058	39.211
Feijão	61	57	934
Mandioca	618	8.694	14.068
Milho	157	479	3.051
Tomate	3	120	40.000

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	300
Lenha	m ³	112.502
Toras (outras)	m ³	124.256
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Lages



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	11
Superfície	km ²	2006	10.104,9
População total ⁽¹⁾	hab	2005	246.177
População urbana	hab	2000	192.527
População rural	hab	2000	39.506
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	320,61
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	132,53

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	668.100
Produção orgânica	Nº produtores	490
	Valor (R\$)	225.977,00
Turismo rural	Nº unidades	41

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	337.913
Suínos	Efetivo (cab.)	49.413
Aves	Efetivo (cab.)	547.976
Leite	1.000 litros	28.369
Mel	kg	242.325
Ovinos	Efetivo (cab.)	26.176
VBP animal	R\$ 1.000	56.419,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	123	1.066	8.667
Arroz	390	273	700
Batata	673	7.336	10.900
Feijão	16.767	11.641	694
Fumo	414	705	1.703
Maçã	973	20.212	20.773
Milho	38.960	107.740	2.765
Soja	10.070	21.319	2.117
Trigo	1.850	5.715	3.089

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	297
Erva mate	t	1.112
Lenha	m ³	299.500
Toras (outras)	m ³	1.139.271
Toras (celulose)	m ³	1.446.390

Fonte: IBGE.

Laguna



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	6
Superfície	km ²	2006	2.053,5
População total ⁽¹⁾	hab	2005	137.275
População urbana	hab	2000	100.234
População rural	hab	2000	30.139
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	261,29
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	162,39

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	164.300
Produção orgânica	Nº produtores	109
	Valor (R\$)	425.184,00
Turismo rural	Nº unidades	23

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	53.317
Suínos	Efetivo (cab.)	19.361
Aves	Efetivo (cab.)	348.106
Leite	1.000 litros	8.440
Mel	kg	77.446
Ovos	1.000 dúzias	1.329
VBP animal	R\$ 1.000	16.864,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	12.250	80.208	6.548
Banana	76	972	12.789
Cana-de-açúcar	1.000	56.725	56.725
Feijão	495	469	947
Fumo	944	1.946	2.061
Mandioca	5.370	87.310	16.259
Milho	540	1.874	3.470

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	34
Lenha	m ³	43.452
Toras (outras)	m ³	7.474
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Mafra



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	7
Superfície	km ²	2006	5.942,4
População total ⁽¹⁾	hab	2005	228.169
População urbana	hab	2000	160.343
População rural	hab	2000	48.633
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	279,87
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	155,88

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	262.900
Produção orgânica	Nº produtores	185
	Valor (R\$)	51.425
Turismo rural	Nº unidades	35

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	99.041
Suínos	Efetivo (cab.)	108.538
Aves	Efetivo (cab.)	4.227.200
Leite	1.000 litros	24.077
Mel	kg	175.000
Ovinos	Efetivo (cab.)	19.085
VBP animal	R\$ 1.000	59.967,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	246	738	3.000
Batata	444	6.570	14.797
Feijão	7.715	13.871	1.798
Fumo	12.391	24.753	1.998
Milho	35.740	225.989	6.323
Soja	42.950	113.637	2.646
Tomate	26	1.480	56.923
Trigo	6.066	10.878	1.793

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	2.755
Erva mate	t	16.983
Lenha	m ³	849.500
Toras (outras)	m ³	2.032.496
Toras (celulose)	m ³	569.823

Fonte: IBGE.

Maravilha



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	12
Superfície	km ²	2006	1.522,4
População total ⁽¹⁾	hab	2005	66.271
População urbana	hab	2000	34.419
População rural	hab	2000	35.065
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	281,82
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	177,13

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	400.150
Produção orgânica	Nº produtores	110
	Valor (R\$)	305.090,00
Turismo rural	Nº unidades	21

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	109.058
Suínos	Efetivo (cab.)	149.100
Aves	Efetivo (cab.)	4.539.994
Leite	1.000 litros	91.243
Mel	kg	82.805
Ovos	1.000 dúzias	2.239
VBP animal	R\$ 1.000	100.600,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	593	169	285
Cana-de-açúcar	939	24.869	26.485
Feijão	3.685	1.822	494
Fumo	5.038	8.365	1.660
Mandioca	1.602	28.149	17.571
Milho	47.055	109.262	2.322
Soja	10.180	9.448	928
Trigo	1.990	1.843	926

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	78
Lenha	m ³	89.970
Toras (outras)	m ³	25.820
Toras (celulose)	m ³	950

Fonte: IBGE.

Palmitos



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	8
Superfície	km ²	2006	1.500,9
População total ⁽¹⁾	hab	2005	59.238
População urbana	hab	2000	29.563
População rural	hab	2000	33.916
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	358,39
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	245,50

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	580.630
Produção orgânica	Nº produtores	804
	Valor (R\$)	760.955,00
Turismo rural	Nº unidades	12

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	80.300
Suínos	Efetivo (cab.)	227.740
Aves	Efetivo (cab.)	3.701.322
Leite	1.000 litros	112.064
Mel	kg	97.143
Ovos	1.000 dúzias	1.211
VBP animal	R\$ 1.000	100.151,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	370	10	27
Cana-de-açúcar	1.213	35.580	29.332
Feijão	7.560	4.739	627
Fumo	6.451	9.918	1.537
Mandioca	1.935	43.042	22.244
Milho	37.690	108.936	2.890
Soja	8.460	9.718	1.149
Trigo	785	665	847
Uva	78	968	12.410

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	31
Lenha	m ³	116.000
Toras (outras)	m ³	15.000
Toras (celulose)	m ³	1.000

Fonte: IBGE.

Rio do Sul



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	12
Superfície	km ²	2006	3.675,5
População total ⁽¹⁾	hab	2005	135.253
População urbana	hab	2000	83.356
População rural	hab	2000	47.063
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	363,93
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	202,82

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	854.076
Produção orgânica	Nº produtores	194
	Valor (R\$)	326.852,00
Turismo rural	Nº unidades	56

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	137.343
Suínos	Efetivo (cab.)	115.930
Aves	Efetivo (cab.)	2.192.100
Leite	1.000 litros	56.216
Mel	kg	250.000
Ovos	1.000 dúzias	2.238
VBP animal	R\$ 1.000	70.089,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	11.536	91.907	7.967
Batata	279	2.974	10.659
Cebola	329	4.670	14.195
Feijão	1.723	2.405	1.396
Fumo	16.324	32.102	1.967
Mandioca	2.625	60.550	23.067
Milho	19.990	49.894	2.496

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	129
Erva mate	t	260
Lenha	m ³	223.100
Toras (outras)	m ³	127.025
Toras (celulose)	m ³	77.700

Fonte: IBGE.

São Joaquim



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	6
Superfície	km ²	2006	5.512,1
População total ⁽¹⁾	hab	2005	51.523
População urbana	hab	2000	31.987
População rural	hab	2000	18.088
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	236,52
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	197,35

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	242.000
Produção orgânica	Nº produtores	33
	Valor (R\$)	55.447,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	151.966
Suínos	Efetivo (cab.)	18.808
Aves	Efetivo (cab.)	468.085
Leite	1.000 litros	12.679
Mel	kg	316.930
Ovos	1.000 dúzias	3.139
VBP animal	R\$ 1.000	29.735,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Batata	1.520	16.512	10.863
Cebola	980	12.800	13.061
Feijão	1.341	1.328	990
Fumo	816	1.500	1.838
Maçã	8.222	178.907	21.760
Milho	6.580	16.554	2.516
Tomate	160	9.030	56.438
Uva	92	1.334	14.500

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	-
Erva mate	t	725
Lenha	m ³	140.957
Toras (outras)	m ³	382.789
Toras (celulose)	m ³	218.550

Fonte: IBGE.

São José



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	13
Superfície	km ²	2006	4.163,6
População total ⁽¹⁾	hab	2005	835.850
População urbana	hab	2000	677.099
População rural	hab	2000	47.173
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	534,45
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	227,76

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	460.671
Produção orgânica	Nº produtores	500
	Valor (R\$)	15.859.235
Turismo rural	Nº unidades	67

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	94.277
Suínos	Efetivo (cab.)	19.842
Aves	Efetivo (cab.)	4.022.712
Leite	1.000 litros	30.049
Mel	kg	236.500
Ovos	1.000 dúzias	11.332
VBP animal	R\$ 1.000	54.547,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	1.710	9.966	5.828
Banana	684	8.777	12.832
Batata	1.114	13.931	12.505
Cana-de-açúcar	2.015	74.920	37.181
Cebola	1.836	21.983	11.973
Feijão	1.017	1.118	1.099
Mandioca	1.795	31.485	17.540
Milho	6.085	21.475	3.529
Tomate	916	48.205	52.626

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	-
Lenha	m ³	-
Toras (outras)	m ³	-
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

São Lourenço do Oeste



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	13
Superfície	km ²	2006	2.188,0
População total ⁽¹⁾	hab	2005	63.374
População urbana	hab	2000	32.368
População rural	hab	2000	35.460
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	275,49
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	200,22

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	461.330
Produção orgânica	Nº produtores	293
	Valor (R\$)	554.729,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	155.424
Suínos	Efetivo (cab.)	248.828
Aves	Efetivo (cab.)	3.760.750
Leite	1.000 litros	120.754
Mel	kg	76.500
Ovinos	Efetivo (cab.)	7.668
VBP animal	R\$ 1.000	113.806,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	605	245	405
Cana-de-açúcar	834	34.888	41.832
Feijão	2.900	2.522	870
Fumo	1.120	1.796	1.604
Mandioca	1.207	14.613	12.107
Milho	73.560	226.903	3.085
Soja	29.042	39.755	1.369
Trigo	4.715	5.889	1.249
Uva	229	2.072	9.048

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	109
Lenha	m ³	102.404
Toras (outras)	m ³	28.286
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

São Miguel do Oeste



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	18
Superfície	km ²	2006	3.567,5
População total ⁽¹⁾	hab	2005	95.425
População urbana	hab	2000	74.320
População rural	hab	2000	76.455
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	303,31
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	158,94

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.155.410
Produção orgânica	Nº produtores	1.127
	Valor (R\$)	753.395,00
Turismo rural	Nº unidades	39

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	209.800
Suínos	Efetivo (cab.)	333.966
Aves	Efetivo (cab.)	11.528.000
Leite	1.000 litros	190.553
Mel	kg	174.000
Ovos	1.000 dúzias	11.525
VBP animal	R\$ 1.000	290.317,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	700	96	137
Cana-de-açúcar	910	30.510	33.527
Feijão	2.275	1.879	826
Fumo	6.850	11.271	1.645
Mandioca	1.895	39.362	20.772
Milho	70.123	193.641	2.761
Soja	7.605	7.512	988
Trigo	1.455	1.881	1.293
Uva	321	2.597	8.090

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	-
Lenha	m ³	72.670
Toras (outras)	m ³	8.215
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Tubarão



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	14
Superfície	km ²	2006	3.026,6
População total ⁽¹⁾	hab	2005	211.724
População urbana	hab	2000	141.988
População rural	hab	2000	71.318
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	365,60
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	283,65

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	1.227.000
Produção orgânica	Nº produtores	1.239
	Valor (R\$)	2.231.827,00
Turismo rural	Nº unidades	87

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	149.689
Suínos	Efetivo (cab.)	400.865
Aves	Efetivo (cab.)	2.480.934
Leite	1.000 litros	53.035
Mel	kg	66.155
Ovos	1.000 dúzias	19.723
VBP animal	R\$ 1.000	173.782,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	9.269	66.059	7.127
Batata	821	14.224	17.325
Cana-de-açúcar	2.550	104.250	40.882
Feijão	3.785	3.941	1.041
Fumo	7.194	14.606	2.030
Mandioca	3.235	65.387	20.212
Milho	9.058	35.606	3.931
Uva	120	1.533	12.775

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	1.826
Lenha	m ³	258.518
Toras (outras)	m ³	25.672
Toras (celulose)	m ³	-

Fonte: IBGE.

Videira



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Municípios	nº	2006	7
Superfície	km ²	2006	1.663,8
População total ⁽¹⁾	hab	2005	105.004
População urbana	hab	2000	74.398
População rural	hab	2000	21.575
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	305,30
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	243,85

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per cápita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	357.235
Produção orgânica	Nº produtores	27
	Valor (R\$)	38.785,00
Turismo rural	Nº unidades	19

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	52.978
Suínos	Efetivo (cab.)	463.860
Aves	Efetivo (cab.)	6.668.300
Leite	1.000 litros	22.750
Mel	kg	102.250
Ovos	1.000 dúzias	6.049
VBP animal	R\$ 1.000	172.828,00

Fonte: IBGE e Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Alho	70	364	5.200
Arroz	235	188	800
Feijão	4.330	4.267	985
Fumo	535	883	1.650
Maçã	6.055	209.427	34.587
Milho	22.940	80.031	3.489
Uva	1.520	19.491	12.823

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	11
Lenha	m ³	56.220
Toras (outras)	m ³	272.440
Toras (celulose)	m ³	70.250

Fonte: IBGE.

Xanxerê



Dados gerais

Especificação	Unidade	Ano	Quantidade
Município	nº	2006	14
Superfície	km ²	2006	4.482,4
População total ⁽¹⁾	hab	2005	142.173
População urbana	hab	2000	82.252
População rural	hab	2000	51.231
Renda urbana média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	305,44
Renda rural média ⁽²⁾	R\$/mês	2000	201,07

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Renda per capita.

Fonte: IBGE.

Outras atividades agrícolas - 2001 - 2002

Produto	Unidade	Quantidade
Piscicultura	kg	724.195
Produção orgânica	Nº produtores	35
	Valor (R\$)	47.290,00
Turismo rural	Nº unidades	22

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção animal - 2004

Espécie Produto	Unidade	Quantidade
Bovinos	Efetivo (cab.)	159.427
Suínos	Efetivo (cab.)	485.706
Aves	Efetivo (cab.)	12.827.857
Leite	1.000 litros	87.135
Mel	kg	109.145
Ovos	1.000 dúzias	33.262
VBP animal	R\$ 1.000	256.835,00

Fonte: Epagri/Cepa.

Produção agrícola - 2005

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
Arroz	632	259	410
Feijão	5.180	7.532	1.454
Fumo	2.347	3.833	1.633
Milho	70.430	375.229	5.328
Soja	97.645	163.696	1.676
Trigo	13.750	21.964	1.597
Uva	167	1.578	9.449

Fonte: IBGE.

Produção de origem florestal - 2004

Produto	Unidade	Quantidade
Carvão	t	346
Erva mate	t	5.961
Lenha	m ³	426.705
Toras (outras)	m ³	356.687
Toras (celulose)	m ³	203.800

Fonte: IBGE.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação Mesorregiões, Microrregiões Geográficas e Municípios

Mesorregião Oeste Catarinense	(Continuação)
MRG São Miguel do Oeste	MRG Chapecó
Anchieta	Guatambu
Bandeirante	Iraceminha
Barra Bonita	Irati
Belmonte	Jardinópolis
Descanso	Maravilha
Dionísio Cerqueira	Modelo
Guaraciaba	Nova Erechim
Guarujá do Sul	Nova Itaberaba
Iporá do Oeste	Novo Horizonte
Itapiranga	Palmitos
Mondai	Pinhalzinho
Palma Sola	Planalto Alegre
Paraíso	Quilombo
Princesa	Saltinho
Riqueza	Santa Terezinha do Progresso
Romelândia	Santiago do Sul
Santa Helena	São Bernardino
São João do Oeste	São Carlos
São José do Cedro	São Lourenço do Oeste
São Miguel do Oeste	São Miguel da Boa Vista
Tunápolis	Saudades
	Serra Alta
MRG Chapecó	Sul Brasil
Águas de Chapecó	Tigrinhos
Águas Frias	União do Oeste
Bom Jesus do Oeste	MRG Xanxerê
Caibi	Abelardo Luz
Campo Erê	Bom Jesus
Caxambú do Sul	Coronel Martins
Chapecó	Entre Rios
Cordilheira Alta	Faxinal dos Guedes
Coronel Freitas	Galvão
Cunha Porã	Ipuaçu
Cunhataí	Jupia
Flor do Sertão	Lajeado Grande
Formosa do Sul	

(Continua)

(Continua)

(Continuação)

MRG Xanxerê

Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê
Xaxim

MRG Joaçaba

Água Doce
Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Fraiburgo
Herval do Oeste
Ibiam
Ibicaré
Iomerê
Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Lebon Régis
Luzerna
Macieira
Matos Costa
OuroPinheiro Preto
Rio das Antas
Salto Veloso
Tangará
Treze Tilias
Vargem Bonita
Videira

MRG Concórdia

Alto bela Vista
Arabutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Itá
Lindóia do Sul
Paial
Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina

(Continua)

(Continuação)

Mesorregião Norte Catarinense

MRG Canoinhas

Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Itaiópolis
Mafra
Major Vieira
Monte Castelo
Papanduva
Porto União
Santa Terezinha
Timbó Grande
Três Barras

MRG São Bento do Sul

Campo Alegre
Rio Negrinho
São Bento do Sul

MRG Joinville

Araquari
Balneário Barra do Sul
Corupá
Garuva
Guaramirim
Itapoá
Jaraguá do Sul
Joinville
Massaranduba
São Francisco do Sul
Schroeder

Mesorregião Serrana

MRG Curitibaanos

Abdon Batista
Brunópolis
Campos Novos
Curitibaanos
Frei Rogério
Monte Carlo
Ponte Alta
Ponte Alta do Norte
Santa Cecília
São Cristovão do Sul
Vargem
Zortéa

(Continua)

(Continuação)

MRG Campos de Lages

Anita Garibaldi
Bocaina do Sul
Bom Jardim da Serra
Bom Retiro
Campo Belo do Sul
Capão Alto
Celso Ramos
Cerro Negro
Correia Pinto
Lages
Otacílio Costa
Painel
Palmeira
Rio Rufino
São Joaquim
São José do Cerrito
Urubici
Urupema

Mesorregião Vale do Itajaí

MRG Rio do Sul

Agronômica
Aurora
Braço do Trombudo
Doma Emma
Ibirama
José Boiteux
Laurentino
Lontras
Mirim Doce
Pouso Redondo
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Rio do Campo
Rio do Oeste
Rio do Sul
Salette
Taió
Trombudo Central
Vitor Meireles
Witmarsum

MRG Blumenau

Apiuna
Acurrá
Benedito Novo
Blumenau
Botuverá
Brusque
Doutor Pedrinho
Gaspar

(Continua)

(Continuação)

MRG Blumenau

Guabiruba
Indaial
Luiz Alves
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó

MRG Itajaí

Balneário Camboriú
Barra Velha
Bombinhas
Camboriú
Ilhota
Itajaí
Itapema
Navegantes
Penha
Piçarras
Porto Belo
São João do Itaperiú

MRG Ituporanga

Agrolândia
Atalanta
Chapadão do Lajeado
Imbuia
Ituporanga
Petrolândia
Vidal Ramos

Mesorregião Grande Florianópolis

MRG Tijucas

Angelina
Canelinha
Leoberto Leal
Major Gercino
Nova Trento
São João Batista
Tijucas
Antônio Carlos
Biguaçu
Florianópolis
Governador Celso Ramos
Palhoça
Paulo Lopes
Santo Amaro da Imperatriz
São José
São Pedro de Alcântara

(Continua)

(Continuação)

MRG Tabuleiro

Águas Mornas
Alfredo Wagner
Anitápolis
Rancho Queimado
São Bonifácio

Mesorregião Sul Catarinense

MRG Tubarão

Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo
Garopaba
Grão Pará
Gravatal
Imaruí
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Orleans
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão

(Continua)

(Continuação)

MRG Criciúma

Cocal do Sul
Criciúma
Forquilha
Içara
Lauro Muller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Siderópolis
Treviso
Urussanga

MRG Araranguá

Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivota
Ermo
Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo

Fonte: IBGE.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, segundo as Secretarias de Desenvolvimento Regional

Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Ermo Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Passo de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul Sombrio Timbe do Sul Turvo
Blumenau	Benedito Novo Blumenau Doutor Pedrinho Gaspar Indaial Pomerode Rio dos Cedros Rodeio Timbo
Brusque	Botuvera Brusque Canelinha Guabiruba Major Gercino Nova Trento Sao Joao Batista Tijucas
Caçador	Caçador Calmon Lebon Regis Macieira Matos Costa Rio das Antas Timbo Grande

(Continua)

Campos Novos	Abdon Batista Brunopolis Campos Novos Celso Ramos Ibiam Monte Carlo Vargem Zortea
Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Irineopolis Major Vieira Porto Uniao Tres Barras
Chapecó	Aguas Frias Caxambu do Sul Chapeco Cordilheira Alta Coronel Freitas Guatambu Nova Erechim Nova Itaberaba Planalto Alegre Serra Alta Sul Brasil
Concórdia	Alto Bela Vista Arabuta Arvoredo Concordia Ipira Ipumirim Irani Ita Jabora Lindoia do Sul Paial Peritiba Piratuba Presidente Castelo Branco Seara Xavantina

(Continua)

Anexo III

(Continuação)		(Continuação)	
Criciúma	Cocal do Sul Criciúma Forquilha Icara Lauro Muller Morro da Fumaca Nova Veneza Orleans Sideropolis Treviso Urussanga	Ituporanga	Agrolandia Alfredo Wagner Atalanta Aurora Chapadao do Lajeado Imbuia Ituporanga Leoberto Leal Petrolandia Vidal Ramos
Curitibanos	Curitibanos Frei Rogerio Ponte Alta do Norte Santa Cecilia Sao Cristovao do Sul	Jaraguá do Sul	Corupa Guaramirim Jaragua do Sul Massaranduba Schroeder
Dionísio Cerqueira	Anchieta Dionisio Cerqueira Guaruja do Sul Palma Sola Princesa Sao Jose do Cedro	Joaçaba	Agua Doce Capinzal Catanduvas Erval Velho Herval do Oeste Ibicare Joaçaba Lacerdopolis Luzerna Ouro Treze Tilias Vargem Bonita
Grande Florianópolis	Aguas Mornas Angelina Anitapolis Antonio Carlos Biguacu Florianopolis Governador Celso Ramos Palhoca Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz Sao Bonifacio Sao Jose Sao Pedro de Alcântara	Joinville	Araquari Balneario Barra do Sul Barra Velha Garuva Itapoa Joinville Sao Francisco do Sul Sao Joao do Itaperiu
Ibirama	Apiuna Ascurra Dona Emma Ibirama Jose Boiteux Lontras Presidente Getulio Presidente Nereu Vitor Meireles Witmarsum	Lages	Anita Garibaldi Bocaina do Sul Campo Belo do Sul Capao Alto Cerro Negro Correia Pinto Lages Otacilio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Sao Jose do Cerrito
Itajaí	Balneario Camboriu Bombinhas Camboriu Ilhota Itajai Itapema Luiz Alves Navegantes Penha Picarras Porto Belo		

(Continua)

(Continua)

(Continuação)

Laguna	Garopaba Imarui Imbituba Jaguaruna Laguna Paulo Lopes
Mafra	Campo Alegre Itaiópolis Mafra Monte Castelo Papanduva Rio Negrinho Sao Bento do Sul
Maravilha	Bom Jesus do Oeste Flor do Sertao Iraceminha Maravilha Modelo Pinhalzinho Romelandia Saltinho Santa Terezinha do Progresso Sao Miguel da Boa Vista Saudades Tigrinhos
Palmitos	Águas de Chapeco Caibi Cunha Porã Cunhatai Mondai Palmitos Riqueza Sao Carlos
Rio do Sul	Agronômica Braço do Trombudo Laurentino Mirim Doce Pouso Redondo Rio do Campo Rio do Oeste Rio do Sul Salette Santa Terezinha Taio Trombudo Central
São Joaquim	Bom Jardim da Serra Bom Retiro Rio Rufino Sao Joaquim Urubici Urupema

(Continua)

(Continuação)

São Lourenço do Oeste	Campo Erê Coronel Martins Formosa do Sul Galvão Irati Jardinópolis Jupia Novo Horizonte Quilombo Santiago do Sul Sao Bernardino São Lourenço do Oeste União do Oeste
São Miguel do Oeste	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Descanso Guaraciaba Ipora do Oeste Itapiranga Paraiso Santa Helena Sao Joao do Oeste Sao Miguel do Oeste Tunapolis
Tubarão	Armazem Braco do Norte Capivari de Baixo Grao Para Gravatal Pedras Grandes Rio Fortuna Sangao Santa Rosa de Lima Sao Ludgero Sao Martinho Treze de Maio Tubarão
Videira	Arroio Trinta Fraiburgo Iomere Pinheiro Preto Salto Veloso Tangara Videira
Xanxerê	Abelardo Luz Bom Jesus Entre Rios Faxinal dos Guedes Ipuacu Lajeado Grande Marema Ouro Verde Passos Maia Ponte Serrada Sao Domingos Vargeao Xanxere Xaxim

Fonte: Governo do Estado.

Associações de municípios do Estado de Santa Catarina

Associação dos municípios da região da Grande Florianópolis - GRANFPOLIS

Águas Mornas 80
Alfredo Wagner
Angelina
Anitápolis
Antônio Carlos
Biguaçu
Canelinha
Florianópolis
Garopaba
Governador Celso Ramos
Leoberto Leal
Major Gercino
Nova Trento
Palhoça
Paulo Lopes
Rancho Queimado
Santo Amaro da Imperatriz
São Bonifácio
São João Batista
São José
São Pedro de Alcântara
Tijucas

Associação dos municípios da Foz do Rio Itajaí - AMFRI

Balneário Camboriú
Bombinhas
Camboriú
Ilhota
Itajaí
Itapema
Luiz Alves
Navegantes
Penha
Piçarras
Porto Belo

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Médio Vale do Itajaí - AMMVI

Apiúna
Ascurra
Benedito Novo
Blumenau
Botuverá
Brusque
Doutor Pedrinho
Gaspar
Guabiruba
Indaial
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó

Associação dos municípios do Nordeste de Santa Catarina - AMUNESC

Araquari
Balneário Barra do Sul
Campo Alegre
Garuva
Itapoá
Joinville
Rio Negrinho
São Bento do Sul
São Francisco do Sul

Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

Águas de Chapecó
Águas Frias
Caxambu do Sul
Chapecó

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC

Cordilheira Alta
Coronel Freitas
Formosa do Sul
Guatambu
Irati
Jardinópolis
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Pinhalzinho
Planalto Alegre
Quilombo
Santiago do Sul
São Carlos
Serra Alta
Sul Brasil
União do Oeste

Associação dos municípios do Planalto Norte Catarinense - AMPLA

Itaiópolis
Mafra
Monte Castelo
Papanduva

Associação dos municípios da Região Carbonífera - AMREC

Cocal do Sul
Criciúma
Forquilha
Içara
Lauro Müller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Siderópolis
Treviso
Urussanga

Associação dos municípios do alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Alto Bela Vista
Arabutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Ita
Lindóia do Sul
Paial

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do alto Uruguai Catarinense - AMAUC

Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina

Associação dos municípios da Região de Laguna - AMUREL

Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo
Grão Pará
Gravatal
Imarui
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Orleans
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão

Associação dos municípios da Região Serrana - AMURES

Anita Garibaldi
Bocaina do Sul
Bom Jardim da Serra
Bom Retiro
Campo Belo do Sul
Capão Alto
Cerro Negro
Correia Pinto
Lages
Otacílio Costa
Painel
Palmeira
Ponte Alta
Rio Rufino
São Joaquim
São José do Cerrito
Urubici
Urupema

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do alto Vale do Rio do Peixe - AMARP

Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Curitibanos
Fraiburgo
Frei Rogério
Ibiam
Iomerê
Lebon Régis
Macieira
Pinheiro Preto
Ponte Alta do Norte
Rio das Antas
Salto Veloso
Santa Cecília
São Cristóvão do Sul
Timbó Grande
Videira

Associação dos municípios do alto Vale do Itajaí - AMAVI

Agrolândia
Agronômica
Atalanta
Aurora
Braço do Trombudo
Chapadão do Lajeado
Dona Emma
Ibirama
Imbuia
Ituporanga
José Boiteux
Laurentino
Lontras
Mirim Doce
Petrolândia
Pouso Redondo
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Rio do Campo
Rio do Oeste
Rio do Sul
Salette
Santa Terezinha
Taió
Trombudo Central
Vidal Ramos
Vitor Meireles
Witmarsum

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Meio Oeste Catarinense - AMMOC

Água Doce
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Herval do Oeste
Ibicaré
Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Luzerna
Ouro
Tangará
Treze Tílias
Vargem Bonita

Associação dos municípios do Extremo Oeste Catarinense - AMEOSC

Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondai
Palma Sola
Paraíso
Princesa
Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis

Associação dos municípios do alto Itani - AMAI

Abelardo Luz
Bom Jesus
Coronel Martins
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Galvão
Ipuaçú
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do alto Irani - AMAI

Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê
Xaxim

Associação dos municípios do Vale do Itapocu - AMVALI

Barra Velha
Corupá
Guaramirim
Jaraguá do Sul
Massaranduba
São João do Itaperiú
Schroeder

Associação dos municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC

Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivota
Ermo
Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo

Associação dos municípios da Região do Contestado - AMURC

Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Major Vieira
Matos Costa
Porto União
Três Barras

(Continua)

(Continuação)

Associação dos municípios do Entre Rios - AMERIOS

Bom Jesus do Oeste
Caibi
Campo Erê
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Iraceminha
Maravilha
Modelo
Palmitos
Riqueza
Romelândia
Saltinho
Santa Terezinha do Progresso
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Tigrinhos

Associação dos municípios do Noroeste Catarinense AMNOROESTE

Jupiá
Novo Horizonte
São Bernardino
São Lourenço do Oeste

Associação dos municípios do Planalto Sul Catarinense - AMPLASC

Abdon Batista
Brunópolis
Campos Novos
Celso Ramos
Monte Carlo
Vargem
Zortéa

Fonte: Fecan.

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios

Divisão territorial do Estado de Santa Catarina, com indicação das Regiões Hidrográficas e Municípios

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-1 Extremo Oeste	Rio Peperi-Guaçu	Bandeirante Barra Bonita Belmonte Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Itapiranga Paraíso Princesa Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel do Oeste Tunápolis
	Rio das Antas	Anchieta Caibi Campo Erê Cunha Porã Descanso Flor do Sertão Iporã do Oeste Iraceminha Maravilha Mondai Palma Sola Palmitos Riqueza Romelândia Santa Terezinha Progresso São Miguel da Boa Vista Tigrinhos

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-2 Meio Oeste	Rio Chapecó	Abelardo Luz Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caxambu do Sul Cordilheira Alta Coronel Freitas Coronel Martins Cunhataí Entre Rios Formosa do Sul Galvão Guatambu Ipuaçú Irati Jardinópolis Jupia Lajeado Grande Marema Modelo Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Ouro Verde Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santiago do Sul São Bernadino São Carlos São Domingos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil União do Oeste
	Rio Irani	Arvoredo Bom Jesus Chapecó Faxinal dos Guedes Passos Maia Ponte Serrada Vargeão Xanxerê Xavantina Xaxim

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-3 Vale do Rio do Peixe	Rio do Peixe	Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Erval Velho Fraiburgo Herval do Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Ipira Joaçaba Lacerdópolis Luzerna Macieira Ouro Peritiba Pinheiro Preto Piratuba Rio das Antas Salto Veloso Tangará Treze Tílias Videira
	Rio Jacutinga	Água Doce Alto Bela Vista Arabutã Catanduvas Concórdia Ipumirim Irani Itá Jaborá Lindóia do Sul Paial Presidente Castelo Branco Seara Vargem Bonita

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-4 Planalto de Lages	Rio Canoas	Abdon Batista Anita Garibaldi Bocaina do Sul Bom Retiro Brunópolis Capão Alto Campo Belo do Sul Campos Novos Celso Ramos Cerro Negro Correa Pinto Curitibanos Frei Rogério Lages Lebon Regis Monte Carlo Otacílio Costa Painel Palmeira Ponte Alta Ponte Alta do Norte Rio Rufino Santa Cecília São Cristovão do Sul São José do Cerrito Urubici Vargem Zortéa
	Rio Pelotas	Bom Jardim da Serra São Joaquim Urupema
RH-5 Planalto de Canoinhas	Rio Negro	Campo Alegre Mafra Rio Negrinho São Bento do Sul Três Barras
	Rio Canoinhas	Bela Vista do Toldo Canoinhas Itaiópolis Major Vieira Monte Castelo Papanduva
	Rio Iguaçu	Irineópolis Matos Costa Porto União Timbó Grande

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-6 Baixada Norte	Rio Cubatão	Garuva Itapoá Joinville São Francisco do Sul
	Rio Itapocu	Araquari Balneário Barra do Sul Barra Velha Corupá Guaramirim Jaraguá do Sul Massaranduba São João do Itaperiú Schroeder
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Agrolândia Agronômica Alfredo Wagner Atalanta Aurora Apiuna Ascurra Balneário Camboriú Benedito Novo Blumenau Botuverá Braço do Trombudo Brusque Camboriú Chapadão do Lajeado Dona Emma Doutor Pedrinho Gaspar Guabiruba Ibirama Ilhota Imbuia Indaial Itajaí Ituporanga José Boiteux Laurentino Lontras Luiz Alves Mirim Doce Navegantes Penha Petrolândia Piçarras Pomerode

(Continuação)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-7 Vale do Itajaí	Rio Itajaí	Pouso Redondo Presidente Getúlio Presidente Nereu Rio do Campo Rio do Oeste Rio dos Cedros Rio do Sul Rodeio Salete Santa Terezinha Taió Timbó Trombudo Central Vidal Ramos Vitor Meirelles Witmarsum
RH-8 Litoral Centro	Rio Tijucas	Angelina Bombinhas Canelinha Governador Celso Ramos Itapema Leoberto Leal Major Gercino Nova Trento Porto Belo São João Batista Tijucas
	Rio Biguaçu	Antonio Carlos Biguaçu Florianópolis
	Rio Cubatão do Sul	Águas Mornas Palhoça Rancho Queimado Santo Amaro da Imperatriz São José São Pedro de Alcântara
	Rio da Madre	Garopaba Paulo Lopes
RH-9 Sul Catarinense	Rio D'Una	Imarui Imbituba
	Rio Tubarão	Anitápolis Armazém Braço do Norte Capivari de Baixo Grão Pará Gravatal Jaguaruna

(Continua)

(Continuação)

Região Hidrográfica	Bacia/Sub-Bacia Hidrográfica	Municípios
RH-9 Sul Catarinense	Rio Tubarão	Laguna Lauro Muller Orleans Pedras Grandes Rio Fortuna Sangão Santa Rosa de Lima São Bonifácio São Ludgero São Martinho Treze de Maio Tubarão
	RH-10 Extremo Sul Catarinense	
	Rio Urussanga	Cocal do Sul Içara Morro da Fumaça Urussanga
	Rio Araranguá	Araranguá Balneário Arroio do Silva Balneário Gaivota Criciúma Ermo Forquilha Jacinto Machado Maracajá Meleiro Morro Grande Nova Veneza Siderópolis Sombrio Timbé do Sul Treviso Turvo
	Rio Mampituba	Passos de Torres Praia Grande Santa Rosa do Sul São João do Sul

Conceitos

Consumo aparente de fertilizantes - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

Cooperativa - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

Erva-mate cancheada - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

Microrregião geográfica (MRG) - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

Pessoal ocupado - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

População residente - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

População rural - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

População urbana - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

Precipitação pluviométrica - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

Preços médios ponderados - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

Produção - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

Produção extrativa vegetal - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

Produto - Resultado de qualquer atividade específica.

Produto Interno Bruto (PIB) - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

Semente fiscalizada - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

Setor terciário - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

Situação de domicílio - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

Temperatura - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

Temperatura máxima - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Temperatura mínima - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

Umidade relativa do ar - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

Valor Bruto da Produção (VBP) - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

Fonte: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia do censo agropecuário de 1980**. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981**. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. **Pesquisas agropecuárias contínuas**. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

Lista de fontes

ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2001-2006 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 2006. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL – 2000-2004. Brasília: BCB, 2000-2004. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO SETOR DE FERTILIZANTES - 2001 - 2005. São Paulo:Anda, 2001-2006. Disponível em: <http://www.anda.org.br>

CONAB. Preços mínimos. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

FAO. Base de Datos Estadísticos. Disponível em: <http://www.fao.org>

IBGE. Banco de Dados Agregados – SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

MDIC/SECEX. Indicadores – Alice Web. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/indicadores>

USDA. www.usda.gov

Lista de Figuras - Parte I

Desempenho do agronegócio catarinense

1. Produto interno bruto trimestral (%) - 2005-06	12
---	----

Alho

1. Evolução da produção brasileira - Safras 1997/98 a 2004/05	21
2. Comportamento da área plantada no Brasil - Safras 1997/98 a 2004/05	22
3. Produtividade média registrada no Brasil - Safras 1997/98 a 2004/05	22
4. evolução da produção catarinense - Safras 2000/01 a 2004/05	23
5. preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2003 a 2005	23
6. Comportamento das importações brasileira - 2001 a 2005	23

Arroz

1. Santa Catarina - Preços médios mensais - Fev./03 - Jun./06	31
---	----

Batata

1. Desempenho da produção brasileira - Safra 200/01 a 2004/05	45
2. Evolução da produtividade média nacional - Safra 200/01 a 2004/05	45
3. Comportamento da área plantada no Brasil - Safra 1999/000 a 2004/05	46
4. Evolução da produção catarinense - Safra 199/000 a 2004/05	47
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2003 a 2005	48

Cebola

1. Desempenho da produção brasileira - Safra 200/01 a 2004/05	50
2. Comportamento da área plantada no Brasil - Safra 200/01 a 2004/05	50
3. Evolução da produção catarinense - Safra 1999/000 a 2004/05	51
4. Comportamento da área plantada em Santa Catarina - Safra 1999/000 a 2004/05	52
5. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - Safra 2003/04 - 2004/05	53
6. Preços médios mensais de comercialização na Ceagesp - 2005	54
7. Evolução das importações brasileiras - 2000 a 2005	54

Maçã

1. Preço real no atacado - Médias de 2000-06	76
2. Exportações brasileiras - Quantidade e preço médio - 2000-06	77
3. Importações brasileiras - Valor e quantidade - 2000-06	77

Mandioca

1. Fécula in natura, dextrina e outros amidos modificados - Valor exportado pelo Brasil - 2000-05	83
2. Raiz e derivados - Região Sul Catarinense - Preços reais - Médias anuais - 2000-2005	85

Milho

1. Principais produtores mundiais - Safra 200/04	87
2. Cotações internacionais - 2004-06	88
3. Produção do Mercosul - Safra 2004/05	89
4. Principais estados produtores - Brasil - Safra 2004/05	90
5. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2003-06	90
6. Preços ao produtor de Chapecó - 2003-06	92

Soja

1. Principais produtores mundiais - Safras 2004/05	94
2. Evolução da cotações internacionais - 2004-06	95
3. Produção do Mercosul - safra 2004/05	96
4. Principais estados produtores - Brasil - Safra 2004/05	96
5. Preços ao produtor de Chapecó - 2004-06	97

Uva

1. Brasil - Participação relativa na produção de uva - 2003-05 116

Flores e plantas ornamentais

1. Percentual de área cultivada (ha), por categoria de produção e técnica de plantio - Brasil 2000-02 121
2. Distribuição percentual dos canis de distribuição interna - 2001-02 124

Mel

1. Preços recebidos (média anual) - Santa Catarina 2001-06 169

Pesca e Aquicultura

1. Peixe de água-doce - Participação percentual das principais espécies - 2005 172
2. Piscicultura de águas mornas - Quantidade produzida - Santa Catarina - 1995-005 173
3. Triticultura - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 1993-004 173
4. Catfish - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 2003-05 174
5. Ostra - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 1995-005 174
6. Mexilhões - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 1995-005 175
7. Camarões - Quantidade produzida (t) - Santa Catarina - 1999-005 176

Setor florestal

1. participação dos principais estados nas exportações brasileiras - 2005 182
2. Uso e cobertura do solo no Brasil - 2005-06 183
3. Participação das espécies nos plantios florestais - 2006 184
4. Produção brasileira de madeira em toras para uso industrial - 1997-005 185
5. participação dos estados na produção de madeira planta destinada a papel e celulose - 2004 186
6. Participação dos estados na produção de madeira plantada destinada ao processamento mecânico - 2004 187
7. Participação dos estados na produção extrativa de madeira em toras no Brasil - 2004 187
8. Exportações brasileiras de madeirae suas obras - 1993-005 188
9. Exportações brasileiras de móveis de madeira e suas partes - 1994-005 192
10. Exportações brasileiras de papel e celulose - 1994-005 192
11. número de empresas do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2004 194
12. Número de empregados do setor florestal, por segmento - Santa Catarina - 2004 195
13. preços médios recebidos pelos produtores pelos principais produtos florestais - Santa Catarina - 1995-006 199
14. Índice de evolução dos preços (IGPM) das principais matérias-primas florestais - Santa Catarina - Maio-98 a maio-006 199
15. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-005 200

Lista de tabelas - Parte 1

Desempenho do agronegócio catarinense

1. Área plantada, produção e posição de santa Catarina n a produção nacional, segundo os principais produtos agrícolas - Safra - 2004/05 16
2. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária catarinense, segundo os grupos dos principais produtos - 2004-05 17
3. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos - Safras - 2004/05 e 2005/06 19

Alho

1. Área plantada, produção e rendimento obtido - Brasil - Safra - 2004/05 22
2. Área plantada, produção e rendimento por estado - Safra 200/03 e 2004/05 24

Arroz

1. Arroz em casca - Evolução da produção, área cultivada e rendimento médio mundiais - 2001 a 2005 25
2. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos 11 principais países produtores e no mundo - 2003 a 2005 26
3. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos países-membros do Mercosul - 2003 a 2005 28

4. Importações brasileiras de arroz por países do Mercosul - 2003 a 2005	29
5. Arroz em casca - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados brasileiros – 2004 a 2006	30
6. Balanço de oferta e demanda - Brasil - Safra 2003/04 a 2005/06	31
7. Arroz em casca - Quantidade total produzida, área plantada e rendimento médio nas principais MRGs - Santa Catarina - 2004-06	32
8. Arroz em casca - Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do irrigado nas principais MRGs - Santa Catarina - 2003-06	34

Banana

1. Produção mundial das principais frutas - 2001 a 2005	35
2. Evolução da cultura no mundo – 1999 a 2005	36
3. Área plantada, produção e rendimento médio nos 20 principais países produtores - 2004-2005	37
4. Principais Frutas – Quantidade produzida – Brasil – 2001 a 2005	37
5. Consumo per capita das frutas mais consumidas - Brasil -1998 a 2003	38
6. Área plantada e quantidade produzida nos estados - Brasil – 2003 a 2005	39
7. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões - Santa Catarina – 2004 a 2005	40
8. Área, produção e rendimento médio nos 20 principais municípios produtores - Santa Catarina – 2004 a 2005	40
9. Comportamento das exportações mundiais – 2000 a 2004	41
10. Comportamento das importações mundiais 2000 a 2004	41
11. Principais países importadores - 2004	41
12. Principais países exportadores – 2004	42
13. Exportações brasileiras – 1998 a 2005	42
14. Evolução das exportações nos principais estados - Valor, quantidade e preço médio - 1998 a 2005	43
15. Principais países importadores da produção brasileira - Valor, quantidade e preço médio – 1998 a 2005	44
16. Banana-Caturra - Preços médios no produtor e atacado - Santa Catarina – 2002 a 2005	44
17. Banana-Prata - Preços médios no produtor e atacado - Santa Catarina – 2002 a 2005	44

Batata

1. Área plantada, produção e rendimento – Brasil – Safra 2004/05	46
2. Área plantada, produção colhida e rendimento médio obtido – Santa Catarina – Safra 2004/05	47
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2002/03 a 2004/05	49

Cebola

1. Área plantada, produção e rendimento obtidos – Brasil – Safra 2004/05	51
2. Área plantada, produção e rendimento obtidos – Santa Catarina – Safra 2004/05	53
3. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras 2002/03 a 2004/05	55

Feijão

1. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio no mundo - 2002 a 2005	56
2. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio mundiais - 2002 - Média do triênio 2003 a 2005	56
3. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos sete principais países produtores e no mundo57 – 2003 a 2005	57
4. Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos países-membros - Mercosul - 2003 a 2005	58
5. Feijão total - Quantidade produzida, área cultivada e rendimento médio nos principais estados brasileiros - 2004 a 2006	59
6. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2004 a 2006	59
7. Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do feijão da safra das águas nos principais estados produtores - Brasil -2004 a 2006	61
8. Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do feijão da safrinha nos principais estados produtores - Brasil - Safra 2004/06	62
9. Quantidade produzida, área plantada e rendimento médio do feijão da 3ª safra nos principais estados produtores - Brasil - 2004 a 2006	63
10. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio das duas safras anuais nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 a 2006	64
11. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio da primeira safra nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 a 2006	65
12. Quantidade produzida, área colhida e rendimento médio da segunda safra nas principais microrregiões produtoras - Santa Catarina - 2004 a 2006	66

Fumo

1. Produção mundial e dos principais países - 1980-005	69
2. Comparativo das safras- Brasil - 1996/97 a 2005/06	69
3. Comparativo de safras, segundo os estados e regiões - Brasil - 2002/03 a 2004/05	70
4. Quantidade produzida e exportada - Brasil - 1996 a 2005	70
5. Exportações brasileiras e catarinenses - 1996 a 2005	70
6. Comparativo das safras da Região Sul do Brasil - 2003/04 a 2005/06	71
7. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 a 2005/06	71
8. Preço médio recebido pelos produtores da Região Sul do Brasil - 1996/97 a 2004/05	71
9. Comparativo das safras - Santa Catarina - 1995/96 a 2005/06	72
10. Comparativo de safras, segundo as micro e mesorregiões - Santa Catarina - Safras 2002/03 a 2004/05	72

Maçã

1. Área colhida e produção - Total e principais países – 2002/03-2004/05	74
2. Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2002 a 2004	74
3. Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002 a 2004	75
4. Área colhida e produção dos principais estados – Brasil – 2002/03-2005/06	76

Mandioca

1. Raiz de mandioca - Área colhida, produção mundial e principais países produtores – 2002/03 - 2004/05	80
2. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2002-2004	80
3. Amido de mandioca – Quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2002-2004	81
4. Amido de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002-04	81
5. Farinha de mandioca – Quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2002-04	81
6. Raiz de mandioca - Área colhida e produção, principais estados - Brasil – Safras 2003/04 - 2005/06	82
7. Raiz e derivados - Variação percentual de preços em 2005, comparado com os anos de 2000-04	84

Milho

1. Oferta/demanda mundial e Norte-Americana – Safras 2004/05 a 2006/07	88
2. Oferta/demanda - Argentina – Safras 2003/04 a 2005/06	89
3. Oferta/demanda – Brasil – Safras 2003/04 a 2005/06	90
4. Oferta/demanda - Santa Catarina – 2003 a 2006	91
5. Área, produção e rendimento mundial – Safras 2003/04 a 2005/06	92
6. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil -Safras 2003/04 a 2005/06	93
7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina - Safras 2003/04 a 2005/06	93

Soja

1. Soja-grão – Oferta/demanda mundial e norte-americana – Temporada 2003/04 a 2005/06	95
2. Complexo soja – Oferta/demanda – Temporada - Brasil - 2003/04 a 2004/05	97
3. Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul – Safra 2003/04 a 2005/06	98
4. Área plantada, produção e rendimento por estado - Brasil - Safras - 2003/04 a 2005/06	99
5. Área, produção e rendimento por Microrregião Geográfica - Santa Catarina - Safra 2003/04 a 2005/06	99

Tomate

1. Área, produção, rendimento médio do principais países produtores e comparativo das safras 2003/04 e 2004/05	101
2. Exportações – Quantidade, valor e preço médio – Mundo - 2000-04	101
3. Área, produção e rendimento médio - Países sul-americanos - Safras 2003/04 a 2004/05	102
4. Área, produção e rendimento médio nos principais estados - Brasil – Safras 2003/04 e 2004/05	103
5. Importações – Origem, quantidade e valor – Brasil - 2003-05	104
6. Importações – Destino, quantidade e preço médio – Brasil - 2003-05	104
7. Exportações – Origem, volume e valores – Brasil - 2003-05	104
8. Exportações - Destino, quantidade e preço médio - Brasil – 2003-05	105
9. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões - Santa Catarina – Safras 2003/04 a 2004/05	106
10. Área plantada, produção e rendimento médio nos principais municípios - Santa Catarina – Safras 2003/04 a 2004/05	107
11. Preços médios mensais no atacado e recebido pelos produtores e preços médios anuais – Santa Catarina - 2003-05	107

Trigo

1. Balanço mundial de oferta e demanda - Mundo - Safras 1997/98-2005/06	110
2. Produção dos principais países produtores - Mundo - Safras 2002/03-2006/07	110
3. Comparativo das safras - Brasil - Safras - 1997/98 - 2006/07	110
4. Comparativo de safras, segundo os estados - Brasil - Safras 2003/04-2005/06	111
5. Oferta e demanda - Brasil - Safras - 2001/02 - 2006/07	111
6. Trigo em grão - Quantidade importada - Brasil - 1996-2005	111
7. Farinha de trigo - Quantidade importada - Brasil - 1996-2005	112
8. Comparativo das safras - Santa Catarina - Safras 1997/98 a 2006/07	112
9. Comparativo de safras, segundo as microrregiões - Santa Catarina - Safras - 2003/04 a 2005/06	112
10. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002-05	113
11. Preços mínimos de garantia - 2001-06	113

Flores e plantas ornamentais

1. Mudanças de plantas ornamentais - Arbustos e trepadeiras - Área cultivada por espécie (ha) - Brasil - 2001-02	122
2. Mudanças de plantas ornamentais - Forrações e gramas - Área cultivada, por espécie (ha) - Brasil - 2001-02	122
3. Atividade floricultura - Quantidade e capacidade das benfeitorias e instalações, por estado - Brasil - 2001-02	122
4. Flores e plantas ornamentais - Participação percentual, por grupo de produtos, na pauta de exportações - Brasil - 2002-05	124
5. Flores e plantas ornamentais - Ranking dos países importadores do Brasil - 2002-05	125
6. Flores e plantas ornamentais - Ranking dos estados brasileiros exportadores - 2002-05	125
7. Flores e plantas ornamentais - Importações - Brasil - 2000-05	126
8. Floricultura - Evolução catarinense - 1997-2002	128
9. Flores - Produção comercializada - Santa Catarina - 2000	129
10. Flores e plantas ornamentais - Exportações - Santa Catarina - 1999-005	130
11. Floricultura - Exportações catarinenses - 2002-05	131
12. Flores e plantas ornamentais - Importações - Santa Catarina - 1999-03	132
13. Flores e plantas ornamentais - Comportamento dos preços mensais (R\$), ao produtor - Santa Catarina - 2004	133
14. Floricultura - Plantas vivas e produtos - Balança comercial brasileira - 2005	134

Desempenho da produção animal

Carne bovina

1. Principais países do mercado - 2005	136
2. Produção mensal - Brasil - 2002-05	137
3. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2002-06	137
4. Participação percentual dos países nas exportações - Brasil - 2005-06	138
5. Exportações por tipo de produto - Brasil - 2005-06	138
6. Oferta e demanda - Santa Catarina - 2002-05	140
7. Abate de bovinos - Brasil e Santa Catarina - 2002-05	140
8. Boi gordo - Preço ao produtor e no atacado - Santa Catarina - 2005-06	140

Carne de frango

1. Principais países do mercado - 2005-06	142
2. Cabeças abatidas SIF por estado - Brasil - 2002-05	143
3. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2002-04	144
4. Preços e quantidade exportada - Brasil - 2002-06	144
5. Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina - 2002-05	145
6. Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina - 2002-05	145
7. Preço e quantidade exportada - Santa Catarina - 2002-06	146
8. Frango vivo - Preço no atacado - Fevereiro de 2004 a junho de 2006	146

Carne suína

1. Principais países do mercado - 2005-06	148
2. Produção brasileira por estado - 2002-06	149
3. Balanço de oferta e demanda - Brasil - 2002-06	150
4. Preços de exportação - Brasil - 2004-06	151
5. Balanço de oferta e demanda - Santa Catarina - 2002-05	151

6. Produção e exportação - Brasil e Santa Catarina – 2002-06	152
7. Evolução dos preços de exportação - Santa Catarina – 2002-06	152
8. Preços pagos ao produtor - Chapecó (SC) – Fevereiro de 2005-junho de 2006	153

Leite

1. Produção mundial, segundo as espécie animais - 1970-2005	187
2. Produção mundial e dos principais países produtores - 1970-2005	157
3. Produção brasileira, segundo os estados - Brasil - 1985-2004	158
4. Comparativo entre a produção total e a industrializada, por estado - Brasil - 2000-2004	158
5. Produção destinada à industrialização, segundo os estados - Brasil - 2000-005	159
6. Leite e derivados - importações e exportações - Brasil - 1996-005	159
7. Leite e derivados - Importações brasileiras, segundo os principais países - 2003-05	160
8. Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões – 1985-2004	160
9. Leite - Produção inspecionada - Total das indústrias e postos de resfriamento Santa Catarina - 2000-006	161
10. Produção destinada à industrialização, segundo os meses - Santa Catarina - 2000-05	161
11. Preços médios recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2001-06	161

Mel

1. Quantidade produzida no mundo e nos principais países – 2003-05	162
2. Quantidade e valor das exportações, total e nos principais países - 2002-04	163
3. Quantidade e valor das importações, total e nos principais países - 2002-04	164
4. Produção brasileira e dos principais estados produtores - 2000-04	165
5. Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino - 2004-06	166
6. Valor e quantidade das exportações brasileiras, por estado - 2004-06	166
7. Preço médio das exportações brasileiras - Média nacional e dos principais estados vendedores - 2004-06	167
8. Período de colheita, tipo de florada, número de colméia por apicultor e rendimento por colméia, por mesorregião de Santa Catarina - 2005	168
9. Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica - Santa Catarina - 2001-04	169

Pesca e aquíicultura

1. Valor do pescado e demais produtos pesqueiros - Exportação - Brasil e Santa Catarina - 2000-06	171
---	-----

Setor florestal

1. Área de florestas naturais e plantadas no mundo - 2005	177
2. Produção mundial de madeira em toras ⁽¹⁾ segundo os principais países - 2001-04	178
3. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial, ⁽¹⁾ segundo os principais países - 2001-04	179
4. Produção mundial de celulose ⁽¹⁾ segundo os principais países - 2000-03	179
5. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2001-04	180
6. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países - 2001-04	180
7. Valor das importações mundiais de produtos florestais, segundo os principais países - 2001-04	181
8. Área plantada com pinus e eucalipto no Brasil em 2005, por estado e área total dos plantios existentes - 2005	184
9. Valor financiado pelos programas pronaf florestal e propflora - 2005	185
10. Produção dos principais matérias-primas de origem florestal - Brasil - 2001-04	186
11. Consumo de madeiras em toras para uso industrial por espécie, segundo os principais segmentos industriais- Brasil -2005	186
12. Produção e destino dos compensados – Brasil – 1995-004	188
13. Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1995-004	189
14. Produção e destino de produtos de maior valor agregado (PMVA) – Brasil – 2000-04	189
15. Produção e destino dos painéis de madeira reconstituída – Brasil – 1998-005	190
16. Produção de papel e celulose – Brasil - 2003-05	193
17. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2001-05	196
18. Preço médio de insumos e fatores de produção - Santa Catarina - 2001-06	197
19. Preço médio dos principais produtos - Santa Catarina - 2001-06	198
20. Preço médio dos principais produtos - Santa Catarina - 2001-06	200

Lista de tabelas - Parte II

Divisão política do território e informações climáticas

1. Área territorial, segundo os municípios - Santa Catarina - 2000	202
2. Média das temperaturas mínimas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005	206
3. Média das temperaturas máximas mensais, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005	206
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005	207
5. Precipitação média mensal, as estações agrometeorológicas - Santa Catarina - 2005	207

Caracterização socioeconômica

6. População residente, segundo a situação de domicílios - Brasil e Santa Catarina - 2001-04	208
7. População residente total, urbana e rural, por grupo de idade - Santa Catarina - 2002-04	208
8. População residente total, urbana e rural, segundo os municípios - Santa Catarina - 2002	209
9. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade - Santa Catarina - 2002-04	215
10. Pessoa ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade - Santa Catarina - 2002-04	216
11. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio - Santa Catarina - 2003-04	216
12. Trabalhadores no agronegócio catarinense - 2001-04	217

Estrutura de produção e comercialização

13. Cooperativas, segundo o tipo de atividade - Santa Catarina - 2001-05	218
14. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa - Santa Catarina - 2001-05	218
15. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos - Santa Catarina - 2001-05	219
16. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo - Santa Catarina - 2001-05	219
17. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo - Santa Catarina - 2001-05	220
18. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade - Santa Catarina - 2000-04	220

Informações econômicas da agropecuária

19. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais - Santa Catarina - Safras - 2004/05-2005/06	221
20. Exportações do agronegócio catarinense - 2001-06	222
21. Importações do agronegócio catarinense - 2001-06	223
22. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno de Santa Catarina, segundo a atividade econômica do setor primário - 2000-05	224
23. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense - 2000-05	224
24. Índice de produtividade das principais culturas - Santa Catarina - 1986-005	225

Preços agrícolas

25. Preços mínimos vigentes, na região centro-sul - 2002-06	226
26. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - 227 Santa Catarina - fev./dez. - 2005	227
27. Preços médios mensais recebidos pelos produtores dos principais produtos agropecuários - 229 Santa Catarina - fev./maio - 2006	228
28. Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinenses o IPR - 2005-06	229
29. Preços médios mensais recebidos pelos aquicultores - Santa Catarina - 2005-06	229
30. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses	230

Agronegócio, 9 - 20
Alho, 21 - 24
Área territorial, 202 - 204
Arroz, 25 - 34
Aqüicultura, 171
Associação de municípios, 270 - 273
Bacias hidrográficas, 274 - 280
Balanço de oferta e demanda, 221
Banana, 35 - 44
Batata, 45 - 49
Calendário agrícola, 135
Carne bovina, 136 - 141
Carne de frango, 142 - 147
Carne suína, 148 - 153
Cebola, 50 - 55
Cooperativas, 218 - 219
Crédito rural, 220
Divisão política do território, 205
Domicílios particulares, 216
Equivalência de preços, 230
Exportação, 222
Feijão, 56 - 66
Fertilizantes, 220
Flores, 120 - 134
Fumo, 67 - 72
Importação, 223
Índice de produtividade, 225
Índice de preços recebidos, 229
Leite, 154 - 161
Maçã, 73 - 78
Mandioca, 79 - 86
Máquinas agrícolas, 219
Maricultura, 174 - 176
Mel, 162 - 169
Meso e microrregiões geográficas, 263 - 266
Milho, 87 - 93
Pesca e aqüicultura, 170 - 176
Pessoal ocupado, 215 - 216
Piscicultura de água doce, 171 - 173
Plantas ornamentais, 120 - 134
População residente, 208

Índice remissivo

População rural, 208 - 214
População urbana, 208 - 214
Precipitação pluviométrica, 207
Preços agrícolas, 226 - 229
Preços mínimos, 226
Preços recebidos, 227 - 229
Produção agrícola, 16
Produção animal, 136 - 169
Produção vegetal, 21 - 134
Produto interno bruto, 12
Produtos florestais, 177 - 201
Setor florestal, 177 - 201
Soja, 94 - 99
Temperatura máxima, 206
Temperatura mínima, 206
Tomate, 100 - 107
Trabalhadores no agronegócio, 217
Trigo, 108 - 113
Umidade relativa, 207
Uva e vinho, 114 - 119
Valor bruto da produção, 17, 224 - 225